



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

MARCIANO VIEIRA DE ANDRADE

O “ORGULHO DE SER”:
IDENTIDADE, POLÍTICA E GÊNERO NO *LAMPIÃO DA ESQUINA*
(1978-1981)

TERESINA-PI
2015

MARCIANO VIEIRA DE ANDRADE

O “ORGULHO DE SER”:
IDENTIDADE, GÊNERO E POLÍTICA NO *LAMPIÃO DA ESQUINA*
(1978-1981)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Elizangela Barbosa Cardoso

TERESINA-PI
2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

A553o Andrade, Marciano Vieira de.
 O “orgulho de ser”: identidade, política e gênero no
 Lampião da Esquina (1978-1981) / Marciano Vieira de
 Andrade. – 2015.
 183 f.: il.

 Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
 Universidade Federal do Piauí, 2015.
 Orientação: Profa. Dra. Elizangela Barbosa Cardoso.

 1. Identidade Sexual. 2. Homossexualidade. 3. Política. 4.
 História. 5. Gênero. I. Título.

CDD 392.6

MARCIANO VIEIRA DE ANDRADE

O “ORGULHO DE SER”:
IDENTIDADE, GÊNERO E POLÍTICA NO *LAMPIÃO DA ESQUINA*
(1978-1981)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Aprovada em: 02 /09/ 2016

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Elizangela Barbosa Cardoso
(Orientadora)
Universidade Federal do Piauí

Profa. Dra. Elizabeth de Sousa Abrantes
(Examinadora Externa)
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz
(Examinadora Interna)
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco
(Suplente)
Universidade Federal do Piauí

*À Lara Valentina & Ediviges Lara.
Por me ensinarem a alegria de sorrir
e a importância de chorar.*

AGRADECIMENTOS

Esta foi uma pesquisa realizada em tempos difíceis. Difíceis por seus obstáculos, por seus desatinos e, principalmente, por suas surpresas. Foram tempos de siseudez, de incertezas, de medos e muitas vezes de desesperos e desesperanças. Mas, é nas dificuldades que os humanos reveem a si próprios, superam seus limites e encontram amadurecimento. Por isso, foram, acima de tudo, tempos de prosperidades, pois não deixaram de ser tempos de amadurecimento e grandes descobertas. Nessa caminhada, muitas pessoas foram importantes, cada um ao seu modo e de acordo com o que lhe foi cabível. Por isso, é preciso agradecer aqueles/as que, seguindo ou não o mesmo curso, contribuíram de alguma forma para que essa experiência fosse possível.

Agradeço primeiramente a Professora Doutora Elizangela Barbosa Cardoso, orientadora do presente trabalho, pela oportunidade, confiança, incentivo, paciência e tolerância – pois muitas vezes fui uma pessoa difícil. Agradeço, principalmente, pelo aprendizado que comigo carregou e que me servirá nos desafios que o futuro me traz, e, também, pelo apoio que muitas vezes foi um verdadeiro gesto de amizade.

Agradeço à Capes pela bolsa de estudos que tornou possível esta pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos aos professores do Mestrado em História do Brasil da UFPI, principalmente os professores Dr. Edwar de Alencar de Castelo Branco e Dra Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, membros da banca examinadora da minha qualificação, cujos conselhos e sugestões foram de fundamental importância para a continuidade do trabalho.

Agradeço as Professoras Doutoras Elisabeth Sousa Abrantes e Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz por aceitarem o convite para serem membras da banca examinadora do presente trabalho. E agradeço ao Professor Doutor Edwar de Alencar Castelo Branco por aceitar participar como suplente.

Agradeço às funcionárias da Coordenação do Mestrado em História do Brasil, Dona Eliete e Rairana, pelos esclarecimentos e favores prestados.

Agradeço ao Grupo Dignidade, do Paraná, pela iniciativa de digitalizar e tornar público todo acervo do *Lampião da Esquina* e que foi de importância essencial para a realização da minha pesquisa.

Agradeço ao Professor Doutor da UFBA, Edward MacRae, pela simplicidade, humildade e disponibilidade no momento em que precisei de sua ajuda.

Sou grato aos companheiros de estrada do Mestrado, que muito tiveram a me ensinar e tornar mais alegre esta caminhada.

Meu grande e alegre agradecimento à Ediviges Lara, esposa e amiga de todas as horas, pela confiança, incentivo, carinho, paciência e fidelidade tanto nos momentos mais alegres como nos momentos mais difíceis. A sua presença foi, ao longo desses tempos, um forte pilar que sempre me ajudou a ficar sempre de pé.

Agradeço aos meus irmãos José Maria e Maria José, que sempre me ajudaram nos momentos difíceis.

Agradeço a Romildo Pinheiro pela versão em francês do resumo desta dissertação. Agradeço também a ele, juntamente com outros amigos e irmãos de estrada – Michel, Teotônio, Eduardo, Alexandre e “Chiquinho” – pelos incentivos, pelas amizades, pelos debates e pelas “aprontações”.

Agradeço ao seu Zé da Luz e ao Templo Espírita Bom Jesus dos Passos pelo acolhimento, conselhos e pela “luz”.

Aos meus pais, Raimunda e Antônio José, pelo esforço de cada dia e por serem as portas sem as quais nenhuma estrada existiria para mim.

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar como o jornal *Lampião da Esquina* – produzido no Brasil, entre abril de 1978 e julho de 1981 – atuou no processo de defesa pública do direito à homossexualidade e de afirmação política da identidade homossexual, promovendo uma redefinição identitária dos sujeitos designados e/ou assumidos como homossexuais na época. A partir do jornal, buscamos mostrar que a defesa pública do direito à homossexualidade e o processo de redefinição da identidade homossexual, no contexto assinalado, foi atravessado por um conjunto de tensões, dificuldades e paradoxos ligados tanto à construção de uma política da identidade quanto à própria inserção desse processo de construção nas questões que marcaram politicamente o contexto. Embora as páginas do jornal estejam majoritariamente atravessadas por um tema central, a homossexualidade, o *Lampião* tratou de outras questões igualmente fundamentais para o entendimento do seu papel histórico, tais como: novos questionamentos no debate político brasileiro da época; emergência dos movimentos das minorias; e as tensões e redefinições no campo das esquerdas. A história do *Lampião da Esquina* também se constitui num interessante objeto para pensarmos elementos fundamentais das identidades sociais e das políticas de identidades, bem como de seu processo de construção histórica, nos servindo, ainda, para mostrar como estas, embora tenham sido historicamente fundamentais para a afirmação dos sujeitos aos quais buscam representar e defender, não deixam de envolver contradições e problemas, evidenciando a necessidade de serem pensadas de modo articuladas ao contexto que as tornam possíveis e em relação aos elementos que as atravessam definindo-as enquanto campo de conflitos.

Palavras-chaves: Identidade. Homossexualidade. Política. História. Gênero.

RÉSUMÉ

Nous nous proposons dans ce travail d'analyser de quelle façon le journal *Lampião da Esquina* – produit au Brésil entre avril 1978 et juillet 1981 – a actué dans le processus de défense publique du droit à l'homosexualité, ainsi que à l'affirmation politique de l'identité homosexuelle, en promouvant de ce fait une redéfinition identitaire des sujets désignés et/ou assumés comme des homossexuels à l'époque. Dès lors que nous nous penchons sur ces journaux, nous cherchons à démontrer que la défense publique du droit à l'homosexualité et le processus de redéfinition de celle-ci dans le contexte signalé, fut traversé par un ensemble de tensions, de difficultés et paradoxes, liées tantôt à la construction d'une politique d'identité, tantôt à l'immersion de ce processus dans des questions qui ont marquée politiquement le contexte. Même si les pages du journal ont été largement traversés par un sujet central, l'homosexualité, le *Lampião* a traité d'autres questions également fondamentales pour l'entendement de son rôle historique. Les voici: de nouvelles questions dans le débat politique brésilien; l'émergence de mouvements de minorités; des tensions et redefinitions dans le champ de la gauche. En effet, l'histoire du *Lampião da Esquina* s'est constituée dans un intéressant objet pour que nous pensions sur les éléments fondamentaux des identités sociales et des politiques des identités, ainsi que sur son processus de construction historique, nous servant encore pour montrer comment celles-ci - même s'elles ont été historiquement essentielles envers l'affirmation de nouveaux sujets historiques engagés dans les luttes pour de nouveaux droits - ont été sans cesse marquées par des contradictions et des problèmes. À l'évidence, ces contradictions et problèmes montrent la nécessité de penser les identités de façon articulée au contexte dans lequel elles ont été possibles et en relation aux éléments qui les ont traversée, en les définissant en tant qu'un champ de conflits.

Mots clés: Identité. Homosexualité, Politique, Histoire, Genre.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig.1: Celso Curi e membros do Conselho Editorial do <i>Lampião</i>	31
Fig.2: Ilustração ressaltando a união de sujeitos diferentes em torno de uma causa comum.....	42
Fig.3: O <i>Gay Power</i> nas páginas do <i>Lampião</i> : manifestantes atacam sede da prefeitura durante manifestação em San Francisco (EUA).....	43
Fig.4: Capa da edição n. 24. Em destaque, o I EBHO/EGHO.....	85
Fig.5: A denúncia de racismo em charge publicada no <i>Lampião da Esquina</i>	101
Fig.6: O <i>Lampião</i> e a divulgação do feminismo brasileiro no final dos anos 1970.....	111
Fig.7: Capa da edição de fevereiro de 1981 e a provocação às esquerdas.....	119
Fig.8: logotipo presente na capa da edição número zero.....	134
Fig.9: Referencia a um falo no logotipo do jornal.....	139
Fig.10: Capas da edição n. 4 de <i>O Snobe</i> da edição n. zero do <i>Lampião da Esquina</i>	144
Fig.11: Travestis nas páginas do <i>Lampião</i>	146

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> E A REDEFINIÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE.....	19
2.1. Transformações no Brasil até os anos 1970.....	20
2.2. Construindo um jornal.....	25
2.3. Um jornal e seu projeto.....	34
2.4. A redefinição da homossexualidade.....	39
2.4.1. Afirmação como luta política.....	40
2.4.2. Violência e discriminação.....	46
2.4.3. Questionando discursos e saberes.....	56
2.4.4. Tornando visível.....	61
2.4.5. Crítica ao machismo.....	66
2.4.6. Direito ao prazer.....	68
2.4.7. “Orgulho de ser” ou o assumir-se como prática política.....	71
3. TENSÕES E PERCALÇOS “LAMPIÔNICOS NA POLÍTICA: MILITÂNCIA HOMOSSEXUAL, MINORIAS E ESQUERDAS.....	76
3.1. O <i>Lampião</i> , a militância homossexual e os reveses da afirmação.....	77
3.2. Saindo do “gueto”.....	91
3.2.1. O <i>Lampião</i> e as minorias.....	94
3.2.1.1. Indígenas.....	96
3.2.1.2. Movimento negro e a questão racial.....	97
3.2.1.3. Mulheres e feminismo.....	103
3.3. O <i>Lampião</i> e a crítica às esquerdas.....	113
3.3.1. Sexualidade e esquerdas.....	114
3.3.2. Criticando a esquerda.....	117
3.3.2. O pessoal também é político.....	125
4. GÊNERO E TENSÕES DE IDENTIDADE NAS PÁGINAS DO <i>LAMPIÃO</i>	127
4.1. Redefinições de gênero.....	130
4.2. O <i>Lampião</i> , a homossexualidade e as identificações de gênero.....	133
4.3. Identidade e tensões em torno do gênero.....	148
5. O FIM DO <i>LAMPIÃO</i> E OUTRAS CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	164
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	169

1. INTRODUÇÃO

Durante o mês de novembro de 1977, após vários encontros entre membros de um grupo de intelectuais da classe média brasileira, surgiu um projeto que se constituiu no ponto de partida de um fato que acabou marcando de modo significativo a recente história cultural e política brasileira. O grupo em questão era composto por homens que tinham entre outras características em comum o fato de assumirem preferências afetivo/sexuais por sujeitos considerados como pertencentes ao mesmo sexo, e que, desde o limiar da era contemporânea, têm sido definidos como homossexuais.

A razão desses encontros era discutir uma proposta do ativista do movimento gay norte-americano e editor da revista *Gay Sunshine*, Winston Leyland, que, na época, estava no Brasil com o intuito de reunir nomes para a publicação de uma antologia literária latino-americana de escritores homossexuais.

Foi desses encontros que surgiu um projeto que tinha como finalidade a construção de uma publicação voltada aos sujeitos considerados homossexuais, assumidos ou não, e tendo como objetivos centrais discutir a realidade e o significado de ser homossexual e promover um amplo debate pela defesa pública do direito ao prazer e a livre manifestação da sexualidade no país. O resultado desse projeto veio a público alguns meses mais tarde, em abril de 1978, com a publicação da primeira edição – que tinha um caráter experimental – do *Lampião da Esquina* – ou o *Lampião*, que era nome como foi batizado o jornal nessa edição e como acabou ficando conhecido na época.

O *Lampião da Esquina*, ou *Lampião*, Esse acabou se constituindo numa publicação de periodicidade mensal¹ que, ao longo de mais de três anos de existência – abril de 1978 a julho de 1981 –, buscou combater os preconceitos e a discriminação existentes em relação às pessoas consideradas e/ou assumidas como homossexuais e promover uma defesa pública do direito ao prazer e de uma livre manifestação da sexualidade, ficando assim, marcado como um dos principais expoentes num processo histórico de construção de uma política de identidade sexual no Brasil que se formou a partir do final dos anos 1970.

Por outro lado, embora as páginas do jornal estejam majoritariamente atravessadas por um tema central, a homossexualidade e a afirmação da identidade homossexual, o *Lampião* envolveu outras questões igualmente fundamentais para o entendimento do contexto do qual

¹ Embora o *Lampião da Esquina* seja uma publicação de periodicidade mensal, sendo mais apropriado tecnicamente designá-lo pelo termo “mensário”, usaremos o termo “jornal” por ser assim como ele era chamado por seus editores, colaboradores e leitores, e também por ser assim como o mesmo tem sido definido em livros, artigos e trabalhos acadêmicos onde é trabalhado ou citado.

fez parte, tais como: a emergência de novos problemas no debate político brasileiro da época; a emergência dos movimentos das minorias; as tensões e redefinições no campo das esquerdas no período de redemocratização do Brasil; as transformações no campo do gênero etc. Temáticas essas que fazem do *Lampião* não apenas um interessante objeto para compreendermos a construção de uma política de identidade sexual no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, mas sua relação com redefinições no campo social e político da época e que atravessaram esse processo de construção.

Assim, considerando que as identidades e as políticas a elas subjacentes são históricas, o presente trabalho tem como intuito abordar o *Lampião da Esquina* e sua relação com a construção de um orgulho de ser, entendido aqui como uma política de afirmação da identidade homossexual, no Brasil, entre o final dos anos 1970 e 1980. Nossa proposta é mostrar como esse processo de construção de uma política de identidade homossexual, implicou tanto uma redefinição identitária de sujeitos considerados e/ou assumidos como homossexuais, como também sua ação no campo político, no sentido de legitimar a política de identidade, em um cenário em que segmentos de esquerdas, como a esquerda partidária, não a admitiam enquanto tal.

Argumentamos que o *Lampião* foi agente na construção do orgulho de ser – ou melhor, no processo de construção de uma política de identidade para homossexuais – e nesse empreendimento acabou atuando na redefinição do campo político ao inserir neste a política de identidade, o que implicou, por sua vez, ver como políticas a sexualidade e questões de ordem privada. Em nosso trabalho, defendemos que a construção de uma política de identidade está conectada às dinâmicas sociais, políticas e culturais das quais fez parte. Por isso buscamos mostrar algumas das articulações que atravessaram a construção de uma afirmação da identidade homossexual no contexto do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, tais como a tentativa de aproximação com outras minorias e movimentos sociais e a legitimação das questões pessoais/privadas no debate político de esquerda.

Buscamos também mostrar que este trajeto, por sua vez, esteve marcado por percalços, tensões e disputas que refletem tanto um processo histórico de legitimação das políticas de identidade no campo político brasileiro no contexto trabalhado, quanto às dificuldades inerentes ao próprio processo de construção das identidades coletivas.

É por estas razões que consideramos relevante abordar como o *Lampião da Esquina* promoveu em suas páginas uma redefinição do que era ou significava ser homossexual naquele período da história brasileira, mas também, como nesse processo de redefinição identitária, o jornal lidou com questões diversas que – envolvendo a construção de uma

política da identidade e acontecimentos daquele período histórico – constituíram fonte de inúmeras tensões e dificuldades com as quais teve que lidar. Assim, questões como a militância homossexual; os movimentos das minorias e outras formas de contestação social emergentes; o papel representado pelas esquerdas; as próprias tensões no interior da identidade homossexual, são questões fundamentais que buscamos abordar ao longo deste trabalho e que se referem não apenas ao *Lampião da Esquina*, mas à história da construção de um orgulho de ser no Brasil.

Do ponto de vista teórico, em nosso trabalho, buscamos nos valer de uma variedade de referências. No que diz respeito aos processos de construção da identidade e das políticas de identidades, alguns nomes acabaram sendo fundamentais para esta pesquisa. São eles: Jeffrey Weeks, Joan Scott, Judith Butler, Kathryn Woodward e Stuart Hall². Os pensamentos desses autores nos são caros na medida em que eles criticam uma perspectiva essencialista da identidade, defendendo o caráter histórico, contextual e relacional destas. Menos do que um dado, um atributo natural de uma categoria específica, uma essência, a identidade é para estes autores, uma construção social e historicamente situada. Não afirmam que o homossexual ou heterossexual, a mulher, o negro etc., não existam, mas que estes devem ser vistos como construções que só ganham sentido articuladas as condições históricas em que são produzidas. Ou seja, são parte do contexto e da sociedade na qual surgem e que as tornam possíveis. Esses autores também destacam o caráter relacional das identidades, o que significa dizer que elas são sempre uma relação entre termos ou sujeitos, surgindo sempre de uma relação entre o eu e o outro, ao mesmo tempo em que estão sempre atravessadas, ou melhor, articuladas a outros elementos ou demarcadores, tais como a classe, a raça, a sexualidade, o gênero, a etnia etc.

Além disso, esses autores foram importantes por destacarem, usando termo de Joan Scott, a “qualidade produtiva dos discursos”³ nos processos de construção da identidade. Isso significa considerar que, conforme Butler, a identidade é algo que “se afirma por intermédio de um processo de significação”, sendo a linguagem não “um meio ou instrumento externo

² Ver: WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (orgs.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-82; SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 21-55; O enigma da igualdade. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005; BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p.7-82; HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 103-133.

³ SCOTT, 1999, p. 42.

em que despejo um eu e onde vislumbro um reflexo desse eu.”⁴ É por essa razão que para Foucault o discurso é não apenas uma ferramenta da política, mas um poder da qual buscamos nos apoderar.⁵

Neste trabalho, buscamos ainda trabalhar com o gênero como categoria de análise. Assim, nos amparamos em definições como a de Joan Scott, para quem o gênero é, além de tudo, um “fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo.”⁶ Procuramos, desse modo, mostrar que a homossexualidade é problematizada a partir de noções de masculinidade e de feminilidade. O gênero permite, assim, enfatizar o caráter relacional da identidade homossexual, bem como as suas instabilidades internas em seu processo de afirmação, enquanto política sustentada na ideia de uma identidade comum.

Valendo-nos das contribuições destes autores – buscamos tratar o papel do *Lampião da Esquina* não apenas como um instrumento de defesa de uma identidade, mas como atuação em um processo em que essa identidade é historicamente redefinida a partir de um projeto de afirmação política, na qual emergem tensões de gênero e instabilidades advindas dos próprios sujeitos que a compõe a identidade coletiva em construção. Buscamos ainda mostrar como o discurso se constitui num elemento fundamental no processo de construção identitária, uma vez que este foi o campo a partir do qual se buscou, dentro do *Lampião*, promover uma afirmação da identidade homossexual.

No que se refere à atuação do *Lampião* no contexto político brasileiro do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, dialogamos especialmente com autores e autoras que nos fornecem informações sobre: o movimento homossexual – Edward MacRae e James Green⁷ – ; o movimento negro – Amílcar Pereira⁸ –; e o movimento feminista – Raquel Sohiet, Cynthia Sarti, além de outros nomes⁹. Nesse campo de discussão, também nos foi de extrema

⁴ BUTLER, op. cit., p. 207.

⁵ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 10.

⁶ SCOTT, Joan W. Prefácio a *Gender And Politics of History*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

⁷ Ver MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990; GREEN, James. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 271-295, jan./jun. 2000

⁸ PEREIRA, Amílcar A. *O mundo negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1978-1995)*. 2010. 268 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

⁹ Ver: SARTI, Cynthia A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos feministas*, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v.12, n. 2, p. 35-50, maio/ago, 2004; SOHIET, Raquel. Feminismo e cultura política: uma questão no Rio de Janeiro dos anos 1970-80. ABREU, M. (orgs). *Culturas políticas e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p. 411-436; Encontros e desencontros no Centro da Mulher Brasileira (CMB) anos 1970-1980. *Gênero*, Niterói, v. 7, n. 2, p. 237-254, 1 sem. 2007; *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, n.1, p. 13-30, 2001; COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In: MELO, H. P. de; PISCITELLI, A.;

importância o trabalho de Maria Paula Nascimento Araújo¹⁰ sobre as novas esquerdas no Brasil, onde a autora nos oferece interessante estudo sobre os novos personagens de esquerda que emergiram no Brasil ao longo da década de 1970, nos proporcionando um significativo entendimento sobre as cisões no interior das esquerdas e o papel ocupado pelo *Lampião da Esquina* nessas tensões, enquanto agente atuante na redefinição da noção de esquerda, atuando como legitimador de uma política de identidade.

Também dialogamos com estudos sobre a história da homossexualidade. Dentre as contribuições, nos foram significativos trabalhos como os de Michel Foucault, Jeffrey Weeks, Jurandir Freire Costa, além de outros¹¹. Esses autores nos mostram como a homossexualidade, enquanto identidade, é uma construção recente da história – sedimentada no limiar da era contemporânea –, além das transformações que foram ocorrendo no interior dessa construção. No caso específico brasileiro, nos foi de importância fundamental os estudos de Peter Fry, Carmem Dora Guimaraes, James Green, Edward MacRae e João Silvério Trevisan¹², que nos ofereceram ricas informações sobre as transformações no campo da homossexualidade brasileira pós 1960 e das mudanças que foram igualmente ocorrendo no interior da identidade homossexual.

Além das referências citadas, diversos outros autores foram utilizados ao longo do trabalho de acordo com a abordagem dos variados temas e problemas aqui analisados ou comentados.

Do ponto de vista documental, o trabalho buscou se voltar preferencialmente aos artigos, ensaios, reportagens e entrevistas publicados nas páginas do *Lampião da Esquina* – material esse que tem sido até o presente pouco trabalhado pela crítica existente, se constituindo assim numa rica fonte documental ainda pouco explorada nos meios acadêmicos brasileiros. Em consequência, uma análise do *Lampião* do ponto de vista visual ou estético é nesta pesquisa uma meta apenas secundária. Também foram usadas cartas que sujeitos da

MALUF, s. W.; PUGA, V. L. (orgs.) *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. p. 51-82; ÉRGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (orgs.) *História das mulheres no ocidente: o século XX*. Porto: Afrontamento, 1995, p. 583-611.

¹⁰A *utopia fragmentada*: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

¹¹Ver: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade - A vontade de saber*. Vol. I Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005; COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso – Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995; WEEK. Op. Cit.

¹²Ver: FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editorers, 1982, p. 87-115; GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004; GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Unesp, 2000; MACRAE, op. cit.; e TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

época enviavam aos editores do jornal e que acabavam sendo publicadas numa seção inteiramente dedicada aos posicionamentos dos leitores. Essas cartas foram para nós de fundamental importância, nos fornecendo ricas informações sobre o jornal e o público que o cercava. Buscamos ainda nos valer das contribuições deixadas pelos trabalhos acadêmicos já produzidos sobre o *Lampião da Esquina*, pois estes nos ofereceram informações preciosas sobre o *Lampião* – bom exemplo, são as entrevistas com ex-membros e colaboradores do jornal realizadas por Cláudio Roberto da Silva e publicadas de forma anexa em sua dissertação¹³ – e também pontos significativos para um debate em torno de seu papel histórico.

É importante destacar que a construção desse trabalho só foi possível em grande parte graças ao *Grupo Dignidade*¹⁴, que teve a admirável e exemplar iniciativa de digitalizar todas as edições do *Lampião da Esquina* e disponibilizá-las para consulta pública em seu sítio eletrônico¹⁵. Desse modo, se não fosse pela iniciativa, a realização desta pesquisa teria sido muito mais difícil, quem sabe até inviável.

Do ponto de vista estrutural, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, “O *Lampião* e a redefinição da homossexualidade”, buscamos mostrar como o *Lampião da Esquina* buscou em suas páginas empreender uma defesa pública do direito a homossexualidade e uma afirmação desta, promovendo um processo de redefinição do que significava ser homossexual. Assim, buscamos abordar questões como: quais foram os principais alvos do jornal? De que modo, ou modos, esse processo de afirmação e redefinição foi atravessado por tensões e conflitos? Que relações foram estabelecidas entre o jornal e seus leitores? Que tipos de conflitos e contradições foram vivenciados pelo jornal e seus criadores durante sua trajetória. Também tentamos mostrar que a redefinição identitária empreendida pelo jornal passava por vários eixos ou campos fundamentais: a) a afirmação da homossexualidade como luta política; b) a denúncia da violência e da discriminação existente nos vários setores da sociedade contra os homossexuais; c) o questionamento dos discursos e saberes vigentes na época que passavam uma imagem depreciativa da homossexualidade ou

¹³ Cf. SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o sonho*: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo.

¹⁴ O Grupo Dignidade é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundado em 1992, em Curitiba. É pioneiro no estado do Paraná na área da promoção da cidadania LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Seu objetivo é atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual e dos direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Mais informações, ver o site: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/>

¹⁵ As edições do *Lampião da Esquina* estão disponíveis para consulta no site: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>

do homossexual; d) a necessidade de dar visibilidade à homossexualidade enquanto segmento discriminado, bem como a necessidade de dar voz a esse segmento; e) a crítica ao machismo; f) a defesa do direito ao prazer; e, g) o “orgulho de ser” ou o “assumir-se” enquanto forma de afirmação política e libertação.

No segundo capítulo, intitulado “As tensões e os percalços lampiônicos na política: militância homossexual, minorias e esquerdas”, nosso olhar está voltado para a atuação do *Lampião da Esquina* no campo da militância política brasileira, analisando tanto a relação do jornal com a militância homossexual, como também com outras demandas que marcaram o campo da atuação política no período da “abertura” e com as quais o jornal buscou dialogar. Entre essas demandas damos atenção especial àquelas que estavam vinculadas às chamadas minorias, que além da defesa dos homossexuais, incluía a luta pelos direitos dos povos indígenas, o combate à discriminação racial e a afirmação política e social das mulheres. Buscamos também analisar como o *Lampião* se constituiu num significativo espaço de crítica a posicionamentos cultivados por parte das esquerdas brasileiras no que tange às novas formas de questionamentos e militância política que passaram a figurar no debate político da época. Buscamos, portanto, nessa parte de nosso trabalho entender como os sujeitos que faziam parte do *Lampião da esquina* viam a política da época e como esta foi para o jornal um campo cuja experiência ficou marcada por importantes confrontos e percalços e que nos traz igualmente aspectos relevantes sobre o significado histórico do papel exercido pelo jornal durante sua existência.

Por fim, no último capítulo, “Gênero e tensões de identidade nas páginas do *Lampião*”, partindo da ideia de que as identidades são não apenas construções, mas também campos de conflitos que estão permanentemente sendo negociados, buscamos mostrar como as páginas do *Lampião* foram atravessadas por um significativo debate em torno do que significava ser homossexual e sua relação com a identidade masculina, nos permitindo ver como o gênero é não somente um demarcador fundamental no processo de construção das identidades sexuais, mas também se constitui num campo que nos mostra como a redefinição da identidade homossexual, nas páginas do jornal, foi atravessada por conflitos ou tensões que revelam as instabilidades inerentes à própria construção de uma política de identidade.

Com a abordagem das questões assinaladas, não buscamos uma compreensão total do *Lampião da Esquina*. O que buscamos é, antes de tudo, possibilitar o afloramento de debates e problemas que reavivam a riqueza de questões mobilizadas pelo jornal e que atravessam sua história. Dessa forma, esperamos poder contribuir de algum modo para o entendimento de um

personagem que pode ser considerado, valendo-nos de algumas palavras de José Augusto Heren, “um manifesto vivo da recente história do Brasil.”¹⁶

¹⁶HEREN, José Augusto de Castro. *O armário invertido: comunicação e discurso sobre a luz de Lampião*. 2001. 238 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Libero, São Paulo, p. 218.

2. O LAMPIÃO DA ESQUINA E A REDEFINIÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE

Conforme assinalamos na introdução deste trabalho O *Lampião da Esquina* surgiu publicamente em abril de 1978 – com uma edição, em caráter experimental, que se intitulava somente *Lampião* –, e chegou ao fim em julho de 1981 – com a publicação de sua trigésima sétima edição –, chegando, portanto, a mais de três anos de existência. Ao longo desse período – que, conforme mostraremos ao longo de nosso trabalho, coincide com a própria história da construção de uma política de identidade homossexual – o jornal teve como uma de suas principais metas promover uma defesa pública do direito à homossexualidade e ao que seus criadores definiam como uma livre manifestação da sexualidade. Nesse empreendimento, o jornal se constituiu em importante personagem num processo de redefinição do que se significava ser e/ou viver como homossexual – se tornando um dos principais atores num processo de construção histórica de uma política de identidade de gays e lésbicas no Brasil.

Mas, em que consistia essa redefinição promovida pelo jornal e seus integrantes? Que elementos ela envolvia? De que modo esteve atravessada pelo próprio contexto histórico do qual faz parte o *Lampião*? Quais conflitos e contradições carregava? Essas são questões cujas respostas nos exigem uma análise não apenas da redefinição identitária empreendida nas páginas do jornal, mas também das condições e dos elementos que a atravessaram e a tornaram possível.

Neste capítulo, portanto, temos como objeto central o processo de redefinição identitária promovida pelo *Lampião da Esquina*, em seu projeto de defesa do direito à homossexualidade e aos sujeitos considerados e/ou definidos como homossexuais. Para compreensão de tal projeto, se torna fundamental não apenas a compreensão de seus elementos internos (princípios, alvos, objetivos, estratégias etc.), mas do próprio contexto do qual o jornal faz parte. Por isso, começamos este trabalho com uma visão sucinta do contexto histórico brasileiro no qual emergiu tanto o *Lampião*, quanto a construção de uma política de identidade sexual no Brasil.

2.1. Transformações no Brasil até os anos 1970

Quando o *Lampião da Esquina* surgiu, no final dos anos 1970, não só a homossexualidade – enquanto prática, cultura e grupo social específico – vivia novos tempos, mas a própria sociedade da qual fazia parte, a brasileira, havia passado por significativas transformações. Muitas coisas haviam mudado no país desde a década de 1950. O deslocamento de uma maioria populacional do campo para o meio urbano; a incorporação de padrões de consumo vigentes no mundo capitalista desenvolvido, corolário de uma sociedade que se industrializava e se modernizava de modo acentuado desde os anos 1950; a expansão e diversificação das oportunidades de trabalhos nos meios urbanos; a expansão do sistema educacional, de nível médio e superior, colaborando ainda mais para o processo de modernização vigente no país; e a expansão e consolidação de uma classe média nos centros urbanos, foram transformações sociais importantes que distanciavam a sociedade brasileira dos meados da década de 1970 – principalmente a dos centros urbanos do país – da sociedade de duas ou três décadas anteriores.¹

Politicamente, um dos fatos mais marcantes deste recorte no país, foi a passagem foi o fim de uma experiência considerada democrática – que vigorou entre os anos 1950 e parte da década de 1960 – para um sistema político autoritário e que ficou marcado pela extinção da pluralidade partidária; pela suspensão de direitos políticos e civis; pela violação de direitos individuais; pela censura aos meios de comunicação e manifestações artísticas e culturais; pela perseguição e repressão aos movimentos de contestação social e política; pelas prisões – muitas realizadas à revelia da lei –, emprego sistemático da prática de tortura, assassinato e exílio como medidas repressivas; enfim, formas diferenciadas de autoritarismos que atingiram variados tipos de sujeitos envolvidos em práticas de protesto e questionamento político, sejam aqueles de classe média², sejam aqueles pertencentes às camadas menos abastardas.

Por outro lado, em meados dos anos setenta dar-se-ia um processo de dismantelamento gradual do aparelho autoritário do governo, resultado, conforme Maria Paula Nascimento Araújo, de um duplo processo: “de um lado, conflitos internos ao regime e, de outro, a

¹ Sobre o processo de transformação social e modernização da sociedade brasileira desde os anos 1950 até os anos 1970, ver NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilian Maria (orgs.). *Historia da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998. v.4, p. 559-658.

² Sobre o papel da classe média brasileira no processo de oposição a ditadura, ver: ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilian Maria (orgs.). op. cit., p. 319-409

pressão da sociedade civil.”³ Esse último processo envolveu, por sua vez, o retorno das manifestações sociais de contestação pública ao regime político e a emergência de novos personagens contestadores da ordem política e social, tais como o movimento estudantil, os movimentos por melhorias urbanas, o movimento operário e os movimentos das chamadas minorias. Além disso, o dismantelamento da ditadura envolveu ainda o abrandamento gradual da censura aos meios de comunicação e as produções culturais e o crescimento da campanha pró-anistia para os presos e exilados políticos.

No campo da vida privada assistiu-se a um processo de “afrouxamento” das hierarquias rígidas entre os gêneros, decorrente especialmente do acesso mais amplo das mulheres à educação e ao mercado de trabalho; a difusão das práticas de controle da natalidade, através dos métodos modernos anticoncepcionais, como a pílula; e ainda, a difusão de práticas educacionais mais liberais em relação aos filhos no interior das famílias.⁴

No plano da cultura, também muita coisa mudou no Brasil até a década de setenta. Viu-se o questionamento dos padrões tradicionais de comportamento e moralidade e o surgimento de novos modos comportamentais, especialmente entre os jovens de classe média das grandes cidades, caracterizados por uma postura de rebeldia tanto em relação ao comportamento, como também em relação ao vestuário e ao uso do corpo. Assim, mesmo com a ascensão do autoritarismo no campo político institucional – que chegou a exercer indiscutível impacto no campo cultural por meio do cerceamento das produções e manifestações artístico-culturais – a sociedade brasileira assistiu a um significativo processo de transgressão e relaxamento das normas no campo dos costumes e da vida privada.⁵ Processo esse vivido de modo mais acentuado entre aqueles que absorviam os modos e valores ligados à “Contracultura”, que foi a denominação dada ao movimento cultural surgido nos Estados Unidos, no início dos anos 1960, e que passou influenciar, entre as décadas de 1960 e 1970, muitos jovens da classe média brasileira, que passaram a questionar valores socioculturais hegemônicos pregando entre outras bandeiras “o uso de drogas⁶, a rejeição à sociedade de consumo [...] e a

³ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 118.

⁴ NOVAIS; MELLO, op. cit., p. 643.

⁵ ALMEIDA; WEIS, op. cit., p. 333-334.

⁶ Não apenas como forma de gratificação dos sentidos, mas também, como um modo de contestar “o conservadorismo sufocante da ordem política” cf: ALMEIDA; WEIS, op. cit., p. 405.

desestabilização dos códigos sexuais, especialmente nas questões da virgindade feminina antes do casamento e da homossexualidade normativa para homens e mulheres.”⁷

Também passamos por um processo crescente, a partir dos anos 1960, de politização das práticas culturais. Processo esse que, também não foi freado com a ascensão de um regime ditatorial. Conforme Heloisa Buarque de Holanda, o aperto da censura e a sistemática exclusão do discurso político direto, tiveram como consequência “um deslocamento tático da contestação política para a produção cultural”⁸, tornando as manifestações culturais um dos lugares privilegiados de contestação da sociedade.

No bojo das mudanças que se viam em andamento, também se podem ser identificadas transformações significativas que diziam respeito às práticas e às vivências daqueles definidos como homossexuais. Conforme observou James Naylor Green – historiador norte-americano que produziu extensa pesquisa sobre a homossexualidade masculina no Brasil, ao longo do século XX, nos dois maiores centros urbanos do país: Rio de Janeiro e São Paulo –, uma das consequências do fluxo migratório do campo para o meio urbano entre os anos 50 e 60, foi o consequente deslocamento de homossexuais para grandes cidades como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, motivados pela busca do anonimato da vida urbana e escaparem do controle familiar⁹. Segundo Green, esses migrantes “se juntaram com os nativos das cidades grandes para formar subculturas¹⁰ homossexuais urbanas.”¹¹

Em seu principal trabalho sobre a homossexualidade no Brasil¹², James Green afirma que, desde o final do século XIX, já havia se formado em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo uma subcultura homossexual que ocupava significativos espaços de sociabilidades, tais

⁷ GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 409. Para um entendimento mais profundo sobre a contracultura, ver: ROSZAK, Theodore. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1972; e MESSEDER, Carlos Alberto Pereira. *O que é contracultura*. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos).

⁸ HOLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de Viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, p. 102.

⁹ GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 278, 2000.

¹⁰ O termo subcultura usado por Green é uma tradução do termo inglês *subculture*, que, conforme Ruth Corrêa Leite Cardoso, entrou para o uso corrente das ciências sociais quando o instrumental desenvolvido pela Antropologia começou a ser aplicado no estudo de sociedades industriais e, especialmente, no estudo de áreas urbanas, para indicar a particularidade de um grupo, porém sem oposição radical com seus vizinhos imediatos que, frequentemente, falam a mesma língua e têm muitos pontos em comum. Cf. CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Sub-cultura: uma terminologia adequada? *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, n. 14, p.3-5, set. 1973.

¹¹ GREEN, op. cit., p. 15.

¹² Ver: GREEN, James N. *Alem do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

como ruas, praças, bares, restaurantes, teatros e cinemas. Esse processo se intensificou ainda mais a partir do final da década de 1940, e no início da década de 1960 já era possível encontrarmos, especialmente nesses dois centros urbanos, um mercado de lazer e sociabilidade – bares, discotecas, saunas etc. – exclusivo para homossexuais.¹³

Nesse período, tornaram-se cada vez mais populares os concursos e apresentações artísticas de travestis, em casas noturnas e também em teatros. Ao mesmo tempo tornava-se mais comum a visibilidade de sujeitos travestidos nas calçadas de ruas e avenidas de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.¹⁴ O mesmo pode ser dito da atuação dos *michês*, termo usado conforme Perlongher, para definir “uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente.”¹⁵

Outra novidade apontada por Green foi o surgimento de peças e livros com temática homossexual em números cada vez maior, “escapando a censura e às vezes apresentando uma imagem positiva do homossexual.”¹⁶ As publicações do que podemos chamar de uma imprensa gay no Brasil – publicações feitas por e para homossexuais – também surgiram nesse recorte, tendo seu início na década de 1960 com a circulação de pequenas produções caseiras, com poucos recursos financeiros e editoriais, e que demarcavam um universo específico vivido de uma subcultura homossexual nos centros urbanos.¹⁷

Em sua história da homossexualidade masculina no Brasil, Green cita que essas transformações foram acompanhadas por significativas mudanças nos modos de identificação e representação entre os sujeitos que se designavam como homossexuais. Conforme veremos com mais detalhes em nosso terceiro capítulo, uma identidade homossexual masculina vigente desde fins do século XIX e hegemônica até meados dos anos 1960, e que se definia a partir da díade “ativo/passivo” – em que geralmente se associava o caráter de homossexualidade exclusivamente ao segundo, associando, portanto, homossexualidade masculina e efeminação – passou a concorrer com um novo modelo de identificação que se difundiu entre homens de

¹³ Cf. GREEN, op. cit., p. 253-267, 273-281.

¹⁴ Ibid. p. 403.

¹⁵ PERLONGHER, Nestor O. Introdução. In: _____. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 17. Para uma análise mais consistente sobre os significados diversos que envolvem o termo *michê* ver PERLONGHER, op. cit., p. 17-26.

¹⁶ GREEN, op. cit., p. 413.

¹⁷ Ibid.

classe média urbana e que buscava se afastar de uma reprodução dos papéis tradicionais de gênero, e onde homossexualidade e masculinidade não eram termos em oposição.¹⁸

Além da formação de novas formas de identificação, destaca-se ainda a penetração nos setores médios da sociedade, das ideias propagadas pelos movimentos de afirmação gay dos Estados Unidos e da Europa que além de questionarem as definições tradicionais do ser homossexual, definiam a necessidade do assumir-se e da luta contra a discriminação e o preconceito.¹⁹ Ideias essas que não deixaram de ser parte do combustível que alimentou a formação de grupos militantes que surgiram tanto no eixo Rio-São Paulo, como em outras regiões do país, constituindo, no final dos anos 1970, o que tem sido chamado de “primeira onda” do movimento homossexual no Brasil.²⁰

Essas mudanças atestam os novos tempos da homossexualidade no Brasil em meados dos anos 1970. No entanto, não implica que nessa época não haviam discursos e práticas que sustentavam uma concepção marcada pelo preconceito e pela discriminação. Trata-se na verdade – como é próprio de todo recorte histórico – de um período em que as tensões, os conflitos, as ambiguidades e as contradições se colocam como elementos chaves para o seu entendimento. E é em meio a esses elementos que devemos buscar compreender o processo de redefinição da identidade de sujeitos que eram definidos ou assumidos enquanto homossexuais e de defesa pública à livre manifestação da sexualidade no Brasil do final da década de setenta e início dos anos oitenta, contexto no qual o *Lampião da Esquina* se constitui numa peça significativa para o estudo.

Assim, a abordagem dos seguintes pontos se coloca para nós como pertinentes: o processo de construção do jornal; os objetivos a que ele se propunha; de que modos o jornal buscou redefinir o ser homossexual; quais seus alvos; as relações do jornal com seus leitores; e, o modo, ou modos, como as transformações do período se refletiram nas páginas do jornal. Serão estes pontos aos quais nos dedicaremos a partir de agora.

¹⁸ Cf. GREEN, op. cit., p. 306-309.

¹⁹ Ibid., pp. 416-417.

²⁰ “Primeira onda” tem sido um termo comum usado para se referir a chamada primeira fase de um movimento político e social de defesa pública da homossexualidade no Brasil e que compreende ao período que vai do final dos anos 1970 até a primeira metade dos anos 1980. Sobre a questão ver GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 278-295, 2000, e FACHINNI, Regina. Movimento homossexual: recompondo um histórico. In: *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p 87-184.

2.2. Construindo o jornal

Os estudos sobre o *Lampião da Esquina* são unânimes quanto ao seu surgimento. Até então, é colocado fora de dúvida que o projeto de construção do mensário teve sua gênese nas reuniões realizadas por um grupo de intelectuais²¹, que tinham como intuito discutir a proposta do ativista norte-americano e editor da revista *Gay Sunshine*, Wiston Leyland, para a publicação de uma antologia de escritores homossexuais da América Latina.²²

Por outro lado, a bibliografia consultada não nos oferece detalhes sobre os sujeitos que participaram dessas reuniões. Mas, tomando por base o depoimento de João Antônio Mascarenhas²³ a Claudio Roberto da Silva – que defendeu em 1998, uma dissertação de mestrado em História pela USP, tendo como proposta reconstituir uma história da militância homossexual no Brasil no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a partir dos depoimentos de sujeitos que tiveram algum contato com essa experiência²⁴ – pode se perceber que o grupo era formado basicamente pelo escritor e artista plástico Darcy Penteado; pelo jornalista e escritor Aguinaldo Silva; o jornalista, tradutor e crítico de cinema, Clóvis Marques; o jornalista especializado em música popular e produtor de eventos, Antônio Chrysóstomo; o jornalista e escritor Gasparino Damatta; o poeta, escritor e crítico de arte Francisco Bittencourt; o jornalista e escritor Adão Costa; o escritor e cineasta João Silvério Trevisan; e o Antropólogo e professor universitário Peter Fry. Estes nomes, juntamente com o crítico de cinema Jean Claude-Bernadet e o próprio João Antônio Mascarenhas – que era formado em direito, mas naquele momento trabalhava como funcionário público no Rio de Janeiro – constituíram o conselho editorial do *Lampião da Esquina*.

²¹ Segundo João Silvério Trevisan, estas reuniões ocorriam no apartamento do então jornalista, escritor e artista plástico Darcy Penteado. Sobre isso ver: TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 338.

²² Ibid., p. 338.

²³ João Antônio Mascarenhas, na época funcionário público, foi o anfitrião no Brasil de Leyland e também o responsável pela divulgação inicial do projeto de editor norte-americano e também pelos primeiros contatos com o grupo de escritores que Leyland buscava organizar.

²⁴ Cláudio Roberto da Silva publicou juntamente com o texto de sua dissertação de mestrado em História apresentada em 1998 à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, intitulada *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*, os depoimentos por ele coletados tanto de alguns membros que fizeram parte do conselho editorial do *Lampião da Esquina* (João Silvério Trevisan, João Antônio Mascarenhas e Peter Fry), como de pessoas que chegaram a fazer parte do corpo de colaboradores do jornal ao longo do tempo (ver SILVA, C. R. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 196-674).

Olhando as profissões dos integrantes do grupo que veio a formar o conselho editorial do jornal, podemos constatar que todos eram sujeitos de classe média da sociedade da época, nos servindo assim de significativo exemplo de como foi nesse setor da sociedade brasileira que começou a se formar e se difundir uma política de identidade homossexual no contexto trabalhado.

Um aspecto significativo a se destacar é que o *Lampião* não foi a primeira publicação produzida por e para sujeitos definidos como homossexuais no Brasil. Ainda na década de 1960, surgiu em alguns centros urbanos brasileiros várias publicações do gênero. Edward MacRae²⁵ e James Green²⁶ destacam entre esses jornais um personagem emblemático, *O Snob*, que circulou no Rio de Janeiro entre julho de 1963 e junho de 1969, chegando a publicar 100 exemplares. Criado por Agildo Guimarães, produzido de forma independente, mimeografado e depois xerocado, e distribuído entre amigos e conhecidos nas regiões da Cinelândia e de Copacabana – os dois principais espaços de sociabilidade para homossexuais no Rio de Janeiro a partir dos anos 1940²⁷ – o jornal tornou-se um singular registro da subcultura homossexual carioca da época. Conforme Green, *O Snob* constituiu-se numa “publicação que incluía de trinta a quarenta páginas, trazendo ilustrações elaboradas, colunas de fofocas, concursos de contos e entrevista com os famosos travestis do momento”²⁸. O historiador destaca a importância desta publicação pelo fato dela oferecer acesso impar ao universo frequentado e compartilhado por homossexuais da época, tendo inquestionável valor pelas diversas noções de gênero que retrata, as controvérsias que surgiram sobre esse tema e suas visões sobre a política nos anos 1960.²⁹ Além disso, mesmo *O Snob* não tendo sido o primeiro periódico caseiro do gênero surgido no Rio de Janeiro da época, na visão de Green e MacRae, ele se destaca por ter sido o mais duradouro e mais influente, além de ter inspirado o surgimento de outras publicações similares³⁰.

Tendo o jornal encerrado suas atividades em meados de 1969, James Green identifica, a partir de depoimentos de dois importantes membros do grupo que o construíram – Hélio e

²⁵ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*. Identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

²⁶ GREEN, op. cit.

²⁷ Cf: GREEN, op. cit., p. 253-267.

²⁸ Ibid., p. 298

²⁹ Ibid.

³⁰ Sobre esse fato Green destaca em nota a influencia do *Snob* sobre trinta e oito publicações surgidas entre 1963 e 1970, tanto no Rio de Janeiro, como também em cidades como Campos (RJ), Niterói, Salvador e Belo Horizonte.(Cf. GREEN, op. cit., p. 325, nota 115)

Agildo Guimarães –, dois fatores centrais que explicam não apenas o seu fim, mas o encerramento desse primeiro ciclo de publicações alternativas de homossexuais no Brasil. Seriam eles: o clima de repressão política vivido pelo país a partir daquele ano, e a ampliação, no final dos anos 1960, de um mercado de entretenimento voltado para homossexuais nos centros urbanos do país, reduzindo o papel dessas produções como mecanismo de sociabilidade. Segundo Green,

Hélio (Gato Preto) lembra da paranóia que se espalhou pelo grupo. [...] Com uma onda de prisões e tortura de oposicionistas, muitas pessoas que apoiavam o jornal temeram que ele pudesse ser confundido com publicações ‘subversivas’ de esquerda. Agildo mais tarde recordou que muitos membros do grupo também se afastaram porque uma quantidade maior de bares gays foi inaugurada no fim dos anos 60. Com maiores opções de entretenimento disponíveis aos membros do grupo, a função de *O Snob* como rede social foi reduzida. Em vez de frequentar festas íntimas com amigos, muitos preferiam ir a clubes noturnos.³¹

O retorno de publicações voltadas a um público homossexual só retornou a aparecer no país em meados dos anos 1970, durante o denominado período de distensão dos dispositivos de controle autoritário erigidos pelos governos civis-militares desde a década anterior. Antecipa-se a essas publicações a criação, ainda em fevereiro de 1976, de uma coluna diária para a edição paulistana do jornal *Ultima Hora*, intitulada “Coluna do Meio”, escrita pelo jornalista Celso Curi e, que trazia comentários sobre personalidades gays nacionais e internacionais e notícias de bares e clubes noturnos frequentados por homossexuais no Rio de Janeiro e em São Paulo, obtendo uma grande popularidade que se intensificou ainda mais com a criação de uma seção de classificados pessoais, tornando a coluna “um canal aberto para milhares de gays espalhados por todo o país que desejavam fazer contatos uns com os outros”³², fazendo de Curi uma celebridade famosa nos meios de sociabilidade carioca e paulistana da época.

No mesmo ano em que foi criada a seção de Curi, voltaram a surgir publicações voltadas a homossexuais, destacando-se nesse processo o *Gente Gay* – criado em 1976 por antigos membros de *O Snob* –, no Rio de Janeiro, e os jornais o *Entender* e *Mundo Gay*, criados em 1977, em São Paulo.

³¹ GREEN. op. cit., p. 314.

³² Ibid., p. 420.

Embora tenham tido curta trajetória, essas publicações possuíram significativa importância histórica ao expressarem um novo contexto de publicações voltadas a homossexuais. Comparando *O Gente Gay* com o seu antecessor, *O Snob*, James Green identifica significativas mudanças entre os dois modelos de publicação³³. Mudanças essas que se referem tanto ao aspecto gráfico e técnico quanto em relação ao conteúdo. Assim, o *Gente Gay* trazia um melhoramento gráfico significativo com a fotocópia substituindo o mimeografado; as fotos substituindo os desenhos, e essas, além das imagens de travestis, divulgavam também fotos de homens em nu frontal oriundas de publicações estrangeiras, assinalando como uma identificação da homossexualidade entre homens já não se fazia mais mediante uma identificação estrita com a feminilidade, mas igualmente com representações de masculinidade. Além disso, o jornal trazia em sua lista de editores e colaboradores os nomes reais de seus integrantes, ao contrário de *O Snob*, em que os integrantes usavam pseudônimos para proteger seu anonimato, revelando como uma atitude de assumir-se se tornava elemento central na afirmação dos sujeitos. No que se refere ao conteúdo, Green identifica a inclusão, ao lado do estilo familiar com fofocas e notícias internas do grupo, de informações sobre o movimento gay internacional. Também passavam a relatar “as transformações que estavam ocorrendo na subcultura brasileira e informavam seus leitores sobre as últimas novidades na área de ficção de temática explicitamente homoerótica.”³⁴

Entre as razões que explicam a trajetória meteórica desses jornais, Green cita a falta de habilidade jornalística e administrativa de seus editores para liderem com empreendimentos jornalísticos em grande escala; o reduzido mercado de difusão e a ausência de reserva de capitais; e, a falta de um maior reconhecimento nos meios jornalísticos e intelectuais de seus membros, o que colaboraria para um aumento do interesse do público por essas produções.

Diferentemente dessas produções, o *Lampião da Esquina* trazia um corpo editorial formado por intelectuais e jornalistas experientes e com habilidades necessárias para lidar com um projeto jornalístico e editorial mais pretensioso do que seus antecessores. Podemos destacar como exemplos, Francisco Bittencourt e Aguinaldo Silva. O primeiro, antes de participar do *Lampião*, já havia trabalhado nos jornais *Correio do Povo* e *Jornal do Brasil*³⁵.

³³ Cf. GREEN, op. cit., p. 421-422.

³⁴ Ibid., p. 422

³⁵ Cf. REIS, Paulo Roberto de Oliveira. Francisco Bittencourt – uma trajetória crítica. Encontro Nacional da ANPAP. 22, 2013, Belém, p. 690-701. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/htca/Paulo%20Roberto%20de%20Oliveira%20Reis.pdf>. Acessado em: 10/09/2014.

Já Silva, trabalhara no Recife para os jornais *Jornal do Comércio* e *Ultima hora*, e no Rio de Janeiro, foi repórter policial no jornal *O Globo*³⁶, além de ter sido, conforme Bernardo Kucinski, um dos principais colaboradores do *Opinião* e fundador e conselheiro do *Movimento*.³⁷ Além disso, muitos já seguiam, antes do *Lampião*, uma carreira como escritores. Em 1978, Aguinaldo Silva já havia publicado dez títulos, entre eles *Redenção para Job* (1960), *Cristo partido ao meio* (1965) e *Primeira carta aos andróginos* (1978). Gasparino Damata havia organizado duas antologias – *Histórias do amor maldito* e *Poemas do amor maldito*, ambas voltadas à temática da homossexualidade. Outro trabalho de Damata foi os *Solteirões*, publicado em 1976, e que era uma coletânea de contos do próprio autor que, segundo Green, “apresentava histórias de michês, tias e bichas e uma novidade: um homem identificado com a masculinidade que só ia para a cama com jovens viris.”³⁸ Darcy Penteado, que possuía longa experiência no teatro e como artista plástico, iniciara sua carreira como escritor em 1977 com o romance *A meta*, cujo lançamento foi amplamente promovido na imprensa³⁹. Já Jean Claude Bernadet, que escrevia crítica de cinema para o *Estado de São Paulo*, era um importante interlocutor do Cinema Novo e já havia publicado vários trabalhos, sendo o mais conhecido *Brasil em Tempos de Cinema*, publicado pela primeira vez em 1967. Por fim, João Trevisan, que era autor e diretor de cinema experimental – seu principal trabalho é o longa-metragem intitulado *Orgia, ou o homem que deu cria*, de 1971 – iniciou sua carreira como escritor em 1976 com o livro *Testamento de Jônatas Deixado a David*, considerado na época um dos livros de contos mais elogiados pela crítica.⁴⁰

Voltando à construção do jornal, podemos afirmar que a sua primeira edição, publicada em abril de 1978 e numerada como edição número zero, em virtude de se tratar de uma edição de caráter experimental, foi feita a partir de cotas tomadas de seus criadores e doações pedidas através de cartas a amigos do grupo. Conforme Edward MacRae,

Para financiar o jornal, nove dos seus onze idealizadores iniciais se cotizaram para criar uma editora de capital fixo. Resolveram também arrecadar dinheiro através de uma carta endereçada a 12 mil amigos e amigos de amigos homossexuais de todo o Brasil. A receptividade que

³⁶ REIMÃO, Sandra. Aguinaldo Silva, um escritor censurado. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 209-222, jan./ jun. 2009.

³⁷ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Editora Scritta, 1991, p.83

³⁸ GREEN, op. cit., p. 415.

³⁹ Ibid., p. 415.

⁴⁰ Cf. SENHORES do Conselho. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 2, abr. 1978.

encontraram foi bastante boa e o dinheiro arrecadado serviu para financiar os dois primeiros números do jornal.⁴¹

O jornal teve uma tiragem inicial de 10 mil exemplares. O formato adotado foi o tablóide, que era um formato comum entre as publicações da chamada “imprensa alternativa” ou “nanica” dos anos 1960 e 1970 no Brasil⁴². Nesta primeira edição, o jornal chamava-se apenas *Lampião* e somente a partir da edição seguinte, a número 01, o mensário passou a utilizar o nome *Lampião da Esquina*, no intuito, segundo João Trevisan, de contornar o fato de que alguém anteriormente já patenteara o nome ‘Lampião.’⁴³

O conselho editorial trazia os onze personagens já citados: Aguinaldo Silva (que também exercia a função de Coordenador de Edição), Adão Costa, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damatta, Jean Claude-Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. Desse grupo, apenas Aguinaldo Silva, Adão Costa, Francisco Bittencourt, Darcy Penteado e João Trevisan pareceram até o encerramento das atividades do jornal em julho de 1981. Um detalhe interessante foi a ausência de mulheres no grupo de editores. Sobre o fato, Trevisan e Aguinaldo Silva justificam que na época, artistas e jornalistas foram contatadas para fazerem parte do grupo, mas, conforme abordaremos no próximo capítulo, negaram colocar seus nomes no jornal.

Além dos membros do conselho editorial, o jornal também trazia um conjunto de colaboradores que, juntamente com os membros do conselho editorial, participavam do jornal, tanto na parte de editoração, quanto através da produção de artigos, traduções, ensaios, resenhas, entrevistas, reportagens, charges e fotografias. Muitos desses colaboradores pertenciam a outras cidades fora do eixo Rio-São Paulo, como Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza etc., aspecto esse que mostrava como desde o início de sua existência, o jornal tinha ramificações em outras regiões do Brasil. Também é importante notar que muitos dos colaboradores eram ou tornaram-se nomes reconhecidos nacionalmente no campo da produção cultural e intelectual brasileira – tais como os escritores Glauco Matoso, Caio Fernando Abreu e Leila Mícolis; o jornalista Celso Curi; o cineasta Luiz

⁴¹ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*. Identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 71-72.

⁴² Cf. KUCINSKI, op. cit.

⁴³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6. ed. São Paulo: Record, 2011, p. 341.

Carlos Lacerda; os/as pesquisadores/as e professores/as Edward MacRae, Luiz Mott, Mariza Corrêa e Chyntia Sarti, para citar os mais conhecidos –, o que mostra como o jornal conseguiu mobilizar um significativo corpo de intelectuais ao longo de sua existência.



Fig. 1: Celso Curi e membros do Conselho Editorial do *Lampião* (da esquerda para a direita: Fry, Trevisan, Curi, Silva, Bittencourt, Damata, Mascarenhas e Penteado).⁴⁴

Quanto à coordenação das atividades, o jornal era dividido em dois grupos: um situado no Rio de Janeiro e outro em São Paulo. Divisão essa que acabou se tornando uma das fontes das tensões que surgiram ao longo do tempo entre os integrantes do jornal. No depoimento que concedeu a Cláudio Roberto da Silva, João Mascarenhas dá detalhes sobre essa divisão:

No núcleo fundador do *Lampião*, havia uma parte que era de São Paulo: o Darcy, o Jean Claude Bernardet, o João Silvério Trevisan - eles moravam em São Paulo - e o Peter Fry - era professor em Campinas na época; e havia outra parte que era do Rio: o Francisco Bittencourt, o Aguinaldo Silva, o Gasparino Damata, o Clóvis Marques, o Adão Costa, o Antônio Chrysóstomo e eu. Ficou marcado que a cada mês haveria uma reunião numa das cidades, uma vez no Rio e a outra em São Paulo para discutir a pauta do próximo número. Isso foi feito só no primeiro número.⁴⁵

⁴⁴ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 01, p. 9, abr./ mai. 1978.

⁴⁵ Depoimento concedido a Cláudio Roberto da Silva. In: SILVA, op. cit., p. 272.

O final da citação coloca um aspecto interessante, que reside no fato de que embora existisse uma divisão em dois grupos de editores, a edição e a distribuição de fato do jornal cabia ao grupo do Rio de Janeiro, principalmente Aguinaldo Silva que, conforme os depoimentos dos ex-integrantes do jornal entrevistados por Cláudio Roberto da Silva, acabou tornando-se o principal responsável pela edição do mensário, exercendo assim, uma liderança impar comparado a outros editores. O depoimento de Peter Fry, colhido por Silva, é ilustrativo quanto à liderança exercida por Aguinaldo Silva dentro do jornal:

Aquilo não teria acontecido se não fosse o Aguinaldo... todo mundo deve ter dito isso!!! O Aguinaldo juntava tudo e levava até à gráfica. Naquela época não havia computador. Era tudo na base de fazer o texto caber na página. Isso sempre dava brigas porque havia cortes nos textos... acusação de censura prévia. Coitado! O Aguinaldo sofreu muito. Ele é a pessoa mais importante. Foi ele que juntou os trapos, levou-os à gráfica e fez aquilo acontecer. Sem Aguinaldo nada teria sido feito.⁴⁶

Outro fato a destacar é que, no início das atividades, o jornal não possuía uma sede própria. Esta só veio a existir em setembro de 1979, com o aluguel de um escritório localizado num edifício na região da Lapa no Rio de Janeiro⁴⁷. Por outro lado, embora a ficha técnica do jornal informasse que ele era produzido por uma editora chamada “Esquina Editora de Livros, Jornais e Revista Ltda”, o *Lampião* era impresso no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, e de lá enviado para os distribuidores.⁴⁸ Este aspecto, por sua vez, estava relacionado com um fato que foi traço comum dos jornais alternativos do Brasil, durante a década de 1970 que, conforme Bernardo Kucinski, se beneficiaram com a entrada no país do método simplificado *offset*, de impressão a frio, permitindo aos grandes jornais fazerem tiragens pequenas a um baixo custo em suas próprias gráficas, oferecendo no tempo ocioso serviços de impressão para terceiros.⁴⁹

No que se refere à manutenção do jornal, esta era realizada através da arrecadação com as vendas por assinaturas e vendas em bancas de jornais; vendas, pelos correios, de livros com

⁴⁶ FRY apud SILVA, Cláudio Roberto da, op. cit., p. 100-101.

⁴⁷ Cf. BASTOS, Fernando José. Uma visita a nossa redação. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 16, p. 2, set. 1979.

⁴⁸ Cf. SILVA, C. R. da. op. cit., p. 488; e SILVA apud HEEREN, José Augusto de C. *O armário invertido: Comunicação e discurso sob a luz de Lampião*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, pp. 48-49.

⁴⁹ KUCINSKI, op. cit., p. XVIII.

temática homossexual; e, em menor escala, da realização de publicidade voltada para um público gay. Em depoimento a Flávia Peret, João Trevisan dá detalhes da questão:

Existiam as vendas por assinaturas e as vendas nas bancas. Nós conseguimos, a duras penas, montar um esquema de distribuição de norte a sul. Foi espantoso, porque muitos distribuidores não queriam distribuir o jornal, muitas bancas não queriam vender, era muito comum isso acontecer. Então a gente tinha que ir às bancas e conversar. As vendas eram razoáveis. Imagine, naquela época, final da década de 1970, o que significava para um homossexual de uma cidade média ir até a banca e pedir um jornal de “viado”. Normalmente o *Lampião* ficava escondido na própria banca. [...] Outra alternativa era sobreviver através de vendas por correio de livros de temática homossexual. Era uma forma de espalhar a discussão da questão homossexual. Eu me lembro que na Avenida São João, em São Paulo, tinha uma grande livraria de ponta de estoque. Eu ia lá, comprava o pacote todo por um preço bastante razoável e depois o *Lampião* revendia, buscando algum lucro. A equipe do Rio também fazia a mesma coisa. Nós fazíamos o que era possível. E o jornal se debatia o tempo todo com problemas financeiros gravíssimos.⁵⁰

Para a distribuição do jornal em regiões fora do Rio de Janeiro e de São Paulo, foi necessária uma articulação dos editores com distribuidores (pessoas físicas, livrarias, distribuidoras de livros, revistas e jornais) de diversas cidades do Brasil. Em relação a este ponto, a ficha técnica do jornal traz os nomes de seus distribuidores e as localidades, nos permitindo visualizar como o jornal pode expandir sua circulação por diversas regiões do país⁵¹. Desse modo, é inegável que o *Lampião da Esquina* se constituiu num periódico de circulação nacional, não ficando restrito apenas ao eixo Rio-São Paulo e localidades próximas.

⁵⁰ Depoimento concedido a Flávia Péret. In: PERET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2012, p. 125.

⁵¹ Analisando as 38 edições publicadas entre 1978 e 1981, é possível identificar que o jornal chegou a circular nas seguintes cidades: Rio de Janeiro (Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente), São Paulo (Paulo Carcanhetti), Campinas (Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda), Londrina (Livraria Reunida Apucarana Ltda), Jundiaí (Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda), Campos (R.S. Santana), Ribeirão Preto (Centro Acadêmico de Filosofia), Divinópolis (Agência Sousa), Juiz de Fora (Ercule Caruzzo Cia Ltda), Belo Horizonte (Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda), Goiânia (Agrício Braga e Cia Ltda), Brasília (Anazir Vieira de Sousa), Vitória (Posição e Norbin – Distribuidora de publicações Ltda), Florianópolis (Amo Representações de Livros e Periódicos Ltda), Porto Alegre (Coojornal), Curitiba (Chignone), Recife (Livraria Reler, Livro Sete – Empreendimentos Culturais Ltda e Diplomata – Distribuidora e Publicações e Representações Ltda), Campina Grande (Livro Sete – Empreendimentos Culturais Ltda), Salvador (Literarte – Livros, Jornais e Revistas Ltda), Aracajú, (Wellington Gomes de Andrade), Maceió (Gesivan R. de Gouveia), João Pessoa (Henrique Paiva Magalhães), Teresina (Livraria Corisco), Fortaleza (Orbras – Organização Brasileira de Serviços Ltda) e Manaus (Stanley Wide).

Elucidadas estas questões, fica o questionamento em torno das seguintes perguntas: em que consistia o projeto que norteava o jornal? E de que modo o *Lampião* empreendeu um processo de redefinição da homossexualidade em sua empresa de defesa do direito a mesma. Questionamentos estes, que nos dedicaremos nos próximos itens.

2.3. Um jornal e seu projeto

Em 1978, o Brasil ainda vivia sob uma ditadura, no entanto, os ares de um processo de abertura política já podiam ser sentidos. Após um período marcado por um recrudescimento da ditadura – 1969 a 1973 – combinado com uma fase de prosperidade econômica que beneficiou especialmente setores de classe média – cuja condição histórica, Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis definiram como entre o carro-zero e o pau-de-arara, numa alusão à paradoxal situação de repressão política e prosperidade econômica vivida por este segmento entre o final da década de 1960 e os primeiros anos da década de 1970⁵² –, o país vivia, a expectativa de retorno à ordem democrática.⁵³

Podemos dizer que a década de 1970 se tornou um recorte interessante da história brasileira pelo de se constituir tanto no período considerado mais “duro” e violento da ditadura⁵⁴, como também por englobar fatos importantes como o retorno das manifestações públicas de contestação ao regime e o reaparecimento de movimentos sociais organizados, como o movimento estudantil – que ressurgiu a partir de 1977⁵⁵ –; os movimentos urbanos por melhores condições de vida; e o movimento operário do ABC paulista. A década de 1970, também ficou marcada pela atuação de uma imprensa alternativa de contestação a ordem política, social e cultural vigente; pelas mobilizações pela anistia aos presos e exilados políticos; e por um processo de “afrouxamento” gradativo do aparelho institucional da censura.

Outro fato que marcou a década foi o surgimento dos movimentos de defesa dos direitos das minorias⁵⁶ – mulheres, negros, indígenas, homossexuais – e que refletiam uma busca por

⁵² Cf. ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lília M. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, v. 4, 1998.

⁵³ SKIDMORE, Thomas E. Geisel: rumo à Abertura. In: _____. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. Trad. Mario Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 315-408.

⁵⁴ SKIDMORE, Thomas E. Médici: a face autoritária. In: _____. op. cit., p. 211-314.

⁵⁵ Ibid., p. 375

⁵⁶ ARAÚJO, op. cit., p. 119.

novas formas de questionamentos que não se restringiam aos temas hegemônicos no cerne do debate intelectual de esquerda dos anos 1970, onde prevaleciam questões ligadas ao combate à ditadura militar e questões ligadas a realidade socioeconômica brasileira.⁵⁷ Conforme mostraremos no próximo capítulo, esses movimentos trouxeram para o debate político questões até então consideradas secundárias por parte significativa da esquerda da época, tais como o machismo, a sexualidade, as desigualdades de gênero, a discriminação racial e étnica, o direito ao corpo, dentre outras.

Foi, portanto, nesse contexto de efervescência política que surgiu o *Lampião da Esquina*. No que diz respeito ao seu nome, “Lampião da Esquina”, podemos afirmar que carrega uma possibilidade aberta de significados. Segundo Green, era uma alusão a “vida gay de rua, mas que também aludia à figura do rei do cangaço.”⁵⁸ Outra razão fundamental para a escolha do nome parece residir na proposta de apresentar o jornal como um instrumento voltado, por um lado, para dar visibilidade a homossexualidade, e por outro, construir uma imagem positiva da identidade homossexual, contrapondo-se às perspectivas que a definia a partir de uma imagem negativa – obscura, decadente, pervertida, anormal, etc. Dessa forma, podemos concordar com Márcio Bandeira que, o termo Lampião da Esquina definia a pretensão de “mostrar a homossexualidade segundo novas perspectivas [...] delineando um projeto de assunção gay caracterizado por formas positivas de dizê-la.”⁵⁹

No entanto, o projeto político do jornal ia além das propostas citadas envolvendo outros elementos que o tornava mais complexo. Uma importante fonte que traz tanto a justificativa de criação do jornal, quanto a proposta política defendida por seus criadores é o ensaio intitulado “Saindo do Gueto”⁶⁰, publicado na edição de abril de 1978. Começamos então pelos seus três primeiros parágrafos:

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma ‘abertura’ do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

⁵⁷ Sobre as questões centrais do debate intelectual de esquerda no Brasil nos anos 1960 e 1970, ver: ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A esquerda alternativa no Brasil – anos 1960-1970. In: _____. op. cit., pp. 76-96.

⁵⁸ GREEN, op. cit., p. 430.

⁵⁹ BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gonçalves. *Será que ele é?* Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, p. 36.

⁶⁰ SAINDO do Gueto. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 2, abri. 1978.

A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou ‘compreensível’, cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando - ao ‘assumir’ - a posição isolada que a Grande Consciência homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento.

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual, como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter.⁶¹

É possível notar como os criadores do jornal buscavam situá-lo dentro do contexto de transição da ditadura pra um regime democrático da época. Mas, se o país viveria politicamente um contexto de “abertura”, de retorno à “democracia”, a homossexualidade, por outro lado, continuava a ser vista como um problema e sua aceitação seria um fato visível somente num universo social restrito compartilhado pelos próprios sujeitos designados ou assumido como homossexuais e que o ensaio se refere como um “gueto”. Partindo dessa ótica, os editores do *Lampião* defendiam a necessidade de ruptura com esse isolamento social e a integração plena dos sujeitos definidos como homossexuais à sociedade. Conforme o próprio ensaio, era “preciso dizer não ao gueto e em consequência sair dele”. Por outro lado, seus editores tinham como proposta questionar as representações depreciativas vigentes na sociedade em relação ao homossexual e que o associaria à anormalidade, à perversão, a uma vida noturna e obscura, e que o veria como pessoa frustrada, vivendo num permanente conflito entre seu corpo – seu sexo – e sua identidade, uma vez que “seu sexo não é aquele que ele desejaria ter”.

A partir do ensaio citado, podemos comparar o discurso dos criadores do *Lampião da Esquina* com o discurso dos membros de *O Snob*, conforme analisado por Green. Nessa comparação é possível estabelecermos uma mudança entre os contextos no qual pertencem respectivamente cada publicação. Em sua análise sobre *O Snob*, James Green cita o editorial do primeiro número da publicação – datada de 10 de julho de 1963 – onde era exposta a proposta daquele jornal:

Apresentando o jornalzinho: Até que enfim eis lançado o primeiro número do nosso jornal. Jornal da nossa turma. Para fazermos comentários das

⁶¹ SAINDO do gueto. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 2, abril 1978.

festas, contar fofocas, os disse-me-disse. Não tem pretensão a ter muitas tiragens, e nem fazer concorrências a *O Globo* ou a *Ultima Hora*, e como não somos nem da direita e nem da esquerda, o melhor mesmo é ficarmos pelo meio⁶²

Como analisa Green, a publicação de Agildo Guimarães se caracterizava pela modéstia das pretensões; pelo desejo de se constituir num veículo de comunicação de um meio restrito – o universo vivido e compartilhado por homossexuais –; e, pela recusa de envolvimento com os debates e embates políticos do momento. Portanto, buscavam “produzir uma obra divertida e bisbilhoteira, repleta de humor *camp* e informação sobre os membros da turma, sem se envolver nas disputas políticas polarizadas na época.”⁶³

Para os criadores do *Lampião*, era preciso fazer a homossexualidade sair de um universo restrito e lutar por vias de aceitação plena na sociedade. Essa não deveria ser apenas uma busca por tolerância, mas uma luta contra a violência, o preconceito e a discriminação. Devia ser também uma luta por visibilidade e autoafirmação. Em outros termos, deveria ser uma luta por voz dentro da sociedade:

[...] *Lampião* não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.⁶⁴

Outro elemento importante do projeto político do jornal é a definição dos homossexuais enquanto “minorias”. Ver os homossexuais como uma minoria significava, conforme abordaremos no próximo tópico, considerar sua afirmação social como uma questão profundamente política, pois esta também devia ser vista como uma luta contra a opressão sofrida por esse segmento por não se enquadrarem aos ditames de uma ordem considerada majoritária e hegemônica: a heterossexualidade. Por sua vez, essa atitude de considerar os homossexuais enquanto minoria pode ser vista como um atestado de que os ideais defendidos pelos movimentos de afirmação gay existente nos EUA e na Europa a partir do final dos anos 1960, já tinham alguma repercussão no universo vivido por gays e lésbicas no Brasil. Como o próprio ensaio afirmava, era preciso resgatar uma condição que “todas as sociedades

⁶² O Snob apud GREEN, op. cit., p. 298-299.

⁶³ GREEN, op. cit., p. 300. Itálico do autor.

⁶⁴ SAINDO do gueto. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 2, abril 1978. Itálico do autor

construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal.”⁶⁵

Outro ponto importante expresso no ensaio de apresentação da proposta do jornal era que o mesmo pretendia não somente ser um instrumento da luta dos homossexuais, mas igualmente, de outros grupos discriminados da sociedade brasileira da época. Ou seja, pretendia se constituir numa ferramenta da luta de todas as minorias:

[...] estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias.⁶⁶

Ao longo do nosso trabalho, buscaremos mostrar como, durante certo tempo, o *Lampião* conseguiu constituir-se num veículo de visibilidade das demandas das minorias – em especial, as mulheres e os negros – no entanto, essa acabou sendo uma experiência problemática vivida pelo jornal.

Por fim, o projeto do jornal envolvia a proposta de fazer da sexualidade um tema pertinente de debate e questionamento da sociedade, reivindicando para esta uma importância fundamental num projeto de transformação social. Como o próprio texto coloca, era preciso, a partir do debate sobre a discriminação, os medos, os interditos e silêncios, “soltar a fala da sexualidade, no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam toda nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas.”⁶⁷

Desse modo, podemos afirmar que embora se colocasse como um porta-voz de defesa pública da homossexualidade e do homossexual, o *Lampião da Esquina* buscava ir mais além, abordando outros temas problemáticos da sociedade época. No entanto, para um entendimento do papel desempenhado pelo jornal, tanto no que se refere à questão da homossexualidade, quanto a outros problemas abordados pelo jornal, é preciso ir além da apresentação de seu projeto político e analisar os caminhos trilhados pelo jornal ao longo de sua existência. Para tal empresa, tomaremos como fio condutor de nossa análise os modos como o *Lampião da*

⁶⁵ Id. Ibid., p. 2.

⁶⁶ Id. Ibid.

⁶⁷ Id. Ibid.

Esquina buscou questionar e redefinir a questão da homossexualidade no contexto abordado, empreendendo um processo de redefinição identidade homossexual. Opção esta que se justifica tanto pelo fato de ser esse o elemento central do projeto lampiônico e por envolver, conforme mostraremos, outros temas e problemas abordados e vividos pelo *Lampião* ao longo de sua trajetória. Assim, buscaremos analisar de que formas o jornal buscou empreender um processo de redefinição da identidade homossexual, promovendo sua afirmação política e social; quais foram seus principais alvos; de que modo, ou modos, foi atravessado pelas tensões do contexto político social da época; que relações foram estabelecidas com os leitores; e que tipos de conflitos e contradições foram vivenciados pelo mesmo.

2.4. A redefinição da homossexualidade

Segundo Kathryn Woodward, “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos elementos simbólicos pelos quais elas são representadas”⁶⁸. Esse pressuposto ganha força quando nos voltamos ao papel que o *Lampião da Esquina* buscou desempenhar ao longo de sua trajetória. Pois, foi através de uma redefinição discursiva em torno do que significava ser homossexual que os membros do jornal tentaram questionar formas de definição e representação que o desqualificavam, definindo-o como sinônimo de decadência, jocosidade, perversão, anormalidade e delinquência. Usando termos foucaultianos, as páginas do *Lampião* nos mostra que para seus membros o discurso não se constituía na tradução de uma luta, mas naquilo próprio porque, e pelo qual se lutava. Ou seja, o poder da qual se queria apoderar⁶⁹.

Tomando por base as 38 edições publicadas entre abril de 1978 e julho de 1981, podemos enfatizar que a redefinição proposta pelo jornal passava por vários eixos ou campos fundamentais que podemos esquematizar do modo a seguir: a) a afirmação da homossexualidade como luta política; b) a denúncia da violência e da discriminação existente nos vários setores da sociedade contra os homossexuais; c) o questionamento dos discursos e saberes vigentes na época que passavam uma imagem depreciativa da homossexualidade ou do homossexual; d) a necessidade de dar visibilidade a homossexualidade enquanto segmento discriminado, bem como a necessidade de dar voz a esse segmento; e) a crítica ao machismo;

⁶⁸ WOODWAR, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 8.

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 10.

f) a defesa do direito ao prazer; e, g) o orgulho de ser ou o “assumir-se” como forma de afirmação e libertação. Tratemos, portanto, de cada um deles.

2.4.1. Afirmação como luta política.

Uma das principais formas buscada pelos editores e colaboradores do *Lampião da Esquina* na redefinição da identidade homossexual, consistiu no pressuposto segundo o qual os homossexuais eram uma “minoría”, definindo, assim, o caráter político da afirmação. Num sentido amplo, o termo minoria implica, conforme Chaves⁷⁰, “um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontra numa situação de dependência ou em desvantagem em relação a outro grupo, ‘maioritário’, ambos integrando uma sociedade mais ampla.”⁷¹ Nessa perspectiva, a ideia de minoria diz menos respeito a uma questão numérica do que a uma situação social e política ocupada por determinado grupo. Como atesta Geneviève Koubi⁷², não existem minorias em si, mas situações de minoria que, por sua vez, implica “na dominação exercida sobre esse grupo em razão do princípio de unidade particular que o constitui enquanto tal, ou seja, como entidade social”.⁷³ Em outros termos, “a situação de minoria pressupõe a submissão, a inferiorização, a desvalorização do grupo considerado.”⁷⁴ Assim, é neste sentido que segmentos como os negros, as mulheres, os indígenas, e os homossexuais, seriam considerados minorias, ou grupos minoritários.

Ao longo da trajetória do *Lampião da Esquina* a ênfase na condição de opressão – que envolvia a violência, a discriminação e o preconceito – vivida por sujeitos assumidos e/ou definidos como homossexuais e na necessidade de luta contra tal situação foi elemento marcante. Vários são os artigos, ensaios e reportagens, onde editores e colaboradores ressaltaram uma condição dos homossexuais enquanto minoria, bem como a sua luta contra a opressão. Na edição de abril de 1978, foi publicado um ensaio significativo sobre a questão. É o ensaio intitulado “Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm

⁷⁰ CHAVES, L. G. M. Minorias e seu estudo no Brasil. *Revista Ciências Sociais*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 149-168, 1971.

⁷¹ Id. Ibid., p. 149. Aspas do autor.

⁷² Koubi, Geneviève. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 525-550.

⁷³ FENET apud Koubi, op. cit., p. 527.

⁷⁴ Koubi, op. cit., p. 527.

direito (a ONU decidiu)”, onde o jornal expõe sua concepção de minoria.⁷⁵ Na verdade, o ensaio faz, de forma irônica, uma referência à proclamação dos Direitos Universais dos Animais, pela UNESCO, em janeiro de 1978. O ensaio ironiza o fato de que, se os homens sequer aprenderam a respeitar as diferenças de raça, cor, sexualidade que os marcam como seres humanos, “como esperar que eles vejam os animais como seres a ser respeitados e cujos direitos sobre o mundo em que vivem são igualmente alienáveis?”⁷⁶ Por outro lado, ressalta que apesar da contradição, a declaração contribui para fazer dos animais a mais exótica das minorias, que é definida como “um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém seus tacões, mesmo que ele não seja minoritário, (como as mulheres, por exemplo) a ver levantada a bandeira da luta por seus direitos.”⁷⁷ Ironia a parte, é possível ver como os membros do *Lampião* compartilhavam da definição de minoria enquanto grupo social em condição ou situação de opressão, ou, retomando expressão de Koubi, de “constrangimento”⁷⁸. Assim, tentava-se passar a mensagem de que, se até os animais poderiam se constituir como uma minoria e lutar pelos seus direitos, o que dizer dos seres humanos que tinham seus direitos violados por aspectos como raça, credo, preferência sexual etc.

O ensaio também traz uma ilustração de diferentes espécies aparecem unidos por uma causa comum. Na verdade, era uma referência acerca da necessidade de união dos diferentes sujeitos que compõem uma minoria como peça fundamental numa luta pela conquista por direitos e para acabar com as formas de opressão que sofria. Assim, a construção de uma “política de coalizão” se colocava para os membros do *Lampião da Esquina* como um passo fundamental para a luta dos grupos oprimidos.

⁷⁵ LONTRAS, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direito (a ONU decidiu). *Lampião*, Rio de Janeiro, edição n. zero, p. 11, abr. 1978

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Cf. KOUBI, op. cit., p. 527.

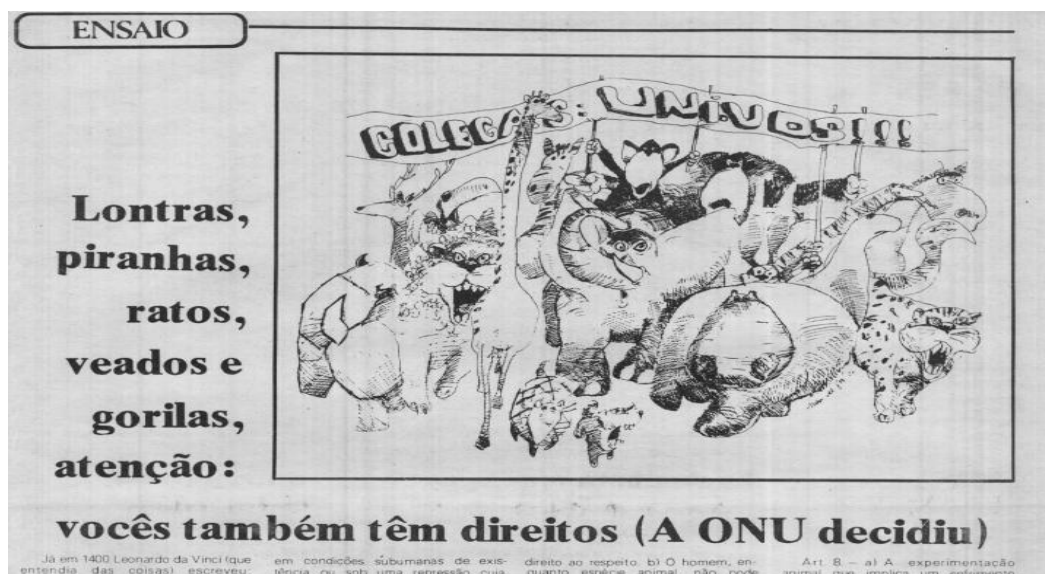


Fig. 2: Ilustração ressaltando a união de sujeitos diferentes em torno de uma causa comum⁷⁹

Uma das principais formas de incentivar, nas páginas do *Lampião*, uma mobilização dos homossexuais por seus direitos, foi dando visibilidade à atuação dos movimentos de afirmação que ocorriam em outros países. Em vários momentos, os membros do *Lampião* buscaram divulgar o que ocorria em termos de afirmação política dos homossexuais no exterior. Exemplo disso é a publicação da entrevista com Winston Leyland, da *Gay Sunshine*, na edição de junho/julho de 1978, onde se debatiam a ideia de Leyland de publicar uma antologia de escritores homossexuais latino-americanos e o problema da afirmação política gay nos Estados Unidos e na América Latina⁸⁰.

Além de entrevistas com ativistas da época, havia matérias e artigos voltados à divulgação das mobilizações realizadas por homossexuais, como o artigo de João Silvério Trevisan e James Green – na época conhecido como Jim Green – publicado na edição de julho de 1979, e intitulado “A revolta de San Francisco”. No artigo, os autores narram uma manifestação ocorrida em maio de 1979, na cidade de San Francisco, onde milhares de homossexuais foram às ruas protestar contra uma decisão da corte da cidade que concedeu pena mínima a um ex vereador que havia assassinado, no ano anterior, o então vereador – Harvey Milk – que era um representante da comunidade gay de San Francisco. Conforme os autores, a manifestação terminou num intenso conflito de mais de seis horas entre

⁷⁹ LONTRAS, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direito (a ONU decidiu). *Lampião*, Rio de Janeiro, edição n. zero, p. 11, abr. 1978

⁸⁰ TREVISAN, João Silvério. Leyland fala sobre atuação política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 10-11, jun./jul. 1978.

manifestantes e a polícia, deixando como saldo, “um milhão de dólares em prejuízos a imóveis públicos, muitos carros queimados, pessoas feridas – das quais 59 policiais.”⁸¹



Fig. 3: O Gay Power nas páginas do *Lampião*: manifestantes atacam sede da prefeitura durante manifestação em San Francisco (EUA).

Quando o *Lampião* surgiu, em 1978, as notícias do Gay Power⁸² já haviam chegado a solos brasileiros. A censura empreendida pelo governo militar não impediu a circulação esparsa de informações sobre o surgimento e o crescimento do movimento internacional de gays e lésbicas dentro da imprensa brasileira durante a década de 1970. Segundo James Green:

Embora os artigos sobre a homossexualidade no Brasil variassem entre a hostilidade e a simpatia, dependendo do jornal, as notícias internacionais, ainda que pouco frequentes, tendiam a apresentar um retrato positivo dos movimentos gays e lésbicas em outras partes do mundo. Os artigos informavam os leitores sobre os protestos, ações legais e atividades voltadas à ampliação dos direitos democráticos para gays e lésbicas nos Estados Unidos e na Europa. Por exemplo, em 1969, o *Jornal da Tarde* publicou uma reportagem da Reuters sobre o ‘gay Power’ em São Francisco, nos Estados Unidos. O *Globo* cedeu espaço em suas páginas para uma matéria da Associated Press sobre a marcha em Nova York, em 1970, organizada pela Frente de Liberação Gay⁸³

⁸¹ TREVISAN, João Silvério e GREEN, Jim. A revolta de San Francisco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 3, jul. de 1979.

⁸² Denominação que designava os movimentos de afirmação gay nos Estados Unidos e na Europa nas décadas de 1960 e 1970.

⁸³ GREEN, op. cit., p. 416. Itálico do autor

Além da circulação de notícias na imprensa brasileira, outras fontes de informação sobre o movimento de afirmação e liberação gay internacional, foram a circulação de exemplares de periódicos estrangeiros voltados a um público gay entre pessoas na época, e o retorno, para o Brasil, de sujeitos que tiveram contato com esses movimentos nos exterior. Assim, enquanto sujeitos como João Mascarenhas tomaram conhecimento do *Gay Power* através de publicações na imprensa brasileira e do acesso a periódicos estrangeiros que alguns indivíduos possuíam⁸⁴, outros, como João Silvério Trevisan, traziam as ideias desses movimentos a partir do contato que tiveram com o mesmo no período em que viveram fora do país.⁸⁵

Mas, além da divulgação dos movimentos de afirmação que ocorriam nos EUA e na Europa, o *Lampião* também se dedicou a divulgação do que ocorria em termos de militância homossexual na América Latina, principalmente na Argentina⁸⁶. No entanto, foi o movimento organizado que surgiu no Brasil que acabou recebendo uma atenção mais contundente nas páginas do jornal.

Enquanto os movimentos de afirmação gay surgiram nos Estados Unidos e Europa no final da década de 1960, no calor das mobilizações pós-68⁸⁷, no Brasil, o movimento homossexual começa a se formar paralelamente ao surgimento do *Lampião da Esquina*, em meados de 1978. É no final desse ano que surgem os primeiros grupos organizados de militância pelos direitos dos homossexuais e à homossexualidade. Assim, quando foram publicadas as primeiras edições do *Lampião da Esquina*, ao longo do ano citado, os grupos gays organizados ainda não tinham vindo a público, mas um tom de militância pelos direitos dos homossexuais já marcava os discursos de editores e colaboradores do jornal. Um exemplo é o artigo de Darcy Penteado, intitulado “Cristo também está conosco”, da edição de

⁸⁴ Cf. MASCARENHAS apud SILVA, C. R. da. op. cit., p. 80-81.

⁸⁵ Devido ao crescimento da repressão política no Brasil na primeira metade da década de 1970, Trevisan deixou o país em 1973, só retornando em 1976. Nesse período viveu, entre outros lugares, um ano e meio nos Estados Unidos, onde teve contato direto com os movimentos de afirmação gay daquele país, incorporando muitas ideias então em voga no momento. Sobre isso ver TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade*, 2011, pp. 336-337; e DIAS, Lucy. *Gays: a grande fuga do armário*. In: _____. *Anos 70: enquanto corria a barca*. São Paulo: Editora Senac, 2003, p. 290-295.

⁸⁶ Ver: HECTOR; RICARDO. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento no exílio. *Lampião da Esquina*. Trad. Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 6, dez.1978; TREVISAN, João Silvério. Frente de Liberação Homossexual da Argentina: um histórico. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 28, p. 15-16, set. 1980.

⁸⁷ Cf. SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain. *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 149

maio/junho de 1978⁸⁸, que tinha como tema, uma organização norte-americana de homossexuais católicos, fundada em 1968, chamada “*Dignity*” e que desenvolvia atividades espirituais, educacionais e sociais com intuito de possibilitar aos participantes a formação de comunidades e a sua integração normal na vida cotidiana da comunidade. Penteado aproveita o exemplo do *Dignity* tanto para criticar a postura da igreja católica no Brasil em relação aos homossexuais, como também para criticar aqueles que, segundo o autor, comporiam uma elite intelectual dos homossexuais brasileira e que não teriam “coragem de assumir publicamente sua homossexualidade e muito menos de participar de manifestações [...] sérias e reivindicadoras.”⁸⁹

Em outro artigo, intitulado “E no dia 15, a boneca morre afogada?”, publicado na edição de novembro de 1978, Penteado, critica de forma mais contundente a falta de mobilização dos homossexuais brasileiros que, naquele momento, período de eleições para governadores⁹⁰, ao contrário de outros grupos sociais, não possuíam sequer um candidato que os representassem politicamente:

[...] a minoria homossexual, que poderia ser uma maioria eleitoral, continuará sem candidato, desorientada e, por que não? Desinteressada pelos direitos políticos do País [...] Sem querer ser elitista, é preciso considerar que os negros têm seus candidatos, os japoneses idem, os “turcos”, então nem se fala. [...] Porém as bonecas não se preocupam com a política: desde que a polícia não as prenda, ou então que prenda, mas não dê porrada: desde que não falte o dinheirinho para freqüentar a discoteca especializada no sábado à noite e a sauna na tarde de domingo, elas estão felizes da vida. [...] Enquanto os homossexuais continuarem satisfeitos com a pequena liberdade que lhes é concedida dentro do gueto, ninguém irá oferecer-lhes reivindicações, é claro.⁹¹

Penteado ainda comparava a situação do homossexual nas eleições com a de uma “boneca” num naufrágio que, por não ter voz, sempre calada – enquanto os botes são distribuídos a

⁸⁸ PENTEADO, Darcy. Cristo também está conosco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 7, mai./jun. 1978.

⁸⁹ Id. Ibid.

⁹⁰ Embora a Constituição brasileira então em vigor prevísse eleições diretas para governadores, as eleições de 1978, foram indiretas, conforme uma Emenda Constitucional implementada pelo Governo Geisel em abril de 1977. Ver: SDMORE, op. cit., p. 372-375.

⁹¹ PENTEADO, Darcy. E no dia 15, a boneca morre afogada? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 4, nov. 1978.

homens e mulheres –, acaba morrendo afogada “sem que ninguém se lembre dela na distribuição dos botes salva-vidas.”⁹²

Com o surgimento dos grupos de militância homossexual no Brasil, o *Lampião da Esquina*, passou a se constituir em significativo meio de visibilidade pública dos mesmos – que ocorre de forma mais consistente a partir da edição de maio de 1979, quando o grupo SOMOS de São Paulo colabora pela primeira vez com o jornal através de um artigo relatando a criação do grupo, sua organização interna e seus posições políticas⁹³. Assim, o *Lampião* passou a publicar, de forma frequente, reportagens e entrevistas com membros dos grupos e artigos por eles escritos; divulgando endereços e outras formas de contato para interessados, além dos eventos organizados pelos grupos.

Mas, se por bom tempo o *Lampião da Esquina* se constituiu num pilar de apoio e visibilidade do movimento homossexual existente no país, essa posição não se conservou durante toda a sua trajetória, pois a partir de meados de 1980, conforme abordaremos no próximo capítulo, o jornal passou a fazer duras críticas aos grupos militantes, criticando as divergências internas do movimento; a institucionalização e a burocracia dos grupos; e uma suposta cooptação dos grupos por partidos políticos. Conforme assinala MacRae, “a partir de um determinado momento a posição do jornal tornou-se agressiva em relação aos grupos, manchetes e artigos serviram para divulgar para o país inteiro uma grande desconfiança a respeito de qualquer política homossexual.”⁹⁴ Desse modo, conforme mostraremos no próximo capítulo, se a militância homossexual foi um importante aliado no jornal em sua empresa de defesa do direito à homossexualidade, por outro lado, acabou se constituindo numa de suas principais fontes de problemas e desgaste.

2.4.2. Violência e discriminação

Denunciar a violência e a discriminação à homossexualidade foi outro eixo fundamental na empresa de redefinição identitária empreendida pelo *Lampião da Esquina*. Se nas páginas do jornal os homossexuais aparecem como minoria, isso implicava destacar sua situação de opressão e discriminação. Foram vários os artigos, ensaios e reportagens publicados que

⁹² Idem.

⁹³ GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 2-3, mai. 1978.

⁹⁴ Ibid., p. 88.

buscavam ressaltar as formas diversas de violência e discriminação vivenciadas por homossexuais.

Nessa empresa, uma das formas buscadas por editores e colaboradores do jornal foi tornar visível uma experiência histórica de opressão e discriminação sofrida por sujeitos considerados homossexuais e que havia sido historicamente silenciada. Exemplo desse empreendimento nas páginas do *Lampião da Esquina* é o artigo de Francisco Bittencourt intitulado “Lembrando o triângulo rosa”⁹⁵, publicado na edição de abril de 1978, e que destaca uma pouca visibilidade recebida pela situação dos homossexuais na Alemanha nazista.⁹⁶ Bittencourt denuncia a discriminação dos homossexuais no discurso oficial sobre a história do holocausto afirmando que as potências vencedoras da Segunda Guerra já sabiam, desde o fim do conflito, que pelo menos 125 mil homossexuais foram exterminados em campos de concentração. A matança de homossexuais em campos de concentração também é o tema do artigo intitulado “De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais”, publicado na edição de junho de 1979, e que é uma versão traduzida de um artigo publicado, desde 1972, em revistas e jornais de vários países, especialmente Itália, Suíça, França e Argentina.⁹⁷ Desse modo, artigos como os citados, não apenas resgatavam uma experiência histórica de opressão dos homossexuais, mas contribuíam para algo ainda mais significativo para afirmação homossexual: instituí-los enquanto sujeitos da história. Utilizava-se, assim, de uma ferramenta essencial no processo de afirmação política das identidades que, conforme Woodwar, sempre exigem alguma forma de autenticação e uma das mais frequentes “é feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão.”⁹⁸ Em outros termos, supõe-se a existência de uma “verdade histórica” que precisa ser recuperada para autenticar a identidade reivindicada.

Além de abordar um passado de opressão, também se buscava dar visibilidade a violência existente na atualidade. Nesse processo, o jornal não apenas tematizou uma experiência de opressão vivida por homossexuais em prisões do passado, mas também nas prisões da época, como no artigo “Na jaula (a história de um presidiário guei)”, que se trata de

⁹⁵ O termo triângulo rosa é uma alusão a uma espécie de “distintivo que homossexuais eram obrigados a usarem como identificação nos campos de concentração nazistas: um triângulo de cor rosa. Os sujeitos presos por outras razões também eram obrigados a usar um símbolo específico em seus uniformes. Por exemplo: uma estrela de Davi amarela (judeus) ou um triângulo vermelho (comunistas ou dissidentes políticos do regime hitlerista).

⁹⁶ BITTENCOURT, Francisco. Lembrando o triangulo rosa. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 5, abr. 1978.

⁹⁷ DE SODOMA a Auschwitz, a matança dos homossexuais. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 17, jun. 1979.

⁹⁸ WOODWAR, op. cit., p. 25.

uma carta, traduzida por Trevisan, de um ex-presidiário estadunidense, encaminhada a diversos periódicos dos Estados Unidos. Nela o autor relata, a partir de sua própria experiência, o cotidiano de abuso, violência física e discriminação vivida por homossexuais nas prisões norte-americanas.⁹⁹

Outra forma de tornar visível a opressão à homossexualidade na atualidade foi a publicação de dossiês sobre a violência contra homossexuais na América Latina, destacando a existência de uma forte opressão em países como Argentina¹⁰⁰, Chile¹⁰¹, México¹⁰² e em Cuba¹⁰³.

No entanto, a maior parte dos textos publicados no *Lampião* sobre a opressão dos homossexuais diziam respeito à sociedade brasileira da época, a começar pela chamada violência policial. Segundo James Green, embora não houvesse uma legislação específica no Brasil que criminalizasse a homossexualidade, a prática de relação sexual/afetiva entre dois homens ou duas mulheres em locais públicos era passível de represália policial. Isso era feito mediante duas formas de alegação: a acusação de atentado à ordem e aos bons costumes; e a suspeita por vadiagem, mediante o qual pessoas poderiam ser detidas caso não comprovassem que possuíam meios de subsistência ou residência fixa¹⁰⁴. Conforme Green, esses dois mecanismos davam à polícia

[...] o poder de encarcerar arbitrariamente os homossexuais que expressassem publicamente sua feminilidade, usassem roupas ou maquiagem feminina, ganhassem a vida através de prostituição, ou que usassem um cantinho escuro de uma praça pública para um encontro sexual noturno.”¹⁰⁵

⁹⁹ Na jaula (a historia de um presidiário guei). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 4, out. 1979.

¹⁰⁰ Ver : HECTOR; RICARDO. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento no exílio. *Lampião da Esquina*. Trad.: Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 6, dez.1978; BITTENCOURT, Francisco. “Não somos turistas, somos fugitivos.” op. cit., p. 7; Sufoco na Argentina. *Lampião da Esquina*, Trad. João Silvério Trevisan. Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 15, fev. 1980. E por esta Argentina, quem chora? *Lampião da Esquina*, Trad. João Silvério Trevisan. Rio de Janeiro, ano III, n. 34, p. 16, mar. 1981.

¹⁰¹ MANUEL, Carlos. Chile: denúncias da matança. *Lampião da Esquina*. Trad. João Silvério Trevisan. Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 7, dez.1978.

¹⁰² TREVISAN, João Silvério. Viva el macho. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 8, dez.1978.

¹⁰³ Ver: CUBA: dez anos de caça às bichas. *Lampião da Esquina*. Trad. Beatriz Madeira. Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 10, fev. 1981; TREVISAN, João Silvério. Histórias que a Mãe-Revolução não contava. *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 11-12; GO HOME, gay yankee! *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 12; OS Orfãos de Sierra Mestra. *Lampião da Esquina*. Trad. J. S. Trevisan e J. Schwartz, op. cit., p. 13-14; EM 1971, um congresso decide o que é pecado. *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 13; SILVA, Aguinaldo. Yo soy cubana; da terra de Fidel. *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 15.

¹⁰⁴ GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 276-277, 2000.

¹⁰⁵ Id. Ibid., p. 277.

A atuação da polícia em ambientes frequentados por homossexuais – bares, cinemas, ruas, praças – foi bastante denunciada nas páginas do *Lampião da Esquina*. A edição de abril de 1978, por exemplo, traz matéria sobre uma rotina de prisões de homossexuais, prostitutas e quaisquer outros que não conseguissem comprovar que exerciam uma profissão reconhecida na saída do Cinema Iris, que ficava na região central do Rio de Janeiro.¹⁰⁶ Em outro artigo, na edição de maio a junho de 1978, intitulado “E o direito de ir e vir?”¹⁰⁷, João Trevisan trata das perseguições em São Paulo sofridas por sujeitos que se vestiam publicamente como mulher. O autor cita o caso de um travesti que fora preso sem justa causa, passando uma semana na cadeia. Mas, um dos momentos mais significativo em que o jornal deu visibilidade as violências policiais contra homossexuais é a matéria publicada em julho de 1980, intitulada “Em São Paulo: a guerra santa do doutor Richetti”, também de Trevisan¹⁰⁸. A matéria tem como tema as Operações Limpeza e Rondão, ocorridas em maio de 1980 e lideradas pelo delegado Wilson Richetti, cuja finalidade era retirar das áreas residenciais e do centro da cidade de São Paulo, sujeitos associados à delinquência e acusados de cometerem atos de atentado à moral pública, resultando na prisão de mais de 1500 pessoas em uma única semana, principalmente, michês, travestis e prostitutas.¹⁰⁹

Além da violência policial, o jornal traz artigos e reportagens de crimes cometidos contra homossexuais, como o artigo “Um crime para não esquecer”, de Luiz Carlos Lacerda, publicado em julho de 1979, sobre o assassinato do maquiador e diretor de produção de cinema Alphonsus Manuel Barros, degolado em seu próprio apartamento. Para Lacerda, o caso servia como emblema da forma como a polícia e a justiça tratavam os crimes que envolviam homossexuais, uma vez que, segundo o autor, os investigadores do caso se limitaram apenas a identificar que se tratava de um crime cometido por pessoas que conheciam pessoalmente a vítima, deixando o caso impune e o relegando ao esquecimento. Nas palavras do próprio Lacerda:

[...] como se trata de um homossexual, é ‘natural’ que a nuvem do descaso apague o crime e o lance ao esquecimento – Essa mesma sociedade

¹⁰⁶ Ver: CINEMA Iris: na última sessão, um filme de terror. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 9, abr. 1978.

¹⁰⁷ TREVISAN, João Silvério. E o direito de ir e vir? *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 9, mai./jun., 1978.

¹⁰⁸ TREVISAN, João Silvério. Em São Paulo: a guerra santa do doutor Richetti. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, n. 26, p. 18-19, julho 1980. O artigo também foi publicado em *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, 2011, p. 503-508.

¹⁰⁹ Id. *Ibid.*, p. 18.

permissiva – e, de uma certa forma, homicida – estimula novos e novos crimes. Os assassinos de Alphonsus estão por aí. Não precisaram e não precisarão fugir para a Suíça. Receberão as medalhas anônimas do esquecimento e continuarão nas fileiras dos esquadrões mata-bichas, incólumes, cobertos pela capa protetora da Sociedade heterossexual.

E nós, cuja ‘mãe’ nos atira ao gueto das ruas escuras da noite, continuaremos desprotegidos. Vítimas em potencial de criminosos que se alimentam desse generoso anonimato, procurando individualmente nos defender, com as armas ímpares que nos couberem. Qual o homossexual que não viveu ainda uma situação à beira da morte? A Justiça, os tribunais, os hospícios – ‘a muralha chinesa da Sociedade’, como dizia Oswald de Andrade – existem para classificar a nossa ‘anormalidade’, condenar os nossos direitos de sermos gente, perseguir a nossa imprensa específica e marginal.¹¹⁰

O discurso em torno da opressão no campo jurídico foi outro importante alvo do jornal. Dois episódios podem ser tomados como emblemáticos da questão: o caso do jornalista Celso Curi e o caso envolvendo o próprio *Lampião da Esquina*. Tanto o caso Celso Curi quanto o caso envolvendo o jornal *Lampião* refletem o caráter ambíguo e descontinuo do projeto de abertura política empreendido no país a partir de 1974, durante o governo Geisel (1974-1978). Como observa Francisco Carlos Teixeira da Silva¹¹¹, o processo de distensão política vivido no país a partir do Governo Geisel, “representava uma volta ao Estado de Direito, a reconstitucionalização do regime, mas não exatamente a redemocratização do país.”¹¹² Portanto, se no final dos anos 1970 esteve em curso um processo de desmantelamento do aparelho legal da censura, a veiculação pública de assuntos de caráter contestatório a ditadura, bem como de assuntos considerados tabus, como a sexualidade ou erotismo, podiam ser alvos de represálias¹¹³.

Assim aconteceu com Celso Curi que, entre novembro de 1976 a outubro de 1979, teve que responder judicialmente – por causa de sua coluna no jornal *Ultima Hora*, a “Coluna do Meio” – um processo movido pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, que o enquadrava no artigo 17 da Lei 5.250 (Lei de Imprensa) por ato de ofensa moral e aos bons costumes, o que poderia implicar em pena de detenção de três meses a um ano e multa de 1 a 20 salários mínimos. Segundo João Trevisan, no inquérito, Curi foi processado por ofender.

¹¹⁰ LACERDA, Luíz Carlos. Um crime para não esquecer. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 4, jul. 1979.

¹¹¹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010. (O Brasil Republicano, v. 4), p. 243-282.

¹¹² Id. Ibid., p. 263.

¹¹³ Cf. GONÇALO JUNIOR. *A Guerra dos gibis 2: Maria Erótica e o clamor do sexo: imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar*. São Paulo: Editoractiva Produções Artísticas, 2010, p. 326-333.

[...] de modo contínuo, no período compreendido entre 5 de fevereiro e 18 de maio de 1976, a moral pública e os bons costumes na Coluna do Meio, cujo nome não deixa dúvidas quanto ao assunto tratado, o homossexualismo, que é claramente exaltado, defendendo-se abertamente as uniões anormais entre seres do mesmo sexo, chegando inclusive a promovê-las através da seção Correio Elegante.¹¹⁴

O *Lampião da Esquina* deu ampla visibilidade ao processo sofrido por Curi, especialmente na edição de abril de 1978, fazendo do caso um símbolo das represálias do governo às manifestações públicas da homossexualidade no país.

Mas, foi no caso que envolveu o *Lampião da Esquina* que o jornal passou a criticar de forma mais ferrenha uma discriminação institucionalizada da homossexualidade no país. Conforme MacRae, em agosto de 1978, os editores do jornal foram informados que o Departamento de Polícia Federal do RJ decidiu abrir um inquérito com vistas a enquadrá-lo, e seus responsáveis, no decreto 1077 da Lei de imprensa, que trata de ofensa a moral e ao pudor público.¹¹⁵ Desse modo, a partir da edição de fevereiro de 1979, o jornal passou a dar visibilidade pública ao inquérito aberto pela Polícia Federal, trazendo em suas páginas um amplo questionamento acerca de uma opressão legal às manifestações públicas da homossexualidade e sobre as ideias vigentes na época acerca dos conceitos de moral e bons costumes, defendendo nesse debate o caráter relativo de ambos os termos.¹¹⁶

Mesmo tornando público a perseguição da qual era alvo, o *Lampião da Esquina* continuou a ser alvo de intimidações. Em abril de 1979, os editores do núcleo do Rio de Janeiro – Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Francisco Bittencourt, Clóvis Marque e Adão Costa – foram intimados a comparecer ao Departamento da Polícia Federal do Rio de Janeiro, para serem indiciados criminalmente; tiveram seus depoimentos tomados, foram fotografados e tiveram as impressões digitais recolhidas.¹¹⁷ No mês de julho foi a vez de João Trevisan, Darcy Penteado, Jean Claude-Bernadet e Peter Fry cumprirem o mesmo em São

¹¹⁴ TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições: Mas qual o crime de Celso Curi? *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 6, abr. 1978.

¹¹⁵ MACRAE, op. cit., p. 162.

¹¹⁶ Para uma leitura detalhada do debate promovido pelo *Lampião da Esquina* ver na edição de fevereiro de 1979 (n. 9) os artigos: “Para o Brasil dos anos 2000, os bons costumes do século XIX” de Aguinaldo Silva (p. 5); “Cada época com sua medida”, de Peter Fry (p.5); “Helena Sangirardi dá a receita certa”, de F. Bittencourt e Helena Sangirardi (p. 6); “Ma Che coisa é esta”, de Darcy Penteado (p. 6); e “O que a sociedade civil pensa sobre o assunto”, (p.7).

¹¹⁷ Cf. UMA CAPA com muitas estrelas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 3, mai., 1979.

Paulo.¹¹⁸ No depoimento que concedeu a Cláudio Roberto da Silva, Peter Fry relata sua experiência no episódio:

Lembro que fui chamado na Polícia Federal... uma coisa engraçadíssima!! Aliás!! Nada engraçado! Nada engraçado!! Estava sozinho quando fui chamado, os outros já haviam deposto... acho que estava fora! Quando voltei tive que ir à Polícia Federal. [...] Depois daquele depoimento, eles me mandaram tocar piano numa outra dependência... foi muito desagradável! Não vou esquecer dos policiais me chamando de gringo, acusando-me de corromper o Brasil... de estar poluindo a pureza brasileira.¹¹⁹

Outra tentativa de represália foi a inclusão do jornal num dossiê do Centro de Investigações do Exército (CIEEX) que lançava bases para ações legais contra os jornais alternativos, entre elas a de “promover devassas na contabilidade das editoras dos jornais *nanicos*, para levá-las a encerrarem suas atividades por razões fiscais. Pretendia-se provar que o *Lampião* não tinha condições de sobreviver como empresa.”¹²⁰

Enquanto era perseguido pela justiça, o *Lampião da Esquina* recebia, por outro lado, apoio de entidades civis. Segundo MacRae,

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo mandou um telegrama ao Presidente da República em que pedia que cessassem as perseguições aos jornais, e em que citava nominalmente o caso do *Lampião*. Uma nota de protesto do *Lampião* foi publicada no Rio de Janeiro e em São Paulo pelos jornais *O Globo*, *Tribuna da Imprensa*, *última Hora*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.¹²¹

Outra iniciativa de apoio foi realizada por integrantes do Grupo SOMOS de São Paulo que chegaram a formar um Comitê de Defesa do Jornal *Lampião* e a coletar assinaturas para um abaixo-assinado em apoio ao jornal.¹²² Embora o inquérito contra o jornal tenha sido encerrado quando a coleta de assinaturas estavam em andamento, no final de 1979¹²³, várias foram as personalidades dos campos artístico, intelectual e político da época que manifestaram apoio, tais como: Ivan Lins, Paul Singer, Alfredo Bosi, Ruth Cardoso,

¹¹⁸ Cf. SILVA, Aguinaldo. De bicha, negro e louco, todos temos um pouco (pra quê tanto medo?). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, p. 5, ago. 1979..

¹¹⁹ FRY apud SILVA, C. R. da. op. cit., p. 98.

¹²⁰ MACRAE, op. cit., p. 164. Ver também SILVA, A. De bicha, negro e louco, todos temos um pouco (pra quê tanto medo?). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, p. 5, ago. 1979. Itálico do autor.

¹²¹ Ibid. Itálico do autor

¹²² Cf. MACRAE, Edward. A crise do Somos e a defesa do “Lampião”. In: _____. op. cit., p. 149-182.

¹²³ Cf. SOMOS todos inocentes. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 18, p. 2, nov. 1979.

Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Francisco Weffort, Candido Procópio, Fernanda Montenegro, José Celso Martinez Correa, Bruna Lombardi etc., para citar os mais conhecidos.¹²⁴

Assim, as perseguições sofridas pelo *Lampião da Esquina* servem de exemplo para visualizarmos como a reconquista de uma experiência democrática no país durante o chamado processo de abertura foi realizada, tomando expressão de Maria Paula Nascimento Araújo, “com risco e com luta.”¹²⁵

Outra forma de denunciar nas páginas do *Lampião* uma opressão à homossexualidade nos meios jurídicos foi através da publicação de matérias e artigos que criticavam o modo como a justiça tratava os crimes em que homossexuais eram as vítimas ou os réus. No caso de serem vítimas, além do artigo já citado de Luiz Carlos Lacerda, sobre o descaso da polícia e da justiça no assassinato de Alphonsus Manuel Barros, podemos citar também os artigos publicados na edição de novembro de 1978, intitulados “Cada um tem a morte que fez por merecer?”, de Aguinaldo Silva¹²⁶, e “Nos jornais um eterno suspeito: o homossexual”, de Glauco Mattoso¹²⁷, em que ambos criticam a forma tendenciosa na qual a polícia e a justiça, tratavam crimes sofridos por homossexuais, na maior parte das vezes desqualificando as vítimas.

No que se refere aos crimes em que um réu era um homossexual assumido, podemos citar o artigo de Aguinaldo Silva, intitulado “Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica”, publicado na edição de fevereiro de 1979¹²⁸. Neste artigo Aguinaldo Silva aborda o julgamento de uma secretária de 29 anos, chamada Ninuccia Bianchi, acusada de ter empurrado a própria companheira do apartamento onde viviam. Silva analisa menos o fato de Ninuccia ser ou não inocente, mas como a acusação, durante todo o julgamento, buscou justificar sua culpabilidade a partir do fato dela ser homossexual assumida. Segundo Silva, durante o julgamento não foi apresentado nenhuma prova concreta de que a ré tenha assassinado sua companheira – cuja morte foi inicialmente dada pela polícia como um caso de suicídio –, mesmo assim, a acusação buscou lhe atribuir, durante todo o

¹²⁴ OS QUE ESTÃO conosco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 19, p. 2, dez. 1979.

¹²⁵ ARAÚJO, op. cit., p. 119.

¹²⁶ SILVA, Aguinaldo. Cada um tem a morte que fez por merecer? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 6, nov. 1978.

¹²⁷ MATTOSO, Glauco. Nos jornais um eterno suspeito: o homossexual. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 7, nov. 1978.

¹²⁸ SILVA, Aguinaldo. Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 13, p. 8, jun. 1979.

processo, um perfil psicológico suspeito, pervertido e violento, recorrendo à única prova que a justiça tinha contra ela: “o fato de que ela é lésbica.”¹²⁹

Apesar dos casos citados – incluindo os que envolveram o próprio jornal – servirem como exemplos do engajamento do *Lampião* na denuncia da existência de uma opressão aos homossexuais nos meios jurídicos, é pertinente citar o paradoxal silêncio existente em relação ao caso mais emblemático envolvendo um de seus editores: Antônio Chrysóstomo.

No final de 1980, Chrysóstomo – que na época, além de editor do *Lampião*, também fazia parte do quadro da revista *Veja* como crítico de arte e espetáculos e atuava como organizador de eventos – foi acusado por vizinhos do prédio onde morava, no Rio de Janeiro, de abusar sexualmente de uma criança, chamada Cláudia, que havia sido adotada pelo mesmo. Em fevereiro de 1979, Chrysóstomo adotou a citada criança – que possuía na época três anos de idade – que vivia “mendigando na rua, com a mãe débil mental; ela era encontrada sempre à porta do prédio onde funcionava a redação do *Lampião*, na Lapa”.¹³⁰ Conforme Trevisan, mesmo que os médicos legistas tenham constatado a integridade do hímen da criança, “Chrysóstomo foi indiciado em processo criminal, agora sob acusação de ‘maus-tratos contra menor’ e ‘uso de menor para fins condenáveis’”.¹³¹ O caso desencadeou uma enorme campanha contra Chrysóstomo, principalmente por parte da imprensa, que explorou o caso com sensacionalismo e de forma caluniosa.¹³² Ainda em 1980, Chrysóstomo recebeu prisão preventiva, sendo julgado e condenado, oito meses depois, a dois anos e oito meses por atentado violento ao pudor; mais dois meses e vinte dias, por maus-tratos ao menor; e, um ano de medida de segurança em prisão, por periculosidade social.¹³³ Segundo Trevisan, o fato mais contraditório e que revela o caráter conspiratório do processo que levou seu ex-companheiro de *Lampião* à prisão foi que

[...] o juiz emitiu a sentença condenatória baseando-se no testemunho de uma vizinha que apresentara a denúncia inicial contra Chrysóstomo; mas não levou em consideração que, chamada a reiterar sua acusação meses depois, essa mesma testemunha desculpou-se, chorando, e abraçou Chrysóstomo em público, alegando que o denunciara por pressão de outras vizinhas, interessadas em expulsá-lo do prédio.¹³⁴

¹²⁹ Id. Ibid.

¹³⁰ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia a atualidade*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 200.

¹³¹ Ibid., p. 201.

¹³² Cf. Ibid., p. 201, 207.

¹³³ Ibid., p. 202.

¹³⁴ Ibid., p. 202-203.

O ex-editor do *Lampião* permaneceu na prisão até março de 1983, quando julgado em segunda instância foi considerado inocente, “sob alegação de que o julgamento anterior baseava-se não em provas, mas em conjecturas.”¹³⁵ Libertado o mesmo organizou e publicou toda documentação relativa ao processo, dedicando o livro a ex-filha adotiva da qual fora acusado de ter abusado e maltratado¹³⁶. Segundo Trevisan, Chrysóstomo morreu anos depois de sair da cadeia sem nunca reaver a criança que adotara.

O que nos chama atenção no caso de Chrysóstomo é não apenas a injustiça sofrida pelo ex-integrante do *Lampião da Esquina*, mas o silêncio existente nas páginas do jornal em relação ao caso. Mesmo que o caráter conspiratório do processo que incriminou Chrysóstomo tenha sido denunciado por Aguinaldo Silva e João Trevisan em 1981 e 1986, respectivamente, nenhum debate ou questionamento sobre o caso foi feito, na época, nas páginas do *Lampião* que, paradoxalmente, foi importante veículo de denuncia das formas tendenciosas como a justiça da época conduzia casos envolvendo sujeitos considerados e/ou assumidos como homossexuais. Assim, o caso de Chrysóstomo acabou se tornando uma significativa contradição do papel assumido pelos editores do *Lampião da Esquina* de se tornarem porta-vozes dos homossexuais contra as opressões por eles sofridas.

De todo, apesar da contradição citada, é inegável que os membros do *Lampião*, tanto na denuncia às formas de violência, quanto na discriminação sofrida por homossexuais na sociedade, buscaram mostrar que, apesar de ser aquele um contexto de liberações e relaxamento dos costumes, ser homossexual ainda implicava em variados riscos e constrangimentos para aqueles que se assumiam como tal. Mas além, de combaterem uma experiência de opressão, os membros do *Lampião* também buscaram questionar os discursos e saberes que sustentariam tal experiência.

2.4.3. Questionando discursos e saberes

Outro campo importante da redefinição empreendida pelos editores e colaboradores do *Lampião da Esquina*, consistiu na redefinição de discursos e saberes sobre a

¹³⁵ Ibid., p. 203.

¹³⁶ Cf. CHRYSÓSTOMO, Antônio. *Caso Chrysóstomo: o julgamento de um preconceito*. Rio de Janeiro: Codreci, 1983.

homossexualidade então vigentes na sociedade. Os alvos centrais foram a ciência, a imprensa, a mídia, as produções artísticas e a religião.

Em relação à ciência, o *Lampião* traz diversos questionamentos sobre as “verdades científicas” que fundamentavam uma imagem depreciativa do homossexual. Até meados da década de 1970, podemos identificar no Brasil poucos trabalhos acadêmicos que não reforçavam os preconceitos morais e científicos em torno da homossexualidade, difundidos pela literatura médica e psiquiátrica das décadas de 1920 a 1940, que viam na homossexualidade um distúrbio psíquico ou orgânico.¹³⁷

Perpetuadora dessa tradição, a obra de Luiz Ângelo Dourado, “Homossexualismo (masculino e feminino) e delinquência”, editado pela primeira vez em 1962, e reeditado em 1967, definia a homossexualidade ou o homossexualismo – como era comum na época – como uma neurose psíquica, com inevitável predisposição à delinquência. Segundo Dourado:

O criminoso e o neurótico homossexual ainda possuem em comum a precocidade e a hipertrofia da vida instintiva, a instabilidade emocional, a hiperagressividade e a deficiência intelectual, condições que determinam o estado periculoso e podem ensejar o crime. Assim, não se pode fugir à relação homossexualismo e delinquência. [...] o homossexual, quer seja ostensivo ou latente, pelas características já assinaladas, geralmente presentes, é sem dúvida, um predisposto ao crime.¹³⁸

Concepções como a defendida por Dourado foram duramente criticadas nas páginas do *Lampião da Esquina*. O autor citado, por exemplo, foi classificado por Aguinaldo Silva como parte de uma geração de psicólogos ingênuos que no Brasil dedicavam-se de forma infrutífera a abordar as relações entre homossexualismo e a criminalidade.¹³⁹ Mas, um dos textos mais emblemáticos da crítica realizada no *Lampião* às visões difundidas pelas ciências médica e psiquiátrica, e que passavam uma imagem negativa da homossexualidade, é o ensaio de Darcy Penteado, intitulado “Homossexualismo: que coisa é essa?”, publicado na edição de junho a

¹³⁷ Para uma análise dos discursos médicos sobre a homossexualidade entre os anos 1920 e 1940, ver GREEN, James. Controle e cura: reações médicos legais. In: _____. *Além do carnal*, p. 189-249; e PEREIRA, Carlos Alberto M. O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. In: HERSCHMANN, M. M. & PEREIRA, C. A. M. (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Para um levantamento das produções acadêmicas sobre a homossexualidade no Brasil ao longo do século XX, ver: ARNEY, L., FENANDES, M. e GREEN, J. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. *Cadernos AEL*. Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 317-348, 2000.

¹³⁸ DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo (masculino e feminino) e delinquência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p. 12.

¹³⁹ Cf. SILVA, Aguinaldo. Cada um tem a morte que fez por merecer? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 5, set./out. 1978.

julho de 1978.¹⁴⁰ Nesse ensaio, Penteado é categórico ao afirmar que “ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica, não só é difícil, mas impossível”¹⁴¹. Ao mesmo tempo questionava o fato de que a ciência, mesmo com todo avanço até então conseguido, ainda não havia chegado a uma definição definitiva sobre o tema.

Penteado criticava a medicina e a psiquiatria da época que definiam como tratamentos para quem era identificado como homossexual a aplicação de hormônios, bem como o tratamento psiquiátrico da repulsão, realizado através da aplicação de choque elétrico no órgão genital do paciente. Para o autor os dois métodos eram equivocados:

O primeiro ao contrario de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos sexuais pelas pessoas do mesmo sexo e o segundo, malgrado a sua violência, condicionava o paciente a impotência, não a uma repulsão pelo ato sexual realizado ‘fora das normas’, como era previsto.¹⁴²

O autor também ressaltava que o único ponto positivo até então alcançado pela psiquiatria moderna quanto ao tema, residia no fato de terem abandonado suas pretensões de curar e passarem a trabalhar “no sentido de ajustar os pacientes a sua homossexualidade.”¹⁴³

Em outro artigo publicado na edição de agosto/setembro de 1978, Peter Fry fez uma crítica mais direta aos modos como especialistas no Brasil da época tratavam o assunto.¹⁴⁴ O artigo é uma análise do livro “Comportamento sexual do brasileiro”, publicado por Dêlcio Monteiro Lima¹⁴⁵, que busca apresentar um retrato médio do comportamento sexual da sociedade brasileira da época, a partir de uma pesquisa realizada com especialistas – como urologistas, proctologistas, sexologistas, psicólogos, psiquiatras, psicanalistas – e, abordando variados assuntos relacionados à sexualidade, tais como “iniciação sexual, sexo na velhice, virgindade, sedução, namoro, masturbação, estimulantes e afrodisíacos, machismo, insatisfação feminina, o comportamento dos jovens, adultério, aborto [...] homossexualidade, transexualismo, doenças venéreas e prostituição.”¹⁴⁶ Fry denuncia o modo conservador como

¹⁴⁰ PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: que coisa é essa? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 2, jun./jul. 1978.

¹⁴¹ Ide. Ibid., p. 2.

¹⁴² Id. Ibid. Aspas do autor.

¹⁴³ Id. Ibid.

¹⁴⁴ FRY, Peter. Falam os especialistas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 14, ago./set. 1978.

¹⁴⁵ O livro foi publicado em 1976 e depois, conforme o autor do artigo, reeditado em 1978.

¹⁴⁶ Id. Ibid., p. 14.

os especialistas presentes no estudo se mostraram em relação à questão da homossexualidade. Fry descreve a posição dos autores do modo a seguir:

[...] Um proctologista, Dr. Sylvio D'Ávila nota que antigamente os seus pacientes faziam tudo para esconder a sua homossexualidade. “Atualmente” ele disse, “todos se apresentam como homossexuais, declarando essa condição com tanta espontaneidade que chega a ser chocante. [...] Outro profissional, o psiquiatra J. Afonso Moretzsohn, de Belo Horizonte, continua querendo ver a homossexualidade como neurose e, ‘de certa forma, na mesma faixa ou tendo denominador comum com drogas, com delinquência, e com certas formas de suicídio’.

Outros mostram um paternalismo pouco disfarçado, como o prof. Braz Filozzola Filho, que reconhece (espanto) que a maioria de homossexuais que aparecem em sua clínica não são agressivos ou mal-educados, e que ‘nunca tivemos um homossexual que deixasse de saldar os honorários médicos corretamente, *fato incomum, considerando a clientela de modo geral*’. Mais de uma vez os homossexuais são descritos como pessoas de ‘frágil estrutura psicológica’.¹⁴⁷

É possível perceber, conforme acentua o autor, as formas negativas ou desqualificantes dos especialistas da época em torno do tema da homossexualidade, posições essas que, segundo Fry, não poderiam ser diferentes, uma vez que se tratavam de explicações de “profissionais cujo contato com o mundo que procuram descrever é restrito às pessoas que as procuram por motivo de doença e que se desenrola [...] no ambiente antisséptico dos consultórios médicos.”¹⁴⁸

Além de criticar as posições de especialistas da época, os editores do jornal buscavam divulgar pesquisas que viam a homossexualidade sem perpetuarem uma visão negativa desta. Um desses trabalhos foi o livro *Homossexualities*, do psicólogo Alan Bell e do sociólogo Martin Weinberg, publicado nos Estados Unidos e que, seguindo a mesma linha de Alfred Kinsey¹⁴⁹, buscou construir social e psicologicamente um quadro geral dos homossexuais

¹⁴⁷ Id. Ibid., Aspas e grifos do autor.

¹⁴⁸ Id. Ibid.

¹⁴⁹ Alfred Kinsey ficou conhecido historicamente pela publicação de uma extensa pesquisa sobre o comportamento sexual contemporâneo, tomando por base a sociedade norte americana e que ficou denominada como “Relatório Kinsey” publicada pela primeira vez em 1948. Ao se referir ao impacto provocado por essa obra, Robert Muchembled afirma que, “A Califórnia do *Peace and Love* [paz e amor], os movimentos de liberação sexual, a descoberta do gozo feminino, as reivindicações de reconhecimento dos que então eram chamados desviantes ou anormais são conseqüências entre outras desse verdadeiro abalo telúrico, particularmente violento em um país de contrastes marcados.” Cf. MUCHEMBLE, Robert. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.287.

naquele país¹⁵⁰. Também foi dada visibilidade a trabalhos acadêmicos produzidos no Brasil, como a dissertação de José Fabio Barbosa da Silva, intitulada “Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo”, defendida na Universidade de São Paulo durante a década de 1960, e a dissertação em Antropologia de Carmem Dora Guimarães, intitulada “O Homossexual visto por entendidos”, defendida em 1977 na Universidade Federal do Rio de Janeiro.¹⁵¹ Em ambas as pesquisas, eram destacadas suas contribuições para uma análise não depreciativa da homossexualidade, por inovarem os meios acadêmicos brasileiros abordando o tema a partir dos campos da sociologia e da antropologia.¹⁵²

Outros campos que os membros do *Lampião* buscaram questionar por difundirem imagens negativas da homossexualidade foram a imprensa e a mídia. Em várias edições o jornal traz artigos e/ou ensaios denunciando e criticando o modo depreciativo com o qual os jornais da época tratavam a figura do homossexual. Um exemplo é o artigo de Glauco Mattoso, publicado na edição de agosto/setembro de 1978, intitulado “Não me espreme que eu sangro!”¹⁵³. Tomando como base dois jornais cariocas da época, *O Dia* e o *Noticias Populares*, Mattoso critica a forma como os jornais impressos veiculavam matérias envolvendo homossexuais associando-os a uma doença e, na maioria das vezes, à delinquência. Ao analisar reportagens do *Noticias Populares*, por exemplo, Mattoso afirmava que suas reportagens seguiam sempre uma mesma linha: “De mistura com os chavões do vocabulário ‘policial’, os termos *homossexual* e *travesti* (entre outros) são insistentes e indistintamente empregados para ‘identificar’ suspeitos e acusados de supostos crimes.”¹⁵⁴ Para o autor, se nas páginas de jornais como o *Noticias Populares* havia crime em tudo, “há homossexual em todo crime.”¹⁵⁵ Além dos jornais impressos, os membros do *Lampião da Esquina* buscavam criticar também, o modo como os homossexuais eram vistos na imprensa televisiva¹⁵⁶, na mídia¹⁵⁷ e até no cinema.¹⁵⁸

¹⁵⁰ Cf. AGUIAR, Daniel. Seguindo a pista de Kinsey. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 4, out. 1978.

¹⁵¹ Cf. PRANDI, Reinaldo. Homossexualismo: duas teses acadêmicas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n.11, p. 17, abr. 1979.

¹⁵² Id. Ibid.

¹⁵³ MATTOSO, Glauco. Não me espreme que eu sangro!. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 5, ago./set. 1978.

¹⁵⁴ Id. Ibid.

¹⁵⁵ Na edição numero 06, Mattoso publicou outro artigo totalmente dedicado ao modo como jornais da época abordavam sujeitos homossexuais de forma negativa. Ver: MATTOSO, Glauco. E nos jornais um eterno suspeito: o homossexual. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 7, nov. 1978.

¹⁵⁶ MASCARENHAS, João Antônio. A opinião pública na TV. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 9, jun./jul. 1978

O discurso da religião em torno da homossexualidade também foi abordado nas páginas do *Lampião da Esquina*. Esse tema foi abordado de maneiras diversas. Assim, ora se buscou mostrar como o pensamento religioso ortodoxo condenava as práticas homossexuais – como no ensaio “Confissões de um carmelita descalço”, publicado na edição de maio/junho de 1978, que aborda a expulsão de um padre espanhol que publicou um livro onde confessava sua homossexualidade, passando a sofrer retaliações dentro da igreja¹⁵⁹; ou como na entrevista com a atriz Helena Brandão, que abandonou a carreira para se converter a religião protestante, tornando-se ferrenha contestadora de modos comportamentais considerados transgressores, como o uso de drogas e a homossexualidade¹⁶⁰ – ora se buscava dar visibilidade às práticas de apoio e solidariedade à homossexuais por parte de grupos religiosos¹⁶¹. O jornal chegou também a abordar um trabalho publicado na época que buscava questionar a existência de uma condenação sumária das práticas homossexuais nos textos bíblicos.¹⁶²

Um momento emblemático em que o jornal se dedica ao tema homossexualidade/religião, é na edição de julho de 1980, que traz versão traduzida de um dossiê intitulado “homossexualismo e a igreja: 20 séculos de repressão”, publicado originalmente na revista canadense *La Berdache*, em outubro de 1979, e que abordava as tensões entre a igreja romana e as práticas homossexuais, ao longo da história, especialmente na era contemporânea.¹⁶³ Além do dossiê a edição traz outros artigos criticando o conservadorismo da igreja católica da época, focando especialmente os posicionamentos condenatórios do então líder do vaticano, o Cardeal Woytilla, ou mais precisamente, Papa João Paulo II, que chega a ser definido num artigo de João Carneiro, como o representante da

¹⁵⁷ Ver: TREVISAN, João Silvério Trevisan. Um novo produto na praça. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 5, jun./jul. 1978; SILVA, Aguinaldo. Na TV minutos de muita emoção. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 5, out 1978; CRHISÓSTOMO, Antônio. O Céu está caindo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, p. 4, ago. 1979; Bichas, mulheres e negros no açougue do marketing *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 3, out 1979 e Nossos comerciais, por favor. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p.10, abr. 1980, e MOREIRA, Antonio Carlos. Bichices na Tevê (plim, plim). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p.11, abr. 1980

¹⁵⁸ RODRIGUES, João Carlos. O homossexual e o cinema brasileiro. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 15, abr. 1979.

¹⁵⁹ CONFISÕES de um carmelita descalço. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 7, mai./jun. 1978.

¹⁶⁰ CONFISÕES de Helena Brandão ou Darlene Glória. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n.16, p. 14-15, set. 1979.

¹⁶¹ Cf. PENTEADO, Darcy. Cristo esta conosco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 7, mai/jun 1978; e Confissões de um rabino guei. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 14-15, mai. 1979.

¹⁶² NETO, Pedro. Um padre escreve sobre o amor de Jonatas e Davi. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 15, mai. 1979.

¹⁶³ Ver: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 2-4, jun. 1980.

“tendência mais alienada e alienante do catolicismo, a mais conservadora, a mais opressora e repressora; [...] o mais alto porta voz de quantos [...] gostariam de reacender os fogos da inquisição, para queimar, entre outros as bichas e os sapatos.”¹⁶⁴

Assim, ao questionarem os discursos e saberes que colocavam a homossexualidade como algo negativo e problemático, os integrantes do *Lampião da Esquina* fizeram-no um importante redefinidor dos discursos e saberes sobre a homossexualidade, contribuindo para novas perspectivas de ver e dizer sobre a mesma. Por outro lado, tão importante quanto a construção de uma imagem não depreciativa da homossexualidade, seria torná-la visível, dando, dessa forma, visibilidade aos seus sujeitos juntamente com suas vozes.

2.4.4. Tornando visível

Tornar a homossexualidade e/ou os homossexuais visíveis, foi outro importante eixo investido pelos membros do *Lampião da Esquina*. O mensário se constituiu num importante veículo de visibilidade da homossexualidade, ou seja, dos sujeitos considerados homossexuais, do/s universo/s por eles compartilhados e das diferentes vozes que constituiriam esse universo.

Citamos que uma das principais metas dos integrantes do *Lampião da Esquina* era questionar as definições que associavam a homossexualidade a formas diversas de decadência (doença, perversão, delinquência, frustração, deboche etc.). Nesse projeto, a apresentação do conselho editorial na edição experimental de abril de 1978, através da exposição dos perfis profissionais de seus integrantes, pode ser lida como uma tentativa de mostrar que não havia uma relação necessária entre ser homossexual e decadência social ou pessoal. Contra o preconceito, tentava-se mostrar que homossexual também podia ser um escritor, um jornalista, um artista etc.

Na mesma perspectiva, a divulgação de produções culturais – livros, filmes, músicas, exposições – de autores assumidos se constituiu numa forma de tornar visível a existência de uma intelectualidade homossexual existente tanto no Brasil como no mundo. O mesmo pode ser dito das reportagens e entrevistas com personalidades famosas da época que se assumiam

¹⁶⁴ CARNEIRO, João. Um ex-seminarista fala de sua temporada no inferno. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 6, jun. 1980

publicamente como homossexuais, é o caso de Lennie Dale¹⁶⁵, Clodovil Hernandez¹⁶⁶, Lecy Brandão¹⁶⁷, Ney Matogrosso¹⁶⁸, o escritor argentino Manuel Puig¹⁶⁹, além de outros.¹⁷⁰

Mas não só de famosos era feito um universo homossexual nas páginas do jornal. Embora com menos frequência, subalternos e anônimos também tiveram visibilidade. Podemos citar o caso de Luis Carlos, o “gaucho”, michê das noites de Copacabana e personagem central de uma reportagem de Antônio Chrysóstomo sobre o cotidiano da prostituição masculina no que era chamado, na época, de “triângulo da badalação” e que compreendia a região da Cinelândia e a Galeria Alaska, no Rio de Janeiro, e a Rua São João, em São Paulo.¹⁷¹ Outro exemplo é Vicente de Fluri, travesti conhecido como Verushka e morador de um edifício no Rio de Janeiro cujo síndico, um sargento da Marinha, havia o proibido de usar o elevador social do prédio, exigindo que o morador “trocasse suas vestimentas por roupas estritamente masculinas.”¹⁷² Podemos citar ainda Flávia e Tatiana, dois travestis que viviam da prostituição em São Paulo e entrevistados por Trevisan, Penteado, Jorge Schwartz e Glaucio Mattoso, numa reportagem sobre a prostituição de travestis em São Paulo, que buscava retratar não somente as condições de vida desses sujeitos como também suas visões de mundo.¹⁷³

As duas últimas reportagens citadas ilustram um significativo segmento do universo homossexual visualizado nas páginas do *Lampião*: aqueles que eram portadores de personalidade e/ou modos considerados efeminados e que no mensário foram alvo de recorrentes debates. Conforme analisaremos no terceiro capítulo, contrariando uma tese de Marcio Bandeira, segundo a qual a identidade defendida pelo *Lampião da Esquina* se

¹⁶⁵ DE PRESIDÁRIO a Dzi Croquete. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 6-7, jun/jul. 1978.

¹⁶⁶ CLODOVIL Hernandez faz a sim mesmo esta pergunta: quem deve dormir sobre nossos lençóis. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 10-11, ago./set.. 1978.

¹⁶⁷ A MÚSICA popular entendida de dona Lecy Brandão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 10-11, nov. 1978.

¹⁶⁸ NEY Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 5-7, abr. 1979.

¹⁶⁹ MANUEL Puig fala quase tudo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n.28, p. 12-14, set. 1980.

¹⁷⁰ Além de personalidades assumidas os editores e colaboradores do *Lampião* também entrevistaram outros sujeitos não necessariamente assumidos como homossexuais, como a atriz Norma Bengell (edição n.3), a escritora Cassandra Rios (edição n. 5), o cineasta Antônio Calmon (edição n. 13), o escritor e ativista do movimento negro Abdias Nascimento (edição n. 15), Paulo Coelho (edição n. 15), Marta Suplicy (edição n. 17), Fernando Gabeira (edição n. 18), para citar alguns.

¹⁷¹ CHRYSÓSTOMO, Antônio. Caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 4-5, mai./jun. 1978.

¹⁷² SILVA, Aguinaldo. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 3, mar. 1970.

¹⁷³ TREVISAN, João Silvério. Dois travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 19, p. 5-7, set. 1979.

constituiu numa cadeia estanque que deixaria para fora de suas fronteiras sujeitos considerados efeminados – a “bicha-louca”¹⁷⁴, o travesti e o transexual¹⁷⁵ –, constatamos que esses sujeitos tiveram significativa visibilidade nas páginas do jornal.

No caso dos travestis, a visibilidade e os debates em torno do tema refletem a relevância significativa que esse segmento, embora ainda fosse uma minoria no sentido quantitativo, passou a ocupar na composição social da época. Conforme James Green, a visibilidade crescente de travestis pelas calçadas das ruas de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, foi uma importante mudança na paisagem homossexual urbana durante os anos 1970¹⁷⁶. Não que travestis, assim como transformistas e transexuais, fosse uma novidade histórica, mas é no final dos anos 1960 e início dos 1970 que esses personagens aparecem de forma mais visível no Brasil, e em outros países.¹⁷⁷ No caso do *Lampião da Esquina*, o tema do travestismo foi debatido ao longo de toda sua existência. Nessa empresa, dois momentos são significativos: as edições de agosto/setembro de 1978 e de janeiro de 1981, em que ambas trazem a questão dos travestis como tema central.

Completando o universo homossexual “lampiônico”, temos as lésbicas. Desde a primeira edição, os editores do jornal deixaram explícito o interesse de uma coalizão com o feminismo e com as mulheres homossexuais. Segundo Aguinaldo Silva, convites não faltaram, no entanto, todos foram recusados¹⁷⁸. Embora hajam referências a temáticas voltadas às mulheres, e apesar dos convites nas próprias páginas do jornal, durante as dez primeiras edições, os membros do *Lampião* não conseguiram trazer para o jornal mulheres interessadas em discutir a questão da homossexualidade feminina, fato que levava Aguinaldo Silva a acusarem-nas de ter medo e vergonha de assumirem publicamente sua sexualidade e colaborar com o jornal. Por conta disso o editor do *Lampião* convoca-lhes:

[...] que se reúna um grupo de mulheres e faça uma matéria sobre homossexualismo feminino para o LAMPIÃO. Que elas pautem a matéria, façam as entrevistas, escrevam, botem tudo, e depois nos mandem. Nós publicaremos sem reescrever. Sem cortar coisas, sem policiar. Tomem vergonha na cara e assumam esse compromisso, meninas: ponham o medo

¹⁷⁴ Termo muito comum nas páginas do jornal para designar homossexuais efeminados com modos carregados de ademanos. Bicha pintosa, era outra forma de se referir a esses sujeitos.

¹⁷⁵ BANDEIRA, op. cit., p. 120.

¹⁷⁶ Cf. GREEN, op. cit., p. 403-405.

¹⁷⁷ MALUF, Sônia Weidner. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses do gênero. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 261.

¹⁷⁸ SILVA, Aguinaldo. Mulheres do mundo inteiro.... *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 5, abr. 1978.

de lado e aceitem o fato de que o jornal é nosso, ou seja: também é de vocês.¹⁷⁹

Somente a partir de maio de 1979 é que o jornal passou a ter uma colaboração efetiva de militantes lésbicas, ao trazer na edição daquele mês um dossiê produzido por militantes de grupos homossexuais organizados – SOMOS/SP e *Eros*/RJ – e além de outras autoras sem vinculação a grupos militantes, cujo tema central era “o amor entre as mulheres.”¹⁸⁰ Mas, embora a partir desse momento o jornal passe a dar mais visibilidade a questão da homossexualidade feminina em suas páginas, essa permaneceu sendo abordada de forma muito menos recorrente comparada a visibilidade dada a homossexualidade masculina que sempre esteve como temática preponderante dos debates realizados nas páginas do *Lampião*.

Além de buscar tornar visível diferentes formas do que era ser homossexual, os membros do *Lampião da Esquina* buscaram dar visibilidade aos espaços de sociabilidade, como praças, teatros, cinemas, bares, saunas e casas noturnas, que eram constantemente divulgadas nas páginas do jornal. Nesse processo, tornava-se visível não apenas um universo existente no eixo Rio-São Paulo, pois os roteiros publicados no *Lampião* traziam informações sobre pontos de encontros, lazer e interação social entre homens e mulheres homossexuais de diversas cidades brasileiras, entre elas Brasília, Salvador, Belo Horizonte, Recife, São Luis, Porto Alegre, Fortaleza, Londrina etc.

Juntamente com a visibilidade dos espaços de sociabilidade, buscou-se também tornar visível uma produção cultural existente. Assim, utilizavam outro elemento caro as políticas de identidade que, conforme Woodward, sempre “envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo”¹⁸¹. Desse modo, filmes, livros (muitos da autoria dos próprios editores do jornal), contos, poemas, músicas e grupos musicais, exposições, peças, e uma imprensa homossexual existente no Brasil e no exterior, constituíam um universo cultural específico produzido e compartilhado por homossexuais, e que era tornado visível nas páginas do *Lampião*. Isso, por outro lado, nos permite afirmar que a construção de uma política de identidade no *Lampião da Esquina* não se fez sem passar por um processo de articulação entre a reivindicação da necessidade de afirmação política preconizada por seus integrantes e a divulgação de um mercado de bens culturais voltados a um público homossexual em crescente

¹⁷⁹ SILVA, Aguinaldo. Lésbica vendem mais jornais? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 2, mar. 1979.

¹⁸⁰ Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano, II, n. 12, mai 1979.

¹⁸¹ WOODWARD, op. cit., p. 34.

expansão na sociedade brasileira durante o período. Essa articulação, no entanto, não deixava de gerar manifestações de receio dentro do próprio *Lampião*, como era o caso de João Silvério Trevisan, que receava vê o jornal se transformar num veículo de comercialização do homossexual, transformando-o em “produto da moda”¹⁸²

Além das formas citadas, o outro meio de tornar a homossexualidade visível consistia em dar voz aos sujeitos, não apenas aos editores e colaboradores do *Lampião* ou os sujeitos por eles entrevistados, mas também àqueles que se constituíam no público alvo do jornal: os seus leitores. Uma das principais ferramentas para isso foi a criação, a partir de março de 1978, de uma seção exclusivamente dedicada aos leitores e interlocutores do jornal: as *Cartas na Mesa*.¹⁸³

Esta seção – que foi tema central das dissertações de Almerindo Cardoso Simões Júnior e de Márcio L. G. Bandeira – é de significativa importância por fornecer aspectos relevantes referentes não somente ao jornal, mas também dos seus leitores. Um desses aspectos diz respeito à ampla circulação do jornal, pois cada carta trazia a identificação do autor e da sua cidade de origem, nos permitindo concluir que o jornal circulava entre indivíduos de diferentes regiões do Brasil e até do exterior.

No que diz respeito à identificação dos leitores, é interessante notar como eram comuns casos em que os autores se identificavam apenas pelas iniciais de seus nomes verdadeiros ou através de apelidos, o que nos mostra como a possibilidade de assunção pública de uma identidade ligada à homossexualidade gerava receio e/ou desconforto em muitos sujeitos da época. Outro aspecto relevante é o fato de que as cartas nos permitem visualizar como o jornal circulava não apenas entre homens, mas igualmente entre as mulheres. E também, não somente entre homossexuais, mas entre muitos sujeitos que se identificavam como heterossexuais e que se manifestavam tanto apoiando a causa do jornal, como também ao contrário.

No que se refere ao conteúdo, a seção se constituía numa rede variada de discursos. Elogios ao jornal pela iniciativa, pelo seu formato e estilo; manifestações de apoio e

¹⁸² TREVISAN, João Silvério. Mais um produto na praça. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 5, jun./jul. 1978.

¹⁸³ Além desta seção chegou a ser criada no jornal uma subseção intitulada *Ensaio Populares*, que era destinada à publicação de artigos ou ensaios enviados para interessados não diretamente ligados ao corpo de editores e colaboradores do jornal. No entanto tal iniciativa teve vida curta não durando mais que duas edições entre janeiro e fevereiro de 1979. Também foi criada uma seção de classificados, intitulada *Troca Troca*, para sujeitos que buscavam trocar correspondências. Essa seção foi criada a partir da edição de novembro de 1979 permanecendo até o encerramento do jornal.

solidariedade; sugestões de matérias, de novos formatos, de sujeitos a serem entrevistados e temas a serem abordados, foram questões recorrentemente abordadas nas cartas. Podemos encontrar também aqueles que aproveitavam as páginas do mensário para compartilharem seus problemas pessoais, denunciarem preconceitos e discriminações sofridas e até para buscarem contato com possíveis parceiros/as, fazendo da seção um importante espaço para construção de solidariedades entre sujeitos que, dentro do contexto, se identificavam a partir de uma identidade comum.

Mas, havia também as críticas e os questionamentos. Críticas às ideias e temas abordados no mensário, às reportagens publicadas, ao seu formato e ao seu estilo, e até aos próprios editores, eram recorrentes. Desse modo, as cartas acabaram fazendo do jornal um espaço onde temas diversos – como a articulação com outras minorias; a questão dos efeminados; a militância organizada; as tensões com a esquerda etc. – eram abordados e discutidos pelos sujeitos da época.

Uma maior e mais profunda análise em torno da variedade das vozes que foram agenciadas através da seção *Cartas na Mesa*, nos exigiria um espaço mais amplo de discussão. De todo modo, o exposto até aqui nos permite afirmar que o *Lampião da Esquina*, na medida em que abriu espaço para vozes de variados sujeitos, com suas diferentes posições – que muitas vezes divergiam não apenas entre si, mas em relação ao próprio jornal –, terminou por construir um espaço de democracia num contexto histórico ainda marcado, do ponto de vista político, pelo autoritarismo e pela tentativa de supressão do dissenso.

2.4.5. Crítica ao machismo

Outro eixo fundamental do projeto defendido pelos integrantes do *Lampião da Esquina* foi a crítica ao machismo. Este foi um tema marcante desde as primeiras edições. Na verdade, não existe no jornal uma discussão sistematizada sobre o tema, fato que diz respeito menos a um problema específico do *Lampião* do que a uma questão histórica, pois, conforme Sócrates Nolasco, embora o machismo tenha se popularizado na literatura social dos anos 1950 e 1960, até a década de 1990 não há na sociedade brasileira uma discussão sistematizada sobre o assunto¹⁸⁴. De todo modo, o termo era utilizado de forma recorrente por integrantes e colaboradores do jornal na discussão de temas diversos.

¹⁸⁴ NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 91.

Uma das principais formas de uso do termo era defini-lo como um dos principais fatores responsáveis pela discriminação sofrida pelos homossexuais. Assim, o termo “machismo” ou “machista”, era comumente usado para classificar atitudes e sujeitos receosos ou contra a homossexualidade e aos homossexuais. No entanto, o termo também era utilizado na discussão de outras questões. Uma delas era a falta de sensibilidade da maioria dos homens da época. Zsu Zsu Vieira, por exemplo, definia a falta de sensibilidade masculina como uma das manifestações do machismo existente na maioria dos homens.¹⁸⁵ Para a autora, era devido a esse fato que muitas mulheres ao buscarem um relacionamento se refugiavam nos homens que ela definia como “fronteiriços com o homossexualismo”, pois, seriam estes “geralmente amáveis, delicados, mais chegados à sensibilidade feminina.”¹⁸⁶

Outro importante aspecto caracterizador do machismo – tanto no texto de Zsu Zsu Vieira, como em textos de outros autores, tais como Aguinaldo Silva, João Trevisan e Darcy Penteado – era o desejo de poder do homem. Conforme Darcy Penteado, em ensaio publicado na edição de dezembro de 1978, a “imposição do poder é atributo essencialmente patriarcal e machista.”¹⁸⁷ Já para Zsu Zsu Vieira, sexualmente, o desejo de imposição do poder, associado a insegurança e a ignorância dos homens em relação à sexualidade feminina, eram as razões que faziam os homens buscarem a todo custo reprimir sexualmente a mulher. Segundo a autora,

[...] Os homens, inseguros, desinformados, condicionados, têm um grilo incrível com relação a esse fator. Aham então, que o melhor é reprimir a mulher, pois ela pode até se sair muito melhor do que a maioria deles. [...] Por isso muitos machões, quando se casam, procuram não estimular em demasia suas mulheres, com receio de não poder satisfazê-las.¹⁸⁸

Por outro lado, a principal manifestação de crítica a uma cultura de imposição do poder dos homens sobre as mulheres nas páginas do *Lampião*, foi a atenção dada aos atos de violência contra a mulher. Conforme Del Priore, os casos de violência contra as mulheres na década de 1970 e início dos 1980 cresceram de forma significativa no Brasil.¹⁸⁹ No *Lampião*

¹⁸⁵ VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 2, jul./ago. 1978.

¹⁸⁶ Id. Ibid.

¹⁸⁷ PENTEADO, Darcy. Homossexualismo e ecologia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 11, dez. 1978.

¹⁸⁸ VIEIRA, op. cit., p. 2.

¹⁸⁹ Cf. DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, pp. 207-214.

da *Esquina*, das formas de violência contra as mulheres, o estupro foi um das mais destacadas nas páginas do jornal. Aguinaldo Silva, por exemplo, criticava a concepção de que fosse o estupro apenas uma questão sexual e defendia que esse fosse visto como problema cultural e um ato de poder.¹⁹⁰ João Trevisan defendia a mesma linha e afirmava que a característica primordial de todo estuprador “é o prazer do poder exercido com a força, dissimulada ou não”¹⁹¹ Também se denunciava nas páginas do jornal a impunidade existente no Brasil nos crimes cometidos contra as mulheres, mostrando como o machismo era muito menos atitude de alguns homens e muito mais uma instituição sociocultural difusa e aceita pela sociedade da época.

Interessante questão é que, o machismo era usado tanto como atributo comum dos sujeitos que eram contra ou demonstravam uma posição de receio aos homossexuais, como para aqueles que recusavam em ver nos problemas ligados às mulheres uma questão social e política fundamental.¹⁹² Desse modo, o machismo se tornava nas páginas do *Lampião* um dos principais pontos de articulação entre a luta pelo direito a homossexualidade e as lutas feministas, que na época também ganhava relevante espaço nas questões políticas da época.

2.4.6. Direito ao prazer

O direito ao prazer foi outro ponto importante em que se amparava a defesa da homossexualidade e a redefinição identitária empreendida nas páginas do *Lampião*. Segundo Robert Muchembled, na era contemporânea, gozar se tornou um direito e um dever.¹⁹³ Nesse processo, o Brasil dos anos 1960 e 1970 seguiu a tendência. Ao se referir as transformações que se operaram na sociedade brasileira nesse contexto, Del Priore, sintetiza do seguinte modo:

[...] os hotéis multiplicaram-se. *Pornoshops* começaram a abrir discretamente suas portas. As capas de discos passaram a ser ilustradas com cantoras conhecidas em trajes sugestivos ou de biquíni. O videocassete logo

¹⁹⁰ SILVA, Aguinaldo. Violação: ato de sexo ou poder? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 11, out. 1978.

¹⁹¹ TREVISAN, João Silvério. Nós os estupradores. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 4, jan. 1980.

¹⁹² Cf. TREVISAN, João Silvério. Quando o machismo fica no porão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 11, abr. 1979.

¹⁹³ MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI aos nossos dias*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 315.

introduziria o aluguel de fitas pornô, agora assistidas em domicílio. A música popular introduziu versos ao mesmo tempo delicados e libertários, resumindo o espírito da época. Quem não lembra a voz de Ivan Lins cantando a amada ‘Vitoriosa por não ter/ vergonha de aprender como se goza’. [...]

[...] A sexualidade deixava de ser considerada algo mágico ou misterioso que escaparia aos progressos técnicos ou à medicina. A pílula foi aceita por homens e mulheres, não só porque era confiável, mas, sobretudo, por ser confortável. O orgasmo simultâneo passou a medir a qualidade das relações e significava o reconhecimento da capacidade feminina de gozar igual aos homens. Música, literatura e cinema exibiam a intimidade dos casais, democratizando informações [...] Revistas de grande tiragem exploravam questões sexuais, valorizando corpos idealizados, com uma mensagem: ‘sejam livres’, enquanto nos artigos de fundo seguia-se valorizando o sentimento e o amor. Já a publicidade erotizava comportamentos para vender qualquer produto. Tudo isso não seria possível sem o poder dos meios de comunicação modernos e uma cultura de massa, capaz de difundir modelos e representações sexuais.¹⁹⁴

Essas mudanças confirmavam a tese de Michel Foucault que defendia que a era contemporânea se constitui em um período de incitação crescente ao sexo.¹⁹⁵ No entanto, era a posição de Wilhelm Reich – para quem a era contemporânea foi um período de repressão ao sexo¹⁹⁶ – que alimentava as iniciativas dos integrantes do *Lampião*. O próprio Aguinaldo Silva, ao responder a carta de um leitor, era categórico: “Nós estamos com Wilhelm Reich [...]”¹⁹⁷. Assim, vivendo num contexto em que – apesar de haver um processo de crescente banalização pública da sexualidade e do erotismo – a censura imposta pelo regime ditatorial tinha como um de seus alvos discursos e produções cujos temas centrais eram o sexo e o orgasmo¹⁹⁸, os integrantes do *Lampião* buscavam denunciar como no Brasil da época se vivia um contexto de repressão ao sexo e ao orgasmo. Repressão essa que, nas páginas do jornal viria não somente dos segmentos conservadores da sociedade, mas igualmente de setores considerados progressistas. Exemplo dessa questão era a crítica que João Trevisan fazia às esquerdas, afirmando que para estas o prazer sempre foi uma pedra nos sapatos, e, era por isso, que o mesmo reivindicava uma importância política do direito ao orgasmo: “[...] E o direito ao orgasmo, quando será reivindicado para classe operária? Não é a energia sexual,

¹⁹⁴ DEL PRIORE, op. cit., p. 178-9. Itálico da autora

¹⁹⁵ Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005, p. 34-36.

¹⁹⁶ Cf. REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Trad. Ary Blaustein. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1996.

¹⁹⁷ Cf. ASSUMIR o quê? Cartas na Mesa. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 15, mai./jun. 1978.

¹⁹⁸ Cf. GONÇALO JUNIOR. O cerco da censura ao sexo. In: _____. op. cit., p. 173-204.

conforme canalizada pelos padrões repressores da sociedade um dos pilares do poder instituído?”¹⁹⁹

Interessante notar que, a reivindicação do direito ao prazer acabava, assim como a temática do machismo, se constituindo num importante ponto de interseção entre a questão da homossexualidade e o feminismo. Desse modo, uma das questões levantadas no *Lampião* foi a do direito das mulheres ao orgasmo. Um texto emblemático sobre o tema foi uma versão traduzida por João Trevisan do ensaio “Mulheres: o mito do prazer”, de Anne Koedt – uma das precursoras do feminismo de cunho socialista nos Estados Unidos –, cuja tese principal consiste na crítica à concepção segundo a qual a vagina seria o centro da sensibilidade sexual feminina e, portanto, que o homem é uma peça indispensável para o orgasmo das mulheres.²⁰⁰

A questão do orgasmo feminino, ou do direito da mulher ao prazer, também foi fator de constantes críticas dos membros do jornal ao movimento feminista existente no Brasil da época que, conforme abordaremos no próximo capítulo, até o final da década de 1970, dava às questões ligadas à sexualidade uma prioridade secundária, quando não as considerava inoportunas.

Outro campo do prazer ligado ao sexo discutido nas páginas do *Lampião da Esquina* foi, conforme definição usada no próprio jornal, o dos “prazeres solitários”, principalmente a masturbação, que é abordada como tema central da edição de novembro de 1980²⁰¹, onde é defendido o direito e a naturalidade dessa prática sexual que, assim como a homossexualidade e o orgasmo clitoridiano, foi tratada ao longo de parte da era contemporânea como uma perversão ou um distúrbio sexual²⁰². Essa edição tem uma significativa importância por mostrar como a defesa de um direito ao prazer, nas páginas do *Lampião da Esquina*, não se resumiu apenas a reivindicação do direito à homossexualidade, mas também a outras questões ligadas ao sexo ou à sexualidade.

Além da importância dos eixos até aqui citados, a redefinição da homossexualidade nas páginas do *Lampião* ainda incorporaria mais um eixo, e um dos mais fundamentais: o assumir-se como forma de luta contra o preconceito e a discriminação.

¹⁹⁹ TREVISAN, João Silvério. Estão querendo convergir. Para onde? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n.2, p. 9, jun./ jul. 1978.

²⁰⁰ Cf. MULHERES: o mito do prazer. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 12, ago./set. 1978.

²⁰¹ Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 31, p. 3-9, dez. 1980.

²⁰² Sobre o tema, ver: STEARN, Peter. História da Sexualidade. Trad. Renato Marques. São Paulo; Contexto, 2010, pp. 160-161; MUCHEMBLED, op. cit., pp.294-296; WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 49-52; FOUCAULT, op. cit., p. 99.

2.4.7. “Orgulho de ser” ou o assumir-se como prática política

Um dos mecanismos fundamentais de afirmação política e da redefinição identitária empreendida nas páginas do *Lampião da Esquina* era o “assumir-se”, que implicava diretamente na construção de um orgulho de ser. Sobre esse tema, o ensaio intitulado “Assumir-se? Por quê?” de João Antônio Mascarenhas, publicado na edição de junho/julho de 1978, é emblemático. Para Mascarenhas, o ato de assumir-se é definido como um “processo natural de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la.”²⁰³ Para Mascarenhas, a assunção pública da homossexualidade traria uma série de benefícios possíveis para aquele que se assumia. Vejamo-los conforme o trecho a seguir:

- 1º_ sentirmo-nos desobrigados de fingir, livrando-nos do peso da mentira e da tensão provada pelo terror de sermos descobertos;
- 2º_ dispensamos nos da hipocrisia, de participar do jogo dos outros, dou eu-faço que escondo-e-você-faz-que-não-vê [...]
- 3º_ impedir a ocorrência de chantagem de parte de indivíduos com quem mantivemos relações sexuais; de repórteres sensacionalistas da imprensa marrom; de companheiros de serviço, enfim, de todo o círculo de criaturas com quem convivemos [...]
- 4º_ fazer com que fiquemos a salvo da necessidade de subornar certos policiais inescrupulosos, que fingem desconhecer que o homossexualismo não é punível na legislação brasileira [...]
- 5º _ saber que neutralizamos os nossos opressores machistas, porque os privamos de utilizar a única arma de que dispunham contra nós, a ameaça de descobrir-nos [...]
- 6º _ dar, pelo nosso exemplo, apoio moral aos homossexuais desejosos de assumirem-se, mas com receio de fazê-lo [...]
- 7º_ também pela nossa atitude, ajudar os familiares, que se indignam quando percebem o homossexualismo de um parente, a questionarem a validade da posição de repúdio por elas adotada [...]
- 8º _ Sentir que estamos batalhando para a construção de um mundo melhor, onde os direitos humanos e os das minorias sejam respeitados [...]²⁰⁴

Estas seriam as razões pelas quais todo aquele que fosse homossexual deveria assumir-se enquanto tal. A prática de assunção seria também, conforme Mascarenhas, um “ato essencialmente político”, na medida em que através dela, “o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido, primeiro e indispensável passo para lutar contra a

²⁰³ MASCARENHAS, João Antônio. Assumir-se? Por quê? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p.2, jun/jul 1978.

²⁰⁴ Id. Ibid., p. 2.

opressão.”²⁰⁵ Por outro lado, enquanto a assunção se constituía num pressuposto essencial de afirmação e ação política, o homossexual não assumido ou “enrustido”, era visto como alvo de receio e crítica. Mascarenhas, por exemplo, defende que, “quem teme defender-se, pelo receio de identificar-se, não se encontra preparado para se fazer respeitar.”²⁰⁶

Dentro do *Lampião da Esquina*, a assunção como pressuposto fundamental para uma afirmação da homossexualidade não era uma posição isolada de Mascarenhas, pois também era compartilhada por outros membros do jornal. Um deles era João Silvério Trevisan. Exemplo de sua posição é o artigo intitulado “Minorias e a política”, publicado na edição de outubro de 1978²⁰⁷. Nele, Trevisan elogia as ativistas feministas por criarem na época uma *Carta dos Direitos da Mulher*, e em contrapartida critica a falta de iniciativa semelhante por parte dos homossexuais e o receio que estes tinham de se assumirem, apontando este como o principal entrave para uma afirmação política desse segmento. Para Trevisan, os homossexuais precisavam, antes de tudo, “tirar a cabeça de avestruz do chão, buscando a auto-identificação enquanto grupo.”²⁰⁸ Em outro artigo, intitulado “Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia”, publicado na edição de junho de 1980, onde buscava definir um caminho autônomo para uma política homossexual, Trevisan defendia que a única forma de garantir um potencial subversivo dos homossexuais e impedir uma absorção deles pelas forças políticas instituídas, seria “ser cada vez mais viado e sapatona, portanto mais malditos e menos cobiçáveis por todas as **formas de poder** (ordem).”²⁰⁹ Assim, conjugava-se assunção e libertação como chave central para a construção de uma política de defesa da homossexualidade.

Mas, se os membros do jornal eram unânimes quanto ao assumir-se, o mesmo não acontecia do lado de outros sujeitos da época, conforme podemos perceber nas palavras de alguns de personagens que escreviam para o jornal e questionavam a importância dada à assunção enquanto instrumento político. É o caso de Guilherme Império, de Campinas-SP, que em carta publicada na edição de maio/junho de 1978²¹⁰ criticava duramente a posição dos

²⁰⁵ Id. Ibid.

²⁰⁶ Id. Ibid.

²⁰⁷ TREVISAN, João Silvério. Minorias e a política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 6, out. 1978. Negrito do autor.

²⁰⁸ Id. Ibid., p. 6. Negrito do autor.

²⁰⁹ TREVISAN, João Silvério. Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 25, p. 10, jun. 1980.

²¹⁰ ASSUMIR o que? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 14, mai./jun. 1978.

membros do *Lampião*, defendendo que esta atitude, o ato de assumir-se, ao invés de acabar com a discriminação, na verdade terminava por endossá-la:

Dizem que temos que ‘assumir’.

[...]

Creio que está tudo muito mal, e que o ‘assumir’, longe de ser uma libertação do indivíduo, constitui-se no mais sutil endossar dos interesses da sociedade patriarcal, pois, o ‘assumir’ acaba reforçando a idéia de que pessoas que transam com pessoas do mesmo sexo são realmente **diferentes**, assim garantindo o comportamento normal dos outros. Por um mecanismo demais sutil o ‘assumir’ acaba corroborando esta idéia de diferença e santificando-a nos templos das boates e nos testamentos de jornais como este.²¹¹

A crítica do autor da carta ao *Lampião da Esquina* neste ponto fundamental – o assumir-se enquanto arma contra a opressão, à discriminação e ao preconceito – toca em duas questões problemáticas ligadas à política de identidade dos movimentos gays e lésbicos. A primeira diz respeito ao questionamento acerca do fato de se não estariam esses movimentos reforçando, em sua valoração da assunção como forma de libertação, um ideal de identidade como um dado natural, uma essência, endossando assim uma tradição que, conforme Jeffrey Weeks, tem ao longo da contemporaneidade nos exigido a “classificar uma pessoa pela definição de sua verdadeira identidade, uma identidade que expressa plenamente a real verdade do corpo.”²¹²

A segunda questão reside no fato de que a defesa da homossexualidade, enquanto identidade a ser assumida, acabaria naturalizando a própria divisão homo/heterossexual, endossando, por sua vez, uma distinção na qual se busca combater e promovendo uma perpetuação das bases que sustentam o próprio sistema de opressão. Essa contradição seria para Pierre Bourdieu a grande antinomia, ou o grande paradoxo, dos movimentos gays e lésbicos: “como se revoltar contra uma categorização socialmente imposta organizando-se como uma categoria construída segundo esta categorização e fazendo assim existirem as classificações e as restrições às quais se pretende resistir [...]?”²¹³

Nessa questão, é significativo assinalar que o caráter ambíguo da política de defesa da homossexualidade, no que se refere a sua autonomia ou não em relação aos sistemas que a discrimina, está relacionado a um interessante aspecto levantado por Joan Scott acerca das

²¹¹ Id. Ibid., p. 14. Aspas e grifo do autor.

²¹² WEEKS, op. cit., p. 50.

²¹³ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999 p. 146.

políticas de identidades e que reside num paradoxo inerente a própria ação afirmativa que, segundo a autora, “foi já em sua articulação inicial uma política paradoxal”, pois “visando acabar com a discriminação, não apenas chamou a atenção para a diferença, como também a abraçou.”²¹⁴

Mas, é preciso igualmente considerar um outro lado da questão. Assim, neste debate nos é pertinente a consideração feita por Roger Chartier que, ao comentar sobre a possibilidade de deslocamentos e superação de uma ordem definida por uma dominação masculina por parte das mulheres, destaca o fato de que “nem todas as fissuras que corroem as formas de dominação masculina tomam forma de dilacerações espetaculares, nem se exprimem pela irrupção de um discurso de recusa ou de rejeição.”²¹⁵ Para o historiador, é possível que as formas de dominação possam ser fissuradas dentro do próprio consentimento, fato que ocorre principalmente “quando a incorporação da linguagem da dominação se encontra reempregada para marcar uma resistência.”²¹⁶

Ao nosso ver, a linha apontada por Chartier é um caminho frutífero para se pensar o papel desempenhado pelo *Lampião da Esquina* em seu projeto de defesa da homossexualidade, cujo empreendimento não deixou de se constituir numa possibilidade de colocar em xeque significativos posicionamentos hegemônicos em relação à homossexualidade. Desse modo, acreditamos que a política de afirmação identitária, tal como foi empreendida nas páginas do *Lampião*, se teve como pilar uma categorização – o homossexual e/ou a homossexualidade – imposta previamente por uma cultura que a discriminava, por outro lado significou também uma redefinição dessa mesma categorização e um questionamento da cultura que a discrimina.

Pelo que expusemos até o momento, podemos entender que o *Lampião da Esquina* foi não apenas um empreendimento de defesa pública da homossexualidade, mas um verdadeiro esforço de redefinição desta. Mas, é possível perceber que esse processo de redefinição de identidade que atravessa a atuação do jornal também passa pela articulação desse empreendimento com importantes questões que dizem respeito não apenas a defesa do direito a homossexualidade. A busca por novas formas de militância; a articulação com outros movimentos sociais e a relação do jornal com as esquerdas, também foram questões

²¹⁴ SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 23, jan./abr. 2005.

²¹⁵ CHARTIER, Roger. “Diferença entre os sexos e dominação simbólica”. *Cadernos Pagu*, Camínas, n. 4, p. 42, 1995.

²¹⁶ Id. Ibid., p. 42.

significativas e inseparáveis da história do jornal tal como se deu, demarcando-lhe dificuldades, tensões e contradições com os sujeitos com os quais buscou dialogar e/ou contestar.

Se isso pode ser dito da relação do jornal com outros personagens do contexto a que ele pertence, também se torna necessário mostrar como a própria identidade defendida nas páginas do *Lampião* foi espaço marcado por importantes tensões cujo entendimento é imprescindível se almejarmos captar o caráter complexo do processo de construção e/ou redefinições de identidades da qual a atuação do *Lampião da Esquina* pode ser tomada como parte.

Desse modo, buscaremos daqui pra frente analisar dois importantes campos problemáticos dentro das páginas do jornal: o primeiro ligado à questão da militância e da relação do jornal com outros personagens políticos do contexto; e o segundo, tomando como referência a questão da relação entre identidade sexual e gênero, ligado às próprias instabilidades no interior do projeto de construção de uma política de identidade tendo por base a possibilidade de uma identidade unívoca e estável.

3. AS TENSÕES E OS PERCALÇOS LAMPIÔNICOS NA POLÍTICA: MILITÂNCIA HOMOSSEXUAL, MINORIAS E ESQUERDAS.

Fazer um jornal engajado, comprometido com os problemas sociais e políticos da época, foi uma meta almejada pelos editores do *Lampião da Esquina* na maior parte da existência do mesmo. O projeto político criado por seus editores previa para o jornal uma atuação ampla que envolvia tanto a questão da defesa pública do direito à homossexualidade e a construção de uma imagem positiva dos homossexuais, quanto questões que iam além dessa problemática específica. Dessas questões, duas foram marcantes: a construção de uma coalizão com outros movimentos sociais, especialmente aqueles ligados às questões das minorias, e a crítica a determinados segmentos da militância política de esquerda, principalmente à esquerda partidária.

Essa característica do projeto lampiônico nos conduz a uma importante problemática que atravessou a trajetória do *Lampião da Esquina* e que diz respeito às relações do mensário com os atores do contexto político com os quais seus editores buscaram dialogar e/ou criticar. Nessa problemática, incluímos suas relações com os sujeitos que tinham a semelhante proposta de trazer a defesa e a afirmação da homossexualidade para o centro do debate político, isto é, a militância homossexual; as relações construídas com outras demandas políticas do período, em especial, aqueles que eram designados sob o rótulo de movimentos das “minorias”; e o papel desempenhado pelo jornal no que se refere ao debate dentro da própria esquerda acerca dos novos questionamentos e militâncias que emergiam no contexto vivido pelo jornal.

Desse modo, neste capítulo buscamos analisar como foi a atuação do jornal em relação a cada um desses tópicos e como essa análise nos conduz a um conjunto de dificuldades, tensões, contradições e/ou paradoxos vividos pelo jornal na tentativa de seus editores de fazê-lo elemento de contestação da sociedade. Assim, buscamos mostrar que: a) se por um lado, o *Lampião* tinha um projeto semelhante e foi importante base de apoio do movimento homossexual organizado, por outro, acabou vivendo uma relação ambivalente com os grupos militantes, variando do diálogo e do apoio à contestação e ao distanciamento; b) almejava integrar-se às demandas de outros movimentos sociais – movimento pelo meio ambiente, movimento em defesa dos direitos dos indígenas, movimento negro e o feminismo –, mas por razões diversas teve seu projeto frustrado, não conseguindo se tornar de forma plena um jornal de todos os oprimidos ou de todas as minorias; por fim, c) ao mesmo tempo em que buscava ser um jornal de contestação política da sociedade vigente, ou seja, um jornal

subversivo e libertário – como seus editores gostavam de defini-lo –, acabou vivendo uma relação de colisão com determinados expoentes da esquerda e concepções vigentes no interior desta.

Desse modo, buscamos entender qual era a visão política dos sujeitos que faziam parte do *Lampião da esquina* e como a militância política foi, para o jornal, um campo cuja experiência ficou marcada por importantes confrontos e percalços e que nos traz aspectos relevantes sobre o significado histórico do papel exercido pelo jornal.

3.1. O *Lampião*, a militância homossexual e os reveses da afirmação

No Brasil, os primeiros grupos organizados de militância em defesa da homossexualidade começam a se formar paralelamente ao surgimento do *Lampião da Esquina*. Se o jornal teve sua primeira edição publicada em abril de 1978, foi no mesmo período, no mês de maio, que surgiu em São Paulo um agrupamento de indivíduos, oriundos de classe média, interessados numa discussão a favor da liberação sexual e cujos componentes vieram constituir a base daquele que é considerado o primeiro grupo organizado de militância homossexual no Brasil: o SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual, fundado ainda no final de 1978 e que se constituiu num modelo para grupos semelhantes que surgiram entre o final da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980.

Conforme Edward MacRae – que assim como James Green, também fez parte do grupo que fundou o SOMOS/SP¹ – a formação de grupos tendo como fator de aglutinação um interesse em comum pela homossexualidade não era uma novidade no Brasil, pois, desde os anos 1960, já existiam grupos no Rio de Janeiro e em São Paulo, embora não tivessem um caráter de militância política, uma vez que “suas festas, concursos de miss, a produção e distribuição de jornalzinhos artesanais, etc., tinham até então como único objetivo a diversão e seus aspectos críticos se limitavam à bem humorada paródia dos acontecimentos mundanos da alta sociedade”². Foi somente na segunda metade da década de 1970 que surgiram, pelo menos nos dois maiores centros urbanos do país, grupos cuja atuação se caracterizava por

¹ Na verdade, dentro do chamado movimento homossexual organizado do final da década de 1970 e início de 1980, havia pelo menos três grupos designados SOMOS: o de São Paulo, o do Rio de Janeiro e um de Sorocaba. Por isso, utilizaremos o termo “SOMOS/SP”, “SOMOS/RJ” e “SOMOS/Sorocaba” para nos referirmos respectivamente a cada um dos grupos.

² MACRAE, Edward. *A construção da Igualdade: Identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 95.

uma atitude que consistia em reivindicar um espaço de respeitabilidade pública para a homossexualidade.³

Essa atitude, na verdade, foi fruto de um conjunto de fatores que a tornaram possível. Conforme assinalamos no capítulo anterior, a consolidação de uma sociedade urbana e a difusão dos ideais e valores da contracultura, em curso desde a década de 1960, ensejando a crítica aos valores morais e comportamentos considerados conservadores por segmentos significativos da juventude de classe média brasileira, promovendo um processo de redefinições e transgressões no campo da conduta pessoal – como o uso das pílulas anticoncepcionais, o consumo de drogas, a vivência mais despudorada da sexualidade, a valorização da androginia – e das relações interpessoais e afetivas – flexibilização das normas que regiam a vida conjugal, flexibilização das hierarquias de gêneros, e o questionamento dos papéis sexuais tradicionais – foram condições essenciais para a emergência de um movimento de afirmação pública da homossexualidade no país. A esses fatores somam-se as transformações que estavam ligadas diretamente à homossexualidade, como a expansão dos espaços de sociabilidade e do mercado de consumo voltado para sujeitos considerados ou assumidos como homossexuais, o crescimento de produções culturais e jornalísticas – como a *Coluna do Meio*, de Celso Curi e as produções alternativas como *Gente Gay* e o *Entender* – que tinham como tema central a homossexualidade e que buscavam repassar uma imagem não depreciativa da mesma e a penetração dos ideais do *Gay Power* que emerge nos Estados Unidos e depois Europa no final dos anos 1960, defendendo a assunção pública da homossexualidade e a luta contra a opressão/discriminação desta como um problema político fundamental.

No que diz respeito ao contexto de distensão política que o país viveu na segunda metade da década de 1970, três fatores podem ser considerados fundamentais: o relativo afrouxamento da censura que, embora ainda continuasse atuante – as perseguições a Celso Curi e aos editores do *Lampião da Esquina* são exemplos do fato –, tornou possível que temas como a homossexualidade e o direito ao prazer pudessem ser publicamente discutidos; a emergência de movimentos sociais contestatórios que passaram a reivindicar um debate em torno de problemas sociais até então não contemplados como prioritários pela esquerda, tais como machismo, discriminação racial, discriminação étnica, meio ambiente, habitação, melhorias urbanas etc; e, por fim, a volta dos sujeitos que haviam partido para o exílio e que

³ Ibid., p. 95.

traziam na bagagem a experiência e a influência dos movimentos de contestação social e política como o feminismo e o movimento de gays e lésbicas que ocorriam no exterior.

Quanto ao último fator, podemos encontrar exemplos não apenas na formação da militância gay e lésbica do Brasil na segunda metade dos anos 1970, mas também na construção de uma militância feminista no mesmo período. No caso do movimento feminista brasileiro, estudiosos/as do tema, como a socióloga Cynthia Sarti⁴ e a historiadora Raquel Soihet⁵ destacam a importância do retorno das exiladas para a construção do movimento feminista no país. Segundo Sarti,

A anistia de 1979 permitiu a volta das exiladas no começo dos anos 1980, reencontro que contribuiu para fortalecer a corrente feminista no movimento das mulheres brasileiras. As exiladas traziam, em sua bagagem, não apenas a elaboração (alguma, pelo menos) de sua experiência política anterior, como também a influência de um movimento feminista atuante, sobretudo na Europa. Além disso, a própria experiência de vida no exterior, com uma organização doméstica distinta dos tradicionais padrões patriarcais da sociedade brasileira, repercutiu decisivamente tanto em sua vida pessoal quanto em sua atuação política. O saldo do exílio, de umas, e a experiência de ter ficado no país nos anos 1970, das outras, que construíram o feminismo local, fez desse encontro de aliadas um novo panorama.⁶

No caso específico da participação de sujeitos vindos do exílio na construção de uma militância homossexual, a figura de João Silvério Trevisan é emblemática. Devido ao crescimento da repressão política no Brasil, Trevisan – que na época trabalhava na produção de filmes experimentais e tinha no currículo passagens por grupos políticos de esquerda – deixou o país em 1973, só retornando em 1976. Nesse período viveu em importantes centros de contestação política dos Estados Unidos, como Berkeley e San Francisco, onde teve contato com “militantes gays americanos, feministas socialistas e revolucionários brasileiros exilados”⁷, incorporando muitos ideais em voga no exterior naquele momento. Em seu retorno, Trevisan passou a viver um intenso sentimento de inadaptação ao antigo lar. Segundo Trevisan, o mesmo

⁴ SARTI, Cynthia A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos feministas*, Florianópolis, v.12, n. 2, p. 35-50, maio/ago, 2004.

⁵ SOIHET, Raquel. Feminismo e cultura política: uma questão no Rio de Janeiro dos anos 1970-80. ABREU, M.; SOIHET, R.; GONTIJO, R.(orgs). *Culturas políticas e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p. 411-436; e SOIHET, Raquel. Encontros e desencontros no Centro da Mulher Brasileira (CMB) anos 1970-1980. *Gênero*, Niterói, v. 7, n. 2, p. 237-254, 1 sem. 2007.

⁶ SARTI, op. cit., p. 41-42.

⁷ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 337.

Não conseguia trocar idéias com os antigos ‘companheiros’ de militância política de esquerda; ficava chocado com a falta de pontualidade nos encontros e a irresponsabilidade no trânsito; e me irritava com o consumismo do já ampliado gueto guei que encontrei no Brasil em meados da década de 1970⁸

Foi como solução para seu isolamento que Trevisan decidiu, ainda em 1976, agrupar em São Paulo alguns estudantes universitários para formar um núcleo de estudos sobre homossexualidade. Segundo Trevisan, a iniciativa não vingou e a principal razão residiu no fato de que

[...] os participantes, muito reticentes ante a experiência, estavam paralisados por sentimentos de culpa relacionados com suas convicções ideológicas – mesmo quando tivessem sofrido humilhações da parte de companheiros de partido, pelo fato de serem homossexuais. A grande pergunta que se faziam ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do Movimento Homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? [...] como se não bastasse, 70% do grupo admitiam francamente se achar anormal por causa de sua homossexualidade. Nessas condições, não é de estranhar que o projeto tenha ruído após algumas penosas reuniões.⁹

Mesmo com o insucesso da iniciativa, Trevisan veio futuramente, em 1978, a figurar entre os protagonistas de um movimento de defesa pública dos direitos dos homossexuais no país, tanto como membro do *Lampião da Esquina*, como um dos integrantes do grupo de homossexuais que criaram em São Paulo o SOMOS, tornando-se uma das lideranças do mesmo uma vez formado.

Voltemos ao surgimento dos grupos que compunham o que na época ficou denominado como Movimento Homossexual (MH) no Brasil. Conforme dissemos, o primeiro grupo organizado de militância em defesa do direito a homossexualidade foi o SOMOS, de São Paulo, fundado na segunda metade de 1978 e cuja primeira aparição pública ocorreu em 08 de fevereiro de 1979, num debate sobre homossexualismo, durante uma semana de debates na USP sobre “O caráter dos movimentos de emancipação”, e onde o tema central era a luta dos grupos discriminados no Brasil: negros, mulheres, índios e homossexuais.¹⁰ João Trevisan e Edward MacRae, ressaltam a importância da participação do SOMOS no evento citado para a consolidação deste enquanto grupo e para construção de um movimento homossexual naquele período. Segundo Trevisan,

⁸ Ibid. p. 337.

⁹ Ibid.

¹⁰ Cf. MACRAE, op. cit., p. 108.

O resultado mais concreto do debate da USP foi uma surpreendente afluência de participantes no grupo que, a partir dali, consagrou-se definitivamente como *Somos* [...] De dez gatos-pingados, chegamos rapidamente a uma média de 100 pessoas. Essa afluência obrigou a uma reorganização estrutural, tantos eram os pequenos e diversificados grupos que se formaram, para troca de ideias e discussão, de uma forma mais sistematizada.¹¹

Após o surgimento do SOMOS em São Paulo – cuja criação ganhou visibilidade nas páginas do *Lampião da Esquina*¹² e também foi citada na época em reportagem da revista *Manchete*, publicada em março de 1979¹³ – diversos outros grupos organizados foram sendo criados, tanto em São Paulo como em outras cidades do país. Além do SOMOS/SP, São Paulo contou também com os grupos: Eros, Outra Coisa (formado por dissidentes do SOMOS/SP), Fração Gay da Convergência Socialistas, Coletivo Alegria Alegria, Terra Maria: Opção Lésbica e o Grupo de Ação Lésbica-Feminista – GALF (também construído por dissidentes do SOMOS/SP). Além destes, tivemos também a construção de grupos em outras cidades, tanto no Estado de São Paulo (Libertos, em Guarulhos; Grupo de Santo André e Grupo Opção a Liberdade Sexual – “GOLS”/ABC, em Santo André; SOMOS, em Sorocaba), como em outros estados e cidades brasileiras: SOMOS/RJ e Auê, no Rio de Janeiro; “Bando de Cá”, em Niterói-RJ; Grupo de Atuação e Afirmação Gay – GAAG, em Duque de Caxias-RJ; Terceiro Ato, em Belo Horizonte-MG; Beijo Livre, em Brasília-DF; Grupo de Atuação Homossexual – GATHO, em Olinda-PE; Nós Também, em João Pessoa-PB; Grupo Gay da Bahia - GGB, em Salvador-BA; Auê, em Recife-PE; Coligay e Terceiro Mundo, em Porto Alegre-RS. Segundo Elaine Zannata, se considerarmos o *Lampião da Esquina* como uma forma de grupo em defesa do direito a homossexualidade, podemos afirmar que “surgiram 22 grupos de militância homossexual entre abril de 1978 e fevereiro de 1981.”¹⁴ No entanto, consideramos ser uma opção complexa tomar o *Lampião* como um grupo de militância, na medida em que, conforme veremos adiante, seus caminhos tanto coincidiram quanto divergiram daqueles buscados pelos grupos militantes propriamente ditos.

Antes de surgirem os primeiros grupos de militância homossexual no Brasil já era visível nas páginas do *Lampião da Esquina* um tom marcadamente militante acerca dos

¹¹ TREVISAN, op. cit., p. 345. Sobre esse aspecto ver também MACRAE, op. cit., pp. 97-101;112-114.

¹² Cf. DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita. *Lampião da Esquina*, ano I, n. 10, p. 9, mar. 1979; e, GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 2, mai. 1979.

¹³ Cf. MACRAE, op. cit., p. 115.

¹⁴ ZANNATA, Elaine Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80. *Cadernos AEL*, Campinas, v 6, n. 5, p. 193, 1996/1997.

direitos dos homossexuais e falas que visavam acender, nas mentes daqueles que se consideravam gays e lésbicas, a consciência da necessidade destes se assumirem como tal, se unirem, organizarem e lutarem politicamente contra o preconceito, a discriminação e a opressão que sofriam, ou poderiam sofrer, por conta de suas preferências sexuais.

João Trevisan – que entre os membros do conselho editorial foi o único que fez parte ao mesmo tempo do jornal e de um grupo de militância, o SOMOS/SP – era, dentro do *Lampião*, um dos principais defensores da necessidade dos homossexuais se organizarem e lutarem por seus direitos e contra a opressão. Na edição de outubro de 1978, o autor publicou o artigo “Minorias e a política”, que, elogiava o movimento feminista da época por ter criado uma “Carta dos Direitos da Mulher” – elaborado por alguns grupos feministas organizados (jornais *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*, Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, Grupo de Mulheres da Zona Norte) e feministas independentes – ,“a fim de buscar um programa comum, quase uma frente ampla entre as e (os) feministas brasileiras (os)”¹⁵, e criticava os homossexuais pela falta de uma iniciativa semelhante e pela falta de organização política dos mesmos. Também criticava o fato de que a consciência da opressão entre os homossexuais no Brasil da época fosse algo considerado bastante incipiente, havendo uma urgente necessidade de mobilização e conscientização entre esses sujeitos. Além de Trevisan, Darcy Penteado, Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt, embora não enfatizem claramente o caminho da mobilização em grupos, também defendiam de forma contundente uma maior conscientização e mobilização política dos homossexuais em prol dos seus direitos.

No entanto, uma articulação efetiva entre o jornal e o movimento militante só veio ocorrer a partir de maio de 1979, quando o *Lampião* publicou um artigo escrito por membros do SOMOS/SP, apresentando as ideias que deram origem ao grupo, as dificuldades enfrentadas durante sua criação, as primeiras atuações públicas, além da sua organização interna, seus princípios e seus objetivos¹⁶. Assim, a partir dessa edição o jornal passou a dar grande visibilidade aos grupos militantes, publicando reportagens e entrevistas com membros de grupos e artigos por eles escritos; divulgando endereços e outras formas de contato para interessados; além de divulgar também os eventos organizados pelo movimento homossexual que se formava no período.

Além do SOMOS/SP, outros grupos ganharam visibilidade nas páginas do *Lampião*, entre eles o Libertos, o GAAG, o SOMOS/RJ, o GALF, o GGB, o Beijo Livre e a Fração Gay

¹⁵ TREVISAN, João Silvério. As minorias e a política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 6, out. 1978.

¹⁶ Cf. GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 2-3, maio 1979.

da Convergência Socialista. Além destes, outros grupos, mesmo não tendo textos publicados nas páginas do jornal, ganharam visibilidade mediante a divulgação de seus contatos ou endereços para possíveis interessados. É o caso do Terceiro Ato, Auê/RJ e o SOMOS/Sorocaba. O jornal também publicou cartas dos próprios grupos convocando homens e mulheres a se assumirem enquanto homossexuais e a ingressarem em seus quadros, além de cartas de leitores interessados em ingressar em grupos de militância.

Nessa fase de articulação com os grupos militantes, os momentos mais significativos da aliança que se estabeleceu entre o *Lampião* e o movimento homossexual organizado que se formava no período, foram as edições de setembro de 1979 – em que o jornal traz uma reportagem sobre os nascentes grupos considerados precursores do movimento: o SOMOS/SP, Libertos e o GAAG – e as edições de janeiro e maio de 1980, que trazem respectivamente dossiês sobre o primeiro Encontro de Homossexuais Militantes, realizado em 16 de dezembro de 1979 no Rio de Janeiro, e cujo idealizador e viabilizador – através do fornecimento de passagens e articulação de hospedagens para os participantes – foram os membros do *Lampião da Esquina*, e o Primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais - I EBHO, realizado entre 04 e 06 de abril de 1980, em São Paulo, juntamente com o Primeiro Encontro de Grupos Homossexuais Organizados – I EGHO.

Durante a cobertura desses eventos é visível a conexão do *Lampião da Esquina* com o movimento que se formava no país. “Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa política”¹⁷, “Na hora da festa: conosco ninguém pode”¹⁸, “Homossexuais, a nova força”¹⁹, “E tudo foi uma festa móvel”²⁰, são títulos de artigos e matérias que demonstravam o entusiasmo nas páginas do jornal com o movimento militante. Ao analisar a realização do Encontro de Homossexuais Militantes – que contou com a participação de 60 ativistas procedentes de São Paulo, Guarulhos, Sorocaba, Brasília, Belo Horizonte, Duque de Caxias e Rio de Janeiro – Francisco Bittencourt destacava, por exemplo, que o que se viu durante o evento “foi justamente a confirmação de uma nova atitude e de uma nova consciência diante da sociedade opressora.”²¹ Para o editor do *Lampião da Esquina*, o nascente movimento de homossexuais

¹⁷ SILVA, Aguinaldo. Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20 p. 8-9, jan. 1980.

¹⁸ MÍCCOLIS, Leila. Na hora da festa: conosco ninguém pode. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 9-10, jan. 1980.

¹⁹ BITTENCOURT, Francisco. Homossexuais, a nova força. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 4-5, mai. 1980.

²⁰ MOREIRA, Antonio Carlos. E tudo foi uma festa móvel. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 7-8, mai. 1980.

²¹ BITTENCOURT, Francisco. No Rio, o encontro nacional do povo guei. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 7, jan. 1980.

era uma novidade na história política da contemporaneidade, se distinguindo tanto da política da década de 1950 quanto dos movimentos dos anos 1960. Segundo Bittencourt,

Estamos muito longe, porém, daquele tipo de debate ‘sério’ que caracterizou a juventude dos anos 50, ou da visão ingênua do mundo dos jovens dos anos 60. Para quem foi temperado na repressão da década que acaba de se encerrar é inaceitável tanto o engodo da política tradicional, que tem por única meta colocar os velhos no poder, como o ‘deixa prá lá’ dos hippies. [...] Desta vez, pela primeira vez, um movimento revolucionário não está adotando os maneirismos reacionários para poder sobreviver. Ele fala sua própria linguagem, continua vivendo dentro de seus costumes e, à medida que lhe é aberto um espaço, ocupa-o com sua presença, sem se mascarar do que não é e sem negar a essência de sua natureza.²²

Além disso, o movimento homossexual, juntamente com outros movimentos de minorias, era concebido por Bittencourt como uma novidade tanto em relação às mobilizações de direita quanto às de esquerda, pois se definiria por ser essencialmente revolucionário – ao invés de reformista –, na medida em que não se constituiria numa luta pelo poder, mas uma luta contra todas as formas de poder, exigindo, assim, tanto por parte da direita quanto da esquerda, uma transformação de suas próprias essências:

[...] esse movimento é revolucionário (e não simplesmente reformista), quer mudar o esquema do poder, tem uma visão que difere totalmente tanto da direita como da esquerda, sendo portanto indigesto por qualquer lado que queiram consumi-lo. Para aceitá-los os regimes modernos, de direita ou de esquerda, terão de modificar-se na essência, acabando com tudo o que há dentro deles de reacionário e perverso. E para destruí-lo, se chegarem a esse extremo, estarão praticando genocídio, pois pela primeira vez na história têm pela frente uma revolução desarmada.²³

Ao comentar a realização do Primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais Organizados/Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (I EBHO/EGHO) – realizado em São Paulo, com a participação de cerca de 200 pessoas, e a participação de representantes de grupos de São Paulo, Rio de Janeiro, Guarulhos, Sorocaba, Brasília, Belo Horizonte, Goiânia, Vitória e Curitiba²⁴ – Francisco Bittencourt já não faz tantos elogios ao movimento homossexual, mas não deixa de expressar certo entusiasmo se referindo ao movimento como “a nova força”²⁵, destacando mais uma vez um ineditismo que o movimento representaria.

²² Id. Ibid.

²³ Id. Ibid.

²⁴ Cf. BITTENCOURT, Francisco. Homossexuais, a nova força. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 4-5, mai. 1980.

²⁵ Id. Ibid.

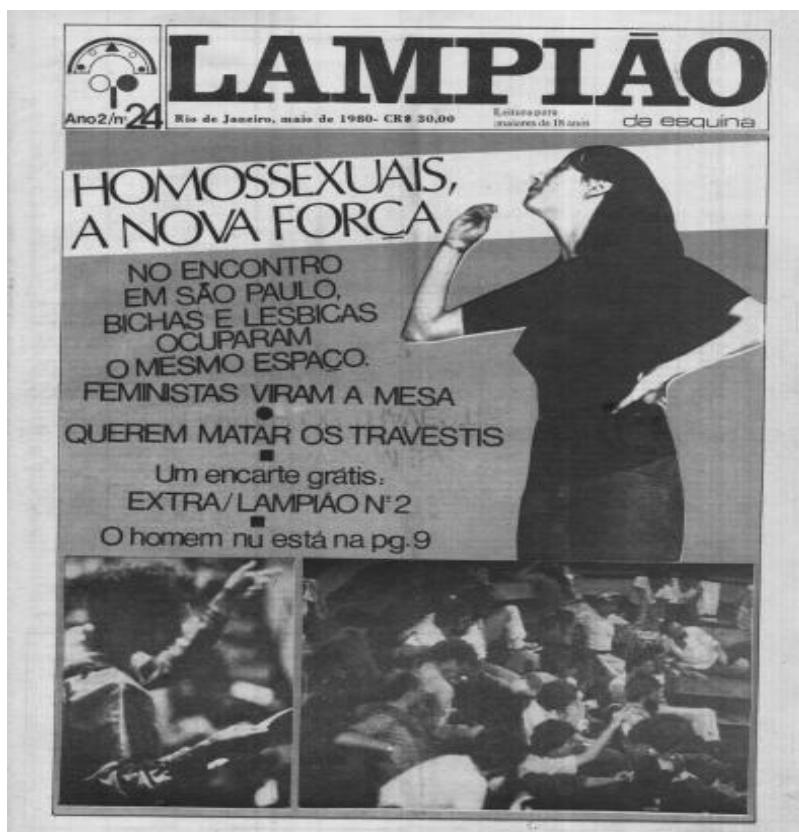


Fig.4: Capa da edição n. 24. Em destaque, o I EBHO/EGHO.

Já a posição de João Trevisan sobre o I EBHO/EGHO foi ambivalente. Por um lado, ressaltou alguns aspectos positivos revelados pelo movimento durante a realização do encontro. São eles: a espontaneidade dos participantes; a disposição de reunir no último dia do evento “bichas, lésbicas, negros, feministas e travestis” num mesmo debate, mostrando o que considerava ser um posicionamento inovador da parte da militância homossexual ao promoverem “um encontro entre os vários setores discriminados de nossa sociedade”; e um claro desejo de autonomia frente às forças políticas consideradas tradicionais.²⁶ Por outro lado, Trevisan criticou duramente certos direcionamentos que começavam a se consolidar dentro do movimento homossexual e que ficaram visíveis durante o evento. Em primeiro lugar, aponta o alto grau de disputa pelo poder durante o encontro e um consequente processo de fragmentação do movimento que se formava. Segundo Trevisan,

O I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (I EGHO), realizado nos dias anteriores, caracterizou-se por um grau de disputa de poder realmente chocante, em se tratando de um movimento tão novo. Os grupos pareciam mais capelas fechadas. As divergências, necessárias e benéficas, lamentavelmente ampliaram-se como numa caixa de ressonância, graças à

²⁶ TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 5-6, mai. 1980.

maneira tradicional de conduzi-las visando ganhar posições, pontos. [...] houve disputas e agressões entre cidades, entre regiões, entre grupos de uma mesma cidade, entre partidos políticos rivais que estavam ali representados. Cheguei a me perguntar se não estávamos num Congresso da UNE só para bichas e lésbicas.²⁷

Para Trevisan, essas tensões eram uma contradição, já que uma das principais metas do evento seria “propiciar conhecimento mútuo e solidariedade.”²⁸

Outra crítica de Trevisan residia no alto valor atribuído pelos participantes à apropriação de conceitos do vocabulário político existente, tais como “democracia”, “discriminação”, “machismo”, “autoritarismo”, “minorias”, “reacionário”, “fascista” etc., e, consequentemente das dicotomias que caracterizavam o debate político tradicional. Segundo o autor,

Bastava utilizá-los para garantir-se contra eles: acusando o autoritarismo dos outros, o acusador se colocava automaticamente fora de acusação. O que se seguia, logicamente, era a repetição da dicotomia BANDIDO X MOCINHO, que nossas cabeças reproduzem em qualquer reunião política deste país.²⁹

Para Trevisan, a preocupação dos militantes em dominar os conceitos do vocabulário político existente e o valor a eles atribuído, comprometia uma promessa de subversão e novidade que o movimento se arrogava.

Por fim, a última crítica de Trevisan residia na presença e na influência que os partidos políticos revelaram durante o evento sobre parte dos militantes. Embora condenasse tanto a presença dos partidos de direita quanto de esquerda, Trevisan dava uma ênfase central à Convergência Socialista – atual Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) –, que na época possuía um grupo de militância homossexual denominado Fração Gay da Convergência Socialista. O receio do editor do *Lampião* era que, uma vez alinhados à política partidária, os grupos de militância homossexual se tornassem meros instrumentos de manobra a serviço dos interesses partidários. Assim, para Trevisan, o nascente movimento corria o risco de apenas estar reproduzindo os padrões políticos existentes. Fato que colocava o movimento homossexual, embora jovem, num impasse crucial:

[...] ou mudamos a forma de atuação política baseada na competição partidária/doutrinária ou, no mínimo, teremos vários rachas no II Encontro, em 1981, e talvez até pancadaria. Ou seja, este movimento que ainda

²⁷ Id. Ibid., p. 5.

²⁸ Id. Ibid.

²⁹ Id. Ibid., p. 6.

engatinha tenderá a se diluir em meio à disputa de um poder que ele não tem e, certamente renega.³⁰

A posição reticente de Trevisan em face aos rumos tomados por um movimento homossexual que se formava, era na verdade resultado direto da proximidade que o mesmo possuía dos grupos. Pois, como uma das lideranças do SOMOS/SP, Trevisan conhecia de perto as disputas internas, a influência de militantes ligados a partidos políticos e supostas contradições presentes nos princípios e objetivos defendidos por muitos militantes. Trevisan foi inclusive um dos personagens centrais em divergências internas – principalmente no que diz respeito à aproximação ou não do grupo a partidos políticos – que levaram o grupo a um processo de crise e fragmentação.³¹

De todo modo, a posição de Trevisan em relação ao I EBHO/EGHO acabou se constituindo numa forma de prelúdio das relações entre o *Lampião da Esquina* e o movimento militante, em que o jornal, mesmo continuando a dar visibilidade à atuação e às vozes de grupos militantes, passou, por outro lado, a mostrar uma posição cada vez mais crítica em relação a estes, chegando a um racha definitivo.

Os títulos de muitas matérias e artigos publicados pelo *Lampião* após a edição de maio de 1980 mostravam as reservas que os editores do jornal passaram a adotar em relação à militância. Títulos, como “Bichinhas sonhando com o poder”³²; “Mais tesão, menos politicagem”³³, “Na reunião dos grupos, o reflexo da crise”³⁴, ou ainda, “O ativismo e o abismo dos nossos desejos”³⁵, revelavam que, entre o movimento militante e o *Lampião da Esquina*, a harmonia e o consenso haviam ficado para trás. Entre os editores, João Trevisan, Aguinaldo Silva, Darcy Penteado e Francisco Bittencourt, passaram a atuar como os críticos mais contundentes aos rumos tomados pelo MH. As principais críticas residiam em torno: da burocratização cada vez maior do movimento; das crescentes disputas por controle político entre membros de grupos e entre os próprios grupos; e, principalmente, da aproximação dos grupos com partidos políticos e a suposta infiltração de indivíduos a serviços desses partidos

³⁰ Id. Ibid.

³¹ Sobre o papel de Trevisan nas divergências internas dentro do SOMOS/SP, ver MACRAE, op. cit., p. 183-218.

³² Cf. PENTEADO, Darcy. Bichinhas sonhando com o poder. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 2, jul. 1980.

³³ Cf. BITTENCOURT, Francisco. Mais tesão, menos politicagem. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 27, p. 8, ago. 1980.

³⁴ NUNES, Aristides. Na reunião, os reflexos da crise. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 15, jan. 1981.

³⁵ Cf. TREVISAN, João Silvério. O ativismo e o abismo dos nossos desejos. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p.16, jan. 1981.

dentro movimento, fenômeno que, conforme Edward MacRae, era designado na época pelo termo “entrismo”³⁶.

Apesar das críticas dos membros do *Lampião* à militância, os grupos ainda continuavam a ver no jornal importante ferramenta de visibilidade e ação. Esse fato, por sua vez, despertava nos editores, principalmente em Aguinaldo Silva, a preocupação de que o *Lampião da Esquina* viesse a se tornar um instrumento a serviço dos grupos militantes. Assim, diante do crescente afluxo de matérias enviadas pelos grupos militantes, sobre suas organizações e ações, para serem publicadas no mensário, Aguinaldo Silva era enfático ao ressaltar a autonomia do jornal em relação à militância. Na edição de junho de 1980 o editor chefe do *Lampião* foi enfático na questão, afirmando que:

O LAMPIÃO não está ligado a nenhum grupo homossexual especialmente. O LAMPIÃO não tem qualquer ligação com nenhum grupo político. O LAMPIÃO está vitalmente interessado no surgimento de grupos homossexuais e, como tal, disposto a abrir espaço, em suas páginas, para todos eles. Nestes casos, no entanto, mais que o ativismo, o jornal se preocupa com o interesse jornalístico do material enviado por estes grupos. O LAMPIÃO é, acima de tudo, um jornal de minorias e não um boletim de ativismo homossexual.³⁷

Apesar do posicionamento de Aguinaldo Silva, o *Lampião da Esquina* não deixou de dar espaço ao movimento militante publicando artigos e matérias produzidas pelos grupos ou divulgando nomes, contatos e o surgimento dos grupos, seja através da seção “Escolha seu grupo” – criada a partir de janeiro de 1980, com o objetivo de divulgar nomes e contatos de grupos militantes –, seja por meio da publicação de cartas enviadas pelos grupos, divulgando suas atividades e convocando interessados a ingressarem em seus quadros.

Paradoxalmente, os editores do jornal não poupavam críticas à militância. Como consequência, não tardou o surgimento de um mal-estar entre o jornal e o movimento, especialmente a Fração Gay da Convergência Socialista e alguns grupos militantes do Rio de Janeiro – SOMOS/RJ, Auê/RJ e Bando de Cá. Os três últimos chegaram a encabeçar uma Carta Aberta ao *Lampião* – assinado pelos três grupos citados e mais os grupos GOLS/ABC, o Grupo Gay da Bahia e o Grupo Ação Lésbica-Feminista – onde criticavam os posicionamentos do jornal em relação aos grupos militantes, alegando o fato de serem eles e seus membros os principais divulgadores e distribuidores do mesmo; Além disso, cobravam

³⁶ MACRAE, op. cit., p. 165.

³⁷ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, p. 9, jun. 1980.

uma postura mais militante do jornal.³⁸ Por seu turno, Aguinaldo Silva ressaltava o papel ativista do jornal e o pioneirismo dos seus criadores ao publicarem um jornal voltado à causa homossexual no Brasil:

[...] O *Lampião* – não esqueçam jamais, queridinhas – foi o primeiro grupo de ativistas homossexuais surgidos no Brasil; foi o primeiro a se propor uma tarefa concreta – a publicação de um jornal específico – e a cumpri-la integralmente. Assim, nós não vamos, em nenhum momento, renunciar nossa condição de ativistas.³⁹

O mal-estar entre o jornal e os grupos do Rio de Janeiro, não se resumiu a esse episódio. Meses depois, os grupos do Rio, incumbidos de organizar um Segundo Encontro Nacional dos Grupos Organizados, previsto para abril de 1981, na própria cidade do Rio de Janeiro, chegaram a pedir o afastamento dos representantes do jornal – Aristides Nunes e Alceste Pinheiro – da comissão de organização do evento⁴⁰, contribuindo ainda mais para o desafinamento entre o jornal e os movimentos militância.

As tensões entre o *Lampião da Esquina* e os grupos militantes, por seu turno, dividiam os leitores do jornal, cujas opiniões não eram unânimes quanto a um dos lados. Por um lado, havia leitores como Alfredo Rangel, do Rio de Janeiro, que elogiava a busca de autonomia do jornal afirmando que “[...] Não deve o jornal ser meramente um porta-voz dos grupos constituídos nem, muito menos, assumir uma opção político-partidária, o que só serviria para estreitar seus horizontes de discussão, e, conseqüentemente, reduzir sensivelmente o número de leitores e ou colaboradores.”⁴¹ De outro lado, haviam aqueles, em sua maioria ligados a grupos militantes, que criticavam o modo como o jornal passou a se posicionar em relação a militância. É o caso de Walmir de Sousa Lima, também do Rio de Janeiro, que afirma que “Embora desconheça o trabalho que os grupos organizados realizam, não concordo com as piadinhas que vocês fazem dos mesmos, especialmente o Somos.”⁴²

A últimas referências à militância homossexual nas páginas do *Lampião da Esquina* ocorreu na edição de março de 1981, com a publicação de uma reportagem sobre uma ação social realizada em Salvador pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)⁴³, e um artigo de Aristides

³⁸ Cf. SILVA, Aguinaldo. *Lampiônicos: ativistas, astronautas*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 31, p. 12, dez. 1980.

³⁹ Id. *Ibid.*, p.12.

⁴⁰ NUNES, Aristides. Na reunião, os reflexos da crise. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 15, jan. 1981.

⁴¹ PEQUENO burguês. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 2, jan. 1981.

⁴² SOVERTERIA. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 2, fev. 1981.

⁴³ Cf. SILVA, Aguinaldo. Bahia: os ativistas vão a luta. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 34, p. 3, mar. 1981.

Nunes, intitulado “Novela: por que o II EGHO dançou?”, onde o autor destacava as divergências entre os grupos organizados resultando na decisão de não realização de um II EGHO, que estava previsto para abril daquele ano, e a consequente fragmentação da militância homossexual do período⁴⁴. Após a edição de março de 1981, o *Lampião* seguiu até o encerramento de suas atividades, em julho do mesmo ano, sem fazer qualquer referência, da parte de seus editores e colaboradores, ao ativismo homossexual brasileiro. Da solidariedade antes existente entre os mesmos nos primeiros dois anos de existência do jornal, o que pareceu restar foi profundo ressentimento de ambas as partes. Assim, sendo tanto o *Lampião* quanto os grupos militantes expoentes de uma identidade coletiva ou uma minoria – os homossexuais –, a ruptura que se estabeleceu entre ambos, nos mostra como o processo de construção de identidades coletivas ou das minorias, e a história de seus sujeitos, está, conforme Koubi, profundamente atravessado pelo ressentimento.⁴⁵

Por sua vez, o desligamento do *Lampião da Esquina* com o movimento militante acabou trazendo consequências para ambas as partes. De um lado, o “racha”, conforme citou Cláudio Roberto da Silva, fez com que muitos leitores ligados e/ou simpatizantes do ativismo homossexual perdessem o interesse pelo jornal, contribuindo para a perda de parte do seu público alvo e consequentemente para o encerramento de suas atividades.⁴⁶

Por outro lado, o fim do *Lampião* acabou tendo efeito direto na desarticulação do movimento militante que se formava naquele período. Segundo Regina Fachinni, o fim do jornal “deixou os grupos órfãos do meio de comunicação por meio do qual faziam circular suas ideias e divulgar suas atividades por todo o país, dentro e fora do movimento.”⁴⁷ Os depoimentos colhidos por Cláudio Roberto da Silva, em sua dissertação com ex-militantes do movimento homossexual no Brasil, também são unânimes ao ressaltarem o efeito negativo do fim do *Lampião da Esquina* para o movimento naquele momento⁴⁸. Quanto a este aspecto, a fala de Alexandre Rimbond, ex-integrante do Beijo Livre/DF e colaborador do jornal entre as edições de agosto/setembro de 1978 e de julho de 1981, é emblemática:

⁴⁴ NUNES, Aristides. Novela: por que o II EGHO dançou? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 34, p. 4, mar. 1981

⁴⁵ KOUBI, Geneviève. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. 2ª ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 536.

⁴⁶ Sobre esse ponto ver os depoimentos de James Green e Aristides Nunes a Cláudio Roberto da Silva In: *Reinventando o sonho*: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. Dissertação. Mestrado em História Social. São Paulo: USP, 2008, p. 114-115.

⁴⁷ FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas?* Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 103.

⁴⁸ SILVA, op. cit., p. 144-146.

Quando o *Lampião* deixa de existir, ele deixa muita gente órfã. Todo mundo ficou órfão porque acabou tudo! Todo mundo se recolheu, os grupos deixaram de existir. Não se passou mais a discutir homossexualidade. [...] Quando o *Lampião* deixa de existir, os grupos deixaram de existir e os que existiam, nós não tínhamos como saber deles!!! Desta forma, era como se eles não existissem. Eles não tinham efeito, não tinham importância. Nesse sentido, o Brasil ficou órfão quando o *Lampião* acabou!!!⁴⁹

Podemos dizer, portanto, que a articulação com o ativismo homossexual foi para o *Lampião da Esquina* um projeto foi marcado por contradições, pois, se por um lado o jornal surgiu como parte do ativismo que se desencadeou no final dos anos 1970 nos grandes centros urbanos brasileiros, esse mesmo ativismo constituiu-lhe um fator de conflitos com os quais teve que enfrentar e de consequentes desgastes. Mas, tão problemático e complexo quanto à relação com a militância homossexual, foi outra meta considerada fundamental pelos integrantes do *Lampião*: a articulação com outros movimentos sociais principalmente as outras minorias. É o tema do nosso próximo tópico.

3.2. Saindo do “gueto”.

Conforme assinalamos em nosso primeiro capítulo, no projeto político construído pelos editores do *Lampião da Esquina*, a defesa e a afirmação da homossexualidade deveriam passar pela articulação dos homossexuais, enquanto segmento e força política, com outros segmentos discriminados e oprimidos da sociedade da época, assim como a sua luta deveria se articular a outros movimentos sociais. Como os próprios editores afirmavam, era preciso “dizer não ao gueto e em consequência, sair dele”⁵⁰. Ou seja, romper com uma suposta condição de isolamento social e política vivida pelos homossexuais.

Entre os editores do jornal, João Trevisan era um dos mais contundentes defensores da articulação da luta dos homossexuais com os outros movimentos sociais e político. Para Trevisan, a questão (opressão e discriminação) homossexual não podia ser resolvida de forma isolada, uma vez que esta não estaria isolada de um contexto social e político de opressão mais amplo. Por isso defendia que o *Lampião* deveria “ir de encontro a todos os setores marginalizados que, oportunisticamente ou não, foram atirados à lata de lixo da História.”⁵¹ Mariza Corrêa, na época colaboradora do jornal, em uma artigo publicado na edição de maio/junho de 1978, intitulado “Nossas gaiolas comuns”, também era enfática ao defender a

⁴⁹ apud SILVA, C. R. da, op. cit., p. 146.

⁵⁰ SAINDO do gueto. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 2, abr. 1978.

⁵¹ TREVISAN, João Silvério. Um novo produto na praça. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 5, jun./jul. 1978.

articulação entre os vários grupos discriminados numa mesma luta⁵². Para a autora, a busca por uma identidade própria para cada categoria social não deveria implicar no isolamento das mesmas entre si, mas sim se constituir numa reflexão prévia a qualquer discussão mais geral. Na sua visão, essa seria a única forma possível para que os diferentes grupos sociais pudessem “reconhecer claramente seus objetivos e interesses e que papel eles podem desempenhar, ou desempenham, na luta mais ampla pela desigualdade social.”⁵³ Ao se referir a necessidade de articulação entre mulheres, os homossexuais e a classe operária, a autora advertia que

Uma metalúrgica que luta pelos seus direitos salariais no sindicato, mas aceita as imposições ditadas pela moral sexual dominante nas relações com seu companheiro, ou um bancário **que se engaja** no movimento de liberação dos homossexuais, mas ignora a luta pelos direitos sindicais, estão alheios, um quanto o outro, da luta mais ampla.⁵⁴

Embora a colaboradora do *Lampião* não deixe explícito o que seria de fato essa “luta ampla”, seu comentário serve, no entanto, de exemplo do como era compartilhada, entre os integrantes do jornal, a opinião de que deveria existir uma articulação, ou melhor, uma coalizão entre os grupos oprimidos da sociedade.

No que diz respeito à causa homossexual, para os editores e colaboradores do *Lampião*, a articulação desta com outras demandas políticas deveria voltar-se essencialmente para uma coalizão com os outros movimentos de minorias – negros, mulheres, indígenas e loucos – além de outros movimentos sociais emergentes, como o movimento ambientalista e o movimento de defesa dos direitos dos presos comuns. Por sua vez, esse objetivo se justificava pelo de fato de serem estes movimentos, juntamente com a luta dos homossexuais, demandas políticas vistas como não prioritárias ou secundárias pelos segmentos de esquerdas da época, que priorizavam o combate à ditadura e às desigualdades de classes.

Outro aspecto importante é que, desde o início de sua trajetória, o *Lampião da Esquina* traz chamadas evocando a colaboração de representantes de outros movimentos sociais, pois, um dos princípios defendidos dentro do jornal era que as questões ligadas a um determinado movimento social devessem ser conduzidas pelos próprios sujeitos que o representava, evitando assim que se produzisse uma visão considerada estigmatizada dos problemas específicos ligados a cada segmento. Assim, os negros deveria falar sobre o racismo; as

⁵² CORREA, Mariza. Nossas gaiolas comuns. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 2, mai./jun. 1978.

⁵³ Id. Ibid., p. 2.

⁵⁴ Id. Ibid. Negrito da autora.

mulheres sobre a situação da mulher; as lésbicas sobre homossexualismo feminino etc. Conforme veremos adiante, isso acabou, de certo modo, dificultando a consolidação do projeto de fazer do jornal um espaço de questionamento de outras questões sociais e políticas que não fossem aquelas estritamente ligadas à homossexualidade.

Embora desde o lançamento do jornal, em abril de 1978, os editores do *Lampião* enfatizem uma articulação com outros movimentos e problemas sociais, as primeiras articulações só passaram a ocorrer de forma mais visível a partir da edição de dezembro de 1978. É quando o jornal passa a contar com a colaboração do então ativista e um dos percussores do movimento ambientalista brasileiro e presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), José Lutzemberger, que passou a colaborar com o jornal por meio de artigos voltados a questões envolvendo a degradação do meio ambiente e sua relação com o desenvolvimento econômico nas sociedades contemporâneas⁵⁵. Além das colaborações de Lutzemberger, os editores do jornal também chegaram a publicar artigos sobre a questão ambiental, como por exemplo, os artigos “Não tem sabiá que aguente”, de Darcy Penteado⁵⁶, e “Tem piranha na Amazônia”, de João Silvério Trevisan.⁵⁷ Importante notar que as publicações no *Lampião da Esquina* sobre a questão ambiental também eram reflexo da importância que o tema passou a ganhar, a partir da década de 1970, no debate social e político contemporâneo. Um dos momentos marcantes nessa década quanto à questão foi, conforme assinala Laura Romeu Behrends, a realização em 1972 da Conferência de Estocolmo, promovida pela ONU, com o objetivo de criar novas políticas de gerenciamento ambiental.⁵⁸ Segundo a autora, “Estocolmo foi o marco das mudanças em todo o mundo, estimulando a criação de novos sistemas ecológicos e atitudes preventivas.”⁵⁹ Também é nessa década que a autora situa o início do movimento ecológico no Brasil, com a atuação de lideranças ativistas, como José Lutzemberger, e com a criação de entidades voltadas a proteção do meio ambiente, como a própria Agapan.⁶⁰

⁵⁵ Cf. LUTZEMBERGER, José. A demolição da ecosfera. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n.7, p. 11, dez. 1978; LUTZEMBERGER, José. Bacanal do esbanjamento. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 10, jan. 1979; LUTZEMBERGER, José. Reconquista do futuro. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 10, fev. 1979.

⁵⁶ PENTEADO, Darcy. Não tem sabiá que aguente. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 6, jul./ago. 1978.

⁵⁷ TREVISAN, João Silvério. Tem piranha na Amazônia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 2, fev. 1979.

⁵⁸ BEHREND, Laura Romeu. O movimento ambientalista como fonte material do direito ambiental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 20.

⁵⁹ Ibid., p. 20

⁶⁰ Ibid., p. 19-22.

Apesar dos exemplos citados, em que podemos observar uma visibilidade da questão ambiental nas páginas do *Lampião*, essa mesma visibilidade passou a se tornar tema raro após a edição de fevereiro de 1979, voltando a ser citada somente em um artigo de Darcy Penteado publicado na edição de agosto de 1980, onde o autor critica o autoritarismo do governo federal ao assinar um decreto de desapropriação de terras para a construção de duas usinas nucleares em uma área no Estado de São Paulo considerada reserva ecológica.⁶¹

Além da questão do meio ambiente, outros temas sociais e/ou políticos não necessariamente ligados à homossexualidade foram abordados nas páginas do *Lampião da Esquina*, tais como a opressão dos presos comuns⁶²; a criminalização da maconha e a discriminação de seus usuários⁶³; o tratamento dado aos considerados loucos nos centros de internação psiquiátrica⁶⁴; o processo de anistia⁶⁵; os atentados às bancas de revistas⁶⁶, além de outros.

No entanto, foi a construção de uma coalizão com as minorias, especialmente os negros e as mulheres, o que mais marcou o projeto de articulação do jornal com outros problemas sociais e políticos da época.

3.2.1. O *Lampião* e as minorias

A década de 1970 no Brasil ficou marcada, entre outros fatos, pela atuação dos chamados movimentos das minorias, destacando-se o movimento negro, o movimento feminista, o movimento homossexual e o movimento indigenista. Conforme assinala Maria Paula Nascimento Araújo, durante a década de 1970, a derrota da luta armada propiciou a construção de um novo campo de atuação política no Brasil.⁶⁷ Para a historiadora, esse novo campo “buscava romper os limites da clandestinidade e tornar visível a oposição à ditadura.

⁶¹ PENTEADO, Darcy. Quem liga para o meio ambiente? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 27, p. 2, ago. 1980.

⁶² TREVISAN, João Silvério. “Que tu tenhas teu corpo” (Hábeas-Corpus). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 17, p. 5, out. 1979; e MELO, Marcelo Mario de. Itamaracá: na cela dos castigos, o lamento dos presos comuns. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 9, fev. 1980.

⁶³ RODRIGUES, João Carlos. Altos sonhos xará. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 23, p. 3, jul. 1980; e Fuminho na Puc. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 8, jul. 1980; RIMBONDI, Alexandre. Pega pra capar em Brasília. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 29, p. 5, out. 1980.

⁶⁴ RECORDAÇÕES da Casa dos Mortos. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 11, jan. 1981.

⁶⁵ CARVALHO, Hebert Daniel de Carvalho. O que é isso companheiros? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, p. 10, n. 22, mar. 1980.

⁶⁶ SILVA, Aguinaldo. Quem salvará nossas crianças? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano. III, n. 29, p. 3, out. 1980

⁶⁷ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 159.

Dessa forma, valorizava a luta política legal e a participação em espaços públicos e abertos.”⁶⁸ Além desse aspecto, esse novo campo político envolveu novos atores políticos e sociais e uma nova articulação dos partidos e das organizações de esquerda. Entre os atores destacado por Araújo, estão justamente as campanhas em defesa de minorias: como o movimento feminista, o movimento negro, as campanhas em defesa dos índios e o movimento de homossexuais.⁶⁹ estes seriam movimentos que se caracterizaram, conforme a autora, por enfatizarem a diferença e a pontualidade e por fazerem parte de “uma militância marcada pela noção de dissidência, de heterodoxia e pelo signo do alternativo.”⁷⁰

Um aspecto importante a citar é que, os movimentos ligados às minorias geravam um polêmico debate com os segmentos mais ortodoxos ou tradicionais da esquerda, que viam as reivindicações desses movimentos – a discriminação étnica, a discriminação racial, as desigualdades de gênero ou entre os sexos, e a discriminação sexual – como problemas secundários.⁷¹ Dentro da cultura política hegemônica entre os segmentos de esquerda, como organizações partidárias, sindicatos e entidades estudantis, prevalecia a concepção de que as contestações do sistema capitalista e do estado autoritário constituíam a chamada “luta maior”, enquanto as demandas voltadas a problemas como sexualidade, gênero, raça e cor, etnia etc., eram definidas pejorativamente como “luta menores”, tanto no sentido de se constituírem em problemas secundários da sociedade, como no sentido de que se referiam “a melhoria das condições de existência de segmentos específicos da sociedade, mais do que às da população como um todo.”⁷²

Conforme Lucy Dias, o argumento que prevalecia entre sujeitos ligados às várias correntes políticas de esquerda era “primeiro a anistia, liberdades democráticas, eleições diretas etc.; depois, a discussão dos problemas específicos das mulheres, dos negros, dos homossexuais.”⁷³ Raquel Soihet, por sua vez, destaca em sua pesquisa sobre a construção do feminismo no Brasil na década de 1970 – tendo por base os depoimentos de militantes – como a construção de um movimento voltado às questões ligadas às mulheres no país, enfrentou grandes dificuldades para ser reconhecido como uma forma de contestação política fundamental⁷⁴. O depoimento de Lígia Maria Coelho Rodrigues, uma das militantes

⁶⁸ Ibid., p. 159.

⁶⁹ Ibid., p. 160

⁷⁰ Ibid., p. 17.

⁷¹ MACRAE, op. cit., p. 25

⁷² Ibid., p. 25.

⁷³ DIAS, Lucy. *Anos 70: Enquanto corria a barca*. São Paulo: Editora Senac, 2003, pp. 201-202.

⁷⁴ SOIHET, Raquel. *Feminismo e cultura política: uma questão no Rio de Janeiro dos anos 1970-80*. ABREU, M.; SOIHET, R.; GONTIJO, R.(orgs). *Culturas políticas e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p. 411-436

feministas no Brasil dos anos 1970 entrevistada e citada por Soihet, elucida bem a questão ao que relatar que, ela mesma – que vinha da militância política de esquerda – durante muito tempo considerava que “[...] essa história de feminismo é uma bobagem, o problema é a luta de classes. O grande problema da sociedade é a opressão capitalista. É a divisão entre o capital e o trabalho. A revolução que tem que ser feita é a revolução dos trabalhadores.”⁷⁵

Para os integrantes do *Lampião da Esquina*, os movimentos das minorias eram de fundamental importância. Quanto à questão, Trevisan era novamente um dos mais engajados. O editor do *Lampião* era enfático ao reforçar a importância das minorias, destacando principalmente, o caráter inovador e transgressor dos movimentos minoritários. Segundo o mesmo: “[...] nós, dos chamados movimentos minoritários temos não apenas a condição de transformar a sociedade como podemos realizar essa transformação através de formas políticas alternativas e transgressoras, por nós inauguradas.”⁷⁶ Para Trevisan o caráter contestador dos movimentos minoritários era colocado de modo evidente. Em contrapartida, classificava toda posição contrária como uma aposta política equivocada. Assim afirmava: “Ou se aceita o potencial contestador dos grupos discriminados ou historicamente este país estará vivendo mais um equívoco.”⁷⁷ Podemos vê pela citação como os editores do jornal acabavam vendo nos movimentos das minorias a possibilidade de uma inovação das formas de manifestação política em relação às formas consideradas tradicionais. Desse modo, vejamos como se deu a relação do jornal com os chamados movimentos minoritários.

3.2.1.1. Indígenas

Entre as questões ligadas às minorias, a dos indígenas foi a que teve uma visibilidade menor nas páginas do *Lampião da Esquina*. Como os outros movimentos das minorias no Brasil, um movimento organizado em defesa dos direitos dos indígenas se formou em meados da década de 1970. Segundo Olendina de Carvalho Cavalcante, um dos marcos fundadores desse movimento foi a realização da Primeira Assembléia Indigenista Nacional, no Estado do Mato Grosso, quando “as principais lideranças indígenas no país se reuniram para discutir os seus problemas e traçar estratégias políticas objetivando a garantia dos seus direitos bem

⁷⁵ apud SOIHET, op. cit., p. 415.

⁷⁶ TREVISAN, João Silvério. Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, p. 9, jun. 1980.

⁷⁷ TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das “minorias”? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 10, mar. 1979.

como lutar por novos.”⁷⁸ Porém, semelhantemente ao tema do meio ambiente, a questão dos povos indígenas não chegou a ser uma temática recorrente nas páginas do *Lampião*. A referência mais marcante sobre a questão é a edição de janeiro de 1979, quando o jornal publicou um dossiê composto por cinco artigos que abordam questões como o direito de cidadania indígena e a manipulação dos povos indígenas com fins políticos⁷⁹; a luta do índio pelo direito a terra⁸⁰; a existência de práticas homossexuais entre indígenas⁸¹; e as relações afetivas entre os mesmos.⁸²

Se a temática indígena não recebeu uma grande visibilidade nas páginas do *Lampião*, o mesmo não pode ser dito da discriminação racial e do movimento negro e das questões ligadas às mulheres e do feminismo, cujas visibilidades acabaram se constituindo nas principais iniciativas dos editores do jornal, no sentido de fazê-lo ir além do gueto, articulando-se com outras temáticas da época não estritamente ligadas à questão homossexual. Vejamos, portanto, como se processou a articulação do *Lampião da Esquina* com cada uma dessas demandas e movimentos.

3.2.1.2. Movimento negro e a questão racial

O movimento social, político e cultural que emergiu no Brasil do final da década de 1970 tendo como questão central a discriminação racial, ficou conhecido como Movimento Negro Contemporâneo – assim definido para distingui-lo de fases anteriores de um movimento negro no Brasil ao longo da história. Desse modo, podemos afirmar que ao contrário do movimento homossexual, o movimento negro no Brasil não é uma novidade elaborada no afloramento das manifestações sociais durante o chamado período de distensão da ditadura civil/militar brasileira. No entanto, conforme aponta Amílcar Araújo Pereira⁸³, embora haja registros de uma série de diferentes organizações do movimento negro brasileiro

⁷⁸ CAVALCANTE, Olendina de Carvalho. Movimento Indígena: notas para uma discussão. *Textos & debates*, v. 96, n.2, p. 20, 1996.

⁷⁹ SCHERPENBERG, Katie van. “Terra papagalorum”. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p.5, jan. 1979.

⁸⁰ SANTOS, Silvio Coelho de. Nas raízes da tragédia. *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 5-6.

⁸¹ TREVISNA, João Silvério. Nas terras peruanas. *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 6.; e MOTT, Luiz. Notícias do amor-mentira. *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 7.

⁸² RIEBEIRO, Darcy. Repressão: essa ninguém transa. *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 7.

⁸³ PEREIRA, Amílcar A. “O mundo negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

desde o final do século XIX, “podemos afirmar a existência de um ‘movimento negro contemporâneo’ surgido no Brasil nos anos 1970 com algumas especificidades.”⁸⁴

Tomando por base o trabalho de outros pesquisadores do tema⁸⁵, Amílcar Pereira distingue três momentos específicos da história do movimento negro no Brasil:

[...] a primeira, do início do século até o Golpe do Estado Novo, em 1937; a segunda, do período que vai do processo de redemocratização, em meados dos anos 1940, até o Golpe militar de 1964; e a terceira, o movimento negro contemporâneo, que surge na década de 1970 e ganha impulso após o início do processo de abertura política em 1974.⁸⁶

Referindo-se ao momento que engloba o chamado Movimento Negro Contemporâneo, iniciado em meados dos anos 1970, Pereira considera alguns traços que podem ser considerados específicos desta fase, tais como: a oposição ao chamado “mito da democracia racial” e a construção de identidades políticas-culturais negras, características que “foram o fundamento a partir do qual se articularam as primeiras organizações”; a reivindicação pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”; a demanda por uma nova sociedade, distinguindo-se das fases anteriores que visavam muito mais uma integração do negro na sociedade tal como ela se apresentava; uma aproximação com qualquer luta reivindicativa dos setores populares da sociedade brasileira e principalmente com os grupos de esquerdas que se opunham ao regime vigente – aproximação essa que teve como um de seus corolários a possibilidade de articular categorias de raça e de classe e, conseqüentemente, racismo e capitalismo –; por fim, a circulação de referenciais pelo “Atlântico negro” – tese formulada por Paul Gilroy⁸⁷ – que teve, segundo o autor, papel fundamental na constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil.⁸⁸

Articular a opressão do homossexual com a discriminação racial existente no Brasil, se constituiu em uma significativa preocupação dos editores do *Lampião da Esquina*. Porém, da criação do jornal, em abril de 1978, a julho de 1979, o que se vê são raros momentos em que o jornal aborda temas como a discriminação racial ou o movimento negro. Nesse intervalo

⁸⁴ Ibid., p. 97.

⁸⁵ Um deles é o artigo de Petrônio Domingues, intitulado “Movimento negro brasileiro: alguns aspectos históricos” (*Tempo*, v. 23, p.100-122, 2007). O outro é o livro de Amauri Mendes Pereira, intitulado *Trajatória e perspectiva do movimento negro brasileiro* (Belo Horizonte: Nandyala, 2008).

⁸⁶ PEREIRA, op. cit., p. 89.

⁸⁷ Cf. GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Ásiáticos, 2002.

⁸⁸ Sobre uma descrição mais detalhada das especificidades do movimento negro contemporâneo no Brasil, vê PEREIRA, op. cit., pp. 97-105. Sobre o tema vê também: DOMINGUES, Petrônio. *Movimento negro brasileiro: alguns aspectos históricos*. *Tempo*, v. 23, p.111-119, 2007

podemos destacar apenas alguns momentos significativos. Uma reportagem intitulada “A praça é dos negros”, publicada na edição de agosto/setembro de 1978⁸⁹, cujo tema é um protesto, encabeçado por entidades do movimento negro contra a discriminação racial, ocorrido em 07 de julho de 1978 nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo e que, segundo Amilcar Pereira, se constitui no marco fundador do Movimento Negro Unificado (o MNU) no Brasil.⁹⁰ A reportagem também traz uma entrevista com o então presidente na época do Instituto Brasileiro de Estudos Africanos (IBEA), Clóvis Moura⁹¹.

Outro momento significativo foi o artigo de Jorge Schwartz, “E se Gilberto Freyre fosse negro?”, publicado em junho de 1979⁹², onde o autor ridiculariza a tese amparada em Gilberto Freyre, defendida em meios acadêmicos da época, segundo a qual o Brasil seria caracterizado, do ponto de vista das relações raciais e de cor, como uma democracia racial. Para reforçar seu ponto-de-vista contra a tese freyriana, o autor cita um caso de discriminação sofrida por homossexuais negros em uma boate de classe média de São Paulo. É importante notar que, o episódio citado no artigo de Schwartz nos remete a um aspecto relevante do processo de redefinição da identidade homossexual nas páginas do jornal e que diz respeito à consciência de seus autores acerca da existência das relações entre raça e sexualidade na construção das identidades sexuais. Posição essa que, tem sido um dos pontos fundamentais da crítica contemporânea ao problema das identidades sexuais⁹³.

Além dos artigos apontados, outro momento significativo é um artigo de Aguinaldo Silva, publicado em julho de 1979, onde o autor, ao fazer uma reflexão sobre a carência no país de uma imprensa militante capaz de mobilizar a grande massa da população negra, convida importantes entidades que faziam parte do movimento negro a colaborarem com o *Lampião da Esquina*, enviando textos para serem publicados nas páginas do mesmo: “Alô, Quilombo! Atenção, Instituto de Pesquisas de Cultura Negra, Instituto Brasileiro de Estudos

⁸⁹ Cf. TREVISAN, João Silvério; SILVA, Aguinaldo. A praça é dos negros. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 6, ago./set. 1978.

⁹⁰ Cf. PEREIRA, op. cit., p. 64.

⁹¹ Clóvis Moura foi militante do PCB, publicou diversos trabalhos sobre o negro na sociedade brasileira e a questão racial no país e foi uma dos principais nomes do movimento negro contemporâneo. Publicou entre outros trabalhos: *Rebeliões da Senzala* (1959), *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha* (1964) e *Brasil: raízes do protesto negro* (1983).

⁹² SCHWARTZ, Jorge. E se Gilberto Freyre fosse negro? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 13, p. 2, jun. 1979.

⁹³ Para citarmos dois significativos exemplos da crítica contemporânea no campo da sexualidade que fazem referencia a importância de considerarmos existência de relações entre sexualidade e raça: WEEKS, Jeffrey. *Corpo e Sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 35-82; e BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Africanos, Centro de Estudos-Asiáticos, Movimento Negro Unificado – Estamos aí! Que não se encolham por falta de convite. Sem chauvismo.”⁹⁴

Ligado ou não a este fato, foi na edição seguinte, de agosto de 1979, que a questão racial e o movimento negro foram trabalhados pela primeira vez como temática central em uma edição do jornal. Nessa edição, podemos destacar uma entrevista entre os integrantes do *Lampião* e o escritor e ativista Abdias do Nascimento⁹⁵, considerado historicamente uma das principais referências do movimento negro contemporâneo no Brasil.⁹⁶ Além da entrevista com Abdias do Nascimento, a edição traz também uma série de cinco artigos voltados à questão racial e ao movimento negro⁹⁷.

No entanto, apesar de Aguinaldo Silva relatar durante a entrevista com Abdias do Nascimento que após a publicação do artigo da edição anterior – em que ele convoca os representantes do movimento negro a participarem do *Lampião* – o conselho editorial do jornal foi procurado por algumas pessoas ligadas ao IPCN, a almejada integração efetiva entre *Lampião da Esquina* e ativistas do movimento negro nunca veio a ocorrer conforme as expectativas.

Em edições posteriores, é possível identificar nas páginas do jornal, reportagens e artigos voltados às questões da discriminação racial e do movimento negro, porém, isso ocorreu de forma assistemática. Momentos significativos são as edições de fevereiro⁹⁸ e setembro de 1980⁹⁹. Também se destacam charges, publicadas de forma esparsas em várias edições, fazendo referência a causa negra no Brasil, como por exemplo, a charge a seguir, publicada na edição de setembro de 1980, denunciando a existência do racismo na sociedade brasileira:

⁹⁴ SILVA, Aguinaldo. E o negro é “beautiful”? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 8, jul. 1979.

⁹⁵ QUAL É o lugar dos negros no Brasil? Abdias do Nascimento responde. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, p. 10-12, ago. 1979.

⁹⁶ Segundo Amílcar Pereira, a importância de Abdias do Nascimento para a memória do movimento negro no Brasil, vai além da chamada fase contemporânea do movimento iniciada no final da década de 1970. Para Pereira, “a trajetória política de Abdias do Nascimento, sempre relacionada à questão racial no Brasil, pode ser vista, ela própria, como um elemento de continuidade no movimento negro que se constitui nos diferentes períodos do Brasil Republicano.” Ver.: PEREIRA, op. cit., p. 89.

⁹⁷ Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, p. 13-14, ago. 1979.

⁹⁸ Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 10-11, fev. 1980.

⁹⁹ Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 28, p. 5, set. 1980.



Fig. 5: A denúncia de racismo em charge publicada no *Lampião da Esquina*.¹⁰⁰

Quanto à participação de militantes ligados às entidades que faziam parte do movimento negro, existem referências nas edições de fevereiro de 1980, quando o jornal publica as opiniões de diversos sujeitos ligados a movimentos sociais acerca de uma proposta do governo de instituir na época uma Lei de Prisão Cautelar, que estabelecia que uma pessoa, mediante uma simples suspeita, pudesse ser presa por qualquer autoridade policial que teria o direito de mantê-la presa até um prazo de dez dias.¹⁰¹ Entre as vozes de contrárias à proposta, estão uma nota de protesto do Movimento Negro Unificado¹⁰² e outra de um representante do Instituto de Pesquisa de Cultura Negra (IPCN).¹⁰³ Já a edição de junho de 1980, traz um artigo de uma integrante do MNU, sobre a realização de um ato público encabeçado pela entidade em São Paulo, durante o Dia Nacional da Denúncia contra o racismo, realizado no dia 13 de maio daquele ano.¹⁰⁴

Fora as duas edições citadas, não se vê, portanto, uma participação de ativistas do movimento negro no *Lampião*. Também não se observa, após a edição de setembro de 1980, nenhuma referência à questão racial e ao movimento negro nas páginas do jornal. Quanto a esse fato, acreditamos não ser um equívoco considerar que o princípio defendido no jornal segundo o qual os problemas de cada grupo social deveriam ser conduzidos pelos seus próprios representantes, acabou se constituindo em significativo problema e um paradoxo

¹⁰⁰ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 5, fev. 1980.

¹⁰¹ SILVA, Aguinaldo. Mas o que é mesmo essa nova história de prisão cautelar? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 13, jan. 1980.

¹⁰² MNU. Fala o Movimento Negro Unificado. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 10, fev. 1980.

¹⁰³ CANDIDO, Jorge. Fala o pessoal do IPCN. *Lampião da Esquina*, op. cit., p.10.

¹⁰⁴ Cf. OLIVEIRA, Lenny de. E o treze de maio? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, p. 15, jun. 1980.

vivido pelo jornal e seus editores. Isso porque, conforme pudemos observar tanto na pesquisa de Amilcar Pereira sobre militância negra, quanto no livro de Edward MacRae sobre militância homossexual, havia no movimento negro, se não um receio, pelo menos um desinteresse por questões ligadas à sexualidade.

Entre os depoimentos colhidos por Amilcar Pereira com sujeitos ligados à construção do movimento negro contemporâneo na década de 1970, o de Lúcia Xavier – que foi integrante do IPCN na década de 1980 e na de noventa participou da criação de uma entidade ligada ao movimento das mulheres negras – é bastante pertinente, ao afirmar que temas como a homossexualidade acabaram descartados no movimento negro durante grande parte de sua existência. Segundo ela,

[...] nessa convivência com o movimento negro, ser homossexual, ou viver a homossexualidade, não era nem discutido. Eu nem me lembrava que alguém falasse disso. Você sabia que tinha homossexuais, mas essa discussão não se juntava. Exceto quando se fazia aquela célebre piada de que já é negro e ainda por cima homossexual... Todo mundo ficava chateado com a história, mas a discussão sobre a homossexualidade nunca entrou. [...] a experiência da luta contra a homofobia eu fui viver no movimento de mulheres negras.¹⁰⁵

Já Edward MacRae, ao analisar manifestações paralelas ao SOMOS/SP dentro do movimento homossexual do final dos anos 1970 e início dos 1980, destaca a existência de um grupo de militantes homossexuais negros que chegou inclusive a fazer parte do Movimento Negro Unificado: O Adé-Dudu, criado em 1981 na cidade de Salvador por militantes dissidentes do MNU, além de outros. Segundo MacRae, embora o grupo tenha chegado a colocar o tema “homossexual negro” entre as propostas apresentadas por aquele Estado para o 2º Congresso do Movimento Negro Unificado, seus integrantes viviam em permanentes conflitos com militantes negros de outros grupos que se diziam heterossexuais¹⁰⁶. Também afirma que o grupo possuía uma relação muito mais harmônica com as mulheres negras do movimento, sendo estas as principais responsáveis pela abertura de um espaço dentro do movimento negro para questões ligadas a sexualidade e ao machismo. Apesar da existência do Adé-Dudu, MacRae é enfático ao ressaltar que, no geral, havia forte resistência dentro do movimento negro em ver na discriminação da homossexualidade um problema importante¹⁰⁷.

Por outro lado, se a articulação entre o *Lampião* e as questões raciais e o movimento negro, do modo como seus editores almejavam, deixou a desejar, com relação às questões

¹⁰⁵ apud PEREIRA, op. cit., p. 232.

¹⁰⁶ MACRAE, op. cit., p.273.

¹⁰⁷ Ibid., p. 268-270.

ligadas às mulheres e o movimento feminista, o jornal foi melhor sucedido no que se refere ao projeto de torná-lo espaço aberto a outras minorias. Assim, entre as demandas das chamadas minorias, as relacionadas às mulheres foram as que ganharam mais visibilidade nas páginas do *Lampião da Esquina*.

3.2.1.3. Mulheres e feminismo

De forma semelhante a um movimento em defesa dos negros, um movimento em defesa dos direitos e dos interesses das mulheres, não foi uma novidade surgida nos anos 1970, pois, historicamente já havia ocorrido outras experiências consideradas feministas no Brasil. Conforme Ana Alice Costa¹⁰⁸, do final do século XIX até meados do século XX, o Brasil – assim como outros países latino-americanos – conheceu um significativo movimento em prol dos direitos das mulheres. Segundo a autora, esse primeiro momento pode ser caracterizado como:

[...] de cunho conservador no que se refere ao questionamento da divisão sexual dos papéis de gênero, inclusive reforçavam esses papéis, estereótipos, e tradições na medida em que utilizavam as ideias e representações das virtudes domésticas e maternas como justificativa para suas demandas.¹⁰⁹

Essa primeira fase do feminismo brasileiro acabou definitivamente durante o contexto de repressão às mobilizações sociais e políticas pós-1964, ressurgindo novamente em meados da década de 1970, no contexto de afloramento das mobilizações sociais que marcou o período de distensão institucional da ditadura. Mas, o feminismo dos anos 1970 no Brasil não foi resultado somente do abrandamento da repressão aos movimentos políticos e sociais. Ao observar os fatores que contribuíram para a emergência de um movimento feminista brasileiro no contexto citado, Sarti analisa o tema do seguinte modo:

A expansão do mercado de trabalho e do sistema educacional que estava em curso em um país que se modernizava gerou, ainda que de forma excludente, novas oportunidades para mulheres. Esse processo de modernização, acompanhado pela efervescência cultural de 1968, com novos comportamentos afetivos e sexuais relacionados ao acesso a métodos anticoncepcionais e com o recurso às terapias psicológicas e à psicanálise, influenciou decisivamente o mundo privado. Novas experiências cotidianas

¹⁰⁸ COSTA, Ana Alice A. O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In: MELO, H. P. de; PISCITELLI, A.; MALUF, S. W.; PUGA, V. L. (orgs.) *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. p. 51-82.

¹⁰⁹ Id. *Ibid.*, p. 56.

entraram em conflito com o padrão tradicional de valores nas relações familiares, sobretudo por seu caráter autoritário e patriarcal.¹¹⁰

Acrescenta-se a esses fatores a participação feminina na militância política, principalmente de esquerda, que conforme Soihet, possibilitou a muitas mulheres uma experiência de transgressão dos papéis tradicionais de gênero – na medida em que sua participação nesses movimentos fugia às normas tradicionalmente prescritas para o gênero feminino – bem como possibilitou a algumas mulheres perceberem diferenças no tratamento dado as mulheres em relação aos homens dentro das organizações, possibilitando assim, a formação de uma consciência feminista entre muitas militantes.¹¹¹

Além dos fatores citados, podemos citar ainda a contribuição das mulheres que retornaram do exílio, trazendo consigo as ideias em voga nos feminismos europeu e norte-americano, além da publicação de obras que refletiam uma preocupação, em curso desde a década de 1960, em avaliar a situação social da mulher. Sobre o último ponto, Soihet afirma que:

Ainda nos anos 1960, começa a se delinear no Brasil uma preocupação em avaliar a situação das mulheres na sociedade e nas relações entre os gêneros. E, sintomaticamente, neste mesmo ano é traduzida a obra de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, magistral trabalho que prenuncia a emergência dos estudos sobre as mulheres e do próprio feminismo, relacionando-os com as grandes linhas de pensamento da época. O livro também antecipa a posterior noção de gênero com sua célebre reflexão acerca de que a mulher não nasce, mas se torna mulher. Surgia, também, uma produção local, ressaltando-se Rose Marie Muraro, com o livro *A mulher na construção do mundo futuro*, de 1967, além de *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, de Heleieth Safiotti, de 1969, e a coluna escrita por Carmen da Silva na revista *Cláudia*, “A Arte de ser Mulher”, já a partir de 1963.¹¹²

Destaca-se ainda a publicação, em 1971, do livro que deu origem ao movimento de libertação das mulheres nos Estados Unidos, *Mística feminina*, de Betty Friedan, publicado originalmente em 1963 e aqui traduzido por Rose Marie Muraro.¹¹³

No que diz respeito à especificidade do feminismo brasileiro que emergiu nos anos 1970, Costa afirma que este, em linhas gerais, se caracterizava “como fazendo parte de um amplo e heterogêneo movimento que articulava as lutas contra as formas de opressão das

¹¹⁰ SARTI, op. cit., p. 39.

¹¹¹ SOIHET, Raquel. Encontros e desencontros no Centro da Mulher Brasileira (CMB) anos 1970-1980. *Gênero*, Niterói, v. 7, n. 2, p. 239, 1 sem. 2007.

¹¹² Ibid.

¹¹³ Cf. DIAS, op. cit., p. 200.

mulheres na sociedade com as lutas pela redemocratização.”¹¹⁴ Por outro lado, conforme analisam Soihet e Sarti, entre o final dos anos 1970 e o início dos 1980, o movimento ficou marcado pela inclusão de questões mais específicas ligadas a um questionamento das demarcações rígidas das relações de gênero, bem como as questões ligadas as chamadas “políticas do corpo”, que incluíam temas como reprodução, aborto, prazer, contracepção e luta contra a violência física e sexual.¹¹⁵

Aspecto importante é que quando começa a se formar uma militância homossexual no Brasil, no final dos anos 1970, já havia uma mobilização de luta das mulheres em curso já há algum tempo¹¹⁶. Um dos marcos fundadores do feminismo dessa década é a “Semana de Pesquisa Sobre o Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira”, realizada entre 30 de junho e 06 julho de 1975, na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), e a consequente criação do Centro da Mulher Brasileira, o CMB, no Rio de Janeiro. Destaca-se também o surgimento, em São Paulo, dos jornais *Brasil Mulher*, ainda em 1975, e *Nós Mulheres*, em 1976.

No que se refere à articulação entre o *Lampião da Esquina* e o feminismo, podemos afirmar que uma das primeiras preocupações dos editores do jornal dizia respeito à participação das mulheres na construção do mesmo. Conforme citamos na primeira parte de nosso trabalho, as mulheres ficaram ausentes do grupo que constituiu o conselho editorial do *Lampião*. Segundo Aguinaldo Silva, convites não faltaram, no entanto, os mesmos foram recusados.¹¹⁷ Como um jornal que buscava questionar um machismo vigente na sociedade, fazer do *Lampião* uma publicação também feita por e para mulheres se tornava fundamental. Além disso, havia ainda a importância de se abordar sobre o homossexualismo feminino, que também devia ser trabalhado pelas próprias mulheres e não por homens. Por isso, desde a primeira edição as mulheres foram insistentemente convocadas a participarem do jornal.

Embora o grupo de editores do *Lampião* nunca tenha chegado a contar com a participação de uma mulher, várias foram as mulheres que se tornaram integrantes do jornal. A primeira mulher a participar do *Lampião* foi Mariza Correa¹¹⁸ - na época antropóloga e professora da Universidade de Campinas (UNICAMP) – que já na edição de maio/junho

¹¹⁴ COSTA, op. cit., p. 60

¹¹⁵ Sobre as características do feminismo dos anos 1970-1980 no Brasil Ver: SOIHET, op. cit., p. 238-239; e SARTI, op. cit., pp. 38-42.

¹¹⁶ É preciso esclarecer de apesar de nos utilizamos de tais marcos fundadores quando os referimos a esses movimentos sociais e políticos, não estamos deixando de lado o pressuposto de que estes são muito menos fruto de um acontecimento especificamente datado do que um processo de histórico que torna secundário a consideração de um acontecimento fundador.

¹¹⁷ SILVA, Aguinaldo. Mulheres do mundo inteiro. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 5, abr. 1978.

¹¹⁸ Permaneceu no corpo de colaboradores do jornal até o encerramento das atividades do mesmo.

aparece no corpo de colaboradores do jornal e como autora do artigo “Nossas gaiolas comuns”¹¹⁹. Depois do ingresso de Mariza, outras mulheres fizeram parte do corpo de colaboradores do *Lampião*, no entanto, sempre em número muito menor do que o número de homens, sendo que o máximo de colaboradoras que chegaram a fazer parte de uma mesma edição do jornal foi sete, o que ocorreu entre as edições de agosto/setembro de 1978 e a de janeiro de 1979. Ao todo onze mulheres chegaram a fazer parte do corpo de colaboradores do jornal ao longo de seus três anos de existência.¹²⁰

Além de Mariza Correa, outras integrantes do *Lampião da Esquina* podem ser destacadas. É o caso de Cynthia Sarti¹²¹, que na época fazia parte do grupo reponsável pela publicação feminista *Nós Mulheres*. Também pode se destacar a escritora e ativista Leila Míccolis¹²², que na época fez parte dos grupos SOMOS/RJ e AUÊ/RJ.¹²³ Aliás, Míccolis se destaca também por ter sido a mulher que mais publicou artigos no *Lampião da Esquina*. Outra personagem que se destacou foi Dolores Rodriguez, última colaboradora ativa no jornal após a saída de Míccolis, chegando inclusive a ser uma das responsáveis pela redação do mesmo em seu último ano de existência.¹²⁴ Além dos nomes que fizeram parte do corpo de colaboradores também havia aquelas que mesmo sem fazer parte do jornal publicaram um ou mais artigos, ensaios ou reportagens nas páginas do *Lampião*, é o caso, por exemplo, de Janice Caiafa – na época membro do grupo feminista *Coletivo de Mulheres* – que chegou a publicar três ensaios sobre militância política e/ou feminismo¹²⁵.

Já no que se refere à participação de mulheres assumidas e voltadas para a defesa da homossexualidade feminina, além da participação de Míccolis e Rodriguez, o jornal recebeu apenas algumas contribuições esporádicas, como algumas contribuições do grupo de mulheres ligadas ao SOMOS/SP, e o GALF.

Se do ponto de vista da colaboração e publicação de textos, a participação das mulheres no *Lampião* pode ser considerada menor em relação aos homens, o mesmo aconteceu com as

¹¹⁹ Cf. CORREA, op. cit.

¹²⁰ Esse número torna-se maior se levarmos em conta aquelas que, mesmo não tendo se incorporado aos colaboradores do jornal, colaboraram com o mesmo através de artigos, ensaios e reportagens.

¹²¹ Também permaneceu no corpo de colaboradores do jornal até o seu encerramento. Atualmente é antropóloga.

¹²² Míccolis, que foi integrante do *Lampião* entre as edições de agosto/setembro de 1978 e fevereiro de 1981, tem uma vasta obra literária, dedicando-se especialmente à poesia e contos. Também é autora de novelas de TV, peças de teatro e roteiro de cinema. Sobre a produção da autora, consultar seu site oficial: http://www.blocosonline.com.br/sites_pessoais/sites/lm.

¹²³ Cf. SILVA, op. cit., p. 494.

¹²⁴ Sobre a Participação de Dolores Rodriguez no *Lampião*, ver depoimento da mesma a Cláudio Roberto da Silva e publicada em sua dissertação de mestrado (pp. 533-553)

¹²⁵ Ver: CAIAFA, Janice. Passagem de fluxo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 7, out. 1979; Mulher, discurso minoritário e atuação revolucionária. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 22, p. 8, mar. 1980 e; Aborto corpo livre. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 29, p. 10, out. 1980.

cartas publicadas na seção *Cartas na Mesa*. Embora esta seção mostre que o jornal circulava tanto entre homens quanto entre mulheres, estas, por sua vez, aparecem em menor número. Outro dado interessante revelado na seção de cartas do jornal, diz respeito às recorrentes críticas sofridas que o *Lampião* recebia decorrente do menor espaço ocupado pelas mulheres dentro do *Lampião da Esquina*.

Mas, a identificação do jornal com um público feminino não foi buscada apenas mediante a incorporação das mulheres ao corpo de colaboradores do mesmo, mas também através da visibilidade às questões que diziam respeito a esse segmento social e aquele que ficou considerado como o principal movimento de defesa dos direitos das mulheres e da luta contra as desigualdades nas relações entre elas e os homens: o feminismo. Como afirmava Aguinaldo Silva, o feminismo era uma das questões que o jornal pretendia levantar em suas páginas.¹²⁶

Ao longo de sua existência, raras são as edições em que o *Lampião* não abordou de alguma forma temas ligados às mulheres ou ao feminismo. Por outro lado, o período em que é dada uma visibilidade maior a estes temas é entre as edições de março de 1979 e setembro de 1980.

Do ponto de vista temático, a articulação do jornal se deu através da abordagem de diversas questões. Aspecto relevante é que grande parte dessas questões fazia parte daquilo que, dentro do movimento feminista, ficou conhecido como “políticas do corpo” – o direito ao corpo, ao prazer, a liberdade sexual, o direito ao aborto, e as luta contra as violências física e sexual. Ao abordar essas questões, os membros do *Lampião da Esquina*, não apenas o tornavam um jornal sobre e para mulheres, mas também, faziam-no significativo veículo de visibilidade de questões que, dentro do movimento feminista brasileiro da época, eram vistas como não prioritárias e até inoportunas. Ao analisar os diversos conflitos que marcaram a trajetória do Centro da Mulher Brasileira (CMB) nas décadas de 1970 e 1980, Raquel Soihet destaca como nos primeiros anos do feminismo brasileiro do referido contexto, a agenda do movimento dava importância central às “questões socioeconômicas, como a inferioridade salarial, a dupla jornada, a falta de creches etc.”¹²⁷ Fora essas questões, o movimento ainda dava relevância a temas gerais da sociedade, tais como: a reforma do Código Civil, a libertação dos presos políticos e a anistia. Segundo a historiadora,

¹²⁶ SILVA, op. cit., p. 5.

¹²⁷ SOIHET, op. cit., p. 244.

[...] outros temas vistos como fundamentais quanto à opressão das mulheres, tais como a sexualidade, o aborto, a violência, bem como aqueles voltados para a discussão da assimetria de poder nas relações entre homens e mulheres, enfatizando problemáticas ligadas à subjetividade e às relações interpessoais, aspectos privilegiados nas reivindicações dos feminismos nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, eram evitados. Estes só deveriam ser discutidos nos grupos de reflexão, aliás, nem sempre bem vistos, a fim de não prejudicar as alianças entre os setores que se opunham à ditadura, marcadamente, a Igreja Católica, aliada nesta luta.¹²⁸

A recusa de integrantes do movimento feminista brasileiro em abordar determinados temas foi, por seu turno, alvo de críticas nas páginas do *Lampião da Esquina*, como por exemplo, na reportagem de Francisco Bittencourt sobre o primeiro Encontro Nacional de Mulheres, realizado em março de 1979, no Rio de Janeiro.¹²⁹ Na reportagem, o autor, apesar de mostrar entusiasmo com o crescimento da mobilização feminista brasileira na época, faz duras críticas ao evento que, na sua ótica, limitou-se apenas a discutir sob uma ótica das mulheres os chamados problemas gerais da sociedade brasileira, mais ligados à política nacional, tocando muito pouco em questões como machismo, sexo, libertação do corpo e lesbianismo. Em virtude disso, o editor do *Lampião* chega a afirmar que o evento mais parecia “uma reunião feminina do que uma reunião feminista.”¹³⁰

Conforme Raquel Soihet, foi somente na década de 1980, que o movimento feminista brasileiro passou a dar ênfase prioritária às questões ligadas às relações de gênero ao corpo, ao desejo, à sexualidade e a violência. Segundo a autora,

Na verdade, na década de 1980, os movimentos feministas no país tornaram-se uma força política e social consolidada, em que às relações de gênero assumiram primeiro plano. Campanhas contra os abusos com relação às mulheres no que tange a temas até então ignorados merecem espaço cada vez mais amplo na mídia, como resultado da mobilização das feministas e da própria modernização da sociedade brasileira. Assim, a partir desse momento, questões antes colocadas em segundo plano, vistas como próprias à esfera privada, tais como as relativas ao corpo, ao desejo, à sexualidade, à violência, foram legitimadas e trazidas à esfera pública, reconhecendo-se sua dimensão política. Parte-se para a afirmação do universo cultural feminino, e temas tabus são trazidos à tona.¹³¹

Assim, as tensões e mudanças que atravessaram o feminismo brasileiro, dentro do contexto estudado, nos mostram como esse movimento esteve historicamente marcado pela

¹²⁸ Id. Ibid.

¹²⁹ Cf. BITTENCOURT, Francisco. Contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p.9-10, abr. 1979.

¹³⁰ Id. Ibid., p. 9.

¹³¹ SOIHET, op. cit., p. 249.

diversidade, reforçando a tese de Yasmine Ėrgas, segundo a qual “o termo feminismo indica historicamente conjuntos variados de teorias e práticas centradas em volta da constituição e da legitimação dos interesses das mulheres.”¹³²

Entre os temas vistos como tabus durante os primeiros anos do movimento feminista brasileiro dos anos 1970, o da sexualidade das mulheres ganhou significativa visibilidade nas páginas do *Lampião*, especialmente a homossexualidade feminina ou lesbianismo, que para os editores do jornal implicava em uma das formas mais complexas de discriminação na medida em que combinava diferentes formas de discriminação, como por exemplo, ser homossexual e mulher. Nessa estratégia, o momento mais significativo em que o jornal abordou a questão do lesbianismo foi na edição de maio de 1979, quando traz um dossiê sobre o tema¹³³, elaborado por mulheres integrantes do SOMOS/SP, do grupo Eros, e outras de não vinculadas a grupos militantes¹³⁴. Segundo MacRae, essa edição acabou tendo “uma repercussão muito favorável no meio homossexual graças, em parte, ao esforço das mulheres, que saíram vendendo o jornal nos bares e boates que formam o gueto lésbico.”¹³⁵

No entanto, mesmo que o *Lampião da Esquina* tenha dado visibilidade à questão lésbica – antes e depois da edição citada –, essa temática nunca chegou a ocupar o espaço figurado pela questão da homossexualidade entre homens ou masculina, fato que por seu turno rendeu ao jornal várias críticas de seus leitores, que o acusavam de ser um jornal de homossexuais machistas. Uma dessas críticas foi a de uma lésbica assumida, da cidade de Niterói (RJ), publicada na edição de maio de 1980, que protestava contra a atenção predominante dada pelo jornal a homossexualidade masculina:

Gente, aqui quem escreve não é só uma lésbica não. Eu vou falar em nome de muitas mais, que frequentam (sic.) a vida guei aqui em Niterói, e que não estão satisfeitas com o jornal.

Que machismo é esse? Um monte de coisas que só interessam às bichas, e nada para nós, lésbicas. [...] Se o jornal continuar só com matérias de interesse masculino (vide milhões de fotos de homens e só uma, na última folha, de uma garotinha – fofinha, por sinal) nós mulheres vamos continuar boicotando o jornal de vocês... que parece ser só para homens.¹³⁶

¹³² ĖRGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, George. e PERROT, Michelle. (orgs.). *História das mulheres no ocidente – o século XX*, v. 5. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1994, p. 588.

¹³³ Ver: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 7-11, mai. 1979.

¹³⁴ MACRAE, op. cit., p. 245.

¹³⁵ Ibid.

¹³⁶ ALÔ mulheres (2). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 14, mai 1980.

Diante de tais críticas, os editores do jornal, por sua vez, sempre tinham um argumento semelhante ao seguinte: o de que o *Lampião* não era um jornal dedicado aos homens, mas “apenas um jornal no qual as mulheres estão hesitando muito em aderir.”¹³⁷

Outro tema que visava uma articulação com as mulheres e o feminismo foi o machismo. O machismo tinha uma importância central para o jornal, pois estava ligado tanto à discriminação e opressão do homossexual, quanto das mulheres. Desse modo, em várias ocasiões o jornal buscou mostrar como o machismo ainda estava muito forte na sociedade brasileira e como este era um importante elemento de opressão das mulheres, seja através da recusa do direito ao prazer para estas¹³⁸, do abuso sexual, da violência física e do descaso da justiça quanto aos crimes sofrido por mulheres¹³⁹ e, por fim, de um desinteresse existente na sociedade, principalmente entre os homens, no debate dos problemas que atingiam as mulheres¹⁴⁰.

Outra estratégia usada pelos editores do *Lampião da Esquina* para aproximá-lo do feminismo, foi através da divulgação dos eventos organizados pelo movimento. Nessa empresa, destacam-se as edições de abril de 1979 e abril de 1980, que trazem, respectivamente, um dossiê sobre o Primeiro Encontro Nacional de Mulheres – realizado em março de 1979, no Rio de Janeiro¹⁴¹ – e sobre o Segundo Congresso da Mulher Paulista – realizado em março de 1980, em São Paulo¹⁴².

¹³⁷ Ibid., p. 14.

¹³⁸ Cf. VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 2, jul./ago. 1978.

¹³⁹ Ver: SILVA, Aguinaldo. Violação: ato de sexo ou poder? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 11, out. 1978; CAMBARA, Iza. Mulher não é maçaneta: tira a mão daí! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n.13, p. 7, jun. 1979; SILVA, Aguinaldo. Estão matando mulheres. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n.17, p. 8, out. 1979; TREVISAN, João Silvério. Nós os estupradores. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 4, jan. 1980; SILVA, Aguinaldo. O caso Mariza Nunes. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 24, p.4-5, jan. 1980; Mulheres assassinadas: a história de sempre. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 4, set. 1980.

¹⁴⁰ Cf. TREVISAN, João Silvério. Quando o machismo fica no porão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n.11, p. 11, abr. 1979.

¹⁴¹ Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 9-11, abr 1980.

¹⁴² Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 23, p. 6-8, abr 1980.



Fig. 6: O *Lampião* e a divulgação do feminismo brasileiro no final dos anos 1970¹⁴³

Outra forma de identificar o jornal às mulheres e ao feminismo foi dando visibilidade às mulheres publicamente conhecidas da época. Assim, ao longo da existência do *Lampião da Esquina*, seus editores chegaram a publicar algumas entrevistas com personalidades públicas, como a atriz Norma Bengell¹⁴⁴; a escritora Cassandra Rios¹⁴⁵; a cantora e compositora Lecy Brandão¹⁴⁶; a atriz Helena Brandão (conhecida na época como Darlene Glória)¹⁴⁷ e a, na época, psicóloga especializada em sexologia, Marta Suplicy¹⁴⁸.

Apesar dos dados citados servirem como exemplos de como o *Lampião* buscou abrir suas páginas à participação das mulheres e aos problemas a elas relacionadas, assim como aconteceu com outras minorias, esta não deixou de se constituir numa aproximação relativa e inconstante, sendo que, depois da edição de setembro de 1980, o jornal passou a dar visibilidade cada vez menor aos temas ligados às mulheres e ao feminismo. Das nove edições

¹⁴³ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 7, abr. 1979.

¹⁴⁴ NORMA Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada): "Eu não quero morrer muda". *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p.9-10, jul./ago. 1978.

¹⁴⁵ CASSANDRA Rios ainda resiste. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 8-10, out. 1978.

¹⁴⁶ A MÚSICA popular entendida de dona Lecy Brandão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 10-11, nov. 1978.

¹⁴⁷ AS CONFISSÕES de Helena Brandão, ou Darlene Glória. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 16, p. 14-15, set. 1979.

¹⁴⁸ UMA ENTREVISTA com Marta Suplicy sobre educação sexual nas escolas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 10-20, out. 1979

publicadas entre outubro de 1980 e julho de 1981, somente nas edições de janeiro e abril de 1981 existem artigos com temas ligados às mulheres e ao feminismo. Mas, conforme já frisamos, este não foi um aspecto específico da relação do *Lampião da Esquina* com as mulheres e o feminismo, pois o mesmo processo é observável em relação às temáticas ligadas a outros segmentos sociais ou políticos com os quais o jornal buscou estabelecer uma articulação.

Até hoje, pouco se analisou de forma profunda sobre as razões que dificultaram ao *Lampião* tornar-se plenamente, como queriam seus criadores, um jornal das minorias. Em seus trabalhos, tanto Edward MacRae, como Simões Júnior, defendem que a principal razão que dificultou a aproximação entre o *Lampião* e representantes de movimentos políticos diferentes dos homossexuais, era seus aspectos que o estigmatizam com o ser homossexual, afugentando dessa forma segmentos heterossexuais de seu público potencial.¹⁴⁹ Concordamos que esse deve ser um fator de peso indelével. No entanto, devemos também levar em conta a pouca aproximação de homossexuais negros ligados ao movimento negro, bem como das próprias lésbicas envolvidas seja com o movimento homossexual, seja com o feminismo. Também devemos levar em conta que os questionamentos priorizados pelos editores do *Lampião* – sexualidade, direito ao prazer, direito ao corpo, machismo etc. – se constituíam em temas que os movimentos sociais e políticos do final dos anos 1970 e início dos 1980, davam uma prioridade secundária, quando não os evitavam. Desse modo, acreditamos que a difícil aproximação do *Lampião* com os movimentos das minorias ainda exige estudos mais aprofundados.

O que é incontestável é que, se o *Lampião da Esquina* surge com a proposta de integrar os diversos movimentos das minorias do contexto em questão, e, se por certo período conseguiu dar visibilidade em suas páginas aos questionamentos ligados a esses movimentos, acabou no final de sua trajetória cada vez mais distante desta proposta, se isolando cada vez mais num gueto que prometia negar e ir além: a homossexualidade, principalmente a masculina. O final da trajetória do *Lampião*, especialmente seu último ano de existência, é marcado não apenas por seu desalinhamento com a militância homossexual, mas também pelo seu distanciamento cada vez maior de outras formas de contestação social e políticas não necessariamente ligadas à homossexualidade. Processo esse que, por sua vez, dividia os leitores do jornal, conforme é possível perceber nas cartas publicadas no mesmo. Assim, por

¹⁴⁹ Sobre a questão ver: MACRAE, op. cit., p. 73; e SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *E havia um lampião na esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1970-1980)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 113.

um lado, havia leitores como “Ferreirinha de Aracajú”, do Rio de Janeiro, que protestava: “Amigas: vocês cansam qualquer um, com esse jornal de um assunto só.”¹⁵⁰ De outro, havia outros que, embora criticassem a falta de diversidade temática, criticavam o desejo de fazer do jornal um veículo de representação de outras minorias, argumentando que outros grupos, mesmo em situação de opressão ou discriminação, continuariam sempre a discriminarem os homossexuais. É o caso da carta de Walmir de Sousa Lima, também do Rio de Janeiro, que pedia: “[...] parem com esse negócio de defesa das minorias oprimidas: negros, operários, mulheres, **mendigos** e marginais de toda espécie querem é que os homossexuais sifu...”¹⁵¹

Debate a parte, o que podemos afirmar é que o *Lampião da Esquina*, que foi criado tendo como uma de suas metas tirar a homossexualidade do “gueto”, acabou nele fechado, perdendo o que em alguns momentos chegou a ser um de seus aspectos positivos, que diz respeito à avaliação de José Luiz Pinto Rodrigues, segundo a qual o jornal buscou “mais uma identificação com aquele que o lia, do que defender uma identidade monolítica.”¹⁵² Mas, a história do *Lampião da Esquina* no campo da militância não foi marcada apenas por dificuldades no que se refere a militância homossexual e as minorias, mas também pelas tensões entre o jornal e segmentos das esquerdas da época no que se refere aos novos questionamentos políticos – como a questão da afirmação homossexual – e a forma como estes segmentos lidavam com esses questionamentos e as novas formas de militância que emergiam no contexto.

3.3. O *Lampião* e a crítica às esquerdas

Tomando por base a definição de Jorge Ferreira e Daniel Araújo Reis, podemos definir historicamente a esquerda como as forças e as lideranças políticas animadas e inspiradas pela mudança – reformista ou revolucionária – no sentido da igualdade.¹⁵³ Segundo os autores, a essa definição podemos ainda acrescentar: “em meio à realidade brasileira [...] animadas e inspiradas pela crítica, mais ou menos contundente, aos valores e às propostas do liberalismo, visto como fonte de desigualdades e, nas condições que foram e são as nossas, como fonte e

¹⁵⁰ DE UM ASSUNTO só! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p.2, jan. 1981.

¹⁵¹ BAIXANDO o pau. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 30, p. 18, nov. 1980. Negrito do autor.

¹⁵² RODRIGUES, José Luiz Pinto. O primeiro *Lampião* é aceso. In: *Impressões de Identidade: Histórias e Estórias da Formação da Imprensa gay no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 74.

¹⁵³ FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Araújo. Apresentação. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Araújo (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical*. (1965-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 11 (As esquerdas no Brasil, v. 2)

força de conservação da Ordem Tradicional.”¹⁵⁴ Pela definição, uma das coisas que podemos deduzir é que, o termo “esquerda” não se refere a um segmento político unívoco, estático e homogêneo da história brasileira. Conforme Antônio Ozaí da Silva, “é um equívoco se referir a ‘esquerda’ no singular, pois não existe uma única esquerda, mas várias, no plural”¹⁵⁵. Assim, “é possível, portanto, identificar uma esquerda autoritária, liberal, democrática, anarquista, marxista etc.”¹⁵⁶. Nessa perspectiva, a ideia de uma esquerda no Brasil, além de se referir a diferentes tendências, diz respeito também a diferentes sujeitos, como partidos políticos; organizações sindicais; e, conforme Maria Paula Nascimento Araújo “movimentos de minorias políticas (feministas, homossexuais, negros, índios); movimentos populares como movimentos de bairros e movimentos estudantis; experiências culturais”¹⁵⁷.

Desse modo, pelas definições apresentadas, é preciso destacar que de certo modo o *Lampião da Esquina* foi um jornal de esquerda, sendo, portanto, os questionamentos por ele engendrados à militância política de esquerda, não um elemento exógeno as esquerdas, como defendiam seus editores, mas investimentos políticos que expõem o caráter plural e fragmentado e as tensões existentes no interior desta no período em questão.

3.3.1. Sexualidade e as esquerdas

Se historicamente a esquerda tem como umas de suas principais características a pluralidade e a fragmentação, isso se tornou ainda mais evidente na década de 1970, com a emergência de uma esquerda alternativa, que incluía, entre outros expoentes, os chamados movimentos das minorias e que, conforme já assinalamos, Maria Paula Nascimento Araújo define como responsável por uma experiência política marcada pelo sentido de dissidência e da heterodoxia. Segundo a historiadora, a grande novidade desses movimentos foi a tentativa de “alargar o campo das teses marxistas para abrir espaço, em seu interior, às novas concepções políticas relativas às identidades específicas, à diferença, à alteridade, à valorização da subjetividade e do cotidiano.”¹⁵⁸ No entanto, as questões trazidas ao campo político por esses movimentos, não deixaram de gerar tensões com uma esquerda mais ortodoxa ou tradicional que viam nessas questões uma prioridade apenas secundária, de modo

¹⁵⁴ Id. Ibid., p. 11.

¹⁵⁵ SILVA, Antônio Ozaída. Esboço para história da esquerda no Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringa, ano IX, n. 103, p. 91, dez. 2009.

¹⁵⁶ Id. Ibid., p.93.

¹⁵⁷ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Por uma história da esquerda no Brasil. *Topoi*, v. 3, n. 5, p. 349, dez. 2002.

¹⁵⁸ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000, p. 19.

que, reivindicações em torno de temas como a sexualidade, relações de gênero, discriminação étnica e racial, o meio ambiente etc., eram definidas – muitas vezes de forma pejorativa – como “lutas menores”, “secundárias”, tanto por dizerem respeito a problemas de segmentos específicos da sociedade, quanto por, no caso da sexualidade e das relações de gênero, se referirem a questões pessoais ou da vida privada.

Desses temas, a sexualidade, parecia ser um dos mais problemáticos entre militantes de esquerda, chegando a gerar um verdadeiro sentimento de receio. Sobre um desdém aos problemas relacionados à sexualidade dentro do Partido Comunista Brasileiro e nas organizações armadas, Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis destacam que:

Para os ‘caretas’ do Partido Comunista Brasileiro, por exemplo, esse assunto nem merecia figurar entre as ‘contradições’ a partir das quais se deviam obrigatoriamente descrever os conflitos sociais e o desfecho possível do combate à ditadura. Já nas organizações armadas, a rejeição dos “valores burgueses” e as circunstâncias mesmas da clandestinidade acentuavam a natureza instável das relações amorosas – e a poucos ocorreria contestar esse estado de coisas. Até nesses movimentos, porém, a tolerância comparativamente maior em relação às novas expressões da sexualidade acabavam de certo modo neutralizadas por uma espécie de ascese revolucionária, que empurrava as chamadas questões pessoais, as relações afetivas e o sexo para um plano secundário. Como no Partidão, as exigências da militância tinham supremacia absoluta sobre a subjetividade dos militantes.¹⁵⁹

Mesmo que o Brasil estivesse vivendo desde a década de 1960 um processo de revolução ou transformação dos costumes nos centros urbanos, conforme Zeunir Ventura, era comum, entre sujeitos de esquerda, olhar para movimentos como os de liberação sexual “com a impaciência de quem é interrompido em meio a uma atividade séria pela visão inoportuna de um ato obsceno.”¹⁶⁰

Já Daniel Aarão Reis Filho destaca como os estatutos do PCB exigiam do militante, entre outras virtudes, que no campo da vida pessoal este levasse uma vida exemplar, ou seja, ser “não só um quadro capaz de realizar tarefas revolucionárias, mas ser um bom pai e marido e irmão e filho.”¹⁶¹ Desse modo, conforme assinala Ventura, para muitos membros do “partidão”, “as mudanças de comportamento não eram recebidas como sinais de avanço, mas

¹⁵⁹ ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lília M. (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da vida contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 5, 1998, p. 402.

¹⁶⁰ VENTURA, Zeunir. 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 36.

¹⁶¹ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. Os comunistas no Brasil. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 122.

de retrocesso. Eram sintomas de decadência da burguesia. A idéia de proletariado estava associada à idéia de pureza moral.”¹⁶²

Ventura acrescenta que havia uma intolerância ainda maior nas esquerdas quando as mudanças de costumes se referiam à homossexualidade ou a experimentação de drogas.¹⁶³

Segundo o autor,

Alguns pioneiros de 68 tiveram que enfrentar as mais severas discriminações por parte das nossas elites pré-revolucionárias, sobretudo quando aliavam à militância política a prática do homossexualismo. Se as duas ainda associavam o uso de drogas, viravam então seres politicamente desprezíveis.¹⁶⁴

Outro nome que destaca a existência de uma intransigência esquerdista à homossexualidade é James Green, que, na década de 1970, foi membro do grupo de militância homossexual ligado à Convergência Socialista, a Fração Gay da Convergência Socialista. Green destaca que, mesmo na década de 1980, o Partido Comunista Brasileiro continuou mantendo em seus pronunciamentos oficiais uma posição que associava homossexualidade à decadência burguesa.¹⁶⁵ O historiador acrescenta afirma que essa não era uma posição apenas do PCB pró-soviético, e muito menos exclusiva das esquerdas brasileiras, pois,

Da mesma forma, grupos pró-chinês e pró-maoismo albanês, que tinham influência na Colômbia, Peru e Brasil, dentre outros países latino-americanos, de 1960 até 1980, continuaram sendo mais stalinistas ortodoxos que seus opositores nos partidos comunistas pró-soviéticos, defendendo noções que igualavam a decadência capitalista à homossexualidade.¹⁶⁶

Críticos dessa forma de pensar, os editores do *Lampião da Esquina*, especialmente João Trevisan e Aguinaldo Silva, buscaram questionar a forma como as questões ligadas à sexualidade, principalmente à homossexualidade, eram recebidas e tratadas dentro da militância política de esquerdas. Nessa empresa, os integrantes do *Lampião*, acabaram empreendendo um conjunto de críticas a militância de esquerda, não apenas por essa questão, mas que envolvia outros questionamentos. Vejamos, portanto, como se deu esse conjunto de críticas empreendida à militância de esquerda nas páginas do *Lampião da Esquina*.

¹⁶² VENTURA, op. cit., p. 37.

¹⁶³ Ibid., p. 38.

¹⁶⁴ Ibid., p. 39.

¹⁶⁵ GREEN, James Naylor. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. *Cadernos AEL*, Campinas, v.10, n. 18/19, p. 32-33, 2003.

¹⁶⁶ Id. Ibid., p. 33.

3.3.2. Criticando a esquerda

Desde as primeiras edições do *Lampião da Esquina* é possível encontrar críticas feitas pelos seus integrantes a setores de esquerda. Já na primeira edição do jornal, Aguinaldo Silva, ao comentar sobre a homossexualidade do poeta espanhol Garcia Lorca, afirmava que este por ser homossexual, “mais cedo ou mais tarde seria repudiado pela esquerda espanhola se o fuzilamento não o transformasse num mártir da democracia.”¹⁶⁷ Porém, as críticas foram mais ferrenhas e recorrentes quando voltadas a expoentes de esquerda no Brasil. Assim, uma das primeiras manifestações de crítica incisiva a expoentes das esquerdas brasileira nas páginas do jornal, foi o artigo “Estão querendo convergir. Para onde?”, de João Silvério Trevisan, publicada na edição de junho/julho de 1978¹⁶⁸. No artigo, Trevisan comenta sobre a realização de uma semana de debates organizada pela revista *Versus* – na época sob forte influência da Convergência Socialista¹⁶⁹ – realizada entre 24 e 30 de abril de 1978, em São Paulo, denominada Semana da Convergência Socialista e que visava “a elaboração de uma plataforma para um planejado Partido Socialista Brasileiro.”¹⁷⁰ Trevisan comenta o evento para denunciar a pouca importância dada pelos seus organizadores às questões das minorias e, principalmente, à homossexualidade. Para Trevisan, um preconceito à homossexualidade ficou evidente, durante o evento, no modo como o presidente da mesa num debate voltado às minorias se referia aos diferentes segmentos que o termo englobava:

[...] citava enfaticamente mulheres, negros e índios, e ‘aqueles que são vítimas da repressão sexual!’.

A palavra homossexual foi pronunciada uma única vez: o presidente apenas sussurrou-a e quase engasgou, como se dissesse um palavrão. Acho que havia um espinho encravado em suas gargantas.¹⁷¹

Para Trevisan, a pouca importância dada pela militância de esquerda à luta em defesa da homossexualidade ficou ainda mais clara quando, durante o debate, foi lida em ato de protesto uma monção em defesa dos direitos dos homossexuais e alguns participantes do evento, em resposta, se retiraram do debate “dizendo que viera participar, antes de mais nada de uma reunião de machos.”¹⁷²

¹⁶⁷ SILVA, Aguinaldo. A verdade sobre Garcia Lorca. *Lampião*, Rio de Janeiro, I, n. zero, p. 4, abr. 1978.

¹⁶⁸ TREVISAN, João Silvério. Estão querendo convergir. Para onde? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro ano I, n. 2, p. 9, jun./jul. 1978.

¹⁶⁹ Sobre a influência da Convergência Socialista na Revista *Versus* no período estudado, ver: KUSCINSKI, op. cit., pp. 199-202.

¹⁷⁰ TREVISAN, op. cit., p. 9.

¹⁷¹ Id. Ibid.

¹⁷² Id. Ibid.

Trevisan usa o episódio para desferir duras críticas à esquerda, ressaltando o fato de que todas as sociedades socialistas historicamente existentes foram erigidas a partir de uma supremacia dos machos e que sempre houve um embaraço na militância de esquerda em relação a temas como a sexualidade e o prazer. Segundo o editor do *Lampião*:

A repressão sexual da esquerda patriarcal é um fato a ser denunciado. Enquanto estive nessa reunião da Convergência, só ouvi uma vez a palavra “lazer”. [...] Sua inutilidade básica sempre foi uma pedra no sapato das esquerdas. [...] E o direito ao orgasmo, quando será reivindicado para a classe operária? Não é a energia sexual, conforme canalizado pelos padrões repressores da sociedade um dos pilares do poder constituído? [...] Convergir, só mesmo em igualdade de condições, meus amigos!¹⁷³

Além do artigo citado, há outros momentos diversos em que os integrantes do *Lampião da Esquina*, fizeram críticas à militância e às concepções de esquerda por conta da discriminação em relação aos problemas ligados à sexualidade em geral, e a homossexualidade, em particular. Outro exemplo significativo, são os artigos sobre uma semana de debates sobre as minorias, realizada em fevereiro de 1979, pelo DCE da USP, em que o jornal criticava, de forma contundente, um ideal de “luta maior” e a forma negativa como expoentes da esquerda concebiam não só o movimento em defesa dos direitos homossexuais, mas também outros movimentos de minorias¹⁷⁴.

Também podemos destacar as edições de julho de 1979 e de fevereiro de 1981. Na primeira, o jornal abordou como tema central a questão do homossexualismo na classe operária brasileira, no intuito de questionar uma premissa segundo a qual não existiriam homossexuais na classe operária.¹⁷⁵ Também aborda como importantes representantes do movimento operário da época, como Luiz Inácio Lula da Silva, o “Lula”, possuíam posicionamentos receosos em relação tanto à questão da homossexualidade entre operários, como a outros temas ligados às minorias, como o feminismo.¹⁷⁶ A própria capa da edição tem um caráter provocativo às esquerdas, ao trazer em destaque uma foto do Lula, juntamente com a irônica chamada: “ALÔ, ALÔ CLASSE OPERÁRIA: E O PARAÍSO, NADA?”.

Já a edição de fevereiro de 1981, traz um dossiê sobre a perseguição sofrida por homossexuais em Cuba, que na época se constituía em uma das inspirações revolucionárias

¹⁷³ Id. Ibid.

¹⁷⁴ Cf. DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: a felicidade também deve ser ampla e irrestrita. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 9-11, mar. 1979; TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das “minorias”? op. cit., p. 10.

¹⁷⁵ Cf. ALÔ, alô, classe operária: e o paraíso, nada? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 9-11, jul. 1979; E TEM aquela história de luta de classes... op. cit., p. 12.

¹⁷⁶ Cf. O ABC do Lula. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 10, jul. 1979

para militantes de esquerda.¹⁷⁷ A capa da edição também era fortemente provocativa ao mostrar uma caricatura do líder socialista cubano, Fidel Castro, travestido de Carmem Miranda e cantando a frase: “YO NO CREO EN MARICONES PERO QUE LOS LOS HAY, LOS HAY!”.



Fig. 7: Capa da edição de fevereiro de 1981 e a provocação às esquerdas.

Podemos também citar a entrevista com Fernando Gabeira¹⁷⁸, ex-guerilheiro do MR-8 e integrante do grupo que seqüestrou, em 1969, o embaixador norte americano Charles Elbrick, sendo depois disso preso e banido do país em 1970¹⁷⁹. Retornando ao país durante o processo de anistia “ampla e irrestrita” concedida pelo governo brasileiro em agosto de 1979, Gabeira, que era um ícone da esquerda brasileira, carregava novas bandeiras: “as bandeiras de luta do feminismo, do movimento dos negros, dos homossexuais, dos preservacionistas e, principalmente sua luta interna contra o macho latino-americano que carregava embutido na alma”¹⁸⁰. Na entrevista ao *Lampião*, Gabeira defendia a importância do direito ao prazer, do

¹⁷⁷ Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 10-15, fev. 1981.

¹⁷⁸ Cf. FERNANDO Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 18, p. 5-8, Nov. 1979.

¹⁷⁹ Sobre a trajetória de Gabeira no MR-8 e no sequestro do embaixador dos EUA em 1969, ver: GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Cia das Letras, 1996.

¹⁸⁰ DIAS, op. cit., p. 337.

combate ao machismo e das lutas dos movimentos das minorias, fazendo várias críticas a uma esquerda ortodoxa, que o mesmo define pelo termo: “esquerda de Neanderthal”.

A antipatia com a esquerda nas páginas do *Lampião da Esquina*, não se referia apenas a questão da homossexualidade. As críticas realizadas pelos membros do *Lampião* enquadravam outras razões. Uma delas se referia à penetração de militantes de organizações partidárias nos movimentos sociais e políticos, com o intuito de dirigi-los segundo os fins dos partidos – prática que, conforme assinalamos, ficou conhecida como “entrismo”.

No caso do movimento homossexual, foi recorrente a crítica de que o movimento estaria sendo invadido por militantes ligados a partidos políticos, em especial o PMDB e a Convergência Socialista, comprometendo, assim, a autonomia dos grupos. Desse modo, acreditava-se que aproximação da militância homossexual com os partidos de esquerdas visava apenas a cooptação da primeira, sendo a presença dos partidos de esquerda um perigo no qual era preciso estar sempre em alerta. Ao criticar, por exemplo, a participação de membros da Convergência e de outros partidos no I EGHO/EBHO, Trevisan afirmava que, a presença destes dentro do movimento, tinha como intuito “deflagrar a discussão dos seus partidos dentro do movimento homossexual e tentar, uns contra os outros, colher dividendos políticos entre os indecisos, inclusive disputando-os para seus quadros.”¹⁸¹ Foi por esta razão que os editores do jornal – especialmente Trevisan, Silva e Bittencourt – mostraram uma declarada rejeição a Fração Gay da Convergência Socialista, o único grupo dentro do movimento oficialmente vinculado a um partido.

Por conta disso, membros desse grupo militante não deixaram de se posicionar em relação às recorrentes críticas realizadas pelos editores do *Lampião*. Exemplo do fato é um artigo de James Green – na época chamado Jim Green –, publicado no próprio *Lampião* em julho de 1980¹⁸². No seu artigo, Green rebatia as posições que afirmavam que os militantes ligados à Convergência visassem manipular o movimento homossexual, defendendo que a ligação dos grupos a partidos políticos não significava a perda de autonomia dos mesmos. Além disso, Green destacava a contribuição dos militantes ligados à Convergência na construção do movimento homossexual, inclusive por terem ajudado a coletar assinaturas na campanha promovida pelo SOMOS/SP em defesa do *Lampião da Esquina*, quando este e seus editores foram alvo de inquérito policial¹⁸³. Como resposta, Aguinaldo Silva, por sua vez, não

¹⁸¹ TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 6, mai. 1980.

¹⁸² Cf. GREEN, Jim. Autonomia ou não, eis a questão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 10, jul. 1980.

¹⁸³ Id. Ibid..

só reforçava a necessidade de autonomia da militância homossexual em relação à política partidária como do próprio *Lampião* face aos grupos militantes, insinuando que havia um desejo da Fração Gay da Convergência Socialista, e de outros grupos, de fazer do jornal um instrumento a serviço do movimento militante: “[...] a gente sabe que o LAMPIÃO não passa de um balão ao léu (e é assim que a gente o quer) e que há muita gente de boquinha pra cima, de bochechinhas infladas de ar, querendo soprá-lo para determinadas direções.”¹⁸⁴

Além da presença dos partidos de esquerda no movimento homossexual, também se denunciava nas páginas do *Lampião da Esquina*, a atuação dos partidos dentro de outros movimentos das minorias, principalmente o feminismo. Momento emblemático quanto à questão, é o artigo “Congresso das Genis: esquerda joga bosta nas feministas”, de João Silvério Trevisan, publicado em abril de 1980, onde o editor do *Lampião* comenta e repudia as atitudes de militantes ligados a partidos de esquerda, especialmente o PMDB, no II Congresso da Mulher Paulista, realizado em São Paulo durante o mês de março de 1980¹⁸⁵. Conforme MacRae, o citado congresso foi marcado por acirradas disputas entre militantes feministas e lideranças ligados a partidos de esquerdas que “chegaram a repudiar a existência do congresso de mulheres por achá-lo divisionista na luta maior contra a ditadura.”¹⁸⁶ Já Elizabeth Cardoso, comenta que durante o evento, “as lideranças do PC, PC do B e do PMDB, usaram até de agressão física para fazer valer em seus pontos de vistas.”¹⁸⁷

No seu artigo, Trevisan aproveitou o episódio para denunciar, não apenas os pressupostos das esquerdas que colocavam os problemas, como o da opressão das mulheres, num plano secundário, mas também denunciava o autoritarismo e a truculência de representantes das organizações esquerdistas em suas tentativas de imporem seus princípios as/os demais participantes do evento. Segundo o Trevisan:

[...] neste Congresso, as coisas ficaram mais claras: setores da esquerda evoluíram para a manipulação organizada, chegando até mesmo à agressão física. Muitas feministas levaram porradas de verdade dos grupos ligados ao PMDB, que acabaram invadindo a Mesa dos Trabalhos com uma tropa de choque composta por machões de ambos os sexos (os masculinos nem procuravam se esconder, porque afinal não se pode discriminar os homens).

¹⁸⁴ SILVA, Aguinaldo. Compromissos, queridinhas? Nem morta! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 11, jul. 1980.

¹⁸⁵ TREVISAN, João Silvério. Congresso das Genis: esquerda joga bosta nas feministas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 23, p. 6-7, abr. 1980.

¹⁸⁶ MACRAE, op. cit., p. 249.

¹⁸⁷ CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 99, p. 40, set./dez. 2004.

Aliás, a líder delas portava um megafone como quem carrega uma metralhadora (nostalgia romântica ou é pra gente se cuidar mesmo?).¹⁸⁸

A rejeição de integrantes do *Lampião*, como João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt, residia no fato de que, para eles, os partidos se constituíam em organizações que visavam exclusivamente “conquistar o poder, falando inclusive em nome de outras classes”¹⁸⁹. Por conta disso, os partidos, mesmo os de esquerda, possuiriam politicamente uma natureza controladora e manipuladora, acabando por comprometer qualquer proposta revolucionária. Para Trevisan, foi justamente isso o que aconteceu com experiências revolucionárias como a da União Soviética:

[...] Um partido se apropriou da definição de proletariado e, manipulando-a, tomou o poder e se apossou das demais definições; então, os dirigentes definem como loucos quem divergir deles. Hoje seus sindicatos são apenas novos instrumentos de controle social: como se supõe que a classe proletária já chegou ao paraíso, operário não pode reclamar.¹⁹⁰

Por fim, podemos citar ainda entre as principais críticas feita no *Lampião* à militância de esquerda, uma resistência de muitos setores de esquerda, principalmente a partidária, ao protagonismo representado pelos movimentos das minorias. Nesse ponto, Trevisan também era um dos mais engajados, defendendo a necessidade de uma desmitificação da hegemonia transformadora do proletariado e reivindicando espaço para serem colocados como agentes de transformação, “também os loucos, os velhos, as crianças, a luta ecológica, os índios, os negros, os homossexuais, as putas – enfim, todos aqueles blocos de especificidades que caminham contra a corrente.”¹⁹¹ E quanto à tese que definia os problemas colocados pelas minorias como uma “luta menor”, o editor do *Lampião* rebatia afirmando que era justamente nesse aspecto que residia a novidade e o caráter transgressor dos movimentos das minorias: “[...] nada é maior e prioritário para nós. Preferimos o menor, o individual, o infinitamente específico: só atingiremos o todo se partirmos da partícula menor, a mais individualizada [...]”¹⁹².

A partir dessa última citação, podemos destacar outra contribuição defendida pelos integrantes do *Lampião da Esquina* no que se refere ao papel dos movimentos de minorias à

¹⁸⁸ TREVISAN, op. cit., p. 6.

¹⁸⁹ TREVISAN, João Silvério. Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, p. 9, jun. 1980.

¹⁹⁰ Id. Ibid., p. 10.

¹⁹¹ Id. Ibid., p. 9.

¹⁹² Id. Ibid. p. 10.

experiência política: a defesa do caráter político do individual, do pessoal e das experiências particulares da vida. Quanto a essa questão podemos tomar novamente Trevisan como emblema, pois, para ele era no individual, no pessoal e nas experiências particulares de cada pessoa, onde residiria a verdadeira possibilidade de uma experiência política inovadora. Assim, defendia que era preciso:

[...] desenvolver portanto cada um de nós, com nossas mais profundas especificidades de seres únicos. Partir de nossas individualidades para transformar – porque só somos verdadeiramente proprietários de nós mesmos. Daí, ser o indivíduo subversão à vista: nossa infinita variedade impulsiona uma invenção continua e exige o novo. Então estaremos colocando imaginação, mistério e ambiguidade na política, considerada terreno da ciência. E inseriremos nosso corpo, cabeça, conceitos, cotidiano (sic.), a loucura de cada um no turbilhão das transformações. E como a individualidade é o terreno do improvável, estaremos adentrando o universo da poesia onde, ao contrario da militância, tende-se a abolir a doutrina e a normalidade. Resta encontrar nossa perdida poesia: talvez num vago gesto desmunhecado ao dobrar a esquina, no bilhetezinho descabelado de paixão abandonada, no traje cafona da bicha orgulhosa de estar falando em público, na peruca velha que o travesti ganhou (ou roubou?) da patroa, nos fins de semana dormindo em grupo como as lésbicas, na fantasia de trepar com o pai ou a mãe, nas fantasias engolidas. Estamos misturando ingredientes pouco usais. Nossos.¹⁹³

Aspecto interessante das tensões entre o *Lampião* e a militância de esquerda é que os dois nomes mais destacados do jornal, Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan, possuíam “um considerável currículo de militância oposicionista e eram baseados nessa experiência que faziam suas críticas à esquerda.”¹⁹⁴

Trevisan, por exemplo, chegou a fazer parte, durante a juventude, da Ação Popular Marxista Leninista (APML) – que tinha sua origem ligada a grupos de esquerda católica¹⁹⁵ – e, quando viveu no exterior, teve muitos amigos que se identificavam como socialistas. O próprio Trevisan se definia como ativista de esquerda:

Eu era um esquerdista que era homossexual e que acreditava no poder da maconha para contatar com seu mundo interior. E que não precisava de comitê central. Depois da igreja católica acabaram-se todas as minhas ilusões com relação a dogmas e centralizações dogmáticas.¹⁹⁶

¹⁹³ Id. Ibid.

¹⁹⁴ MACRAE, op. cit., p. 89-90.

¹⁹⁵ ARAÚJO, op. cit., p. 18.

¹⁹⁶ TREVISAN apud DIAS, op. cit., p. 292.

Porém, além de discordar de modos dogmáticos como muitos sujeitos de esquerdas conduziam suas práticas, uma desilusão definitiva ocorreu quando ele retornou ao Brasil, após três anos de autoexílio, e motivado em discutir aqui as questões políticas ligadas à liberação homossexual, constatou um desinteresse e um receio nos setores de esquerdas em relação à questão. Um episódio marcante para Trevisan, foi a entrevista que o mesmo fez com Wiston Leyland, durante a passagem deste pelo Brasil em 1977. A entrevista, publicada no *Lampião da Esquina* em maio/junho de 1978¹⁹⁷, foi antes apresentada a jornais alternativos de esquerda da época, porém todos se recusaram publicar a entrevista sobre liberação homossexual, alegando, segundo Trevisan, desde questões técnicas e políticas, quanto questões morais:

[...] foi contatado primeiro o jornal Movimento; seu editor respondeu que a matéria não interessava, por ser muito longa; poderia publicar parte dela, mas infelizmente o jornal andava sem espaço. Em seguida procurou-se a revista Versus; resposta do editor: ‘A entrevista pode criar problemas com o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, com o qual estamos colaborando politicamente; além do mais, somos moralmente contra a matéria em questão.’¹⁹⁸

Desde então, Trevisan teve como um dos aspectos marcantes de sua trajetória, a desconfiança em relação a influência que os partidos e organizações de esquerdas exerciam dentro dos movimentos sociais, sendo esta uma das principais causas que o levaram a se retirar do SOMOS/SP em meados de 1980.

Já Aguinaldo Silva, teve que abandonar a cidade do Recife, Pernambuco, no início da ditadura por trabalhar no jornal *Última Hora* do Nordeste, cuja linha era considerada demasiadamente radical. Em 1969, foi preso por ter escrito o prefácio para o livro *Diário*, de Che Guevara, passando cerca de 70 dias – dos quais 45 incomunicável – no presídio da Ilha das Flores, onde, segundo o próprio Aguinaldo, foi alvo de discriminação por parte de militantes radicais por conta de sua aparente homossexualidade.¹⁹⁹ Liberto, chegou a trabalhar nos jornais alternativos *Opinião* e *Movimento*, experiências que lhe permitiram, assim como ocorrera com Trevisan, “ver a pouca importância dada pelos radicais de esquerda ao assunto da sexualidade e à forma como se tentava silenciar qualquer referência à homossexualidade.”²⁰⁰

¹⁹⁷ Cf. TREVISAN, João Silvério. Leyland fala sobre atuação política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 10, mai./ju l. 1978.

¹⁹⁸ Id. Ibid., p. 10.

¹⁹⁹ Cf. SILVA, Aguinaldo. Compromissos, queridinhas? Nem morta! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 11, jul. 1980

²⁰⁰ MACRAE, op. cit., p. 90

3.3.3. O pessoal também é político

É interessante notar que, assim como ocorreram com outros temas polêmicos abordados nas páginas do *Lampião da Esquina*, os constantes ataques do jornal às esquerdas, principalmente a partidária, não deixaram de ensejar manifestações de críticas da parte de seus leitores. Alguns, como A. F., do Rio de Janeiro, destacavam o papel exercido pela esquerda, considerada pelo autor, como a única no país “que tem se preocupado com o pobre, o explorado.”²⁰¹ Já outros, chegavam inclusive a identificar o *Lampião* como um jornal de interesse pequeno burguês ou direitista. Bom exemplo é a carta de L.C.A., publicada edição de agosto/setembro de 1978, onde crítica o artigo de Trevisan sobre a Semana da Convergência Socialista publicada na edição anterior, afirmando que:

Acho bom vocês manerarem (sic.) a língua pois senão seus leitores serão somente aqueles iguais ao Carlos Quebec (Cartas na Mesa, *LAMPIÃO* nº 3); um baluarte (mais um) da direita reacionária. Ou então, ao lado de um ‘reacionário’ (Antônio Chrysóstomo²⁰²) publiquem o artigo de um ‘progressista’ para contrabalançar a coisa, para que seus leitores não fiquem com uma visão só da direita...²⁰³

É importante notar que o comentário do leitor acerca do posicionamento contestatório dos integrantes do *Lampião* a expoentes de esquerda revela como no chamado período de redemocratização do Brasil, havia uma dificuldade entre adeptos de um posicionamento político de esquerda em entender os questionamentos que surgiam no interior daqueles que faziam parte deste campo de atuação, especialmente por se mostrarem presos a um vocabulário ainda marcado pelas dicotomias que caracterizaram o debate político nas décadas de sessenta e setenta.

A nosso ver, interpretar as críticas do *Lampião da Esquina* às esquerdas a partir de uma dicotomia direita-esquerda, se constitui numa forma reducionista e imprópria de analisar a experiência histórica constituída pela atuação do jornal. As críticas realizadas por autores como João Trevisan, Aguinaldo Silva, além de outros editores e colaboradores do jornal, não podem ser vistos como um alinhamento do jornal à direita. Na verdade, uma perspectiva que

²⁰¹ ESQUERDA o quê? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 30, p. 18-19, nov. 1980. Aspas e itálico do autor.

²⁰² Na realidade o autor da carta se confunde. Pois, o mesmo pretendia se referir a João Silvério Trevisan e seu artigo sobre a Semana da Convergência Socialista, publicada na edição n. 2 (p. 9), fato que o mesmo esclarece em outra carta na edição seguinte. Ver: PEDIDOS de desculpas. *Lampião da Esquina*, ano I, n. 5, p. 15, setembro/outubro 1978.

²⁰³ UM ENGANO lamentável. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 15, agosto/setembro 1978.

consideramos útil para pensar a relação entre o *Lampião da Esquina* e as esquerdas é aquela segundo a qual é necessário olhar aquilo que podemos classificar – no contexto trabalhado – como esquerdas, não como um corpo unívoco, mas sim, fragmentado, cujas partes, estão em permanente colisão. Assim, o *Lampião* nos parece muito mais um expoente exemplar daquilo que Maria Paula Nascimento Araújo definiu como uma esquerda alternativa e cuja principal contribuição histórica teria sido justamente um repensar acerca da própria experiência política de esquerda no Brasil. Uma esquerda cuja atuação coloca em evidência a tentativa, dentro do contexto trabalhado, de formulação de um novo conceito de política pautado, conforme a historiadora, “na crítica (pela esquerda) à experiência marxista, na crítica à ideia de representação, na valorização do aspecto subjetivo da experiência política (valorização do cotidiano, politização das relações pessoais) e na afirmação das experiências particulares de vida.”²⁰⁴

As duas últimas propostas foram as mais fundamentais para os integrantes do *Lampião da Esquina*, pois uma de suas metas centrais foi justamente trazer questões como a sexualidade, o desejo, o orgasmo, o corpo e a afetividade, para o centro do debate político, seguindo contra uma perspectiva ainda apegada a uma rígida demarcação de fronteiras entre o que, de um lado seria pertencente ao campo do pessoal e/ou do privado, e o que do outro lado se constituiria naquilo a ser considerado relevante para a prática política: a revolução e o combate à ditadura. Repensar esse dualismo foi, a nosso ver, o questionamento colocado por editores e colaboradores do *Lampião* em relação à militância política de esquerda da época. Nas palavras de Janice Caiafa, importava “acabar com esse dualismo que esmaga uma e outra luta. Trata-se de fazer as duas, sem despojar nenhuma de sua existência como fato-história.”²⁰⁵

Nesse empreendimento, o *Lampião da Esquina*, seguindo a trilha aberta pelo feminismo, ao afirmar que “o pessoal é político” – trazendo para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado²⁰⁶ –, acabou se constituindo, num significativo personagem não somente do processo de defesa pública e redefinição da homossexualidade, mas também, do processo histórico de redefinição do pensamento político contemporâneo, onde as fronteiras entre o que é político e o que é pessoal, o que é público e o que é privado, têm sido constante e profundamente questionadas e redefinidas.

²⁰⁴ ARAÚJO, op. cit., p. 18.

²⁰⁵ CAIAFA, Janice. Passagem de fluxo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 7, out. 1979.

²⁰⁶ COSTA, op. cit., p. 53.

4. GÊNERO E TENSÕES DE IDENTIDADE NAS PÁGINAS DO *LAMPIÃO*

Uma importante questão relacionada à afirmação política da identidade tem sido levantada na crítica à política feminista. Ela reside no questionamento de se esta não teria contribuído para endossar uma noção de identidade essencializada, universal e específica das mulheres.

Um dos nomes de destaque nessa linha de questionamento é a historiadora Joan W. Scott. Em seu trabalho sobre as feministas francesas¹, Scott destaca como esse movimento teve dois importantes corolários. O primeiro foi que, esse movimento acabou endossando “implicitamente a premissa de que pode haver uma definição oficial e autoritária de diferença sexual.”² Para Scott, esse acabou sendo o grande paradoxo do feminismo: questionar a diferença entre homens e mulheres e, ao mesmo tempo, se vê obrigado a endossar, em nome das mulheres, essa mesma diferença que buscou negar. Nas palavras da historiadora: “[...] afim de protestar contra as várias formas de segregação que lhes eram impostas, as mulheres tinham de agir em seu próprio nome, invocando, dessa forma, a mesma diferença que procuravam negar”³

Mas, esse paradoxo, na verdade, estava profundamente ligado a outro corolário destacado pela autora, que é o fato de que as feministas ao questionarem a exclusão política das mulheres, seja defendendo que as mulheres são iguais aos homens, seja defendendo que elas são diferentes, terminaram por atribuir “identidades fixas e análogas a homens e mulheres.”⁴

Para a historiadora, este corolário seria um atributo não somente da política feminista, mas igualmente do modo com tem se tentado escrever uma história das mulheres. Segundo Scott, ao amparar numa autenticidade indiscutível da experiência das mulheres, a narrativa da história destas teve como efeitos “estabelecer de forma incontroversa a identidade das mulheres como pessoas de agenciamento”, e, “universalizar a identidade das mulheres e,

¹ SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Trad. Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

² Ibid., p. 18

³ Ibid.

⁴ Ibid.

assim, fundamentar alegações de legitimidade da história das mulheres na experiência compartilhada entre os/as historiadores/as e as mulheres cujas estórias contam.”⁵

Outra personagem emblemática dessa linha de questionamento feita ao feminismo é Judith Butler. Ao refletir acerca de uma identidade comum das mulheres, a autora faz as seguintes interrogações:

[...] existiriam traços comuns entre as ‘mulheres’, preexistentes à sua opressão, ou estariam as ‘mulheres’ ligadas em virtudes somente de sua opressão? Há uma especificidade das culturas das mulheres, independente de sua subordinação pelas culturas masculinistas hegemônicas? Caracterizam-se sempre a especificidade e a integridade das práticas culturais ou linguísticas das mulheres por oposição e, portanto, nos termos de alguma outra formação cultural dominante? Existe uma região do ‘especificamente feminino’, diferenciada do masculino como tal e reconhecível em sua diferença por uma universalidade indistinta e consequentemente presumida das ‘mulheres’?⁶

O que Butler busca problematizar é o fato de que, para o feminismo, têm sido fundamental a existência de “uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior do seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada.”⁷ Para a autora, esse procedimento faz parte do que ela denomina de “raciocínio fundacionista” da política da identidade, cujo principal pressuposto é o de “supor que primeiro é preciso haver uma identidade, para que os interesses políticos possam ser elaborados.”⁸ Para ela, o principal problema que isso acarreta é o de que termina-se fixando, naturalizando e universalizando a identidade dos sujeitos – no caso em questão, as mulheres – anteriormente aos processos históricos – sistemas jurídicos de poder, práticas de representação etc. – que os constituem.

Segundo Butler, essa característica do feminismo fez com que o movimento tivesse como um de seus atributos, a perpetuação de uma noção naturalizada ou essencializada, universalizante e descontextualizada de “mulher” e de uma identidade comum das mesmas.

⁵ SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 36-37.

⁶ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 21. Aspas da autora.

⁷ Ibid., p. 17-18.

⁸ Ibid., p. 205.

Transportando esse debate do campo da teoria e da política feminista para o campo da afirmação política da homossexualidade no mundo contemporâneo, nos é possível postular a existência de semelhante problema. No caso do *Lampião da Esquina*, podemos dizer, conforme já assinalamos, que ele foi uma produção que buscou defender o direito à homossexualidade, e mais ainda, que buscava falar em nome e a respeito de sujeitos considerados e/ou assumidos como homossexuais. Buscava, desse modo, não apenas fazê-los respeitáveis, mas também torná-los visíveis com tudo aquilo que suas experiências implicava. Nessa empresa, o jornal contribuiu não apenas para se repensar a homossexualidade, tornando-a positiva, mas contribuiu, igualmente, para naturalizá-la, ou seja, contribuiu para fazê-la uma essência ou um atributo de sujeitos específicos por natureza, e mais ainda, um atributo comum de um conjunto de indivíduos.

Mas, seria a homossexualidade, enquanto identidade, um dado natural, evidente e unívoco? Ou seria apenas, usando os termos de Butler ao se referir à construção de um “nós” feminista, “uma construção fantasística, que tem seus propósitos, mas que nega a complexidade e a indeterminação internas do termo, e só se constitui por meio da exclusão de parte da clientela, que simultaneamente busca representar.”⁹?

Na verdade, é justamente a última alternativa que buscamos defender aqui em relação à identidade homossexual. Ou seja, vemos a identidade homossexual, assim como outras formas de identidade, como uma construção social, política e histórica, e que tem como um de seus atributos fundamentais, um permanente trabalho de regulação dos elementos que as tornam instáveis e abertas. Desse modo, vemos as identidades não apenas como construções, mas como campos de conflitos que estão permanentemente sendo negociados.

Nesse capítulo, portanto, buscamos mostrar como esse caráter pode ser visto, a partir do *Lampião da Esquina*, no processo de construção de uma política de afirmação homossexual no Brasil, no contexto do qual o jornal faz parte – final dos anos 1970 e início dos anos 1980 – e como o gênero acabou se constituindo num elemento chave nessa questão, na medida em que revela tensões existentes no interior daquilo que se definia como uma identidade homossexual.

Mas, um questionamento poderia ser colocado agora: mas por que o gênero e não outro demarcador, como classe, raça etc.? De nossa parte, podemos dar como principal resposta a esse questionamento, o de fato de ter sido o gênero, entre os variados demarcadores

⁹ Ibid., p. 5.

identitários, o principal gerador de tensões e debates no *Lampião* acerca dos significados de ser homossexual. Fato este que acabou fazendo do jornal não apenas um espaço de debate sobre a questão do direito à homossexualidade, ao orgasmo e à liberdade de opção sexual na sociedade brasileira entre fins dos anos 1970 e início da década de 1980, mas também quanto ao tema das relações entre identidade sexual e identidade de gênero. Portanto, podemos dizer que, um debate envolvendo as categorias da masculinidade e da feminilidade, e suas relações com a identidade homossexual, foi de modo significativo veiculado nas páginas do *Lampião da Esquina* ao longo de sua trajetória.

Assim, é em virtude dos fatores assinalados que temos como meta central no presente capítulo, analisar de que modo – ou modos – questões em torno do gênero e da sexualidade foram mobilizadas e discutidas nas páginas do *Lampião da Esquina* no processo de afirmação da homossexualidade da qual o jornal faz parte. De modo mais objetivo, buscamos analisar de que maneiras as relações entre ser homossexual – especialmente homossexual masculino – e identidade de gênero, foram conduzidas nas páginas do *Lampião* em sua empresa de redefinição da homossexualidade, e o que as tensões oriundas do debate em torno dessas categorias nos permite compreender acerca de uma política da identidade em construção no contexto trabalhado.

Com esse objetivo, buscamos contribuir para o entendimento de um debate ainda pouco explorado na crítica existente sobre o *Lampião da Esquina* e que julgamos de fundamental relevância. Ao mesmo tempo, buscamos também contribuir com aquilo que João Góis aponta como uma das principais lacunas no campo dos estudos sobre homossexualidade no Brasil, que é “a (quase) ausência do debate sobre gênero nesse campo.”¹⁰

4.1. Redefinições de gênero

Na era contemporânea, as transformações sociais e culturais que implicaram num processo de revolução dos costumes, empreenderam um contínuo processo de questionamentos e redefinições tanto nas relações entre os gêneros, como também no que diz respeito aos significados de “ser homem” e “ser mulher” e, consequentemente, das categorias da masculinidade e da feminilidade. Paralelo ao processo despudoração da sexualidade e às

¹⁰ GÓIS, João Bosco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. *Gênero*. Niterói, v. 4, n. 1, p. 8, 2 sem. 2003.

transformações dos modos, ocorreram importantes questionamentos e redefinições nos papéis e nos significados tradicionais de gênero tanto para homens quanto para mulheres. As mudanças comportamentais e os ideais ligados à contracultura, ao feminismo, a vulgarização pública das manifestações da homossexualidade juntamente com a atuação dos movimentos de gays e lésbicas, foram fatores importantes que, ao longo da segunda metade do século XX, contribuíram para um processo permanente de questionamento e redefinição das categorias clássicas de gênero no mundo contemporâneo.

O Brasil, como parte desse processo, não deixou de seguir a “maré”. Marcado por um processo de modernização da sociedade – industrialização, crescimento da vida urbana, expansão e diversificação das oportunidades de trabalho e de estudo, modernização e expansão do setor midiático e a ampliação das oportunidades de consumo –, intensificado entre as décadas de 1960 e 1980 com o crescimento econômico da economia nacional, o país, mesmo com o autoritarismo político vivido a partir de meados da década de 1960, assistiu grandes transformações no campo da vida privada e dos costumes que colocavam nossa sociedade, principalmente no que se refere aos setores de classe média, em sintonia com a revolução cultural que ocorria no ocidente¹¹.

Comentando sobre o impacto da modernização da sociedade brasileira pós-década de 1960 no campo dos costumes e dos comportamentos, Del Priore sintetiza esse processo do seguinte modo:

Nessa história, um novo ato abriu-se com o desembarque da pílula anticoncepcional no Brasil. Livres da sífilis e ainda longe da aids, os jovens podiam experimentar de tudo. O *rock and roll*, feito sobre e para adolescentes, introduzia a agenda dos tempos: férias, escola, carros, velocidade e, o mais importante, amor! A batida pesada, a sonoridade e as letras indicavam a rebeldia frente aos valores e à autoridade do mundo adulto. Um desejo sem limites de experimentar a vida *hippie* e os cabelos compridos se estabeleciam entre nós. As músicas dos Stones e Bob Dylan exportavam, mundo afora, a ideia de paz, sexo livre e drogas como libertação da mente. [...] Tudo isso junto não causou exatamente um milagre, mas, somado a outras transformações econômicas e políticas, ajudou a empurrar barreiras.¹²

¹¹ Para uma abordagem geral sobre a revolução cultural da era contemporânea, ver HOBBSAWM, Eric. A revolução cultural. In: _____. *A era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 314-336.

¹² DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 175. Itálicos da autora.

Pelo comentário citado, podemos afirmar que estávamos num mundo em transformação, em que se poderia testemunhar “um crescente processo de fragmentação das paisagens culturais, particularmente das noções tradicionais de gênero, de sexualidade, de etnia, de classe, etc.”¹³ Nesse contexto, entre as barreiras empurradas, questionadas e/ou deslocadas, estavam formas tradicionais em que se definiam as fronteiras entre homens e mulheres, e entre o que se considerava masculino e feminino. Esse processo foi vivido de forma mais intensa no seio da juventude dos setores médios da sociedade brasileira, principalmente entre aqueles cujo estilo de vida havia assimilado os modos e valores associados a “contracultura”.

Outro processo de mudança, também ligado a contracultura, foi o questionamento e a promoção de um “afrouxamento” das barreiras culturais, no que se refere à divisão entre os gêneros. Um dos acontecimentos emblemáticos desse processo foi a difusão de uma cultura de androginia, expressa entre muitos jovens na adoção de uma estética unissex. Segundo Lucy Dias, nesse contexto,

[...] a ambigüidade sexual e as vastas cabeleiras confundiam os papéis, indicando o declínio do macho. A moda era unissex. As calças boca-de-sino, o *blue jeans* manchado, apertado, tingido, desbotado, amaciado [...] eram o *grande barato*. As mulheres usavam *crylor*; os homens, tergal de cores vivas; os *quadrados* vestiam roupas do Club Um, o *prêt-à-porter* masculino, vendido em módicas prestações.¹⁴

A figura unissex ou andrógina das décadas de 1960 e 1970 foi também popularizada no teatro e na música popular. Assim, enquanto o final dos anos 1960 viu destacar-se, entre outros, a figura de Caetano Veloso, a década de 1970 foi marcada pela atuação de figuras emblemáticas: o grupo musical e de teatro Dzi Croquettes e o cantor Ney Matogrosso. Sobre o papel destes dois personagens, James Green comenta que

Ambos usavam o desvio de gênero e a androginia para desestabilizar as representações padronizadas do masculino e do feminino. Seus *Shows* refletiam uma ampla aceitação social, entre o público de classe média, de representações provocativas de papéis e identidades de gênero.¹⁵

¹³ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Deslumbramento e susto: maravilhas tecnológicas, captura social e fuga identitária nos anos sessenta. In: *Todos os dias de Paupéria*: Torquato Neto e uma contra história da Tropicália. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 56.

¹⁴ DIAS, Lucy. *Anos 70: Enquanto corria a barca*. São Paulo: Editora Senac, 2003, p. 89. Itálicos da autora.

¹⁵ GREEN, op. cit., 409.

Desse modo, no período em questão, mesmo que as formas tradicionais de codificação das categorias de gênero, sustentadas numa rígida fronteira entre homens e mulheres – e o masculino e o feminino –, ainda fossem hegemônicas no seio da sociedade da época, assistiu-se, no entanto, a um processo de questionamentos e redefinições das posições tradicionais. Mesmo que isso fosse um processo mais evidente apenas nos setores medianos da sociedades, é possível afirmar que, conforme Del Priore, no contexto em estudo, “aos trancos e barrancos, discutia-se um novo modelo de feminilidade, mas também de masculinidade.”¹⁶

Esse processo – que juntamente com a despudoração e o relaxamento das normas no campo da vida sexual e as mudanças no campo dos comportamentos, fazia parte do amplo processo de modernização da sociedade brasileira – foi um dos fatores que contribuíram para um processo de banalização das manifestações pública da homossexualidade entre os anos 1960 e 1980, uma vez que, pelo menos entre os sujeitos que experienciavam as mudanças comportamentais do período, passava-se também a se questionar uma relação clássica entre identidade de gênero e sexualidade, onde a heterossexualidade era considerada um padrão na definição tanto de homens como de mulheres.

Por sua vez, podemos afirmar que o processo de uma crescente visibilidade pública de manifestações da homossexualidade, entre as décadas de 1960 e 1980, envolvia não somente o questionamento das representações depreciativas – anormalidade, perversão, delinquência, jocosidade, decadência social, etc. – associadas aos sujeitos definidos e/ou assumidos como homossexuais, mas também foi marcado, conforme poderemos ver nas páginas do *Lampião da Esquina*, por tensões em torno das relações entre homossexualidade e as categorias de gênero, ou melhor, das relações entre ser homossexual e os códigos definidores da masculinidade e da feminilidade, principalmente no que diz respeito à homossexualidade masculina. Vejamos, assim, de que modo(s) se deu a relação entre homossexualidade masculina e identificações de gênero nas páginas do *Lampião da Esquina*.

4.2. O *Lampião*, a homossexualidade e as identificações de gênero

Um primeiro ponto a se assinalar como parte das questões envolvendo identidade sexual e gênero no *Lampião* é o seu nome. Como destacamos no primeiro capítulo, o nome do jornal – “Lampião da Esquina” – tinha um sentido aberto, carregando uma possibilidade ampla de

¹⁶ DEL PRIORE, op. cit., p. 179.

significados. Era uma alusão ao objetivo de seus criadores de iluminar a condição homossexual, no sentido de promover uma autoafirmação da identidade. Também pode ser visto, conforme James Green, como alusão a um estilo gay de rua. Mas, pode ainda ser encarado como uma alusão ao personagem da história do cangaço nordestino entre final do século XIX e início do século XX, o pernambucano Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como “lampião”. Essa leitura se reforça com o símbolo que era publicado nas capas de cada edição e se constituiu no logotipo do jornal ao longo de sua existência, conforme podemos observar a seguir:



Fig. 8: Logotipo presente na capa da edição número zero.

Observando a imagem, podemos ver que o símbolo usado como logotipo ou logomarca do *Lampião da Esquina* – um arco formando o chapéu, os círculos expressando os óculos e o bastão assinalando o nariz – pode ser lido como uma referência clara a imagem do cangaceiro. Num comentário de Aguinaldo Silva à revista *Isto É*, podemos identificar, também, como essa associação do nome do jornal com o personagem do cangaço era uma questão reconhecida e admitida para alguns dos seus criadores: “O nome do jornal? Há uma lista imensa, mas o que me agrada é *Lampião*: primeiro, porque subverte de saída à coisa machista (um jornal de bicha com nome de cangaceiro?).”¹⁷

A interrogação feita por Aguinaldo Silva – “um jornal de bicha com nome de cangaceiro?” – abre uma chave interessante para se observar os modos como o *Lampião* buscou lidar com a problemática homossexualidade x identidade de gênero. Por que seriam as imagens da “bicha” e do cangaceiro elementos em contradição? E que debate está envolvido

¹⁷ SILVA apud SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *E havia um lampião na esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 37.

na associação feita pelos editores do jornal entre ser homossexual e uma figura considerada, entre outros, símbolo de masculinidade?

Na verdade, a identificação do jornal ao cangaceiro ganha significado histórico quando retomamos os sistemas de identificação e representação da homossexualidade masculina em circulação nos grandes centros urbanos brasileiros, como Rio de Janeiro e São Paulo, durante os anos 1970. Tomando por fundamento os estudos de alguns pesquisadores que analisaram o tema em questão – Carmen Dora Guimarães, Peter Fry, Edward MacRae e James Green – é possível considerar que, pelo menos desde a década de 1960 havia em cidades como Rio e São Paulo dois sistemas hegemônicos de identificação e representação social dos sujeitos considerados e/ou assumidos como homossexuais.

O primeiro deles consistia num sistema cujo marcador identitário era o papel ou a posição que o indivíduo ocupava na prática sexual e se caracterizava por fazer uma espécie de paródia do modelo clássico ou tradicional de relação sexual vigente na cultura brasileira, baseado na relação homem/mulher ou macho/fêmea, e que, em relação à homossexualidade masculina ou entre homens, se expressava na díade “ativo/passivo” ou “bofe/bicha”, e no caso da homossexualidade feminina ou entre mulheres, na díade “fanchona/lady”.

No que diz respeito à homossexualidade masculina, a identificação da homossexualidade era associada aos sujeitos considerados sexualmente passivos que, por sua vez, eram definidos comportamental e psicologicamente como efeminados. São os chamados “bichas” ou “bonecas”. Por outro lado, os indivíduos considerados sexualmente ativos eram representados como comportamental e psicologicamente masculinizados e viris, e não eram questionados nem do ponto de vista de sua condição sexual, nem quanto à identidade masculina. Eram os chamados “bofes”, que, ao contrário dos designados como “bichas”, eram considerados “homens verdadeiros” ou simplesmente “homens”.

Desse modo, as representações amparadas nesse sistema, conforme assinala Peter Fry¹⁸ e James Green¹⁹, pressupunham uma segregação rígida e hierárquica entre os papéis masculino e feminino, e encaravam como desviantes as relações sexuais cujos parceiros passavam a desempenhar um mesmo papel sexual, ou seja, entre duas “bichas” ou entre dois “bofes” ou “homens”, pois, desse modo, era quebrada “a regra fundamental do sistema que

¹⁸ Cf. FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 90.

¹⁹ Cf. GREEN, op. cit., p. 302-303.

exige que as relações sexuais-afetivas ‘corretas’ sejam entre diferentes papéis de gênero ordenados hierarquicamente.”²⁰

No que se refere à contextualização, James Green nota que esse sistema foi hegemônico no Brasil até a década de 1950, no entanto, ele pode ser ainda encontrado ao longo das décadas posteriores. Em seu estudo sobre essa questão, Green usa como fonte principal, *O Snob*, uma produção caseira que circulou nos circuitos de sociabilidades frequentados por homossexuais de classe média e alta da cidade do Rio de Janeiro entre 1963 e 1969. Segundo o historiador, no universo social e cultural representado por essa publicação, “a masculinidade era a essência de ser um bofe. A feminilidade era a essência de ser um bicha ou boneca”²¹.²² Por sua vez, o termo “homossexual”, conforme era usado no sistema de identificação compartilhado pelo universo social e cultural dos membros de *O Snob* “referia-se aos bichas e bonecas e não aos bofes.”²³ Interessante notar que, nesse sistema, ser homossexual para um homem não deixava de implicar numa condição hierarquicamente inferior, levando-se em conta que era um atributo considerado de feminilidade e não de masculinidade que a constituía enquanto tal.

Embora ainda fosse amplamente difundido no contexto pós 1960, como sugere Green, o sistema partilhado pelos editores e pelo público de *O Snob* não era o único existente no período, e passou a concorrer, principalmente na década de 1970, com outros modos então possíveis de classificar e representar a identidade de um indivíduo que se relacionava com outros do mesmo sexo. Entre esses se destaca um sistema de identificação e representação da homossexualidade masculina que, ao contrário do anteriormente citado, amparava-se menos na noção de papéis sexuais classificados a partir da dicotomia macho/fêmea – e seu correlato ativo/passivo – e incorporava uma noção de que ambos os parceiros eram homossexuais²⁴. Carmen Dora Guimarães – que em 1977 defendeu uma dissertação em Antropologia Social pela UFRJ, trabalhando com uma rede social de homens de classe média do Rio de Janeiro na década de 1970 que se assumiam como homossexuais – foi uma das primeiras pesquisadoras a assinalar como no meio social ao qual pertencia essa rede por ela pesquisada, havia se difundido um novo sistema de identificação que se contrapunha ao modelo bofe/bicha ou

²⁰ FRY, op. cit., p. 90. Aspas do autor.

²¹ Denominação usada para designar sujeitos que se vestiam em trajes femininos.

²² GREEN, op. cit., p. 303.

²³ Ibid.

²⁴ Cf. FRY, op. cit., p. 93-95; e GREEN, op. cit., p. 424-427.

ativo/passivo, consagrado nas décadas anteriores. Ao comentar as características dos sujeitos que compõem a rede por ela pesquisada, Guimarães destaca que:

A negação desta diferenciação ideológica ativo (masculino)/passivo (feminino) para definir a identidade homossexual também pertence ao *ethos* dos indivíduos do *network* e orienta suas relações sociossexuais. Para estes, ‘a questão de ativo e passivo não se coloca; tudo é ‘transa’’. Definem a *relação* como homossexual, assim como ambos os parceiros da relação.²⁵

Em outra passagem, a autora acrescenta ainda que, os sujeitos por ela pesquisados

[...] consideram a dicotomização da relação em papéis masculinos e femininos ‘ridícula, doente e patológica’. Os termos ‘ativo’ e ‘passivo’ não são aplicáveis aos parceiros, nem na prática sexual, nem na distribuição e desempenho das tarefas caseiras. A ênfase em ‘ser homem’ na realização desta opção sexual leva a um esforço deliberado para desenvolver padrões de comportamento considerados indispensáveis aos heterossexuais masculinos.²⁶

Percebe-se pelas citações de Guimarães, que esse sistema – que tanto a autora, como também pesquisadores como Fry, Green e MacRae, o situam entre os homens de classe média de grandes cidades do país – já não procurava tanto reproduzir o modelo hegemônico de relação sexual baseado na relação homem/mulher ou macho/fêmea, tornando irrelevante a dicotomia ativo/passivo. Também abdicava, conforme James Green, da adoção de papéis hierarquizados de gênero, adotando, por outro lado, “o conceito de uma relação mais igualitária entre os parceiros sexuais.”²⁷ Além disso, outro aspecto importante desse sistema é que, ambos parceiros passam a serem designados como homossexuais. Desse modo, há uma dissociação da relação entre homossexualidade e efeminação, necessária no modelo anterior, e é incorporada uma possibilidade de associação entre homossexualidade e masculinidade, questão sempre encarada como problemática desde o início da era contemporânea, conforme retomaremos adiante.

Por enquanto, nos interessa assinalar que, conforme a bibliografia, se até o final dos anos 1950 era possível visualizar apenas um sistema rigidamente generificado, a partir dos anos 1960, principalmente a partir do final da década, essa hegemonia passa a perder espaço

²⁵ GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004. p. 85. Itálicos da autora.

²⁶ Ibid., p. 93. Aspas da autora.

²⁷ GREEN op. cit., p. 425.

cada vez maior para novos sistemas de identificação e representação, processo que Green sintetiza da seguinte forma:

[...] No ambiente cultural rigidamente generificado da década de 1950, a socialização homossexual no interior da subcultura reproduzia o sistema de gêneros normativo. Os bichas e os bofes de *O Snob* espelhavam o paradigma dominante. À medida que essa construção hegemônica começou a declinar na década de 1960, novos modos de conformar a identidade sexual de um indivíduo tornaram-se possíveis. Modelos de papéis nacionais e internacionais ofereciam exemplos alternativos para criar novos tipos de relações e de atividades sexuais. Os bichas descobriram [...] que os papéis sexuais podiam ser fluídos. [...] a masculinidade já não era mais dissociada da homossexualidade. Em vez de ser ‘isso’ ou ‘aquilo’, podia-se ser ambos.²⁸

Mas, como o próprio Green frisa, não significa que um sistema tenha substituído outro. O que ocorre é muito mais um processo de coexistência – que parece perdurar até os dias atuais – de dois ou mais sistemas. Desse modo, a situação de incertezas ou indefinições no campo das identificações de gênero, próprios do contexto, e que atravessavam sujeitos de certos segmentos da sociedade brasileira, também foi acompanhado de situação semelhante para aqueles que eram definidos e/ou assumidos como homossexuais.

Feito este esboço, podemos retomar a questão do termo “Lampião da Esquina” bem como a associação a que ele remete entre “bicha” e “cangaceiro”, ou melhor, entre homossexualidade e masculinidade. Na verdade, esta associação pode ser vista como uma das formas de redefinição da imagem do homossexual proposta por seus editores e como um questionamento de uma tradição que tendia associar homossexualidade e efeminação, e que via no homossexual uma ausência de masculinidade e virilidade. Em outros termos, podemos afirmar que, os editores do *Lampião*, buscavam mostrar que ser homossexual não implicava num processo de abandono ou negação da masculinidade. Conforme trecho do editorial da edição número zero, uma das metas era “[...] destruir a imagem-padrão do homossexual segundo a qual ele é um ser [...] que é dado aos ademanos”²⁹. Ou seja, que ele é um sujeito cujo comportamento revela-se carregado de trejeitos, estando assim, marcado por gestos e comportamentos que colocam em xeque sua masculinidade.

O símbolo usado como logotipo do jornal e estampando nas capas das edições, também pode ser lido como uma referência que ia além da evocação de uma imagem do

²⁸ Ibid., p. 426-427. Aspas do autor.

²⁹ SAINDO do Gueto. *Lampião*, n. zero, p. 2, abril 1978.

personagem do cangaço nordestino, sugerindo, igualmente, uma possibilidade de associação entre ser homossexual e ser masculino, pois, conforme se pode observar na imagem a seguir, também pode ser lido como alusão a um falo, considerado, segundo Badinter, um dos principais demarcadores da identidade masculina e “metonímia do homem”³⁰.

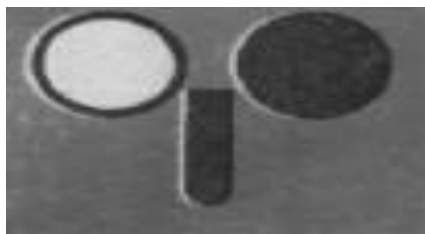


Fig. 09: Referência a um falo no logotipo do jornal

Também é interessante notar o modo como os editores do *Lampião* se apresentam na primeira edição do jornal, através do uso do termo “Senhores do Conselho”, seguida de uma apresentação das profissões dos onze membros do conselho editorial³¹. Por um lado, esse procedimento era uma das características das publicações alternativas brasileiras no contexto da ditadura que, conforme Kucinski, “procuravam montar um conselho editorial composto por personalidades de prestígio com a finalidade de legitimar a linha editorial, ampliar a base de sustentação dos jornais frente às investidas da repressão e identificá-los com correntes expressivas de opinião.”³²

Por outro lado, esse procedimento pode ser lido como uma tentativa de repassar aos leitores uma imagem de respeitabilidade dos integrantes do jornal. Desse modo, era tanto uma forma de contestar o discurso da discriminação que associava a homossexualidade à decadência social, como também se constituía numa apropriação de um importante demarcador identitário da masculinidade: o status profissional, pois, conforme Sócrates Nolasco, o trabalho funciona como uma das primeiras referências para a construção do modelo de comportamento dos homens, ou seja, “o trabalho define a primeira marca da masculinidade.”³³

Focar a possibilidade de conexão entre homossexualidade e masculinidade não se constituía apenas em uma crítica a um sistema de identificação e representação por uma nova

³⁰ BADINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 141.

³¹ SENHORES do Conselho. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 2, abril 1978.

³² KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*, 1991, p. XX.

³³ NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 51.

forma de perceber a homossexualidade no Brasil dentro do contexto citado, mas se constituía também, numa crítica a toda uma tradição que se tornou hegemônica desde o século XIX, e que via na homossexualidade um sinônimo de perda ou decadência da masculinidade.

Conforme atestam diversos pesquisadores do tema – Michel Foucault, Jeffrey Weeks, Jonath Katz, Elizabeth Badinter, Régis Revenin, Jurandir Freire Costa –, um saber sobre a homossexualidade e a consequente construção de um sujeito homossexual, foi uma construção recente da modernidade, mais precisamente do século XIX. Segundo Jeffrey Weeks,

[...] embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada, como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades, somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada.³⁴

Isso significa que, conforme Weeks, “antes do século XIX, a ‘homossexualidade’ existia, mas o/a ‘homossexual’ não”.³⁵ Dito de outro modo, as práticas sexuais e o desejo entre pessoas do mesmo sexo sempre existiram, no entanto, é somente a partir do século XIX que um sujeito definido como homossexual, numa referência a um grupo de indivíduos com uma natureza psicológica e comportamental específica, passa a se tornar uma realidade e objeto do saber e, conseqüentemente, da cultura. Principal agente nesse processo de construção histórica do homossexual, foi o discurso médico-psiquiátrico, cujo objetivo central era identificar os desvios de uma sexualidade considerada sadia ou normal – a heterossexualidade –, demarcando, por sua vez, o território das chamadas sexualidades perversas ou anormais. Sobre esse processo, Michel Foucault descreve como se operou, a partir do discurso científico, uma passagem do antigo sodomita para o homossexual moderno:

A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. [...] a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as ‘sensações sexuais contrárias’ pode servir de data natalícia – menos como

³⁴ WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (orgs.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 65.

³⁵ Id. Ibid.

um tipo de relação sexual do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando ela foi reconstruída na prática da sodomia como uma espécie de androginia interior, como um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie.³⁶

Além de reforçar a tese de que a homossexualidade se constitui numa construção histórica, a citação de Michel Foucault toca em outro ponto importante desse processo: o fato de que a construção da homossexualidade, nos primórdios da era contemporânea, não dizia respeito apenas a um processo de medicalização da sexualidade humana, mas também respondia às novas formas de se conceber as diferenças entre homens e mulheres. Nesse contexto de redefinições das diferenças, Thomas Laqueur³⁷ destaca um acontecimento de fundamental importância: a emergência de um saber acerca da sexualidade humana em que homens e mulheres são vistos, por conta de sua anatomia sexual, como seres distintos e incomensuráveis. Segundo Laqueur, desde o século XVIII, a visão dominante era que, “há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis de gênero, são de certa forma baseados nesses ‘fatos’.”³⁸ Foi nesse mundo onde homens e mulheres se tornaram por uma essência distintos, que a homossexualidade foi construída. E essa categorização foi construída tendo uma característica fundamental: a inversão sexual e, consequentemente, de gênero. Retomando as palavras de Foucault, o homossexual surge como alguém capaz de “inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino.”

No caso do homossexual masculino, essa inversão correspondia a sua suposta efeminação, seja no desejo, seja no comportamento. Conforme Jurandir Freire Costa, a partir do século XIX, o homossexual foi alinhado “como anti-norma paroxística da figura do homem-pai”³⁹. A partir desse período, a feminilidade do homossexual foi afirmada, “a despeito de qualquer contra-exemplo empírico ou qualquer incongruência conceitual.”⁴⁰ Assim, embora seja possível identificar, desde o século XIX, representações que divergiam de

³⁶ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade - A vontade de saber*. Vol. I Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005, p. 44-43.

³⁷ LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

³⁸ COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso - Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 18.

³⁹ *Ibid.*, p. 129

⁴⁰ *Ibid.*

uma ligação necessária entre homossexualidade masculina e feminilidade⁴¹, essa ligação acabou se tornando um dado recorrente nas representações da homossexualidade masculina. Segundo Florence Tamagne,

O homossexual tinha sido definido no final do século XIX, como um contratipo viril. Alguns militantes homossexuais, como Karl Heinrich Ulrichs e Magnus Hirschfeld tinham afirmado a existência de um ‘terceiro sexo’: o ‘invertido’ tinha ‘uma alma de mulher num corpo de homem’. Se alguns homens se identificavam plenamente com esta imagem, outros escolhiam uma apresentação de si mesmos como afeminados, afim de melhor se integrar no seio da subcultura homossexual, ou como uma estratégia destinada a capturar a atenção dos parceiros ‘heterossexuais’.⁴²

Elizabeth Badinter também destaca como historicamente se construiu, a partir do saber médico, uma imagem do homossexual enquanto negação da masculinidade. Ela assinala que, os homossexuais eram definidos no discurso médico não apenas como uma ameaça à nação e à família, mas igualmente, como um traidor da causa masculina⁴³. Segundo a autora

Os próprios médicos condenam esses homens efeminados, que não cumprem suas obrigações de homens. Acusam-nos de falta de grandeza de alma, de coragem e devoção; deploram sua vaidade, suas indiscrições, suas tagarelices. Em suma, são ‘mulheres frustradas, homens incompletos’.⁴⁴

Embora tenhamos nos referido mais precisamente ao século XIX, o estigma da efeminação e da não virilidade do homossexual masculino – assim como todos os outros estigmas associados à homossexualidade criados na época – percorreu o tempo perdurando ao longo do século XX – e certamente até os dias atuais.⁴⁵ Exemplo dessa permanência, é o sistema de representação da homossexualidade masculina compartilhado pelo grupo ligado ao jornal *O Snob*, para quem a designação de homossexual era atributo exclusivo dos sujeitos considerados efeminados: bichas e bonecas.

⁴¹ Sobre a questão ver: REVENIN, Regis. Homossexualismo e virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques Courtine; VIGARELLO, Georges. Trad. João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. *História da virilidade: o triunfo da virilidade*. Petrópolis: Vozes, v. 2, 2013, p. 464-502.

⁴² TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques Courtine; VIGARELLO, Georges. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. *História da virilidade: a virilidade em crise*. Petrópolis: Vozes, v.3, 2013, p. 426. Aspas do autor.

⁴³ BADINTER, op. cit., p. 104.

⁴⁴ Ibid. Aspas da autora.

⁴⁵ Sobre a sobrevivência dos preconceitos ligados à homossexualidade criados no século XIX ao longo do século XX, ver COSTA, Jurandir Freire. A homossexualidade depois de Freud. In: *A face e o verso – Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 257-285

Voltando ao *Lampião da Esquina*, podemos afirmar que este, ao colocar em xeque a incompatibilidade entre homossexualidade e masculinidade, acabava se colocando tanto como um questionador da tradição que se iniciou no século XIX, como também um questionador de um sistema de identificação e representação da homossexualidade masculina hegemônico no Brasil até os anos 1960, e identificado em muitas publicações produzidas por uma imprensa voltada a um público homossexual.

Assim, O *Lampião* – que foi construído por homens assumidos, bem sucedidos profissionalmente e pertencentes aos setores de classe média de duas grandes cidades brasileiras – refletia a difusão das novas formas de se conceber a homossexualidade, e quem pesquisadores como Carmen Guimarães, Peter Fry, Edward MacRae e James Green, identificam entre os homens de classe média dos grandes centros urbanos brasileiros na década de 1970, e que tinha como um de suas marcas centrais, o fato de que a imagem do homossexual masculino não se constituía mais em uma negação da masculinidade.

No entanto, será que poderíamos dizer que o *Lampião da Esquina* foi um difusor de uma homossexualidade masculinizada e viril, em contraposição a uma imagem estigmatizada pela efeminização? Uma análise das representações da homossexualidade nas páginas do mensário, no que se refere à questão do masculino e do feminino, nos revelará um quadro complexo, ambíguo e marcado por tensões.

Conforme assinalamos anteriormente, uma das características da representação da homossexualidade feita pelo *Lampião da Esquina* em sua primeira edição, foi o uso de alguns demarcadores identitários – a imagem do cangaceiro, o falo, a respeitabilidade adquirida pelo sucesso profissional de seus integrantes – que abria uma possibilidade de associação entre ser homossexual sem deixar de ser considerado um homem de verdade. Essa atitude – que numa perspectiva mais ampla também pode ser lida como uma crítica ao machismo, na medida em que questionava uma das importantes bases da masculinidade tradicional, que se apóia, conforme Badinter, na rejeição a homossexualidade⁴⁶ – questionava a incompatibilidade entre masculinidade e a identidade dos sujeitos que se relacionavam com outros do mesmo sexo. Do ponto de vista das publicações produzidas por homossexuais assumidos no Brasil – a chamada “imprensa gay ou homossexual” –, o *Lampião da Esquina* mostrava um distanciamento de publicações como *O Snob* que, por se situarem num sistema de classificação que simulava os papéis tradicionais de sexualidade e gênero, representavam o

⁴⁶ BADINTER, op. cit., p. 99.

homossexual sob o signo da efeminização, expressa principalmente, do ponto de vista corporal, pelo travestismo. A seguir pode-se comparar, por exemplo, a capa da edição número 4 de *O Snob* e a capa da edição número zero do *Lampião*, e ver como há uma distância entre as duas publicações:



Fig. 10: Capas da edição n. 4 de *O Snob*⁴⁷ e da edição n. zero do *Lampião da Esquina*.

As capas nos mostram como em sua primeira edição, o *Lampião da Esquina* se colocava distante do padrão estético das publicações voltadas para um público homossexual existentes na década de 1960⁴⁸, apresentando uma homossexualidade, pelo menos visualmente, masculinizada. Em consonância com esse aspecto, o conteúdo – temáticas abordadas em artigos, ensaios e reportagens, fotos e ilustrações – dessa edição do *Lampião*, também apresenta uma homossexualidade preponderantemente masculinizada, representada sempre através de um discurso intelectualizado e sisudo.

Uma preponderância quase exclusiva de uma imagem masculinizada do homossexual na primeira edição do jornal permanece, praticamente, inalterada nas três edições seguintes, de

⁴⁷ Cf. PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2002, p.21.

⁴⁸ Pois conforme Green, *O Snob* se constituiu no modelo hegemônico das maiores das publicações voltadas para homossexuais no Brasil durante a década de 1960, chegando a influenciar cerca de trinta publicações entre 1963 e 1969, não só no Rio de Janeiro como em outras partes do país. Cf. GREEN, op. cit., p. 298.

modo que, tomando as quatro primeiras edições do jornal, só é possível identificar duas referências a uma homossexualidade considerada efeminada, todas na edição de maio/junho de 1978: uma reportagem de Peter Fry e Edward MacRae sobre o carnaval baiano, onde os autores comentam acerca dos costumes entre os homens de se travestirem de mulher nesse período festivo⁴⁹ e a carta de um travesti à procura de emprego⁵⁰.

Essa preponderância de uma representação masculinizada do homossexual acabou gerando, conforme mostraremos com mais detalhe no próximo tópico, críticas contundentes de alguns leitores aos editores do jornal, que eram acusados de excluírem parcela significativa dos homossexuais, principalmente os travestis e os chamados “bichas loucas”, designação largamente usada na época, conforme se pode perceber nas páginas do *Lampião*, para se referir a homens considerados, do ponto de vista corporal e comportamental, efeminados e poucos discretos, embora não travestidos.

Ao que tudo indica, as críticas dos leitores parecem ter tido um peso relevante numa mudança de perspectiva assumida pelo *Lampião da Esquina* nas edições subsequentes às quatro primeiras publicadas. Pois, a partir da edição número 04, de agosto/setembro de 1978, o mensário passou a dar uma visibilidade mais significativa a uma imagem não masculinizada dos homossexuais. Reportagens, artigos, ilustrações e fotografias, tendo como tema ou objeto central sujeitos associados à efeminação (travestis, transexuais, transformistas, além de outros tipos) passaram a se tornar mais frequentes nas páginas do *Lampião da Esquina*, tornando o jornal um importante espaço de visibilidade desses sujeitos e de suas formas de pensar e viver.

Na verdade, antes da edição de agosto/setembro de 1978, os editores do *Lampião* já haviam realizado uma primeira tentativa de aproximação com uma vertente efeminada da homossexualidade ao publicar, a partir da edição de junho/julho de 1978, artigos assinados por uma personagem fictícia – uma espécie de heterônimo – criada por Aguinaldo Silva e que se denominava Rafaela Mambaba, e cujo modo de se expressar se caracterizava por um estilo descontraído, irônico e jocoso, repleto de expressões típicas do modo de falar do homossexual estigmatizado – “Ai! ai” , “cruzes!” –, e que representava um travesti⁵¹. A partir da edição de outubro de 1978, essa personagem passou a ter uma maior visibilidade com a criação de uma seção de colunismo social, a “Bixórdia”, que usava uma linguagem carregada de ademanos,

⁴⁹ Cf. FRY, Peter; MACRAE, Edward. No carnaval baiano é assim: cada macaco no seu galho. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3-4, mai./jun. 1978.

⁵⁰ Cf. UM PEDIDO de emprego. *Lampião da Esquina*, op.cit., p. 14.

⁵¹ Cf. INCRÍVEL, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba, “alive and well”. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 6-7, fev. 1980.

relacionada a sujeitos considerados afetados ou efeminados, e criticava o universo homossexual conhecido ou frequentado por seus editores, acontecimentos diversos envolvendo homossexuais, e outros fatos envolvendo sujeitos diversos geralmente ligados a casos de conservadorismos do ponto de vista moral ou comportamental.

Assim, é somente a partir da edição de agosto/setembro de 1978, que os editores passam a conferir maior visibilidade, nas páginas do *Lampião*, aos efeminados. Já na capa, a chamada central (em letras maiores) chamava atenção para o tema central da edição: “TRAVESTIS! (Quem atira a primeira pedra?)”. Embora, a temática em destaque na capa, na verdade compreendesse apenas uma seção de fotos de travestis⁵² e dois artigos em única página⁵³, era a primeira vez que o jornal se dedicava diretamente a temática do travestismo e do transexualismo.



Fig. 11: Travestis nas páginas do *Lampião*⁵⁴

⁵² TRAVESTIS! (quem atira a primeira pedra?). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 8, ago./set. 1978.

⁵³ Cf. RITO, Regina. Mimosas sim, mas é bom não confundir. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 9, ago./set. 1978, e MASCARENHAS, João Antônio. Sobre tigres de papel. *Lampião da Esquina*. op. cit., p. 9.

⁵⁴ Cf. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 4, ago./set. 1978.

A partir da edição citada, as páginas do *Lampião da Esquina* passam a dar visibilidade a uma coexistência entre uma homossexualidade masculinizada e uma perspectiva efeminada – coexistência esta que, embora não possa ser generalizada para todas as edições, perdura até a última edição do jornal, em julho de 1981.

No entanto, essa coexistência, salvo em algumas edições, não significou uma relação equilibrada, pois, uma perspectiva masculinizada acabou se tornando, ao longo da existência do *Lampião*, majoritária em relação a uma imagem efeminada. Exemplo desse aspecto foi a inclusão de imagens de homens nus, ou seminus, nos vales postais que eram disponibilizados nas últimas páginas de cada edição para interessados em se tornarem assinantes do jornal. A repercussão dessas imagens entre os leitores do *Lampião*, por sua vez, acabou levando a criação, a partir da edição de março de 1980, de uma seção exclusivamente dedicada à publicação de fotos com homens seminus ou nus, chegando inclusive a publicar fotos com nu frontal masculino, o que colocava o jornal entre os precursores na publicação de ensaios fotográficos com nu frontal. Se naquela época coube, conforme Gonçalo Júnior, à revista *Ele Ela*, da Bloch Editores, em sua edição de número 131, publicada na primeira semana de março de 1980, a primazia de “anunciar a boa nova do ‘fim’ da censura ao sexo”⁵⁵, estampando pela primeira vez no país, “sem desfaçatez e em close, os pelos pubianos de uma mulher de pele bronzeada, envoltos pelas ligas sensuais que ligavam uma cinta branca a um par de meias da mesma cor”⁵⁶, coube ao *Lampião*, na mesma época, a audácia de dar visibilidade ao nu frontal masculino.

Audácia à parte, a iniciativa de criar uma seção voltada a dar visibilidade à nudez de sujeitos tipicamente masculinizados, não foi acompanhada de iniciativa semelhante visando sujeitos efeminados, como travestis, transformistas, transexuais, revelando como havia uma maior inclinação a uma perspectiva masculinizada na representação lampiônica da homossexualidade. Mesmo assim, em inúmeras passagens, travestis, transformistas e transexuais, foram objetos centrais tanto em fotografias como em reportagens, artigos ou ensaios publicados no jornal. Desse modo, embora de forma menos recorrente, o *Lampião da Esquina* também se tornava um considerável veículo de visibilidade pública de um segmento

⁵⁵ GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis 2: Maria Erótica e o clamor do sexo: imprensa, pornografia, consumismo e censura na ditadura militar*. São Paulo: Editoractiva Produções Artísticas, 2010, p. 373.

⁵⁶ *Ibid.*

social até então pouco visível na imprensa ou na mídia,⁵⁷ tornando-se assim, injusto ver no *Lampião*, um veiculador exclusivo de uma imagem masculinizada ou virilizada da homossexualidade.

Por seu turno se há, no que diz respeito à homossexualidade masculina, uma visibilidade preponderante a uma perspectiva masculinizada em relação a uma efeminada, também há, por outro lado, uma visibilidade ainda mais preponderante de uma homossexualidade masculina sobre uma homossexualidade feminina, que é visível, temática e iconograficamente, de forma muito menos recorrente se comparada à visibilidade dada as imagens e aos temas ligados à homossexualidade masculina. Desse modo, a preponderância do masculino sobre o feminino, bem como de homens sobre mulheres nas páginas do *Lampião*, nos revela que, embora seus editores se comprometessem com uma crítica às desigualdades no campo do gênero, o modo como o jornal deu visibilidade aos diversos sujeitos que buscavam representar, sob o signo de uma identidade comum, não se fez isenta de certas hierarquias e desigualdades que o mesmo se colocava a combater.

Contudo, não podemos negar que as páginas do *Lampião da Esquina* se constituíram num espaço marcado por uma pluralidade dos sujeitos representados, principalmente no que se refere à coexistência entre uma vertente masculinizada e uma efeminada da homossexualidade masculina. Mas, essa coexistência, além de não ter sido isenta, conforme mostramos, de hierarquias, também foi marcada por tensões, que, por sua vez, podem ser visualizados tanto nas cartas dos leitores, quanto nos textos publicados por editores e colaboradores do jornal. São essas tensões, entre o masculino e feminino, expressas tanto nas cartas de leitores quanto nos discursos de editores e colaboradores, que buscaremos abordar a partir de agora.

4.3. Identidade e tensões em torno do gênero

Conforme assinalamos no tópico anterior, o *Lampião da Esquina*, em suas primeiras quatro edições, deu pouca visibilidade a uma representação efeminada do homossexual. Dentro desse quadro, alguns leitores que escreviam para o jornal, manifestando suas opiniões

⁵⁷ Embora não nos tenha sido possível a realização da empresa, torna-se relevante um estudo aprofundado acerca da veiculação de imagens e temas ligados ao travestismo e ao transexualismo na imprensa e na mídia na década de 1970 para uma melhor avaliação do real papel ocupado pelo *Lampião* num processo de visibilidade pública desses sujeitos no contexto citado. Fica assim, uma chave para próximas pesquisas e/ou pesquisadores.

sobre os caminhos tomados por seus editores e colaboradores, defendiam uma imagem viril e masculinizada de ser homossexual. Na edição de junho/julho de 1978, por exemplo, a carta de José Alcides Ferreira, do Rio de Janeiro, é emblemática. Segundo o autor da carta,

LAMPIÃO correspondeu em cheio [...] às necessidade intelectuais deste grupo que a **bichória** chama de mariconas, ou seja, que nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos. [...], por favor, não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho de paetês e miçangas das bichas inoperantes que estão (involuntariamente, claro) a serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula o travesti, esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher.⁵⁸

Para o autor, ser um homossexual não deveria implicar na perda de uma condição considerada normal de ser homem. Condição essa que, por sua vez, se expressaria numa recusa de determinadas formas de se comportar e se vestir que colocariam em xeque a masculinidade de um homem e o aproximaria de uma imagem da mulher. Desse modo, torna-se pertinente notar que, o discurso do autor, acaba endossado um dos pilares do processo de construção de uma identidade masculina tradicional ou machista, que é a premissa segundo a qual “ser homem é não ser feminino.”⁵⁹ Outro dado interessante, é como o autor associa a figura do travesti a uma representação decadente da mulher, simbolizada pela escrava doméstica e pela mulher objeto sexual, ao mesmo tempo em que considerava a efeminação do homossexual manifestação de uma alienação a serviço do machismo. Em outro trecho, o autor afirma que: “[...] um homem fantasiado de mulher, ostentando um comportamento alienado e sexista, não representa nenhum perigo para os códigos de honra do macho. [...] é somente o produto da decadência da cultura ocidental [...] onde prima a falta de sensibilidade e a ignorância sexual.”⁶⁰

Contrariamente a posição presente na carta citada, havia, no entanto, leitores que defendiam o papel representado pelos sujeitos efeminados. Na edição de julho/agosto de 1978, encontramos a carta de um leitor intitulado P. Camargo, de São Paulo, onde o mesmo rebatia os posicionamentos mostrados na carta da edição anterior, que classificava os efeminados como alienados e ignorantes. Em sua opinião, o autor questionava se não seriam

⁵⁸ PAULADAS na “bichória”. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 14, jun./jul. 1978. Grifo do autor.

⁵⁹ BADINTER, op. cit., p. 117.

⁶⁰ PAULADAS na “Bichoria”. *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 14.

os efeminados – ou como o próprio define: as “bichas” –, pessoas que deveriam ser vistas como sujeitos “[...] tentando vingar as múltiplas agressões com que a sociedade lhes salga a vida? [...] pondo pra fora em trajes e gestos tudo o que são obrigados a esconder no dia-a-dia?”⁶¹ Ou seja, enquanto José Alcides Ferreira via na efeminação do homossexual uma manifestação de alienação, Camargo vê nessa atitude, uma forma daqueles que são oprimidos por sua condição – a de ser homossexual –, de responderem e se autoprotegerem dessa opressão. O autor também critica, em sua carta, o argumento segundo a qual a falta de conscientização do homossexual brasileiro sobre sua discriminação, estava relacionada à prevalência, entre os homossexuais do país, de uma cultura de efeminação. Para Camargo, essa falta de consciência estava ligada a um “subdesenvolvimento cultural” da sociedade brasileira como um todo. Assim, afirmava que: “[...] não é realista exigir do homossexual brasileiro [...] um nível de conscientização como o do americano ou europeu. [...] Não é sério querer que todos os ‘entendidos’ sejam Winston Leyland.”⁶²

Na mesma linha da opinião de P. Camargo, podemos citar a carta de Iso Fischer, publicada na edição de agosto/setembro de 1978⁶³. Para Fischer, os efeminados, ou as bichas, deviam ser vistas como “vítimas maiores” tanto da desigualdade social e econômica quanto da falta de informação, o que os tornavam mais vulneráveis aos estigmas impostos pela sociedade burguesa. E era por essa razão, que o autor via nesses sujeitos, mártires e vanguarda de uma luta histórica pela afirmação da homossexualidade na sociedade contemporânea. Nas palavras do autor,

[...] São aquelas que sonham em ser Brigitte Bardot [...] as pioneiras, as cuspidas e repudiadas, que impuseram, dada sua ousadia, a existência do homossexualismo à sociedade. Quer dizer, as pessoas são obrigadas a ver que existe, não é fantasia. Isso beneficiou inclusive os ‘entendidos’, que tanto repudiam essas bichas. Então, quem é que está sendo revolucionário nisso tudo? Quem é que está contribuindo para a modificação do atual estado de coisas?⁶⁴

É interessante notar que, nas duas últimas cartas citadas, o uso do termo “entendido”, é feito como referência ao homossexual que buscava fugir aos estigmas atribuídos pelos discursos hegemônicos. Segundo Green, esse termo foi consensualmente apontado nos

⁶¹ DE FRENTE e querelas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 14, jul./ago. 1978.

⁶² Id. Ibid., p. 14. Aspas do autor.

⁶³ QUEM ESTÁ com a bandeira? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 18, ago./set. 1978.

⁶⁴ Id. Ibid., p. 18. Aspas do autor

estudos sobre a homossexualidade entre as décadas de 1960 e 1970 – Green cita Peter Fry, e em nossa pesquisa pudemos observar o mesmo em Carmen Dora Guimarães e Edward MacRae – como terminologia para se referir ao novo modelo de identificação homossexual que se difundiu no contexto nos maiores centros urbanos do país, caracterizado pela rejeição da díade ativo/passivo ou bofe/bicha; por adotar o conceito de uma relação mais igualitária entre os parceiros; e pela rejeição do estigma de efeminado atribuído ao homossexual. Porém, o próprio James Green questiona a generalização de tal terminologia para caracterizar o processo em andamento, e destaca que no período em questão, o termo “entendido” assumia significados diversos. Segundo Green:

Na década de 1960, a expressão ‘entendido’ tinha múltiplos usos e conotações, não apenas o significado que Fry atribuiu a ela. Para os membros de *O Snob*, o termo era sinônimo de ‘boneca’ ou ‘bicha’, ou seja, uma pessoa que sentia atração por homens ‘verdadeiros’. [...] era usado pela classe teatral entre 1964-1965 como uma palavra menos ofensiva para se referir a um homossexual. Além do mais, a palavra foi rejeitada pelos primeiros grupos gays brasileiros por ser mais representativa de homossexuais ‘enrustidos’. Muitos dos primeiros ativistas preferiam usar a palavra ‘bicha’ dentro dos grupos para extirpar sua conotação pejorativa.⁶⁵

Assim, mesmo sendo o termo ‘entendido’ muito comum na época para se referir um homossexual considerado conscientizado, não se pode generalizar a questão. Os próprios editores e colaboradores do *Lampião da Esquina* raramente fizeram uso do termo em sua empresa de construir identificações positivas da homossexualidade.

Voltando ao problema em torno da efeminização do homossexual, podemos afirmar que além das posições citadas, também haviam leitores que criticavam, em suas cartas, falta de visibilidade aos sujeitos considerados efeminados. Maria Lúcia Magliani, de Porto Alegre, por exemplo, que defendia que o jornal deveria seguir uma linha onde o “brilho dos paetês” não ofusasse sua luz⁶⁶, mostrava-se, por outro lado, receosa em relação a uma possível tendência no jornal em discriminar uma parcela que ela define como a “[...] que talvez seja a mais necessitada de atenção e a mais alijada inclusive social, cultural e economicamente”⁶⁷. Na mesma edição, também encontramos a carta de J.C.L., de Recife, que é mais taxativo ainda

⁶⁵ GREEN, op. cit., p. 425. Aspas do autor.

⁶⁶ PERFUMES de Gardênia. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 17, ago/set 1978.

⁶⁷ Id.Ibid.

quanto à questão, chegando inclusive a reivindicar a presença de um travesti no conselho editorial do jornal, além de acusar os editores do *Lampião* de serem elitistas:

Onde estão os travestis? Por que não tem uma no conselho do Lampião? Só tem professor e artista? Que democracia é essa de vocês, onde o povo também não vota?[...] E não adianta vir com essa história de Rafaela Mambaba prá cima de mim. Eu sei que ela não existe, vocês inventaram uma pessoa com esse nome pra mostrar o lado descontraído de vocês, do qual vocês se envergonham. Que coisa podre!⁶⁸

Um ponto pertinente a assinalar acerca das estratégias de defesa que os leitores faziam dos efeminados – como os travestis, por exemplo –, é o fato de que esses sujeitos geralmente aparecem associados aos estratos menos abastados economicamente da sociedade. Esse ponto acaba mostrando como a construção de identidades afirmativas para os homossexuais no contexto abordado, não esteve atravessada apenas por questões de gênero, mas também por outros demarcadores identitários, como a classe, no caso.⁶⁹

Conforme assinalamos no tópico anterior, as críticas em torno de uma pouca visibilidades dada no *Lampião da Esquina* aos homossexuais considerados efeminados, parecem terem tido algum peso, sendo que, a partir da edição de agosto/setembro de 1978, o mensário passa a dar uma maior visibilidade a travestis, transformistas e transexuais. Nesse ponto, é importante destacar que esse fato se constituía numa iniciativa promovida principalmente por Aguinaldo Silva, aspecto este que pode ser deduzido tanto pelo fato de ter sido ele, o principal responsável pelo trabalho de edição do jornal, como também, por depoimentos colhidos por Cláudio Roberto da Silva de pessoas que fizeram parte do jornal. João Antônio Mascarenhas, por exemplo, ao comentar sobre o perfil de Aguinaldo dentro do grupo que constituía o *Lampião*, destaca a proximidade e a preocupação que este tinha com o travestismo. Segundo Mascarenhas, “Ele se preocupava muito com a questão de travestismo... gostava do assunto! Não sei até se ele foi travesti...isso não sei! Cansei de vê-lo se pintar, andar com travestis, mas nunca o vi vestido de mulher.”⁷⁰ Já Antônio Carlos Moreira, que passou a colaborar com o *Lampião* a partir de junho de 1980 até o encerramento das

⁶⁸ O POVÃO, onde está o Povão? *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 19, ago./set. 1978.

⁶⁹ Sobre as relações entre identidades sexuais e classe, ver WEEKS, op. cit., p. 55-56.

⁷⁰ MASCARENHAS, João Antônio. Depoimento a Cláudio Roberto da Silva. In: SILVA, C. R. da *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, p. 272.

atividades, destaca que a criação da seção de colunismo assinada pela fictícia Rafaela Mambaba, a “Bixórdia”, foi iniciativa de Aguinaldo Silva – também criador da personagem – fato este que, por sua vez, acabou deixando outros integrantes – Clovis Marques, Peter Fry e João Trevisan – indignados.⁷¹

No entanto, assim como acontece nas cartas enviadas e publicadas pelo mensário, em que as posições variavam entre a crítica e a defesa dos efeminados, os artigos e ensaios publicados por editores e colaboradores do jornal, também oscilavam entre essas duas posições. No que diz respeito às críticas, é emblemática a posição de João Antônio Mascarenhas. Num ensaio publicado na edição de agosto/setembro de 1978 – intitulado “Sobre tigres de papel”⁷² –, Mascarenhas discute sobre a acusação de alguns leitores que afirmavam que o *Lampião da Esquina* era uma publicação que desprezava as “bichas pintosas” e os travestis. No seu ensaio, Mascarenhas refutava tal tese e argumentava que havia três razões a partir da qual esses sujeitos não poderiam ser discriminados pelo jornal.

Em primeiro lugar, julgava que dividir os homossexuais por suas diferenças, terminaria por enfraquecê-los enquanto grupo político e social. Mascarenhas defende que era “imprescindível que as minorias oprimidas revelem suas eventuais divergências para empenharem-se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas do preconceito.”⁷³

Em segundo lugar, Mascarenhas afirmava que seria uma contradição agir igual aos preconceituosos, julgando-se melhor do que aqueles que não tinham um comportamento idêntico ao seu. Por fim, Mascarenhas considera alguns pontos positivos no papel desempenhando por travestis, transexuais e bichas, especialmente por assumirem sua homossexualidade, tornando-a publicamente visível, e por representarem um ato de rebeldia contra a rigidez dos padrões sexuais dominantes:

Eles até merecem minha simpatia, pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes e, também, o meu respeito por forçarem os que não querem ver, a admitir a existência do homossexualismo e, ainda merecem minha admiração, por rebelarem-se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante.⁷⁴

⁷¹ MOREIRA, Antônio Carlos Moreira. Depoimento a Cláudio Roberto da Silva. In: SILVA, C. R. da. op. cit., p. 489.

⁷² Cf. MASCARENHAS, João Antônio. Sobre tigres de papel. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 9, ago./set. 1978.

⁷³ Id. Ibid., p. 9.

⁷⁴ Id. Ibid.

Por outro lado, embora afirme ser os efeminados dignos de apreço pela condição de assumidos e por significarem um questionamento à rigidez dos padrões sexuais, Mascarenhas criticava tanto os chamados “bichas” quanto os travestis e transexuais por representarem um endosso à cultura machista. Segundo Mascarenhas, “[...] quando o homossexual fala com voz de falsete, faz ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele sem se dar conta, está, de um lado, imitando a mulher objeto-sexual, a mulher cidadã-de-segunda classe, a mulher idealizada pelos machistas.”⁷⁵ Ou seja, o autor compartilha o pensamento da carta de José Alcides Ferreira, para quem o efeminado não passava de imitação de uma imagem decadente da mulher, vista como objeto a serviço dos interesses dos homens, sendo por isso, considerado um endosso a uma ordem machista. Significativo notar que essa posição, compartilhada tanto pelo leitor quanto pelo editor do jornal, revela a proximidade entre determinadas questões colocadas pelo feminismo e os questionamentos que faziam parte da política de afirmação homossexual, pois, o feminismo era um dos principais questionadores de uma condição de sujeição das mulheres a serviço dos interesses dos homens.

Outro ponto negativo da perda, ou do abandono, da masculinidade para Mascarenhas, seria o fato de que isso acabaria por fortalecer o argumento sustentado pelos machistas segundo o qual os homossexuais não seriam “homens de verdade”, interiorizando, desse modo, o preconceito na própria carne:

O sujeito pinto [...] interiorizou os valores machistas, e os interiorizou a tal ponto que passou a considerar que, por ser homossexual, precisa dar bandeira, mostrar a todos que constitui parte de um grupo anatematizado. O estigmatizado curva-se ante o opressor e passa a julgar-se obrigado a usar a marca que o ferreteador escolheu para ele.⁷⁶

Porém, um ponto interessante do argumento de Mascarenhas é que, para ele, a efeminação do homossexual, acabava se constituindo numa atitude que ia contra a própria natureza. Como o mesmo define: “[...] toda efeminação é evidentemente artificial”⁷⁷. Desse modo, o travesti e o transexual representavam, para o editor do *Lampião*, o arquétipo daquele que renegava sua essência enquanto homem:

O travesti, então, leva essa atitude ao paroxismo, chegando a submeter-se a operações cirúrgicas para ocultar a identidade. Sua ambição máxima consiste

⁷⁵ Id. Ibid.

⁷⁶ Id. Ibid., p. 9.

⁷⁷ Ibid.

em transformar-se na mulher vamp, no sofisticado objeto sexual tão comercializado por Hollywood nas décadas de 30 e 50.⁷⁸

Posição semelhante à defendida por João Mascarenhas, pode ser vista num artigo intitulado “Louca e muito da baratinada”, publicado em janeiro de 1979, e escrito por dois ativistas da Frente de Liberação Homossexual Argentina (FLHA), denominados Hector e Ricardo⁷⁹. Para os dois ativistas da FLHA, o problema dos efeminados – definidos no artigo pelo termo “louca” – teria seu início no processo de rejeição da masculinidade. Ou seja, pelo fato de viverem numa sociedade onde só existiriam dois papéis sexuais, o masculino e o feminino, que, por sua vez, corresponderiam ao ser homem e ao ser mulher, que seriam papéis sociais⁸⁰, a “louca” acabaria reforçando tal sistema na medida em que buscava ajustar sua conduta sexual, feminina, a uma conduta social: ser mulher. Nas palavras dos autores: “[...] a louca ver-se-á obrigada a imitar a mulher ideal, modelo confeccionado pelo sistema e oferecendo – desde a propaganda – como grande objetivo a alcançar.”⁸¹

Porém, para os autores, o grande drama da identificação do homossexual com a mulher residiria numa consequente rejeição do próprio corpo, no reforço da heterossexualidade como norma e de um machismo do qual se pretende escapar. Conforme os próprios autores:

O repúdio da masculinidade abre contradições dramáticas. Uma delas é a negação do próprio corpo, pois se deseja conquistar um homem que deve desejar uma mulher. Então, os órgãos sexuais da louca, como os do travesti ou do transexual (que chega emasculação) se convertem em uma moléstia. Tratarão de ocultá-los e na relação sexual deverão estar ausentes, criando-se uma dicotomia angustiante. Não apenas descartam a possibilidade de penetrar genitalmente em seu companheiro. Evitarão que este sinta a presença do seu pênis. Assim a relação acaba por se situar no campo da heterossexualidade, como uma caricatura. A louca negando seu corpo, e obrigando seu companheiro a um determinado papel, permanecerá prisioneira de um esquema machista.⁸²

O ensaio de Mascarenhas e o artigo de Hector e Ricardo nos trazem importantes questões, ambas ligadas ao tema da identidade. Em primeiro lugar, nos mostra como as

⁷⁸ Ibid.

⁷⁹ HECTOR; RICARDO. Louca e muito a da baratinada. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 4, jan 1979.

⁸⁰ É importante destacar que nessa época, embora já se mobilizassem debates envolvendo as relações entre homens e mulheres e entre masculinidade e feminilidade, o gênero ainda era uma categoria de análise pouco utilizada nos meios intelectuais.

⁸¹ Id. Ibid. p. 4.

⁸² Id. Ibid.

identidades se constituem em um processo acima de tudo relacional, ou seja, que ela envolve sempre uma relação entre termos, elementos e sujeitos em permanente tensão. É uma relação que se estabelece entre o que se define como “eu” e o “outro”. Assim, a identidade é marcada pela diferença.⁸³ Isso significa que, a construção identitária, ou a identificação, conforme afirma Stuart Hall, envolve sempre:

[...] um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao ‘jogo’ da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que, como processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.⁸⁴

Desse modo, embora a afirmação da identidade sexual, no contexto citado, enfatizasse a construção de uma identidade que englobasse sujeitos diversos por uma identificação comum – ser homossexual –, esse não foi um processo isento das demarcações de fronteiras dentro do próprio universo que se pretendia unificar. Esse fato, por sua vez, nos ilustra a complexidade da construção de uma política centrada numa identidade coletiva comum que, conforme observa Judith Butler, mesmo sendo uma construção elaborada com fins emancipatórios, não está, no entanto, imune à geração de “múltiplas recusas” ou “domínios de exclusão” que “revelam as consequências coercitivas e reguladoras dessa construção.”⁸⁵

Outro ponto importante que também se torna pertinente destacar acerca das concepções defendidas por Mascarenhas e por Hector e Ricardo, é que elas estão fortemente atravessadas não apenas por questionamentos de gênero, mas também, por um questionamento que tem o corpo como centro, elucidando como este ocupa um lugar fundamental na definição do gênero e na construção das identidades de um modo geral. Conforme Woodward, “o corpo é um dos locais envolvidos nos estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo

⁸³ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 15.

⁸⁴ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al., op. cit., p. 106. Aspas e Itálicos do autor.

⁸⁵ Cf. BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 21-22.

de fundamento para a identidade.”⁸⁶ É por essa razão que na era contemporânea, o corpo têm sido considerado, conforme Georges Vigarello, “o ‘eu’ de cada um.”⁸⁷

No entanto, do modo como é operacionalizada a relação entre identidade e corpo pelos autores, acaba-se reforçando uma perspectiva essencialista dessa relação. Ou melhor dizendo, o corpo, no texto dos autores, é situado como um fundamento essencializador da identidade e do gênero. Nessa perspectiva, o corpo, o gênero e a identidade são ambos encarados como um dado. O pênis, por exemplo, é visto como um atributo necessário da identidade masculina e sua negação é entendida como negação de uma essência do sujeito. Por isso, ambos os autores condenam a bicha, o travesti, e o transexual, pois estes seriam sujeitos que, ao negarem sua masculinidade e seu sexo (ter um pênis), negam sua própria essência enquanto homens.

Quanto a esse ponto, é importante notar como a visão compartilhada pelos autores, no que se refere à relação entre sexo e gênero, tem sido recorrente e duramente criticada nos estudos recentes sobre gênero e sexualidade. Trata-se de uma tendência que, embora não possa ser definida como um corpo unívoco em todos os seus pressupostos, tem, no entanto, como ponto de convergência a crítica ao caráter essencialista das identidades sexuais e/ou de gênero e a ênfase no caráter relacional, histórico, sociocultural e político das identidades. Expoente emblemática dessa tendência – que inclui de formas diversas autores variados, como Michel Foucault e Jeffrey Weeks – é a filósofa estadunidense Judith Butler. Essa autora oferece um olhar sobre as transgressões às fronteiras que regulam ou definem as divisões de sexo e gênero, como o travestimento, numa ótica bem diversa das perspectivas essencialistas. De modo geral, Butler defende que o gênero é histórico, social, político e culturalmente construído. Mas, um ponto fundamental de seu pensamento é a crítica ao pressuposto segundo o qual o gênero estaria para cultura enquanto o sexo estaria para natureza. A autora defende que nesse raciocínio, o sexo acaba se tornando um dado previamente estabelecido, uma entidade “pré-discursiva”, anterior à cultura, “uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.”⁸⁸

Para Butler, essa concepção acaba nos impedindo de ver o sexo como “efeito do aparato de construção cultural que designamos por gênero”, pois seria tanto o gênero como o que designamos por sexo, construções, ou mais precisamente, efeitos de uma formação específica

⁸⁶ WOODWARD, op. cit., p. 15.

⁸⁷ VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um “arquivo vivo”. *Proj. História*, São Paulo, v. 21, p. 231, nov. 2000.

⁸⁸ BUTLER, op. cit., p. 25.

de poder e de práticas discursivas. Segundo a autora: “Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.”⁸⁹

Assim, em seu pensamento, se as identidades de gênero ganham algum sentido de fixidez, essência ou naturalidade, é porque elas se conformam a determinados processos de regulação ética e política presentes na constituição dos discursos e saberes vigentes num dado contexto ou meio social. Por outro lado, sendo tanto o gênero como sexo, histórico, social, cultural e politicamente construído, não faz sentido falar em gêneros “verdadeiros” ou “falsos”, sendo esta a razão que faz a autora defender que todo gênero tem um caráter parodístico, constituindo-se, portanto, numa imitação. Mas, não a imitação de um original, pois, segundo Butler, “a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual molda-se o gênero é uma imitação sem origem.”⁹⁰

É por esta razão que Butler critica o argumento que explica a presença das chamadas convenções heterossexuais nos contextos homossexuais, ou a proliferação de discursos especificamente gays da diferença sexual, como uma representação quimérica de identidades originalmente heterossexuais ou como presença de elementos perniciosos de construtos heterossexistas na sexualidade e na identidade de homossexuais. Para Butler, o homossexual é para o hétero, não o que uma cópia é para um original, mas o que uma cópia é para uma cópia, pois aquilo que tomaríamos como original, nada mais seria que uma parodia daquilo que é definido como natural e original⁹¹. Desse modo, a natureza ou essência de um gênero, ou um sexo, deve ser vista como “efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável.”⁹²

Nessa perspectiva, o travestismo seria bem mais do que uma construção artificializada de uma identidade original ou natural – a mulher, no caso –, mas uma prática que revela a “própria estrutura imitativa do gênero – assim, como sua contingência”, pois,

No lugar de uma identificação original a servir como causa determinante, a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Ibid., p. 197.

⁹¹ Ibid., p. 57.

⁹² Ibid., p. 195.

imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção.⁹³

Essa forma de pensar a relação entre sexo e gênero, fica distante da concepção observada em discursos como o de Mascarenhas e o de Hector e Ricardo, que acabam vendo no travestismo e no transexualismo uma mera artificialização de uma natureza feminina e a negação de uma essência masculina, endossando, dessa forma, a concepção de que o gênero é baseado em um atributo natural, um dado ou uma essência.

Desse modo, confrontar o raciocínio de Mascarenhas, Hector e Ricardo com as ideias de Judith Butler, nos mostra como certos pilares em torno da qual a modernidade erigiu um sistema de identificação baseado na correspondência entre sexo/gênero/sexualidade⁹⁴ – definindo o que é ou não natural –, e que foi base da discriminação dos homossexuais, acaba, de forma paradoxal, sendo reproduzidos no interior do próprio discurso da afirmação homossexual, enquanto estratégia política.

Mas, não podemos fazer do posicionamento defendido pelos citados autores do *Lampião* uma regra dentro do jornal. Um exemplo de contraposição às manifestações de receio em relação aos homossexuais considerados efeminados pode ser encontrado num artigo de Francisco Bittencourt, intitulado “Brasil: campeão mundial de travesti”, publicado na edição de janeiro de 1981⁹⁵. Nesse artigo, Bittencourt defendia a necessidade de se ir além das interpretações que veem no travesti, seja uma reação aos valores machista, seja a entronização desses valores. Para o autor, o travestismo deveria ser visto, antes de tudo, do ponto de vista da própria subjetividade homossexual, para quem tal prática seria tanto um “enigma” como uma “fascinação a ser deslindada, uma tentação a ser vencida.”⁹⁶ Bittencourt, desse modo, vê no travestismo um elemento endógeno ao próprio ser ou fazer-se homossexual. É por essa razão que o autor não apenas afirma ter profunda admiração pelos travestis e transexuais, mas defende que, “todo homossexual, num momento ou outro da sua vida, sente a tentação de se travestir.”⁹⁷

⁹³ Ibid., p. 197.

⁹⁴ Sobre o tema, ver BUTLER, op. cit., p. 24-26.

⁹⁵ BITTENCOURT, Francisco. Brasil: campeão mundial de travesti. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 3, jan. 1981.

⁹⁶ Id. Ibid., p. 3

⁹⁷ Id. Ibid.

O artigo de Bittencourt é, assim, um interessante exemplo de como o receio em relação a sujeitos como travestis, não era uma posição unânime dentro do *Lampião da Esquina*. Além do artigo citado, poderíamos ainda citar diversos outros artigos, além de reportagens e entrevistas sobre e com travestis e transexuais publicados nas edições do jornal. Publicações estas que se voltaram muito mais a retratar o cotidiano, as violências e preconceitos vividos, bem como as formas de sentir e pensar dos sujeitos desse segmento, abrindo espaço para pensá-los como um estilo de viver e sentir, do que encará-los como uma manifestação problemática da homossexualidade.

Também é interessante assinalar que a crítica empreendida aos sujeitos considerados efeminados chegou, inclusive, a ser motivo de mal-estar entre integrantes do *Lampião*. É o que aconteceu num episódio envolvendo Luiz Carlos Lacerda, conhecido também como “Biroca” – na época cineasta e integrante do corpo de colaboradores do mensário desde setembro de 1979. Na mesma edição em que foi publicado o artigo anteriormente citado de Francisco Bittencourt, Lacerda escreveu outro artigo criticando ferrenhamente os travestis⁹⁸, e, embora seu nome tenha permanecido no corpo de colaboradores até a última edição do jornal, o mesmo afirma ter sido excluído do *Lampião* após a publicação do artigo. Em depoimento à Lucy Dias, Lacerda comenta o fato do seguinte modo:

[...] De maneira geral, nesse artigo eu dizia que o travesti significava uma das pontas do preconceito com a homossexualidade. [...] Publicaram o artigo, mas o Darcy Penteado respondeu violentamente. Fui responder à réplica, eles me cortaram e me tiraram do jornal, nunca mais me deixaram participar. Enquanto eu era colaborador com roteiros *gays* de São Paulo e coisas que não implicavam uma discussão ideológica, *tudo bem*. Quando fui discutir uma questão como esta, porque eu também não tinha certeza, era um questionamento na minha cabeça, fui posto fora.⁹⁹

Podemos citar ainda como exemplo de que o jornal não era um difusor exclusivo de uma versão maculinizante do homossexual, o uso corriqueiro por parte de seus principais editores – Aguinaldo Silva, João Trevisan, Francisco Bittencourt e Darcy Penteado –, além de outros colaboradores, de expressões que, no vocabulário popular, negavam a masculinidade e a virilidade de homens considerados homossexuais, tais como “bicha”, “boneca”, “queridinhas” etc. Expressões estas que, não podem deixar de serem vistas como significativa

⁹⁸ Cf. LACERDA, Luiz Carlos. Vitimas da falta de espaço. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 3, jan. 1981.

⁹⁹ LACERDA apud DIAS, op. cit., p. 313.

estratégia de contestação de um dos parâmetros centrais do processo de construção do que significa ser homem numa cultura onde pesa o machismo: rejeitar uma identificação com tudo aquilo que é considerado feminino.

Desse modo, é pelos aspectos citados que não concordamos com a conclusão de Marcio Bandeira que, levando em conta somente o receio demonstrado por alguns editores, colaboradores e leitores do jornal em relação às manifestações não masculinizadas da homossexualidade masculina, viu no *Lampião da Esquina*, um processo de exclusão gradativa dos sujeitos considerados efeminados de seu projeto de redefinição identitária da homossexualidade. Segundo Bandeira,

*A identidade homossexual que, num primeiro momento, foi forjada por Lampião da Esquina e pelos missivistas como o pretexto para a reivindicação de direitos, se transformara, pouco-a-pouco numa cadeia estanque que deixava para fora de suas fronteiras, todas as experiências de figuras que não correspondiam ao padrão construído: a bicha-louca, a lésbica, o travesti e o transexual, por exemplo. [...] Lampião da Esquina pretendeu destruir a imagem-padrão do homossexual, mas teve grandes dificuldades em evitar que outra se construísse em seu lugar.*¹⁰⁰

Sobre esse ponto, faço minhas as palavras de Teresinha Queiroz ao ressaltar que “as falas generalizadoras têm pouco poder explicativo.”¹⁰¹ Pois, conforme demonstramos, concluir que a redefinição identitária empreendida pelo *Lampião da Esquina* caminha no sentido de uma exclusão gradativa dos sujeitos considerados efeminados, se constitui numa tese que para nós é preciso ser ponderada e revista. Pois, entendemos que, se a redefinição identitária empreendida pelo *Lampião* foi algo complexo, isso se deveu menos por ensejar um modelo estanque e excludente de identidade, do que por ter colocado no mesmo barco, conforme afirma José Luis Pinto Rodrigues, “gays e ‘gueis’, bichas, entendidos, travestis e o que mais viesse.”¹⁰²

Também é pertinente ressaltar que, as tensões citadas até aqui se referem quase exclusivamente à homossexualidade masculina. Na verdade, conforme já assinalamos, a

¹⁰⁰ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 120. Itálicos do autor.

¹⁰¹ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita de. Juventude anos sessenta no Brasil: modos e modas. In _____. *Do singular ao plural*. Recife: Edições Bagaço, 2006, p. 275.

¹⁰² RODRIGUES, José Luiz Pinto. *Impressões de Identidade: Histórias e Estórias da Formação da Imprensa gay no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 77.

homossexualidade feminina ou o lesbianismo não foi uma questão debatida tão exaustivamente nas páginas do *Lampião* quanto à masculina. Ao mesmo tempo, as questões que a envolvem, muito raramente dizem respeito a questionamentos relacionados ao gênero, fato que, por outro lado, nos sugere como as questões ligadas às identidades de gênero parecem ter sido muito mais caras à homossexualidade masculina do que para a feminina, e o quanto ser ou não um homem de verdade gera muito mais ansiedade em face às instabilidades do gênero do que o mesmo questionamento para as mulheres, o que nos mostra ainda como ser homem implica, conforme atesta Badinter, “um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres.”¹⁰³

Assim, a partir do que expomos neste capítulo, podemos afirmar que, de todo modo, as questões aqui trabalhadas, que são questões ligadas a identificações de gênero, nos mostram como o gênero é um elemento crucial nas definições das identidades sexuais e vice-versa. Já no que se refere às questões contemporâneas que envolvem sexo e gênero, podemos dizer que o jornal acabou assumindo um papel polivalente acerca do tema. Pois, ao mesmo tempo em que foi um veículo de questionamentos da naturalidade das práticas sexuais, denunciando sistematicamente o caráter social e político de uma heterossexualidade normativa, reivindicando, assim, a legitimidade das práticas homossexuais, também foi veículo de difusão de ideias que naturalizavam as identidades de gênero, tendo como grande exemplo, a crítica aos efeminados face ao não enquadramento desses sujeitos aos padrões convencionais de gênero, vistos enquanto uma natureza a ser cumprida.

Além desses aspectos, podemos constatar também que, a redefinição identitária empreendida pelo *Lampião da Esquina* significou mais do que um processo de defesa pública e valorização de uma condição de ser e viver. Implicou, além disso, a construção de um espaço onde espectros diversos que constituíam essa condição, definida a partir de uma identidade unívoca – ser homossexual – expunham suas diferenças. Fato que fez do *Lampião*, menos um veiculador de um modelo unívoco de identificação do que de variados modelos que, dentro do contexto, se aproximaram sem, no entanto, suprimirem suas dissensões e tensões.

Retomando o questionamento exposto no início deste capítulo, podemos concluir que as tensões de gênero na identidade homossexual, mostram-nos o caráter complexo da política de identidade, pois, embora esta sempre busque se amparar num caráter unívoco e universal dos

¹⁰³ BADINTER, op. cit., p. 3.

sujeitos que busca mobilizar ou representar, essa univocidade e universalidade é sempre posta em xeque pelos conflitos que expõem não apenas as restrições internas existentes no seio de uma identidade coletiva, mas também colocam em xeque a suposta universalidade dos sujeitos representados. Desse modo, os conflitos em torno do gênero revelam o quanto a homossexualidade, embora tenha sido definida e redefinida ao longo da contemporaneidade como uma identidade comum e unívoca de sujeitos, na verdade, diz respeito a um universo plural, cujos conflitos lhe são um elemento inerente. E isso nos faz retomar uma consideração de Joan Scott acerca das identidades sociais, onde a historiadora ressalta o fato de que estas são, antes de tudo, “terreno de contestação, o local de exigências múltiplas e conflitantes”.¹⁰⁴

¹⁰⁴ SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: SILVA, A. L. da; LAGO, M. C. de S.; RAMOS, T. R. O. (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 37.

O FIM DO *LAMPIÃO* E OUTRAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após mais de três anos de atividade, o *Lampião da Esquina* chegou ao fim, em julho de 1981, tendo publicado 38 edições inéditas e mais três extras. Conforme assinalamos no primeiro capítulo, dos onze editores que participaram da criação do jornal em 1978, apenas cinco permaneceram até a última edição: Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, e Adão Costa, do grupo do Rio de Janeiro; e, João Trevisan e Darcy Penteado, do grupo de São Paulo.

Do ponto de vista temático, pode-se perceber uma reclusão cada vez maior, principalmente no último ano de atividade, em questões ligadas exclusivamente à homossexualidade, especialmente a masculina. Ao mesmo tempo também se assiste a um abandono do tom de engajamento político, que chegou a ser muito mais marcante nos dois primeiros anos de atividade do jornal.

No que se refere aos fatores que colaboraram para o encerramento das atividades do *Lampião da Esquina*, podemos dizer que, a história do jornal acabou se confundindo com a própria história da chamada imprensa “alternativa” ou “nanica” que existiu no Brasil no contexto trabalhado. Tomando como base o livro de Bernardo Kucinski¹, sobre a imprensa alternativa dos anos 1970 no Brasil, pudemos identificar que dos quatro aspectos que definimos como os fatores centrais a colaborarem para o fim do *Lampião*, três fazem parte do conjunto de elementos citados por Bernardo Kucinski que marcaram o encerramento das atividades das diversas publicações da imprensa alternativa entre o final da década de 1970 e início dos anos 1980.

O primeiro deles: o acirramento das disputas internas entre os integrantes do jornal. Em sua análise, Kucinski destaca que o crepúsculo da imprensa alternativa, no contexto citado, foi marcado pelo crescimento de conflitos políticos e ideológicos entre os integrantes de cada jornal. No *Lampião*, o conflito mais marcante e desgastante ocorreu entre Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan. Nesse processo, o último acusava o primeiro de prática de boicote aos temas que não contemplavam assuntos vinculados ao universo homossexual carioca². No

¹ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991, p.117-127.

² Tanto Edward MacRae quanto Cláudio Roberto da Silva ressaltam na história do *Lampião* a existência de uma disputa entre os núcleos do Rio de Janeiro e de São Paulo e que acabou se traduzindo em desentendimentos entre Aguinaldo Silva (do lado carioca) e João Silvério Trevisan (do lado paulista). Sobre a questão ver: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da

entanto, as crises foram motivadas por razões bem mais complexas. Ao que tudo indica, Aguinaldo Silva se preocupava muito mais com a questão da vendabilidade do *Lampião* enquanto Trevisan insistia na manutenção de um estilo marcado pelo engajamento crítico e contra a possibilidade do jornal se tornar um artigo mercadológico.

Outro problema que marcou o fim do *Lampião* foram os constantes problemas financeiros que tornavam cada vez mais difícil manter a publicação. Conforme Kucinski, “do ponto de vista econômico, a imprensa alternativa era débil.”³ Assim, durante toda sua história, a imprensa alternativa brasileira conviveu com graves problemas financeiros. Com o *Lampião* não foi diferente. Em depoimento à Flávia Peret, Aguinaldo Silva comenta que “[...] o grande problema do jornal eram as finanças. Como fazer o próximo número? Com que dinheiro?”⁴. Por sua vez, os depoimentos de editores e colaboradores do jornal colhidos e publicados por Cláudio Roberto da Silva, são unânimes ao citarem a precária estrutura financeira do jornal entre as causas que o conduziram ao fim. Dolores Rodriguez⁵, por exemplo, em seu depoimento a Cláudio Silva, destaca não só esse aspecto, mas também, o papel exercido por Aguinaldo Silva como financiador do jornal. Segundo Rodriguez “[...] o jornal buscava se manter por assinaturas. Porém se num dia o jornal estava em alta, no outro estava em baixa...parecia que vivia numa Montanha Russa! Às vezes o Aguinaldo botava dinheiro do próprio bolso para rodar o jornal, mantendo-o na praça.”⁶

Outro elemento, citado principalmente por Trevisan⁷, teria sido a concorrência que o jornal passou a sofrer na abordagem de seus principais temas – como a questão da homossexualidade e das minorias – com a grande imprensa. Aqui também temos um processo que marcou o fim da imprensa alternativa no período final da ditadura: a quebra do monopólio dos jornais alternativos sobre determinados temas que passaram a ser abordados pela grande imprensa. Conforme observa Kucinski: “[...] com a abertura, a grande imprensa não só foi

Unicamp, 1990, p. 87; e SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, p. 115-117.

³ KUCINSKI, op. cit., p. 118.

⁴ Entrevista com Aguinaldo Silva. In: PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: da militância ao consumo*. São Paulo: Publifolha, 2012, p. 116.

⁵ Dolores Rodriguez atuou como colaboradora do jornal entre as edições de agosto e dezembro de 1980 e como membro da redação a partir da edição de janeiro de 1981.

⁶ Depoimento concedido a Cláudio Roberto da Silva, ver SILVA, C. R. da, op. cit., p. 540.

⁷ Ver: Entrevista com João Silvério Trevisan. In: PERET, op. cit., p. 126.

recriando uma esfera pública, como o fez apropriando-se de temas até então exclusivos da imprensa alternativa, e recontratando muitos dos seus jornalistas”⁸.

Além desses fatores, pode-se acrescentar ainda os constantes mal-estares entre o *Lampião* e o movimento homossexual organizado, fato que, conforme abordamos no final do item 3.1, contribuiu para um desgaste do jornal com parte significativa de seu público alvo.

Assim, atravessado por problemas diversos e desgastado internamente, o *Lampião da Esquina* encerrou suas atividades em julho de 1981, deixando como herança uma obra que, como o próprio Aguinaldo Silva afirma, até hoje não foi suficientemente explicada⁹.

De algum modo, consideramos que Aguinaldo Silva tem razão, e que há muito a ser trabalhado em torno do *Lampião*, dos sujeitos que o construíram e do processo de construção de um orgulho de ser no recorte aqui trabalhado. Mas, acreditamos termos dado, ao longo deste trabalho, significativa contribuição para um entendimento acerca do jornal e do empreendimento do qual fez parte, não apenas aprofundando questões pouco ou superficialmente abordadas por outros pesquisadores e comentadores, mas igualmente evidenciando outras problemáticas que o envolveu e que consideramos ser de significativa relevância e que possibilitam o afloramento de novos questionamentos e debates.

A primeira delas, é que, embora seja a homossexualidade o tema predominante nas páginas do *Lampião*, o eixo aglutinador a partir do qual se organiza sua empresa, seus investimentos políticos nos mostram como o jornal teve um papel histórico que não se resume exclusivamente ao debate e a luta pelo direito à homossexualidade e ao prazer na sociedade brasileira do contexto trabalhado. O *Lampião da Esquina* foi ao mesmo tempo parte da história da chamada “primeira onda” do movimento homossexual no Brasil, mas foi também personagem de outros acontecimentos que marcaram a história brasileira no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Assim, o chamado processo de abertura política; as transformações na militância política; o surgimento dos movimentos das minorias; as tensões e redefinições dentro da própria esquerda; as redefinições no campo do gênero, são alguns temas importantes do contexto e que atravessaram de forma crucial a história do jornal.

Quanto a esse aspecto, o *Lampião* desempenhou papéis importantes nos acontecimentos que marcaram a história brasileira. Entre eles podemos citar: i) constituiu-se num significativo

⁸ KUCINSKI, op. cit., p. XV.

⁹ SILVA, apud SIMÕES JÚRIOR, Almerindo Cardoso. *E havia um lampião na esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 37.

exemplo de como os temas até então poucos priorizados pela esquerda – como a sexualidade, o machismo, o direito ao orgasmo, a discriminação racial, o meio ambiente, o feminismo, etc. – passavam a ganhar importância cada vez mais significativa no debate político-social da época; ii) foi um dos principais defensores da legitimidade e importância dos movimentos das minorias, destacando a importância de se ver a questão da opressão política como algo que vai além do poder do estado e de conflitos de classe; iii) constituiu-se num personagem emblemático nas tensões e redefinições no campo das esquerdas brasileiras no período que marca a transição de um estado autoritário para um regime democrático no Brasil; iv) foi, conforme assinalamos no segundo capítulo, personagem significativo no processo que marca, na contemporaneidade, uma valorização das dimensões políticas do pessoal, do particular e do privado; e, v) na medida em que deu visibilidade a diferentes pontos de vistas compartilhados por seus editores e colaboradores, bem como de sujeitos diversos que escreviam para o jornal, acabou se constituindo num interessante exemplo de prática democrática em tempos ainda marcados pelo autoritarismo.

No que se refere à construção de uma defesa da identidade homossexual, a história do *Lampião da Esquina* reflete as complexidades e os percalços inerentes às próprias políticas de identidades. Em primeiro lugar, embora não fosse essa a intenção de seus criadores, a construção de uma imagem positiva da homossexualidade pelo *Lampião da Esquina*, nos mostra como as identidades referem-se a processos historicamente constituídos. Ao mesmo tempo, nos mostra como o discurso ocupa um lugar central na construção das identidades, o que para nós é interessante exemplo de como é necessário, conforme sugere Joan Scott, recusar a ideia da existência de uma separação entre experiência e linguagem, ou entre identidade e discurso, e investirmos na “qualidade produtiva do discurso”¹⁰.

Mas, mais do que isso. Nos mostra também como a identidade é um processo de demarcação de diferenças e de regulação de conflitos. Conforme assinalamos no terceiro capítulo, elas se constituem no espaço de demarcação das fronteiras entre o “eu”, ou o “nós”, e o “outro”, constituindo-se, assim, num processo de permanente tensão. No processo de redefinição identitária empreendida pelo *Lampião da Esquina*, mediante o qual se buscou construir uma afirmação da homossexualidade, estiveram em choque diferentes formas de ser homossexual; diferentes formas de dizer e ver, ou mostrar, a homossexualidade. Talvez seja por esta razão que empreendimentos políticos baseados na construção de uma identidade

¹⁰ SCOTT, Joan Walach. “Experiência”. In: SILVA, A. L. da; LAGO, M. C. de S.; RAMOS, T. R. O. (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 27.

comum, se constituam em experiências profundamente desgastantes para os sujeitos que neles se engajam – sobre isso, o fim do *Lampião* e as cisões internas que se aguçaram dentro do grupo, assim como o mal estar entre o jornal e a militância homossexual, não deixam de ser interessantes exemplos do fato.

Outro aspecto que podemos apreender a partir do presente estudo realizado sobre o *Lampião da Esquina*, é o quanto uma identidade, ou sua construção, consiste num processo sempre atravessado por outros demarcadores de identidade. Nessa pesquisa em específico, conforme vimos no terceiro capítulo, pudemos ver como o gênero foi um demarcador fundamental num processo de redefinição da identidade homossexual – principalmente a identidade masculina – expondo como a identidade não é algo que existe de forma isolada e acabada, mas somente articuladas às dimensões e elementos diversos que constituem o real em um dado momento histórico que as tornam possíveis.

Por fim, o *Lampião* nos mostra como a sexualidade, e as identidades a ela subjacentes, tem estado no centro das preocupações políticas das sociedades ocidentais, sugerindo-nos, conforme Weeks, como para muitos sujeitos “a luta pelo futuro da sociedade deve ser travada no terreno da sexualidade contemporânea.”¹¹

Além dos aspectos até então citados, existem outros envolvendo o *Lampião da Esquina* que foram pouco ou não trabalhados ao longo desta pesquisa, e em outros trabalhos, e que acreditamos poderem desnudar muitas questões em torno do jornal. Tais como: seu papel no processo de redefinições das sexualidades contemporâneas; as tensões entre o jornal e um mercado de consumo da sexualidade; o papel do *Lampião* num processo de pluralização das masculinidades; a contribuição do mensário, em sua ênfase dada à sexualidade, num processo mais amplo de publicização da vida íntima; um estudo mais amplo das histórias de vidas e da produção intelectual dos sujeitos que fizeram parte do jornal e a influências que tiveram sobre o mesmo; além de outros. Estas são algumas das lacunas ainda existentes sobre o jornal e que exemplificam o quanto há muito o que ser visto sobre ele.

Mas, se por um lado, a consciência da existência dessas lacunas, juntamente com aquelas que talvez tenham sido sedimentadas, ou não suprimidas, neste trabalho, nos deixa a sensação de que ainda há muito por fazer, por outro, finalizamos nossa pesquisa com a alegria de termos contribuído para o entendimento de um objeto ainda pouco estudado juntamente com seu contexto histórico, abrindo, portanto, espaços para novas pesquisas e estudos futuros.

¹¹ WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 74

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONTES:

LAMPIÃO, Rio de Janeiro, número zero, abr. 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, edições 01 a 37, mai./jun. de 1978 a jul. 1981.

1.1. ARTIGOS, ENSAIOS, REPORTAGENS E ENTREVISTAS PUBLICADAS NO LAMPIÃO CITADOS NO TRABALHO.

A MÚSICA popular entendida de dona Lecy Brandão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 10-11, nov. 1978.

AGUIAR, Daniel. Seguindo a pista de Kinsey. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 4, out. 1978.

ALÔ, alô, classe operária: e o paraíso, nada? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 9-11, jul. 1979.

AS CONFISSÕES de Helena Brandão, ou Darlene Glória. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 16, p. 14-15, set. 1979.

BITTENCOURT, Francisco. Brasil: campeão mundial de travesti. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 3, jan. 1981.

_____. Mais tesão, menos politicagem. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 27, p. 8, ago. 1980.

_____. Bichinhas sonhando com o poder. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 2, jul. 1980.

_____. Homossexuais, a nova força. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 4-5, mai. 1980.

_____. No Rio, o encontro nacional do povo guei. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 7, jan. 1980.

_____. Contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p.9-10, abr. 1979.

_____. Não somos turistas, somos fugitivos. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 7, dez. 1978.

_____. Lembrando o triangulo rosa. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 5, abr. 1978.

BITTENCOURT, Francisco e SANGIRARDI, Helena. Helena Sangirardi dá a receita certa. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 6, fev. 1979.

CAIAFA, Janice. Aborto corpo livre. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 29, p. 10, out. 1980.

_____. Mulher, discurso minoritário e atuação revolucionária. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 22, p. 8, mar. 1980.

_____. Passagem de fluxo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 7, out. 1979.

CAMBARA, Iza. Mulher não é maçaneta: tira a mão daí! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n.13, p. 7, jun. 1979.

CANDIDO, Jorge. Fala o pessoal do IPCN. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 10, fev. 1980.

CARNEIRO, João. Um ex-seminarista fala de sua temporada no inferno. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 6, jun. 1980.

CARVALHO, Hebert Daniel de Carvalho. O que é isso companheiros? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, p. 10, n. 22, mar. 1980.

CASSANDRA Rios ainda resiste. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 8-10, out. 1978.

CRHYSÓSTOMO, Antônio. Nossos comerciais, por favor. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p.10, abr. 1980.

_____. Bichas, mulheres e negros no açougue do marketing *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 3, out 1979.

_____. O Céu está caindo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, p. 4, ago. 1979.

_____. Caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 4-5, mai./jun. 1978.

CINEMA Iris: na ultima sessão, um filme de terror. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 9, abr. 1978.

CLODOVIL Hernandez faz a sim mesmo esta pergunta: quem deve dormir sobre nossos lençóis. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 10-11, ago./set.. 1978.

CONFISSÕES de um carmelita descalço. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 7, mai/jun 1978.

CORREA, Mariza. Nossas gaiolas comuns. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 2, mai./jun. 1978.

CUBA: dez anos de caça às bichas. *Lampião da Esquina*. Trad. Beatriz Madeira. Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 10, fev. 1981.

DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 9, mar. 1979;

DE PRESIDÁRIO a Dzi Croquete. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 6-7, jun/jul. 1978.

DE SODOMA a Auschwitz, a matança dos homossexuais. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 17, jun. 1979.

E POR ESTA Argentina, quem chora? *Lampião da Esquina*. Trad. João Silverio Trevisan. Rio de Janeiro, ano III, n. 34, p. 16, mar. 1981.

E TEM aquela história de luta de classes... *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 9-11, jul. 1979.

EM 1971, um congresso decide o que é pecado. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 13, fev. 1981.

ENTREVISTA: Confissões de Helena Brandão ou Darlene Glória. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n.16, p. 14-15, set. 1979.

FERNANDO Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 18, p. 5-8, Nov. 1979.

FRY, Peter. Cada época com sua medida. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 5, fev. 1979.

_____. Falam os especialistas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 14, ago/set 1978.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. No carnaval baiano é assim: cada macaco no seu galho. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3-4, mai./jun. 1978.

GO HOME, gay yankee! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 12, fev. 1981.

GREEN, Jim. Autonomia ou não, eis a questão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 10, jul. 1980.

GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 2-3, mai. 1979.

HECTOR; RICARDO. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento no exílio. *Lampião da Esquina*. Trad. Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 6, dez.1978

_____. Louca e muito a da baratinada. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 4, jan. 1979.

INCRÍVEL, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba, “alive and well”. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 6-7, fev. 1980.

LACERDA, Luiz Carlos. Um crime para não esquecer. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 4, jul. 1979.

LONTRAS, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direito (a ONU decidiu). *Lampião*, Rio de Janeiro, edição n. zero, p. 11, abr. 1978.

LUTZEMBERGER, José. Reconquista do futuro. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 10, fev. 1979.

_____. Bacanal do esbanjamento. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 10, jan. 1979.

_____. A demolição da ecosfera. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n.7, p. 11, dez. 1978.

MANUEL Puig fala quase tudo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n.28, p. 12-14, set. 1980.

MANUEL, Carlos. Chile: denúncias da matança. *Lampião da Esquina*. Trad.: João Silvério Trevisan. Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 7, dez.1978.

MASCARENHAS, João Antônio. Sobre tigres de papel. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 9, ago./set. 1978.

_____. Assumir-se? Por quê? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 2, jun./jul. 1978.

MATTOSO, Glauco. E nos jornais um eterno suspeito: o homossexual. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 7, nov. 1978.

_____. Não me espreme que eu sangro! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 5, ago./set. 1978.

MELO, Marcelo Mario de. Itamaracá: na cela dos castigos, o lamento dos presos comuns. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 9, fev. 1980.

MÍCCOLIS, Leila. Na hora da festa: conosco ninguém pode. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 9-10, jan. 1980.

MNU. Fala o Movimento Negro Unificado. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 10, fev. 1980.

MOREIRA, Antonio Carlos. E tudo foi uma festa móvel. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 7-8, mai. 1980.

_____. Bichices na Tevê (plim, plim). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p.11, abr. 1980.

MOTT, Luiz. Notícias do amor-mentira. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p.7, jan. 1979.

NA JAULA (a história de um presidiário guei). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 4, out. 1979.

NETO, Pedro. Um padre escreve sobre o amor de Jonas e Davi. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 15, mai. 1979.

NEY Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 5-7, abr. 1979.

NORMA Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada): “Eu não quero morrer muda”. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p.9-10, jul./ago. 1978.

NUNES, Aristides. Na reunião, os reflexos da crise. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 15, jan. 1981.

NUNES, Aristides. Novela: por que o II EGHO dançou? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 34, p. 4, mar. 1981.

O ABC do Lula. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 10, jul. 1979.

OLIVEIRA, Lenny de. E o treze de maio? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, p. 15, jun. 1980.

OS Orfãos de Sierra Mestra. *Lampião da Esquina*. Trad. J. S. Trevisan e J. Schwartz. Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 13-14, fev. 1981.

OS QUE ESTÃO conosco. *Lampião da Esquina.*, Rio de Janeiro, ano II, n. 19, p. 2, dez. 1979.

PENTEADO, Darcy. Quem liga para o meio ambiente? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 27, p. 2, ago. 1980.

_____. Confissões de um rabino guei. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 14-15, mai. 1979.

_____. Ma Che coisa é esta? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 6, fev. 1979.

_____. Homossexualismo e ecologia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 11, dez. 1978.

_____. E no dia 15, a boneca morre afogada? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 4, nov. 1978.

_____. Não tem sabiá que aguento. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 6, jul./ago. 1978.

_____. Homossexualismo: que coisa é essa? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 2, jun./jul. 1978.

_____. Cristo esta conosco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 7, mai./jun. 1978.

PRANDI, Reinaldo. Homossexualismo: duas teses acadêmicas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n.11, p. 17, abr. 1979.

QUAL É o lugar dos negros no Brasil? Abdias do Nascimento responde, *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano II, n. 15, p. 10-11, ago. 1979.

RECORDAÇÕES da Casa dos Mortos. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 11, jan. 1981.

RIEBEIRO, Darcy. Repressão: essa ninguém transa. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p.7, jan. 1979.

RIMBONDI, Alexandre. Pega pra capar em Brasília. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 29, p. 5, out. 1980.

RITO, Regina. Mimosas sim, mas é bom não confundir. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 9, ago./set. 1978.

RODRIGUES, João Carlos. Altos sonhos xará. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 23, p. 3, jul. 1980.

_____. Fuminho na Puc. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 8, jul. 1980.

_____. O homossexual e o cinema brasileiro. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 15, abr. 1979.

SAINDO do gueto. *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 2, abr. 1978.

SANTOS, Silvio Coelho de. Nas raízes da tragédia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p.5-6, jan. 1979.

SCHERPENBERG, Katie van. “Terra papagalorum”. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p.5, jan. 1979.

SCHWARTZ, Jorge. E se Gilberto Freyre fosse negro? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 13, p. 2, jun. 1979.

SILVA, Aguinaldo. Bahia: os ativistas vão a luta. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 34, p. 3, mar. 1981.

SILVA, Aguinaldo. Yo soy cubana; da terra de Fidel. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 15, fev. 1981.

_____. Lampiônicos: ativistas, astronautas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 31, p. 12, dez. 1980.

_____. Quem salvará nossas crianças? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano. III, n. 29, p. 3, out. 1980.

_____. Mulheres assassinadas: a história de sempre. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 4, set. 1980.

_____. Compromissos, queridinhas? Nem morta! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, p. 10-11, jul. 1980.

_____. O caso Mariza Nunes. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n.24, p.4-5, jan. 1980.

_____. Seis horas de tensão, alegria e dialogo: é a nossa política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20 p. 8-9, jan. 1980.

_____. Mas o que é mesmo essa nova história de prisão cautelar? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 13, jan. 1980.

_____. Estão matando mulheres. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n.17, p. 8, out. 1979.

_____. De bicha, negro e louco, todos temos um pouco (pra quê tanto medo?). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, p. 5, ago. 1979.

_____. E o negro é beautiful? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 8, jul.1979.

_____. Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 13, p. 8, jun. de 1979.

_____. Uma capa com muitas estrelas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p. 3, mai., 1979.

_____. Lésbica vendem mais jornais? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 2, mar. 1979.

_____. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 3, mar. 1979.

_____. Para o Brasil dos anos 2000, os bons costumes do século XIX. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 5, fev. 1979.

_____. O que a sociedade civil pensa sobre o assunto. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 7, fev. 1979.

_____. Cada um tem a morte que fez por merecer? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 6, nov. 1978.

_____. Na TV minutos de muita emoção. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 5, out 1978.

_____. Violação: ato de sexo ou poder? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 11, out. 1978.

_____. Mulheres do mundo inteiro.... *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 5, abr. 1978.

_____. A verdade sobre Garcia Lorca. *Lampião*, Rio de Janeiro, I, n. zero, p. 4, abr. 1978.

SOMOS todos inocentes. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 18, p. 2, nov. 1979.

SUFOCO na Argentina. *Lampião da Esquina*. Trad.: João Silverio Trevisan. Rio de Janeiro, ano II, n. 21, p. 15, fev. 1980.

TRAVESTIS! (quem atira a primeira pedra?). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 8, ago./set. 1978.

TREVISAN, João Silvério. Histórias que a Mãe-Revolução não contava. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 33, p. 11-12, fev. 1981.

_____. O ativismo e o abismo dos nossos desejos. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p.16, jan. 1981.

_____. Frente de Liberação Homossexual da Argentina: um histórico. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 28, p. 15-16, set. 1980.

_____. Em São Paulo: a guerra santa do doutor Richetti. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, n. 26, p. 18-19, jul. 1980.

_____. Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, p. 9, jun. 1980.

_____. Congresso das Genis: esquerda joga bosta nas feministas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 23, p. 6-7, abr. 1980.

_____. Nós os estupradores. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 4, jan. 1980.

_____. “Que tu tenhas teu corpo” (Hábeas-Corpus). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 5, out. 1979.

_____. Dois travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 19, p. 5-7, set. 1979.

_____. Quando o machismo fica no porão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 11, abr. 1979.

_____. Quem tem medo das “minorias”? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 10, mar. 1979.

_____. Tem piranha na Amazônia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 2, fev. 1979.

_____. Nas terras peruanas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p.6, jan. 1979.

_____. Viva el macho. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 8, dez.1978.

_____. As minorias e a política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 6, out. 1978.

_____. Um novo produto na praça. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 5, jun./jul. 1978.

_____. Estão querendo convergir. Para onde? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro ano I, n. 2, p. 9, jun./jul. 1978.

_____. Leyland fala sobre atuação política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 10, mai./jul. 1978.

_____. E o direito de ir e vir? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 9, mai./jun., 1978.

_____. Demissão, processo, perseguições: Mas qual o crime de Celso Curi? *Lampião*, Rio de Janeiro, n. zero, p. 6, abr. 1978.

TREVISAN, João Silvério e GREEN, Jim. A revolta de San Francisco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, p. 3, jul. 1979.

TREVISAN, João Silvério; SILVA, Aguinaldo. A praça é dos negros. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 6, ago./set. 1978.

VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 2, jul./ago. 1978.

UMA ENTREVISTA com Marta Suplucy sobre educação sexual nas escolas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, p. 10-20, out. 1979

1.2. CARTAS PUBLICADAS NO LAMPIÃO CITADAS NO TRABALHO

ALÔ mulheres (2). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p. 14, mai. 1980.

DE UM ASSUNTO só! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p.2, jan. 1981.

BAIXANDO o pau. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 30, p. 18, nov. 1980.

ESQUERDA o quê? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 30, p. 18-19, nov. 1980.

UM ENGANO lamentável. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 15, agosto/setembro 1978.

UM PEDIDO de emprego. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 14, mai./jun. 1978.

PAULADAS na “bichória”. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 14, jun./jul. 1978.

DE FRENTE e querelas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 14, jul./ago. 1978.

QUEM ESTÁ com a bandeira? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 18, ago./set. 1978. Aspas do autor.

PERFUMES de Gardênia. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 17, ago./set. 1978.

O POVÃO, onde está o Povão? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 19, ago./set. 1978.

ASSUMIR o quê? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 15, mai./jun. 1978.

2. TESES E DISSERTAÇÕES

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e uma contra história da Tropicália. 2004. 289 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco-PE.

HEEREN, José Augusto de Castro. *O armário invertido*: comunicação e discurso sobre a luz de Lampião. 2001. 238 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Libero, São Paulo-SP.

PEREIRA, Amílcar A. *O mundo negro*: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1978-1995). 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. O primeiro Lampião é aceso. In: _____. *Impressões de Identidade: Histórias e Estórias da Formação da Imprensa gay no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, p.63-122.

SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o sonho*: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo-SP.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *E havia um Lampião*. 2006. 184 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ

3. ARTIGOS, LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS:

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilian Maria (orgs.). *Historia da vida privada no Brasil*: contrastes da intimidade contemporânea. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998. v.4, p. 319-409

ARÁN, Márcia e PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, n. 1, pp. 129-147, janeiro/junho de 2007.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Por uma história da esquerda no Brasil. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 333-353, dez. 2002.

_____. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BAUBEROT, A. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. v.3, p. 189-220.

BANDINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEHREND, Laura Romeu. *O movimento ambientalista como fonte material do direito ambiental*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

_____. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 200. p. 151-172.

CARDOSO, Elisabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 99, p.37-55, set./dez. 2004.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Sub-cultura: uma terminologia adequada? *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 14, p.3-5, set. 1973.

CAVALCANTE, Olendina de Carvalho. Movimento Indígena: notas para uma discussão. *Textos & debates*, Rio Branco, v. 96, n.2, p. 20-26, 1996.

CORREIA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 16, n.1, p. 13-30, 2001.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In: MELO, H. P. de; PISCITELLI, A.; MALUF, s. W.; PUGA, V. L. (orgs.) *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. p. 51-82.

COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso – Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHIMDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

DEL PRIORY, Mary. *Historia intimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora planeta, 2001.

DIAS, Lucy. *Anos 70: Enquanto corria a barca*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, n. 23, p. 100-122, 2007.

DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo (masculino e feminino) e delinquência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

ÊRGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, George PERROT, Michelle (orgs.) *História das mulheres no ocidente: o século XX*. Trad. Porto: Afrontamento, 1995. p. 583-610.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Araújo. Apresentação. In: _____ (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical*. (1965-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil, v. 2), p. 9-17.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *Verve*, n. 5, p. 260-277, 2004.

_____. *Ditos e escritos: Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *História da sexualidade - A vontade de saber*. Vol. I Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele (orgs.). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. São Paulo: EBRADIL, 1991. p. 59-95.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editorers, 1982, p. 87-115.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros passos).

GILROY, Paul. Identidade, pertencimento e crítica da similitude pura. In: *Entre campos: nações, culturas e o fascínio das raças*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 123-162.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

GÓIS, João Bosco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. *Gênero*, Niterói, v. 4, n. 1, p. 8, 2 sem. 2003.

GREEN, James N. Homossexualidades e a história: recuperando e entendendo o passado. *Gênero*, Niterói, v. 12, n. 2, p. 65-76, 2012

_____. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. *Cadernos AEL*, Campinas, v.10, n. 18/19, 2003.

Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 271-295, jan./jun. 2000,

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 103-133.

HOBBSBAWM, Eric. Revolução e sexo. In:_____. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Trad. João Carlos Victor Garcia e Adelangela Saggioro Garcia. 4. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2013. p. 216-220.

_____. *A era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

KATZ, Jonatham N. *A invenção da homossexualidade*. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Identidade: a fragmentação de um conceito. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 119-129.

LAQUEUR, Thomas. *Inventado o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Marcas de corpo, marcas de poder. In: _____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 75 – 90.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MALUF, Sônia Weidner. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e metamorfoses de gênero. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 261-275.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Estudos feministas*. Florianópolis, v. 2, n. 16, p. 333-357, mai./ago. 2008.

MELLO, João Manoel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998. v.4, p. 559-654.

MUCHEMBLED, Robert. Revoluções? A herança dos anos 1960. In: _____. *O orgasmo e o ocidente. Uma história do prazer do século XVI aos nossos dias*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 279-332.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, Trad. Luiz F. G. Soares. vol. 08, n., 02, p. 8-41, 2000.

NOLASCO, Sócrates Alvares. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OKITA, Hiro. *Homossexualismo: da opressão à libertação*. São Paulo: Proposta Editorial Ltda, 1980.

PARKER, Richard. G. *Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Ed. Best Seller, 1991.

_____. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 125-150.

- PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (Orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará; ABIA; IMS/UERJ, 1996.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Historia*. São Paulo, v. 24. , n. 1, p. 77-98, 2005.
- PEREIRA, Carlos Alberto Pereira Messeder. *O que é contracultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos).
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: da militância ao consumo*. São Paulo: Publifolha, 2012.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita de. Juventude anos sessenta no Brasil: modos e modas. In _____. *Do singular ao plural*. Recife: Edições Bagaço, 2006.
- REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Trad. Ary Blaustein. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1996.
- REIMÃO, Sandra. Aguinaldo Silva, um escritor censurado. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 209-222, jan./ jun. 2009.
- REIS, Daniel Araújo. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. (Descobrimos o Brasil).
- REIS FILHO, Daniel Araújo. *A revolução faltou ao encontro*. Os comunistas no Brasil. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- REIS, Paulo Roberto de Oliveira. Francisco Bittencourt – uma trajetória crítica. Encontro Nacional da ANPAP. 22., 2013, Belém, p. 690-701. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/htca/Paulo%20Roberto%20de%20Oliveira%20Reis.pdf>. Acessado em 10/09/2014.
- RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 441-450.
- REVENIN, Regis. Homossexualismo e virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques Courtine; VIGARELLO, Georges. Trad. João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. *História da virilidade: o triunfo da virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013. v.2, p. 464-502.
- ROXO, Marco. A identidade profissional à esquerda: as relações entre jornalismo e comunismo no Brasil. In: ROXO, março; SACRAMENTO, Igor (orgs.). *Intelectuais partidos: os comunistas e as mídias no Brasil*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p.241-263.
- ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmo: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- SALIN, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- SADER, Emir, *Quando Novos Personagens entram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- SARTI, Cynthia A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos feministas*. Florianópolis, v.12, n. 2 p.35-50, mai./ago. 2004.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, janeiro/abril 2005.

_____. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Trad. Élvio Antônio Funk. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

_____. “Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.

_____. Prefácio a Gender And Politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 63-95.

_____. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, Antônio Ozair. da. Esboço para história da esquerda no Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, ano IX, n. 103, p. 90-107, dez. 2009.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010. (O Brasil Republicano, v. 4), p. 243-282.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOHET, Raquel. Feminismo e cultura política: uma questão no Rio de Janeiro dos anos 1970-80. ABREU, M. (orgs). *Culturas políticas e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. p. 413-436.

_____. Encontros e desencontros no Centro da Mulher Brasileira (CMB) anos 1970-1980. *Gênero*, Niterói, v. 7, n. 2, p. 237-254, 1 sem. 2007

SOHN, Anne Marie O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain. *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 109-154.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas: Unicamp, 1997.

STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques Courtine; VIGARELLO, Georges. Trad.: Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. *História da virilidade: a virilidade em crise*. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 3, p. 424-453

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

VENTURA, Zeunir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VARIKAS, Eleni. “O Pessoal é Político”: desventuras de uma promessa subversiva. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 59-80, 1997.

VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um “arquivo vivo”. *Projeto História*, São Paulo, v. 21, p. 225-236, nov. 2000.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (orgs.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82

WOODWAR, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.7-82.

ZANATTA, Elaine Marques. Documento e Identidade: o movimento homossexual na Brasil na década de 80. *Caderno AEL*, Campinas, v. 6, n. 5, p. 193-220, 1997.